



Darkover

07

**A Corrente
Partida**

Marion Zimmer Bradley



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Darkover

A cronologia de Darkover

Darkover foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

Livros:

A CHEGADA EM DARKOVER

A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

Livros:

RAINHA DA TEMPESTADE

DAMA DO FALCÃO

Os Cem Reinos

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

Livros:

DOIS PARA CONQUISTAR
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL
DOIS PARA CONQUISTAR
A QUEDA DE NESKAYA
A FORJA DE ZANDRU
UMA CHAMA EM HALI

As Renunciantes (Amazonas Livres)

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

Livros:

A CORRENTE PARTIDA

A CASA DE THENDARA

CIDADE DA MAGIA

Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

Livros:

REDESCOBERTA

A ESPADA ENCANTADA

A TORRE PROIBIDA

ESTRELA DO PERIGO

VENTOS DE DARKOVER

Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

Livros:

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

Marion Zimmer Bradley



**A Corrente
Partida**

Jaelle passou a infância em Shainsa, uma das Cidades Secas, em que as mulheres vivem com correntes nas mãos, símbolo de uma total e absoluta submissão ao marido. Melora, sua mãe, pertencente à aristocracia Comyn do planeta Darkover, dotada de estranhos poderes psíquicos, fora seqüestrada e escravizada pelo ditador Jalak. Resgatada, Jaelle torna-se uma Amazona Livre, renunciando à sua herança Comyn e jurando jamais se submeter a marido, família ou clã.

Magda é uma agente do Império da Terra, que se espalha pelas estrelas, nascida em Darkover, de pais terráqueos, dividida entre dois mundos, conhecida como Margali pelos darko-vanos, em busca de seu lugar em qualquer sociedade.

As duas se unem para uma missão difícil: salvar Peter Haldane, também agente terráqueo, ex-marido de Magda, por quem Jaelle vai se apaixonar, seqüestrado por Rumai di Scarp, bandido que tem uma fortaleza nas montanhas geladas de Darkover.

Com base nesse triângulo amoroso, Marion Zimmer Bradley desenvolve mais um fascinante romance da série do planeta Darkover, já consagrada no mundo inteiro. Mas não é apenas uma história de aventuras. Temos aqui uma descrição do choque cultural entre dois povos de formação diferente e as conseqüências para cada pessoa. Temos aqui um relato apaixonante da eterna luta das mulheres para se livrarem do domínio de uma sociedade de predomínio masculino e encontrarem a igualdade como seres humanos.

"A série Darkover atrai cada vez mais um número maior de leitores... "Deve-se observar que a série tem um aspecto distinto: cada romance pode ser lido independentemente de qualquer seqüência... O importante é começar a ler um romance Darkover, qualquer um deles..."

— Baird Searles Science Fiction Review

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bradley, Marion Zimmer, 1930B79c A corrente partida / Marion
Zimmer Bradley;
tradução de Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos.
Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.
(Darkover) (Série Ficção e Experiência Interior)

ISBN 85-312-0124-1

1. Ficção estadunidense. I. Lemos, Alfredo Barcellos Pinheiro de.
II. Título. III. Título. IV. Série. V. Série: Ficção e experiência interior.
CDD-813 90-0578 CDU — 820(73)-3

— Série Ficção e Experiência Interior -
Direção de JAYME SALOMÃO
Tradução de ALFREDO BARCELLOS PINHEIRO DE LEMOS
IMAGO EDITORA — Rio de Janeiro
Título Original THE SHATTERED CHAIN
Copyright © 1976, by Marion Zimmer Bradley
Published by agreement with Scott Meredith Literary Agency, Inc.,
845 Third Avenue, New York, N.Y. 10022

Proibida a exportação para Portugal

Revisão: Silvia Pereira de Abreu e Marcos José da Cunha
Capa: Patrícia Medina

Direitos adquiridos por IMAGO EDITORA LTDA.
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
CEP 20250 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 293-1092

Todos os direitos de reprodução, divulgação e tradução são reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme ou outro processo fotomecânico.

Impresso no Brasil Printed in Brazil

O juramento das Amazonas Livres

Deste dia em diante renuncio ao direito de casar, a não ser como uma companheira livre. Nenhum homem me prenderá di catenas e não habitarei na casa de nenhum homem como uma barragana.

Juro que estou disposta a me defender pela força se for atacada pela força e que não recorrerei a nenhum homem em busca de proteção.

Deste dia em diante juro que nunca mais serei conhecida de novo pelo nome de qualquer homem, seja ele pai, guardião, amante ou marido, mas apenas e exclusivamente como a filha de minha mãe.

Deste dia em diante juro que não terei filho de qualquer homem, a não ser por meu próprio prazer e no meu tempo e opção; não terei filho de qualquer homem por casa ou herança, clã ou linhagem, orgulho ou posteridade; juro que somente eu determinarei a criação de qualquer criança que gerar, sem consideração pelo lugar, posição ou orgulho de qualquer homem.

Deste dia em diante renuncio à fidelidade a qualquer família, clã ou casa, guardião ou suserano, presto o juramento de que só devo fidelidade às leis da terra como uma cidadã livre deve fazer; ao reino, à coroa e aos Deuses.

Não apelarei a qualquer homem por proteção, apoio ou socorro; deverei fidelidade apenas à minha mãe-de-juramento, a minhas irmãs na Guilda e ao meu empregador durante a duração do contrato.

Juro também que todas as associadas da Guilda das Amazonas Livres serão para mim, cada uma e todas, como minha mãe, minha irmã ou minha filha, nascida do mesmo sangue, e que nenhuma mulher ligada por juramento à Guilda apelará a mim em vão.

Deste momento em diante juro obedecer a todas as leis da Guilda das Amazonas Livres e a qualquer ordem legítima de minha mãe-de-juramento, das associadas da Guilda ou de meu líder eleito durante a duração de meu contrato. E se trair qualquer segredo da

Guilda ou quebrar meu juramento, hei de me submeter às Mães da Guilda para a disciplina que escolherem; e se eu falhar, que se vire contra mim a mão de cada mulher, que elas me abatam como a um animal e entreguem meu corpo sem sepultura à decomposição e minha alma à mercê das Deusas.

a Tracy
por me contar da piada
do espaçonauta, da leronis
e dos três habitantes das Cidades Secas

Parte I
Rohanaardais, Comynara

Capítulo Um

A noite baixava sobre as Cidades Secas, hesitante, como se naquela estação o grande sol vermelho relutasse em se pôr. Liriel e Kyrrdis, pálidas na claridade do dia que ainda persistia, surgiam um pouco acima das muralhas de Shainsa.

Além dos portões, perto do grande mercado varrido pelo vento, um pequeno bando de viajantes montava acampamento, desencilhando as montarias e descarregando os animais de carga.

Não eram mais do que sete ou oito, todos vestindo os mantos de capuz, as túnicas grossas e os culotes de montaria da região das montanhas, a distante terra dos Sete Domínios. Fazia calor nas terras de deserto de Shainsa, àquela hora, quando o sol ainda ardia com alguma força, mas mesmo assim os viajantes usavam os mantos; e embora todos estivessem armados com faca e adaga, nenhum deles carregava uma espada.

Isso foi o suficiente para alertar a multidão de curiosos da cidade, nas proximidades, observando os estranhos armarem acampamento, sobre quem eles eram. Quando um deles, suando ao peso de alforjes carregados, deixou o capuz deslizar para trás, revelando uma cabeça pequena e graciosa, com cabelos escuros cortados bem rentes, como nenhum homem — ou mulher — dos Domínios ou das Cidades Secas jamais usava, os curiosos se aproximaram. Tão pouco acontece normalmente nas ruas da Cidade Seca que os espectadores se comportavam como se a chegada daquelas pessoas fosse um espetáculo gratuito promovido em seu benefício; e todos sentiam-se à vontade para comentar a performance.

— Ei, dêem uma olhada nisso! São Amazonas Livres, dos Domínios !

— Cadelas desavergonhadas, é isso o que elas são, andando por aí desse jeito, sem nenhum homem para possuí-las! Por mim, todas seriam expulsas imediatamente de Shainsa, antes de corromperem nossas esposas e filhas!

— Qual é o problema, Hayat? Não consegue controlar as suas esposas? As minhas, posso garantir, não sairiam à solta por aí nem por todo o ouro dos Domínios... E se eu tentasse mandá-las embora, elas voltariam chorando, pois sabem quando estão bem servidas...

As amazonas ouviram os comentários, mas haviam sido advertidas e estavam preparadas para aquilo; continuaram a armar seu acampamento em silêncio, como se os ociosos fossem invisíveis e nada falassem. Encorajados por essa atitude, os homens da Cidade Seca chegaram mais perto e os gracejos se tornaram mais ousados e obscenos; e agora alguns se dirigiam diretamente às mulheres.

— Vocês têm tudo, não é mesmo, meninas... espadas, facas, cavalos, tudo menos o que conta!

Uma das mulheres ficou vermelha e virou-se, abrindo a boca, como se fosse responder; a líder do grupo, alta, esguia, de movimentos rápidos, disse-lhe alguma coisa, em voz baixa, um tom de urgência; a mulher baixou os olhos e tornou a se concentrar nos pinos da tenda que fincava na areia áspera.

Um dos curiosos da Cidade Seca, testemunhando o pequeno diálogo, aproximou-se da líder e murmurou, insinuante:

— Tem todas as mulheres sob o seu controle, não é mesmo? Mas por que não as deixa sozinhas e vem dar uma volta comigo? Eu poderia lhe ensinar coisas com que nunca sonhou...

A mulher virou-se para ele, empurrando o capuz para trás e revelando cabelos grisalhos, bem curtos, o rosto simpático e encovado de meia-idade. E disse, a voz jovial, claramente audível:

— Aprendi tudo que poderia me ensinar muito antes de você ser domesticado, animal. E quanto a sonhos, tenho pesadelos como todo mundo, mas graças aos Deuses tenho sempre despertado até agora.

Os espectadores riram.

— Acertaram você em cheio, Merach!

Agora que eles passaram a dirigir os gracejos uns contra os outros, em vez das mulheres, o pequeno bando de Amazonas Livres empenhou-se rapidamente em terminar de armar o acampamento: um estande, obviamente para comprar ou vender alguma coisa,

duas barracas e um abrigo para proteger os cavalos criados nas montanhas contra o sol forte das Cidades Secas, a que não estavam acostumados.

Um dos homens se adiantou; as mulheres ficaram tensas, esperando um novo insulto, mas ele apenas perguntou, polidamente:

— Posso perguntar o que trouxe vocês até aqui, vai domnis?

A voz era gutural e a mulher a quem ele se dirigiu não entendeu as palavras; mas a líder compreendeu e respondeu por ela:

— Viemos vender mercadorias de couro dos Domínios: selas, arreios e roupas de couro. Estaremos aqui para negociar amanhã, ao romper do dia; todos estão convidados a virem fazer negócios conosco.

Um homem na multidão gritou:

— Só tem uma coisa que eu costumo comprar das mulheres!

— Pois não devia! Obrigue-as a pagar por isso!

— Ei, dona, vai vender também esse culote que está usando para poder se vestir como uma mulher?

A Amazona Livre ignorou as zombarias. E o homem que se adiantara para interrogá-la agora acrescentou:

— Podemos levá-las para alguma diversão na cidade esta noite? Ou... — Ele hesitou, contemplando-a de alto a baixo, com evidente aprovação. — ... nós mesmos podemos diverti-las?

Ela respondeu com um pequeno sorriso:

— Não, muito obrigada.

Quando ela se virou, uma das mulheres mais jovens disse, em voz baixa, indignada:

— Eu não tinha idéia de que seria assim! E você ainda agradeceu a ele, Kindra! Eu teria empurrado os seus dentes sujos pela garganta abaixo!

Kindra sorriu e afagou o braço da outra, procurando acalmá-la.

— Ora, Devra, palavras duras não quebram ossos. Ele fez uma proposta com toda a polidez de que é capaz e eu respondi da mesma forma. Em comparação com os outros... — Ela correu os

olhos pelos ociosos, com uma expressão irônica. — ... ele foi a própria alma da cortesia.

— Vamos mesmo negociar com esses gre'zuin, Kindra? Kindra franziu um pouco o rosto pela palavra obscena.

— Claro que sim. Precisamos de algum motivo para permanecer aqui e Jalak pode não voltar por alguns dias. Se não tivermos uma razão para a nossa presença, logo nos tornaremos alvo de suspeitas. Não negociar com essa gente? Para que está usando a cabeça hoje? Pense, criança!

Ela aproximou-se de uma mulher que empilhava alforjes dentro do abrigo e indagou em voz baixa:

— Ainda não houve nenhum sinal de Nira?

— Nada até agora. — A mulher olhou ao redor, apreensiva, como se temerosa de ser ouvida. Falava um puro casta, a língua dos aristocratas de Thendara e das planícies de Valeron. — Mas sem dúvida ela vai nos procurar depois do anoitecer. Não seria nada agradável passar pelo meio de toda essa gente; e para alguém entrar em nosso acampamento vestido de homem, abertamente, sem ser detido...

— Tem razão — murmurou Kindra, olhando para os homens. — E ela conhece as Cidades Secas. Mas não posso deixar de me sentir um pouco preocupada. Vai contra tudo o que eu penso mandar uma de minhas mulheres numa missão vestida de homem, mas era a única maneira de ela ter alguma segurança aqui.

— Vestida de homem... — A mulher repetiu as palavras como se pensasse que não entendera a linguagem da outra. — Ora, Kindra, não usamos todas roupas de homem?

— Nesse ponto, Dama Rohana, está apenas demonstrando a sua ignorância de nossos costumes; e lhe peço para falar baixo sempre que pudermos ser ouvidas. Acredita sinceramente que eu uso roupas de homem?

Ela parecia afrontada e Dama Rohana se apressou em corrigir:

— Pode estar certa, Kindra, de que não tive a intenção de ofendê-la. Mas seu traje certamente não é de uma mulher... ou pelo menos não de uma mulher dos Domínios.

Deferência e irritação se misturavam na voz da Amazona Livre quando ela declarou:

— Não tenho tempo agora para lhe explicar todos os costumes e regras de nossa Guilda, Dama Rohana. Por enquanto, basta saber...

Ela parou de falar quando explodiram as risadas dos espectadores. Devra e outra das Amazonas Livres haviam levado seus cavalos de sela para o poço comunitário, no meio do mercado. Uma delas pagou a taxa com as argolas de cobre que serviam como moeda em qualquer lugar a leste de Carthon, enquanto a outra levava os animais para o cocho. Ao voltar para ajudar Devra, um dos homens na multidão pôs as mãos em sua cintura e puxou-a bruscamente.

— Ei, beleza, por que não deixa essas cadelas e vem dar uma volta comigo? Tenho uma porção de coisas para mostrar a você e aposto que nunca... Ai!

Suas palavras foram interrompidas por um uivo de raiva e dor; a mulher sacara uma adaga da bainha e desferira um golpe rápido para cima, rasgando as roupas imundas e esfarrapadas do homem para expor uma carne doentia, uma linha vermelha subindo, no corte pouco profundo da barriga ao peito. Ele recuou, cambaleando, e caiu no chão; a mulher acertou-lhe, um chute desdenhoso, com o pé metido em sandália, e disse em voz baixa e veemente:

— Tome cuidado, bre'sui! Ou na próxima vez vou arrancar suas tripas e os cuyones ainda por cima! E agora saiam daqui, seus miseráveis nojentos, ou não servirão para outra coisa que não serem vendidos como prostitutas nos bordéis de Ardacarran!

Os amigos do homem arrastaram-no para longe, ainda gemendo, mais pelo choque do que pela dor. Kindra encaminhou-se para a mulher, que estava limpando a faca. Ela levantou os olhos, sorrindo num orgulho inocente pela eficiência com que se defendera.

— Mas que droga, Gwennis! Agora você atraiu a atenção de todo mundo para nós! Com seu orgulho no manejo da faca pode nos custar a missão! Quando pedi voluntárias para esta missão, queria mulheres, não crianças mimadas!

Os olhos de Gwennis se encheram de lágrimas. Não era mais do que uma menina, quinze ou dezesseis anos. A voz tremia quando balbuciou:

— Desculpe, Kindra. O que eu deveria ter feito? Deveria deixar que aquele gre'zu asqueroso me apalpasse?

— Acha mesmo que estava em perigo, aqui, em plena luz do dia, diante de tantas pessoas? Poderia ter-se desvencilhado sem derramar sangue e feito com que ele parecesse ridículo, sem necessidade de sacar a faca. Suas habilidades foram ensinadas para protegê-la contra perigo real de estupro ou ferimento, Gwennis, não para defender seu orgulho. Apenas os homens é que devem se empenhar nos jogos de kihar, minha filha; está abaixo da dignidade de uma Amazona Livre.

Kindra pegou a faca na areia, limpando o resto de sangue da lâmina, enquanto acrescentava:

— Se eu devolvê-la para você, será capaz de guardá-la no lugar a que pertence, até que seja realmente necessária?

Gwennis baixou a cabeça e murmurou:

— Eu juro.

Kindra devolveu a faca, acrescentando gentilmente:

— Será necessária muito em breve, brenda. — Ela passou o braço pelos ombros da moça, por um instante. — Sei que é difícil, Gwennis, mas lembre-se de que nossa missão é mais importante do que esses problemas estúpidos.

Ela deixou as mulheres para terminar de dar água aos animais, notando com um sorriso sombrio que a multidão de espectadores ociosos se evaporara como que por magia. Gwennis mereceu cada palavra áspera de censura. Mas ainda assim estou contente porque ela nos livrou daqueles homens.

O sol mergulhou por trás das colinas baixas e as pequenas luas iniciaram sua ascensão pelo céu. A praça permaneceu deserta por algum tempo, depois algumas mulheres da Cidade Seca, envoltas por incômodas saias e véus, começaram a aparecer, a fim de comprar água no poço comunitário, seus movimentos produzindo o ruído metálico de correntes. Pelos costumes da Cidade Seca, as mãos de cada mulher eram presas com uma pulseira de metal nos

pulsos; as pulseiras eram ligadas por uma corrente comprida, que passava por uma argola na cintura, o que fazia com que a qualquer movimento de uma das mãos a outra fosse puxada para essa argola.

O acampamento das Amazonas Livres estava impregnado pelo cheiro de comida preparada em pequenas fogueiras; algumas mulheres da Cidade Seca se aproximaram e olharam para as estranhas mulheres, com curiosidade e desdém: os cabelos curtos, os trajes rudes e masculinos, as mãos livres, os culotes e sandálias sem saltos. As amazonas, conscientes dos olhares, reagiram com a mesma curiosidade, em que se misturava alguma compaixão. A mulher chamada Rohana finalmente não pôde suportar mais; deixando seu prato quase intacto, levantou-se e entrou na tenda que partilhava com Kindra. Depois de um momento, a líder das amazonas seguiu-a e disse, surpresa:

— Não comeu nada, minha dama. Posso servi-la?

— Não estou com fome — respondeu Rohana, angustiada.

Ela empurrou o capuz para trás, revelando, na luz difusa, cabelos da cor do fogo, que a caracterizavam como membro da casta telepata do Comyn: a casta que reinava nos Sete Domínios desde tempos imemoriais. Havia sido cortados rentes, é verdade, mas nada podia esconder sua cor. Kindra franziu o rosto, enquanto a mulher do Comyn acrescentava:

— A visão daquelas mulheres destruiu meu apetite; sinto-me enjoada demais para engolir. Como consegue suportar isso, Kindra, logo você, que tanto preza a liberdade para as mulheres?

Kindra deu de ombros.

— Não tenho muita simpatia por elas. Qualquer uma poderia ser livre, se assim decidisse. Se querem sofrer as correntes, em vez de perderem as atenções dos homens ou serem diferentes de suas mães e irmãs, não quero desperdiçar minha compaixão com elas, muito menos perder o sono ou o apetite. Suportam seu cativeiro como vocês, dos Domínios, suportam o seu, minha Dama; e para dizer a verdade, não vejo muita diferença. Talvez elas sejam mais honestas, pois admitem suas correntes e não criam uma farsa de liberdade; enquanto as correntes de vocês são invisíveis... mas igualmente pesadas.

O rosto pálido de Rohana ficou vermelho de raiva.

— Então por que concordou com esta missão? Foi apenas para ganhar o pagamento?

— Havia esse aspecto, é claro — respondeu Kindra, inabalável.
— Sou uma guerreira mercenária; dentro de limites razoáveis, vou para onde sou contratada e faço aquilo por que me pagam melhor. Mas não foi só isso. — Nesse ponto, a voz de Kindra se tornou mais gentil. — Dama Melora, sua parenta, não consentiu no próprio cativeiro nem escolheu sua forma de servidão. Pelo que entendi do que me disse, Jalak de Shainsa... que sua virilidade possa murchar!... atacou sua escolta, matou os guardas e levou-a pela força, desejando, por vingança ou puro anseio de crueldade, manter uma leronis do Comyn escravizada e cativa como sua esposa... ou concubina, não tenho certeza.

— Nas Cidades Secas, parece não haver grande diferença — comentou Dama Rohana, em tom amargo.

Kindra balançou a cabeça.

— Não vejo grande diferença em parte alguma, vai domna, mas também não espero que concorde comigo. Seja como for, Dama Melora foi levada para uma escravidão que não escolhera e seus parentes sobreviventes não puderam ou não quiseram vingá-la.

— Houve os que tentaram — respondeu Rohana, a voz trêmula. O rosto estava quase invisível na tenda escura, mas havia a indicação de lágrimas na voz áspera. — Desapareceram sem deixar vestígios, até o terceiro, o filho mais jovem de meu pai, meu meio-irmão. Era o irmão de adoção de Melora, criado como seu companheiro.

— Essa história eu já ouvi; Jalak mandou de volta o anel que ele usava, ainda no dedo. Gabou-se de que faria isso e mais ainda a qualquer outro que viesse vingá-la. Mas isso aconteceu há dez anos, Dama. Se eu estivesse no lugar de Dama Melora, não continuaria a viver para arriscar a vida de mais dos meus parentes. Se ela habitou por doze anos na casa de Jalak, não pode ter mais uma grande necessidade de salvação agora. A esta altura, devemos imaginar que já se resignou a seu destino.

O rosto pálido de Rohana ficou vermelho outra vez.

— Para ser franca, foi o que pensamos. Que Cassilda tenha piedade de mim, mas também a censurei em pensamento, desejando-a morta em vez de vivendo na casa de Jalak como uma vergonha para todos nós.

— Apesar disso, você agora está aqui — disse Kindra. Embora não fosse uma pergunta, Dama Rohana respondeu:

— Sabe o que eu sou: Ieronis, treinada na Torre, uma telepata. Melora e eu habitamos juntas, quando jovens, na Torre Dalereuth. Nenhuma das duas resolveu permanecer ali pelo resto da vida, mas antes que eu deixasse a Torre para casar, nossas mentes se uniram; aprendemos a entrar em contato com os pensamentos uma da outra. Depois, veio a tragédia. Nos anos que transcorreram desde então eu praticamente me esqueci de tudo, passando a pensar em Melora como se estivesse morta ou pelo menos muito além do meu alcance, muito além do meu contato ou de meus pensamentos. E de repente... não faz mais de quarenta dias... Melora me procurou através das distâncias; veio a mim em pensamento, como aprendêramos a fazer quando éramos jovens na Torre em Dalereuth...

Sua voz era distante, estranha; Kindra sabia que a mulher de cabelos vermelhos não estava mais lhe falando, mas sim a uma lembrança, um compromisso.

— Mal a reconheci. Ela mudara muito. Resignada à sua situação como consorte e cativa de Jalak? Não; apenas relutante em causar... — A voz de Rohana tremia. — ... mais morte e tormento. Soube então que meu irmão, o irmão-de-adoção de Melora, fora torturado até a morte diante de seus olhos, como uma advertência para que ela não procurasse ajuda...

Kindra fez uma careta de repulsa e horror. Rohana continuou, firmando a voz, com um tremendo esforço:

— Melora me contou que finalmente, depois de tantos anos, gerara um filho para Jalak, mas preferia morrer a dar a ele um herdeiro de sangue Comyn. Não pediu salvação para si mesma. Acho... acho que ela quer morrer. Mas não deixará sua outra criança nas mãos de Jalak.

— Outra criança?

— Uma filha, nascida poucos meses depois que ela foi capturada. Está com doze anos agora, idade suficiente... — A voz de Rohana tremeu. — ... idade suficiente para ser acorrentada. — Ela reprimiu um soluço, desviando o rosto. — Para si mesma, Melora nada pediu. Apenas me suplicou que tirasse sua filha daqui, que a livrasse das mãos de Jalak. Só para que ela... para que ela pudesse morrer em paz.

A expressão de Kindra era sombria. Antes de gerar uma filha para viver nas Cidades Secas, cativa, acorrentada, ela pensou, eu acabaria comigo mesma e com a vida dentro de mim ou estrangularia a criança quando saísse de meu útero! Mas as mulheres dos Domínios são todas moles, covardes! Nada disso, porém, transpareceu em sua voz, quando pôs a mão no ombro de Rohana e murmurou:

— Agradeço por ter me contado isso, Dama. Eu não compreendia a situação. Portanto, nossa missão não é tanto a de salvar sua parenta...

— É mais para libertar sua filha; foi isso o que ela pediu. Mas... se pudermos libertar Melora também...

— Eu e meu grupo assumimos o compromisso de fazermos tudo o que pudermos e tenho certeza de que qualquer uma de nós arriscaria a vida para salvar uma jovem de viver acorrentada. Mas agora, Dama, precisará muito em breve de todas as suas forças e não há coragem nem sabedoria numa barriga vazia. Sei que não devo dar ordens a uma Comynara, mas não quer se juntar a minhas mulheres e terminar sua refeição?

O sorriso de Rohana foi um pouco hesitante. Além de suas palavras ásperas, ela é gentil! E ela disse, em voz alta:

— Antes de acompanhá-la, mestra, assumi o compromisso de me comportar em todas as coisas como uma de seu grupo. Por isso, devo obedecer.

Ela saiu da tenda e Kindra, parada na entrada, observou-a ocupar seu lugar junto da fogueira e aceitar um prato de carne cozida e feijão.

Kindra não a seguiu de imediato, permanecendo junto da tenda por algum tempo, pensando no que haveria pela frente. Se

chegara aos ouvidos de Jalak que alguém dos Domínios se encontrava na cidade, ele podia já estar de guarda. Ou desprezaria tanto as Amazonas Livres que não se daria ao trabalho de se precaver contra elas? Kindra deveria ter insistido que Dama Rohana pintasse os cabelos. Se algum espião de Jalak visse uma ruiva do Comyn... Nunca pensei que ela se mostraria disposta a cortar os cabelos.

Talvez a coragem seja relativa; para ela, talvez seja preciso tanta coragem para cortar os cabelos quanto é para mim sacar a faca contra um inimigo...

Vale a pena arriscar, para arrancar uma jovem das mãos de Jalak, das correntes para a liberdade.

...Ou pelo menos para a liberdade que uma mulher pode ter nos Domínios.

Kindra levantou a mão, num gesto automático, para os cabelos, curtos e grisalhos. Não nascera na Guilda das Amazonas Livres; fora para lá por sua própria iniciativa, uma decisão tão angustiante que a lembrança ainda tinha o poder de fazê-la contrair os lábios, os olhos assumindo uma expressão sombria e distante. Já fui outrora como ela: mole, submissa à única vida que conhecia. Mas escolhi me libertar. Rohana escolheu o outro caminho. Também não tenho compaixão por ela.

Mas Melora não teve opção. Nem sua filha.

Ela pensou, friamente, que talvez fosse tarde demais para Melora. Não podia restar muita coisa dela, depois de dez anos nas Cidades Secas. Mas era evidente que sobrara o suficiente do que ela fora para impulsioná-la a um tremendo esforço para obter a liberdade da filha. Kindra sabia muito pouco sobre os poderes telepáticos do Comyn, mas não tinha a menor dúvida de que fora preciso um esforço enorme e angustiante para Melora entrar em contato com Dama Rohana, por uma distância tão grande, depois de uma separação tão longa. Pela primeira vez, Kindra experimentou um momento de genuína compaixão por Melora. Ela aceitara o cativo para não permitir que mais de seus parentes se arriscassem à morte pela tortura. Mas arriscaria qualquer coisa para oferecer uma opção à filha, a fim de que a filha não vivesse e morresse sem

conhecer nada além do mundo acorrentado, o mundo escravo das mulheres da Cidade Seca.

Dama Rohana fez bem ao me procurar. Depois de tantos anos, certamente seus parentes do Comyn desejavam Melora morta, desejavam esquecer que ela viveu na escravidão, uma censura a eles.

É para isso que as Amazonas Livres existem, em última análise. Para que cada mulher possa pelo menos saber que há uma opção para elas... que se aceitarem as restrições impostas às mulheres em Darkover será por sua opção e não porque não podem imaginar qualquer outra possibilidade...

Kindra estava prestes a deixar a tenda, voltar para a fogueira e comer sua refeição, quando ouviu um som suave e estranho, o assvio de um pássaro-da-chuva. O canto desse pássaro nunca era ouvido ali, nas Cidades Secas. Ela virou-se no mesmo instante, nervosa e alerta, e divisou o vulto pequeno, esgueirando-se pela parede posterior da tenda. Estava muito escuro, mas ela compreendeu que só podia ser uma pessoa. E sussurrou:

— Nira?

— A menos que você pense que algum pássaro-da-chuva enlouqueceu e voou até aqui para morrer — respondeu Nira, empertigando-se.

— Troque as roupas. Ninguém vai notar mais uma mulher em torno de nossa fogueira, mas em trajes de homem atrairia outra multidão para cá. E já chega a que tivemos quando estávamos descarregando.

— Eu já soube — comentou Nira, em tom irônico.

Ela tirou as botas, desafiou a espada curta que usava — e que era contrária à lei dos Domínios — e escondeu-a entre as coisas empilhadas no interior da tenda. Kindra entregou à mulher mais jovem uma camisa e uma calça folgada das amazonas, viu que ela estava delineada pela luz do fogo e reduziu ainda mais a chama do pequeno lampião, até que ficaram na escuridão. Nira dobrou seu disfarce; quando vestia as próprias roupas, Kindra adiantou-se e indagou, num sussurro:

— Houve algum problema? Quais são as notícias, criança?

— Não houve qualquer problema. Passei por ajudante de algum mercador das montanhas, um aprendiz qualquer; acharam que eu era um rapaz imberbe, com a voz ainda indefinida. Como notícias, tenho apenas os rumores do mercado e algumas coisas que ouvi dos criados na porta da casa de Jalak. A Voz de Jalak, que cuida de sua Grande Casa quando o senhor está ausente, recebeu o aviso de que Jalak, as esposas, concubinas e todo o resto da família voltarão antes do meio-dia de amanhã. Uma das escravas me disse que deveriam ter retornado esta noite, mas a Dama está pesada com criança e não pôde viajar muito hoje. Jalak mandou o aviso para que as parteiras ficassem de sobreaviso para qualquer momento depois de sua volta e os criados estão apostando se será o filho que ele deseja... parece que ele só tem gerado meninas, seja por esposa, concubina ou escrava. Prometeu que a primeira de suas mulheres a lhe dar um filho terá rubis de Ardcarran e pérolas trazidas das cidades costeiras de Temora. Uma velha parteira diz que pode afirmar, pela maneira como Dama Melora carrega a criança, baixa e larga, que é um filho; e Jalak nada fará para expô-la a algum risco enquanto tiver essa esperança...

O rosto de Kindra se contraiu em repulsa.

— Quer dizer que Jalak está acampado no deserto? A que distância?

Nira deu de ombros.

— Não mais que alguns quilômetros, pelos meus cálculos. Talvez devêssemos desfechar um ataque contra suas tendas...

Kindra sacudiu a cabeça.

— Seria uma loucura. Já esqueceu? Os habitantes das Cidades Secas são paranóicos; vivem pela hostilidade e combate. Em viagem, pode estar certa, Jalak ficará tão bem guardado que nem mesmo três esquadrões de Guardas da Cidade conseguiriam alcançá-lo. Talvez se mantenha um pouco mais relaxado em sua própria casa. De qualquer forma, não teríamos condições num ataque aberto. Uma investida rápida, um ou dois guardas mortos, a fuga no instante seguinte... essa é a nossa única chance.

— Tem razão.

Nira já vestira suas próprias roupas. Estavam prestes a deixar a tenda quando ela pôs a mão no braço de Kindra, detendo-a.

— Por que temos de levar Dama Rohana? Ela não sabe montar, não será de qualquer utilidade numa luta... mal sabe por que lado se deve segurar uma faca... e se for reconhecida seremos todas mortas. Por que não exigiu que ela nos esperasse em Carthon? Ou ela é como esses homens que contratam um cão de guarda e latem no seu lugar?

— Também pensei assim a princípio — disse Kindra. — Mas é preciso alertar Dama Melora, providenciar para que esteja pronta a partir conosco a qualquer momento; o menor atraso pode ser a ruína para todas nós. Dama Rohana pode entrar em contato com sua mente sem alertar Jalak ou despertar suas suspeitas, como nem mesmo a mensagem mais cautelosa poderia conseguir.

Kindra sorriu ironicamente na escuridão da tenda, antes de acrescentar:

— Além do mais, qual de vocês deseja a tarefa de cuidar de uma mulher grávida durante a viagem de volta? Nenhuma de nós tem muito gosto por isso... nem qualquer competência. Ou você prefere tentar?

Nira soltou uma risada pesarosa.

— Que Avarra e Evanda me salvem disso! Não tenho o menor interesse!

Ela saiu e foi se juntar às outras mulheres, em torno da fogueira. Depois de um momento, Kindra também foi, pegando o prato de comida que haviam guardado para ela (estava frio agora, mas ela comeu sem percebê-lo), escutando as mulheres falarem em voz baixa, enquanto limpavam a louça. Mentalmente, analisou-as.

Escolhera com todo cuidado aquele grupo de voluntárias. À exceção da jovem Gwennis, já trabalhara com todas antes. Nira, que podia passar por homem quando era necessário e aprendera até mesmo, só a Abençoada Cassilda sabia como, a usar uma espada. Contra os habitantes das Cidades Secas podemos precisar disso. Pela Carta da Guilda das Amazonas Livres, nenhuma amazona podia carregar uma espada. É ameaçador demais, para os homens dos Domínios, as mulheres usarem seus preciosos brinquedos! Contudo,

essa. lei nem sempre era respeitada. Kindra não tinha o menor sentimento de culpa por ter permitido que Nira ensinasse às outras o que podia sobre o manejo de uma espada. Havia também LEEANNE, que fora neutralizada aos quatorze anos e parecia um rapaz esguio: sem seios, corpo firme e seco. Outra que se submetera à operação de neutralização — que era ilegal, mas ainda acontecia às vezes como um *fait accompli* — era Camilla, nascida de uma boa família nas Colinas Kilghard; ela não usava o nome de sua família, LINDIR, pois há muito que a haviam repudiado e deserdado. Camilla se aproximava da meia-idade e, como Kindra, passara a maior parte de sua vida como uma guerreira mercenária; tinha o corpo coberto de cicatrizes de inúmeros ferimentos de faca. Kindra escolhera ainda a Lori, que nascera nas HELLERS e lutava com duas facas, ao estilo das montanhas; e RAFAELLA, parenta de Kindra. Nem todas as Amazonas Livres eram guerreiras, é claro, mas para aquela missão Kindra escolhera basicamente as melhores guerreiras que conhecia. Havia ainda Devra, que não era uma grande guerreira, mas possuía uma capacidade excepcional, superior a qualquer outra pessoa que Kindra já conhecesse, para descobrir os caminhos pelas terras sem trilhas de montanha ou deserto. Fora por isso que Kindra a escolhera, advertindo-a para se manter à distância de qualquer combate. RIMA, a GORDA, também integrava o grupo, completamente feminina na aparência e comportamento, porém tão pesada que só podia montar nos maiores cavalos; mas Kindra conhecia sua eficiência em montar e administrar um acampamento, e o conforto de todas também era valioso numa viagem assim. Além disso, como todas as Amazonas, Rima era perfeitamente capaz de se defender. E ela ainda possui outras habilidades que podem ser necessárias antes de chegarmos a Thendara!', refletiu Kindra. As outras duas eram a jovem Gwennis e Dama Rohana.

Qualquer pessoa que conhecesse as Amazonas Livres, pensou Kindra, perceberia imediatamente que a Dama não era uma delas: pelo jeito de andar, falar e montar. Mas não havia ninguém ali, louvada fosse a Deusa, que soubesse tanto assim a respeito delas!

Acabaram de guardar as coisas do jantar, depois que Kindra entregou sua tigela vazia para ser limpa com areia por Rima.

Rafaella pegou sua pequena rryl e ajeitou-a nos joelhos, tirando alguns acordes preliminares.

— Kindra, não quer cantar para nós?

— Não esta noite, Rafi — ela respondeu, sorrindo para abrandar a recusa. — Tenho planos por definir; mas escutarei vocês.

Devra iniciou uma canção e Kindra sentou com a cabeça nas mãos, a mente longe da música. Sabia que podia confiar sua própria vida a qualquer uma daquelas mulheres. Dama Rohana era uma desconhecida, mas tinha mais motivos do que as outras para trabalhar sob as ordens de Kindra. Todas as outras haviam se apresentado como voluntárias; em parte, pelo menos, porque como todas as Amazonas Livres, de Dalereuth às Hellers, sentiam um ódio profundo contra os habitantes das Cidades Secas. Os Domínios haviam estabelecido uma paz inquieta com as Cidades Secas e a mantinham; não havia amor perdido entre os Domínios e as Cidades Secas, mas havia a lembrança amarga das longas guerras travadas, sem nenhuma vitória conclusiva de qualquer lado. Os Domínios podiam aceitar o atual estado de trégua por conveniência política; e suas mulheres tinham também de aceitar. Os Domínios vivem pelas leis dos homens. Aceitam a escravização das mulheres das Cidades Secas porque lhes agrada pensar como são benevolentes com suas próprias mulheres, em comparação. Dizem que todos os homens devem escolher seu estilo de vida.

Mas nenhuma mulher que já cortara os cabelos e prestara o juramento de uma Amazona Livre jamais aceitaria esse compromisso!

Kindra se libertara ainda muito cedo de uma vida que agora lhe parecia tão escravizada e tão oprimida por correntes invisíveis quanto a de qualquer mulher das Cidades Secas, que andavam com as pulseiras e grilhões da posse; achava que quem realmente optasse e resolvesse pagar o preço poderia fazer a mesma coisa. Isso mesmo, até as mulheres das Cidades Secas. Contudo, apesar de toda a sua ausência de simpatia por qualquer mulher que curvava a cabeça ao jugo de um homem, ela sentia um impulso de ódio e aversão contra os homens que perpetuavam esse tipo de escravidão.

Devo contar meus planos a elas agora? Kindra levantou a mão e escutou. Dama Rohana, que tinha uma voz suave, sem qualquer treino, e Gwennis, uma autêntica voz de soprano, estavam cantando uma canção de adivinhação dos Domínios. Kindra decidiu que era melhor não perturbá-las. Deixarei que tenham primeiro uma noite de sono tranqüilo.

— Quero uma guarda em torno do acampamento — ela determinou. — Alguns dos homens daqui podem ter idéias sobre a maneira como as Amazonas Livres gostam de passar suas noites e duvido que suas noções possam nos agradar.

Capítulo Dois

Ao meio-dia o mercado de Shainsa estava sufocante sob um sol a pino, esquentando o calçamento de pedras, os muros de pedras e as casas, com paredes sem aberturas para a claridade.

Apesar dos insultos e zombadas que os ociosos das ruas haviam lançado contra as Amazonas Livres, a barraca que elas armaram, leve, de vime, projetada para transporte em lombo de cavalo, fizera bons negócios durante toda a manhã; o couro curtido das montanhas alcançava um bom preço nas Cidades Secas, onde poucos animais podiam ser criados e o couro e tecidos eram escassos. O estoque estava se esgotando tão depressa que Kindra começou a se preocupar; se alguma coisa retardasse o retorno de Jalak e acabassem seus produtos para vender, a permanência na cidade poderia despertar suspeitas. Devo simular um acidente com um animal de carga?, ela se perguntou. E depois houve uma agitação no mercado, um rumor quase visível. Os ociosos, transeuntes e crianças começaram a se encaminhar para os grandes portões. Jalak, concluiu Kindra. Deve ser Jalak voltando, nada mais poderia provocar tanta agitação.

Deixando a barraca aos cuidados de Devra e Rima, a Gorda, ela seguiu a multidão para os portões, acompanhada por Rohana. Murmurou, num tom que não podia ser ouvido a mais de um palmo de distância:

— Agora, mais do que nunca, você deve transmitir uma mensagem à sua parenta. Avise a ela para se manter alerta, pronta para partir a qualquer momento. Talvez tenhamos apenas alguns minutos para a ação e devemos aproveitar a melhor ocasião que surgir. Não será antes do anoitecer. Mas ela deve estar preparada. Descubra também, com exatidão, onde ficam seus aposentos, se são guardados e por quantos homens; e onde dorme a sua filha, sozinha ou com outras filhas de Jalak.

Rohana apoiou-se no braço da Amazona Livre, sentindo-se subitamente tonta e fraca com a tremenda responsabilidade. Agora, tudo estava em seus ombros. Alguém esbarrou nelas; Kindra lançou

um olhar furioso e segurou Rohana, que quase caiu. O homem fez um comentário desdenhoso e a mulher do Comyn corou de indignação, mais por Kindra do que por si mesma. Sabia que as Amazonas Livres eram muitas vezes acusadas de serem amantes de mulheres; calculava que algumas eram mesmo. Mas toda a gentileza de Kindra com ela fora totalmente impessoal, quase maternal; e Rohana sentiu um ímpeto de raiva por Kindra ter sofrido o insulto por sua causa. Mas como é absurdo pensar nisso agora! Como se eu — ou Kindra — pudéssemos nos importar com o que algum infeliz da Cidade Seca pensa a nosso respeito!

Houve uma explosão de trombetas, uma fanfarra estranha, estridente. Primeiro surgiu uma dúzia de guardas, em trajes tão estranhos para Rohana que não lhe causaram muita impressão, exceto a de rude esplendor: faixas e boldriés, túnicas douradas requintadas, turbantes altos. Depois vieram os cralmacs, humanóides peludos, com uma cauda, enormes olhos dourados, usando apenas o próprio pêlo e faixas com pedras preciosas, montados nos grandes e desajeitados oudhrakis dos desertos distantes: toda uma legião, ao que parecia. Mais guardas, já não vestidos com tanto requinte, mas armados com as espadas compridas e retas e as adagas das Cidades Secas. Rohana pensou: Ainda bem que o bando de Kindra não tentou atacar o acampamento durante a noite. E depois apareceu o próprio Jalak.

Rohana teve de desviar os olhos, pois não podia contemplar por muito tempo aquele rosto afilado como o de um falcão, queimado do sol, cabelos claros, um bigode eriçado. Havia ocasiões em que ela tinha a impressão de que um ódio tão intenso não podia deixar de se comunicar a seu alvo, que ele devia se aperceber dos pensamentos dela. Rohana, uma telepata desde a infância, convivia com isso como uma realidade; mas Jalak parecia impermeável, cavalgando entre seus guardas, o rosto impassível, sem olhar para a esquerda ou direita.

Perto dele vinha uma dupla de favoritas, escravas ou concubinas. Havia uma jovem esguia, os cabelos quase brancos, as correntes com pedras preciosas, o corpo envolto por uma túnica de pele, mas as pernas compridas expostas ao sol forte; ela se inclinou

para Jalak, e murmurou alguma coisa, enquanto passavam. No outro lado de Jalak estava um rapaz esbelto e elegante, um belo favorito: era muito enfeitado, cheio de jóias e perfumado para ser qualquer outra coisa.

Por trás de Jalak vinha todo um bando de mulheres, entre as quais, destacando-se por seus cabelos cor de fogo (agora entremeados de fios brancos), estava Melora. Rohana sentiu que ia desfalecer. Preparara-se para a situação; Melora já lhe surgira em pensamento. Mas vendo-a assim, em carne e osso, mudada além do reconhecimento (E, no entanto, Cassilda tenha piedade de nós, eu a reconheceria em qualquer lugar, em qualquer lugar...), Rohana sentiu que sua angústia e compaixão a engolfariam e acabaria desfalecendo.

A mão de Kindra apertou dolorosamente o braço de Rohana, as unhas se cravando na carne; Rohana recuperou o controle. Era a sua participação no resgate, a única coisa que podia fazer. Determinada, ela se projetou e fez contato com a mente de Melora.

Melora!

Rohana sentiu o choque, o sobressalto, a hesitação. E de repente teve medo de que Melora a visse e deixasse escapar algum sinal de reconhecimento.

Não revele nada! Não olhe para mim ou tente me encontrar, querida, mas estou perto de você, com as Amazonas Livres.

Rohana! É mesmo você, Rohana?

Mas Rohana, do meio da multidão, constatou — e experimentou um orgulho súbito e profundo pela parenta — que Melora continuava a cavalgar sem revelar qualquer sinal visível; os olhos fixos, aparentemente em nada; um pouco arriada na sela; o rosto tenso, encovado e angustiado, por baixo dos cabelos vermelhos, indicando apenas cansaço e dor. Subitamente, Rohana foi invadida pelo medo. E pensou: Ela está muito pesada, o momento do parto é iminente, a criança é um peso excessivo. Como podemos levá-la daqui em segurança? Rohana transmitiu a indagação preocupada.

Você pode cavalgar, Melora? Pode viajar, com a gravidez tão adiantada?

A resposta foi quase apática: É fácil perceber que você não conhece as Cidades Secas; esperariam que eu cavalgasse mesmo que ainda estivesse mais próxima do parto. E depois os pensamentos em resposta ficaram impregnados pelo ódio: Posso fazer tudo o que for necessário! Para ser livre, eu cavalgaria até pelo inferno!

Meticulosamente, Rohana transmitiu a mensagem de Kindra; recebeu a resposta de Melora enquanto a caravana seguia em frente, passava pelo mercado. Na retaguarda havia mais alguns guardas, indiferentes, que jogaram para a multidão pequenas moedas, argolas de cobre, frutas e doces embrulhados, observando quando os mendigos brigaram pelas dádivas. Kindra e Rohana não ficaram para assistir ao espetáculo deprimente, preferindo voltar à barraca. Depois que entraram, Rohana transmitiu as informações que recebera:

— Jalak dorme num quarto no lado norte do prédio, com suas favoritas do momento e Melora. Não que ele tenha qualquer interesse agora em partilhar a cama de Melora, como ela me contou; mas neste instante ela é sua posse mais valiosa, pois tem seu filho no ventre. Jalak não deixa que ela fique longe de sua vista. Não há guardas dentro do aposento, mas dois homens e dois cralmacs, armados com facas, ficam de vigia na ante-sala. Até esta última gravidez, Jaelle... é a sua filha... dormia no quarto da mãe; agora foi transferida para seu próprio quarto, separada das outras filhas reais. Queixou-se de que o barulho das pequenas não a deixava dormir. Jalak é indulgente com as meninas, se são bonitas, e permitiu que ela tivesse seu próprio quarto, com uma aia. Fica na extremidade da ala real e dá para um pátio interno, cheio de amoreiras.

Ela fez uma pausa e depois se antecipou à pergunta inevitável de Kindra:

— Tenho a planta do prédio tão nítida na mente que posso desenhá-la de memória.

Kindra soltou uma risada.

— Sinceramente, Dama, ainda poderia se tornar uma Amazona Livre um dia! Talvez, no final das contas, seja um prejuízo nosso que não tenha escolhido o nosso caminho.

Ela procurou as outras mulheres na barraca e comunicou em voz baixa:

— Vendam o que puderem, mas preparem-se para abandonar o que não for vendido até o anoitecer. Não desmontem a barraca; se a deixarmos armada, vão esperar que estejamos aqui pela manhã. Providenciem para que os cavalos que usamos como animais de carga sejam selados para Melora e sua filha...

Aquela tarde pareceu interminável para Rohana. O pior foi ter de se comportar exatamente como sempre... ou pelo menos tão próximo do habitual quanto lhe era possível ali, nas Cidades Secas, longe das coisas com que normalmente se ocupava. Fez um esforço para não se mostrar irrequieta demais, sabendo que isso perturbaria as amazonas, que pareciam muito calmas, vendendo as mercadorias, cuidando dos animais, descansando no acampamento. E, no entanto, à medida que a tarde passava, teve a impressão de que podia perceber pequenos sinais que indicavam que elas não estavam tão indiferentes quanto parecia à batalha iminente. Camilla sentou de pernas cruzadas no fundo da barraca, afiando uma enorme faca, assoviando uma estranha melodia, que depois de algum tempo começou a dar nos nervos de Rohana. Kindra sentou a fazer desenhos na areia e apagá-los no instante seguinte com a ponta da bota. Rohana se perguntou como Melora estaria passando o tempo, mas resistiu à tentação de procurá-la em pensamento. Se Melora pudesse descansar um pouco antes do pôr-do-sol, então que o fizesse!

Como ela conseguirá viajar? Parece não estar a mais de três dias do parto... se tanto..

Devagar, bem devagar, o grande sol vermelho foi caindo na direção das colinas. Parecia a Rohana que nenhum dia de sua vida transcorreria tão cansativamente, cada hora se prolongando por uma vida inteira. Nem mesmo o dia em que meu segundo filho nasceu, quando tive a impressão de passar horas estendida num tormento de dor que me dilacerava... mesmo então, alguma coisa podia ser feita. Agora, só posso esperar... e esperar... e esperar...

Kindra comentou gentilmente, ao passar por ela:

— Este dia deve parecer ainda mais longo para sua parenta, Dama. Rohana tentou sorrir. Isso, pelo menos, era verdade.

— Reze à sua Deusa para que Dama Melora não entre em trabalho de parto hoje — acrescentou Kindra. — Isso seria o fim da esperança. Talvez ainda pudéssemos resgatar a filha, mas se a Grande Casa estiver toda iluminada, com parteiras correndo de um lado para outro... até mesmo isso poderia ser mais difícil do que somos capazes.

Rohana deixou escapar um suspiro profundo de apreensão. E ela está tão perto do momento do parto...

Tentou formular, em seu coração, uma oração para a Abençoada Cassilda, Mãe dos Sete Domínios; mas a oração parecia suspensa no ar parado, esperando, como tudo mais...

E, no entanto, como deve acontecer com todas as coisas mortais, até mesmo o dia chegou ao fim. As mulheres da Cidade Seca, veladas e acorrentadas, apareceram para comprar água no poço. E outra vez se demoraram ali, fascinadas apesar de seu desdém, para observar as amazonas circulando, cuidando dos cavalos, preparando a refeição. Rohana ofereceu a ajuda que podia; era mais fácil se mantivesse as mãos ocupadas. Observou as mulheres da Cidade Seca passarem pelo mercado, pensando em Melora, as mãos pesadas pelas correntes com pedras preciosas, o corpo volumoso da criança odiada de Jalak. Ela foi tão graciosa e ágil quando jovem, tão alegre e risonha...

Terminaram a refeição, e Kindra fez um sinal para que Rafaella pegasse sua harpa e tocasse alguns acordes. E ordenou a todas as amazonas, em voz baixa:

— Cheguem mais perto e escutem; comportem-se como se estivessem apenas ouvindo a música.

Rohana indagou, em voz baixa:

— Pode tocar "A Balada de Hastur e Cassilda"?

— Acho que sim, Dama.

— Eu cantarei. É bastante longa e minha voz... — Ela exibiu um sorriso depreciativo. — não é bastante forte para que alguém passando estranhe que vocês fiquem quietas a me escutar... mas

não tão suave que Kindra não possa falar ainda mais baixo e ser ouvida.

Kindra balançou a cabeça, satisfeita por Rohana ter compreendido seu plano tão prontamente. Rafaella tocou uma breve introdução e Rohana começou, ouvindo o ligeiro tremor de sua voz:

— As estrelas se refletiam na praia,
Escura estava a charneca encantada,
Em silêncio o campo, a árvore, a pedra...

As outras mulheres se agruparam, como para escutar a balada antiga; Rohana percebeu que sua voz vacilava, fez um esforço para firmá-la. Devia se controlar de alguma forma, recordar todos os versos, aparentemente intermináveis, cantando-os enquanto Kindra dava instruções detalhadas, em voz baixa, a cada uma das amazonas. Trate de se controlar, ela ordenou a si mesma. Isto é algo que você pode fazer, enquanto as outras realizam o trabalho de verdade... o trabalho perigoso, a luta...

E, no entanto, elas são mulheres. Fui condicionada a pensar que a luta era para os homens; nunca fui capaz de empunhar uma faca, golpear, ver sangue correr, talvez sofrer um ferimento, morrer...

Cante, Rohana! Pare de pensar e cante!

— Ele ficou estendido na praia, A areia tinha um brilho eterno,
E foi então que surgiu Cassilda

E chamou-o por um nome mortal...

Fazendo um esforço para recordar os versos seguintes, ela podia ouvir Kindra, em voz baixa e tensa, transmitir as informações, apontando para a planta que desenhara na areia, à luz do fogo.

— Jalak dorme aqui, com suas favoritas e Melora; não há guardas dentro do aposento, mas no lado de fora...

— Cassilda chorou, empalideceu, fugiu, Camilla se ajoelhou e ergueu a cabeça dele, Que trocou seu fogo intenso e imortal Pelo desejo enlevado de um mortal;

Pão branco, vinho e cerejas...

Interrompendo o canto, Rohana exclamou, irritada:

— Pulei um verso!

Depois compreendeu que não tinha a menor importância; ninguém estava prestando atenção.

— Trazida pelas pombas na manhã tão clara, Camilla veio e inclinou a cabeça;

Ele comeu e bebeu à luz mortal;
Enquanto seu brilho se desvanecia
Para um dia terráqueo mais escuro,
Cassilda largou o tear reluzente:
Pôs uma flor-de-estrela em sua mão
E ele foi lançado a um destino mortal...

— As janelas são acessíveis por escadas? — indagou Gwennis.
Kindra respondeu bruscamente;

— Poderiam ser se tivéssemos escadas. A próxima pergunta, mas nenhuma estúpida, por favor! Dispomos de algum tempo para perder, mas nem tanto assim!

— No coração de Aliar caiu
Uma farpa do Inferno Mais Escuro,
A loucura delirante o dominou,
Ele gritou outra vez o nome de Zandru
E na forja escura produziu
Uma lâmina mágica, de brilho negro,
Um encantamento maligno no metal...

— Devra e Rima, vocês ficarão aqui. Entrem em ação no instante em que aparecermos. Cuidem para que os guardas no portão não façam nenhum clamor...

Kindra olhou sugestivamente para Rima. A Gorda pôs a mão em sua faca, com um sombrio aceno de cabeça. Kindra continuou:

— Camilla, você monta melhor que qualquer outra; levará a criança em sua sela. Dama Rohana... não, continue a cantar! Deve se preparar para viajar ao lado de Melora, atenta a qualquer coisa que ela precisar; nós estaremos ocupadas demais, tentando escapar à perseguição e enfrentando qualquer um que esteja em nosso encalço.

Rohana sentiu um tremor envolvê-la, dominar seu corpo e sacudi-lo, como um coelho-de-chifres apanhado por um lobo. A voz fraquejou; ela tentou encobri-lo pela tosse e depois continuou, obstinada, sabendo que trancava as palavras de uma maneira terrível:

— Ele não podia perceber o plano... alguma coisa... Que um Deus entregava a esposa mortal,

Aquele amor terreno com um mortal... Deveria proporcionar ao homem uma vida... Camilla tombou sem soltar um grito...

Droga, droga, pulei dois versos inteiros outra vez...

— E Hastur, protegido pelo coração dela,

Sabia que podia morrer como os mortais morrem...

— Lori, você cuida dos cralmacs; ouvi dizer que eles sabem lutar. Aquelas lâminas compridas... mais alguma coisa? Leeanne?

Kindra fez uma pausa, antes de acrescentar:

— Não se esqueçam de que às vezes os habitantes das Cidades Secas envenenam suas espadas. Não negligenciem sequer um arranhão. Tenho um unguento que supostamente neutraliza os piores venenos...

— Hastur, filho da Luz, soube então (Pois assim determinara o Pai Luminoso, Quando ele deixara o Reino do Fogo)

Que sua estrela outra vez devia arder sozinha...

Pois na Terra ele não podia reinar

Se não quisesse causar uma dor mortal,

Naquela hora deveria retornar

Aos reinos distantes que eram seus...

— Nunca estaremos mais preparadas do que agora — murmurou Kindra. — Termine logo essa maldita canção, Rafaella, e pegue sua adaga.

Agradecida, Rohana começou a cantar os últimos versos:

— E para sempre as ondas de nuvem se desmancham Ao longo das praias do lago,

Lágrimas e canções ainda sussurram por lá, Sobre o ar parado e nevoento...

Era uma experiência enervante, saber que todas escutavam agora, mas impacientes em cada nota, ansiosas para que ela acabasse. Mas não estão mais ansiosas do que eu!

— Uma cidade construíram no deserto, feita para o seu reinado, o rei-menino, E cantando a tragédia de Camilla ergueram para ela um túmulo de opala.

Rohana omitiu o pequeno poslúdio e levantou-se, impaciente, deixando Rafaella a guardar a harpa, No início da tarde ela arrumara os poucos pertences que trouxera na viagem num pequeno embrulho. Dentro da tenda, as amazonas trabalharam com rapidez e eficiência, à luz de uma única vela, arrumando alimentos e pertences necessários nos alforjes. Rohana ficou observando, mantendo-se de lado para não atrapalhar. Devra e Rima, a Gorda, encaminharam-se para os portões da cidade. Rohana experimentou outro sobressalto; a missão das duas era garantir que os portões não teriam guardas quando as outras chegassem ali, às pressas, fugindo...

Não seja tão sensível! Os guardas ali são da Cidade Seca; provavelmente merecem a morte uma dúzia de vezes...

Mas eles não têm nenhuma desavença com qualquer de nós!

Deve haver homens de bem entre eles, homens que nada mais fizeram do que viver como seus antepassados viveram por séculos...

Furiosa consigo mesma, Rohana tratou de reprimir o pensamento. Contratei o bando de Kindra para resgatar Melora e sua filha. Pensei realmente que poderia ser feito sem derramamento de sangue? Não se pode apanhar falcões sem subir nos penhascos!

Kindra fez sinal para que a mulher de cabelos vermelhos se aproximasse e disse em voz baixa:

— Pensei em deixá-la aqui, com as nossas coisas; mas sua presença será necessária, caso sua parenta precise de ajuda... ou de ser tranqüilizada. Terá de ir conosco, Dama, mas deve tomar cuidado se houver luta; nenhuma de nós terá tempo ou pensamento para protegê-la, e os homens de Jalak podem achar que é uma de nós e atacá-la. Tem alguma arma?

— Tenho isto.

Rohana mostrou a pequena adaga que sempre carregava, como todas as mulheres do Comyn, para defesa pessoal. Kindra olhou-a, tentando esconder seu desdém.

— Infelizmente, não seria muito útil numa luta. Mas se fracassarmos... não creio que isso possa acontecer, mas nada neste mundo é absolutamente certo, a não ser a morte e a neve do próximo inverno... se fracassarmos, pelo menos essa adaga impedirá

que caia viva nas mãos de Jalak. Está preparada para isso, vai domna?

Rohana acenou com a cabeça, torcendo para que a amazona não percebesse que ela tremia. E de novo a florou em sua mente, por um instante, como já acontecera mais de uma vez durante os vinte dias em que estavam juntas, que talvez Kindra possuísse alguma centelha de poder extra-sensorial, pois percebia os pensamentos de Rohana um pouco mais a fundo do que seria admissível apenas pelo acaso; é que nesse instante a mão firme da amazona pousou em seu ombro, apenas por um momento, um contato de leve, hesitante, para que a dama não repelisse irada a sua simpatia.

— Minha Dama, acha que nenhuma de nós está com medo? Não aprendemos a não ter medo, mas apenas a enfrentar o medo, como raramente se ensina às mulheres em nosso mundo. — Ela desviou o rosto, na escuridão, a voz tornou-se brusca outra vez. — Vamos embora. Nira, siga na frente, pois conhece o caminho, passo a passo. Nós só o conhecemos pelos mapas e desenhos da Dama.

Rohana foi andando na retaguarda do pequeno grupo, ouvindo seu coração disparado, batendo tão forte que parecia que o barulho devia ser quase audível nas ruas poeirentas e desertas. Elas se esgueiravam como fantasmas, mantendo-se ao abrigo dos prédios, os pés quase silenciosos. Rohana especulou onde elas teriam aprendido a se mover tão silenciosamente, e descobriu que tinha medo de encontrar a explicação. Por um momento de pânico, ela desejou nunca ter iniciado aquilo, estar sã e salva em casa, no Castelo Ardais, perto das Hellers. Imaginou como suas crianças estariam se saindo sem ela, como o primo que administrava suas propriedades, depois da morte do marido, alguns anos antes, estaria cuidando de tudo, o que teria acontecido na distante terra nas montanhas. Este nunca foi um lugar para mim. Por que vim até aqui? Guerra, vingança, resgate são coisas para os homens!

E os homens se mostraram contentes em deixar Melora definhando e morrer no cativeiro! Ela reforçou sua determinação e foi seguindo na retaguarda da pequena coluna, tentando andar tão

silenciosamente como as amazonas e sem tropeçar em alguma pedra no caminho.

A cidade era um labirinto. E, no entanto, não demorou muito para que as mulheres à sua frente parassem e se agrupassem, olhando através de uma praça aberta, varrida pelo vento, os contornos da Grande Casa em que Jalak de Shainsa reinava. Era um prédio enorme e quadrado, de pedras claras, brilhando fracamente à luz de uma única lua, convexa: um alojamento sem janelas, uma autêntica fortaleza, as duas portas vigiadas pelos guardas altos de Jalak, em seus uniformes bárbaros. Em silêncio, as amazonas continuaram a avançar, esgueirando-se pelas sombras ao lado do prédio. Rohana ouvira o plano de Kindra, e ele lhe parecia muito bom. Todas as portas externas de uma casa da Cidade Seca eram vigiadas; contra um ataque direto a uma porta, dois guardas poderiam resistir indefinidamente. Mas se conseguissem de alguma forma entrar pelo pequeno portão lateral no pátio, atravessar o jardim — e tinham a esperança de que estivesse deserto, àquela hora -, entrariam na casa pelas portas internas, que não eram vigiadas, podendo alcançar o aposento de Jalak. Ela ouvira Kindra dizer, enquanto cantava:

— Nossa melhor oportunidade é a paz que reina nas Cidades Secas há muitas luas. Os guardas podem estar se sentindo entediados, não tão alertas como de hábito.

Ela podia ver agora o guarda no portão lateral. Evanda seja louvada, só tem um! O homem encostava-se na parede, numa postura relaxada. Rohana não podia ver seu rosto, mas era uma telepata e, mesmo sem serem procurados, os pensamentos do homem eram bastante nítidos: tédio, apatia, a impressão de que ele acolheria satisfeito qualquer coisa, até mesmo um ataque armado, que aliviasse a monotonia da vigília.

— Gwennis — murmurou Kindra -, entre em ação.

(Quando o plano fora formulado, Gwennis protestara, contrariada:

— Por que logo eu?

Ao que Kindra respondera:

— Porque é a mais bonita.)

Não houve protesto agora, a disciplina do bando era rigorosa. Enquanto Gwennis deliberadamente deslocava uma pedra solta contra o muro, Rohana sentiu a líder das amazonas pensando: Este é o momento de maior risco.

O guarda empertigou-se, alerta ao barulho.

Ele está alerta, não podemos pegá-lo desprevenido; por isso, precisamos afastá-lo do portão, atraí-lo para o meio da praça, pensou Kindra.

Gwennis se desfizera rapidamente de sua faca e adaga, deixara a túnica entreaberta na frente. Avançou pela praça enluarada e o guarda se mostrou alerta no mesmo instante, depois relaxou, vendo apenas uma mulher sozinha.

Estamos nos aproveitando dele, é isso mesmo. Do desdém de muitos séculos dos homens das Cidades Secas pelas mulheres, que consideram como meras escravas, desamparadas e inofensivas. Vítimas, refletiu Kindra, amargurada.

O guarda não hesitou mais que meio minuto antes de deixar seu posto na porta, encaminhando-se determinado para a moça.

— Ei, coisinha bonita... você está sozinha? Uma das amazonas, nem? Cansou-se delas e veio procurar uma companhia melhor?

Gwennis não levantou os olhos. Rohana também ouvira a discussão sobre isso.

— Não vou seduzi-lo para sua morte. Se ele cuidar de sua própria vida, estará salvo. Não usarei um expediente feminino.

Mas o guarda já deixara seu posto e a indiferença silenciosa de Gwennis despertara sua curiosidade; avançou apressado para ela, dizendo:

— Ei... peguei-a sem aquela faca que sempre usa, hem? Agora você vai saber como é realmente ser uma mulher. Quem sabe, pode até gostar mais. Venha até aqui e deixe-me lhe mostrar algumas coisas...

Ele estendeu as mãos para a moça, puxou-a rudemente, virando-a, uma das mãos tapando a boca para sufocar um grito... e suas palavras se desmancharam num ofego estrangulado. A faca comprida de Lori, arremessada com uma precisão letal, penetrou direto em sua garganta. Um momento depois a própria Lori inclinou-

se para ele, desferindo um golpe rápido e fatal na veia grande por trás da orelha. Kindra e Camilla arrastaram o corpo para a sombra do muro, escondendo-o de qualquer pessoa que por acaso passasse por ali. Gwennis empertigou-se, esfregando vigorosamente a boca, como se assim pudesse remover o contato rude do guarda. Kindra revistou o cinto do morto, encontrou as chaves, começou a experimentar uma a uma na pesada tranca. Trancada pelo lado de fora, não por dentro. Não tanto contra invasores, mais contra a fuga de uma das mulheres...

A tranca estava emperrada; Rohana teve a impressão, tremendo na rua tranqüila, de que rangia bastante alto para alarmar a cidade inteira. Mas cedeu depois de um momento, e a porta foi aberta para dentro, sem fazer barulho. As amazonas entraram, comprimindo-se contra o muro interior, e a porta foi fechada.

O jardim estava silencioso e deserto. Ali, nas terras secas, pouca coisa crescia se não fosse plantada, a não ser os espinheiros; mas Jalak, tirano de Shainsa, não poupou despesas para criar um oásis particular, em que se deleitava com suas mulheres e favoritos. Havia inúmeros chafarizes esguichando água, árvores frondosas, flores numa viçosa profusão, com um cheiro suave e úmido. Em passos silenciosos, orientadas pela planta que Rohana desenhara depois do contato com Melora, as mulheres adiantaram-se pelo caminho de pedras e pararam à sombra de um grupo de amoreiras.

— Leeanne — sussurrou Kindra.

Enquanto a figura esguia e assexuada se encaminhava para o cômodo em que a filha de doze anos de Melora dormia com a aia, Rohana descobriu-se a especular, incongruente, como uma amazona neutralizada se considerava. Não como uma mulher, certamente. Um homem? Uma terceira coisa indefinida? Ela descartou o pensamento, impaciente. Que absurdo pensar nisso agora!

Seguiram para a porta desprotegida do jardim e um momento depois se encontravam no interior do prédio. Rohana, movendo-se agora com base em sua lembrança do contato com Melora, começou a se encaminhar diretamente para o aposento vigiado em que Jalak dormia.

Melora estaria desperta, alerta, esperando por elas? Durante toda aquela tarde ela resistira à tentação de se projetar para um contato telepático com a prima, mas agora acabou cedendo; procurou o contato, mais fácil à medida que a habilidade há tanto negligenciada ressurgia.

Melora! Melora! E, subitamente, numa sensação meio esquecida de integração e fusão, ela era Melora, ela...

...Ela estava deitada em silêncio, olhando para a parede, cada músculo tenso e alerta, fazendo um esforço determinado para relaxar, ser paciente, esperar... Em seu corpo a criança chutou com força e ela pensou, com uma paciência cansada: Você é tão forte e irrequieto, meu filho! Que Avarra tenha piedade de mim, nem mesmo tive ânimo de desejar a sua morte. Não é culpa sua, mas seu infortúnio, que seja filho de Jalak...

Será mesmo esta noite? E os guardas... como, como? A lembrança que ela acalentara, noite e dia, há dez anos agora, de seu irmão-de-adoção Valentine, todo quebrado, contorcendo-se, os dedos cortados do corpo vivo, coberto de sangue, depois de atrocidades desmedidas e terríveis demais para pensar a respeito... Oh, Evanda e Avarra, Aldones, Senhor da Luz, não Rohana também...

Não! Não devo me lembrar disso agora! Preciso ser forte...

Com o maior esforço, músculo a músculo, ela se obrigou a relaxar...

Jalak dormia agora, um sono profundo, o sono saciado da noite. Além de Jalak, ela viu, ao luar fraco que entrava pela janela do pátio, os corpos pálidos das duas favoritas que partilhavam sua cama. Também dormiam; Danette... pálida, nua, os cabelos compridos espalhados, envolvendo-a; Garris, roncando um pouco, deitado de costas, aconchegado contra o corpo comprido de Jalak. A princípio, isso a enfurecera e humilhara a lágrimas silenciosas e rebeldia intensa; depois de dez anos, sentia apenas um alívio cansado por não precisar mais partilhar a cama de Jalak. Durante os meses em que carregava o filho dele, Jalak, orgulhoso e tão próximo da gentileza quanto jamais poderia chegar, cedera amavelmente à sua súplica e permitira que ela ocupasse uma cama sozinha, a fim

de que pudesse dormir em paz e descansar direito. Havia anos que ficava livre à noite, como outras mulheres da Cidade Seca, das correntes que usava durante o dia; só enquanto se mostrara uma prisioneira rebelde é que fora obrigada a usá-las noite e dia. Mais de uma vez, naquele primeiro ano distante, voara para a garganta de Jalak... só desistindo quando compreendera que sua resistência furiosa o excitava, divertia, estimulava...

Pobre Danette, como ela me odeia, como exultou quando ocupou meu lugar na cama de Jalak, nunca percebendo como eu teria renunciado de bom grado a isso há muitos anos... e ela odeia minha criança mais do que odeia a mim, porque sabe que é estéril. Se ao menos eu fosse também... Não desejo qualquer mal a Garris. Seus pais o venderam aos bordéis de Ardcaran quando ele não era mais velho do que Jaelle... ele odeia Jalak tanto quanto eu... talvez mais. Por mais cruel que seja o tratamento que os homens das Cidades Secas dispensam às suas mulheres, pelo menos há leis e costumes para protegê-las até certo ponto, mas não existem leis para proteger pessoas como Garris. O pobre coitado... ele ainda chora... Como esta noite parece passar devagar...

Ela se contraiu, cada nervo do corpo em alerta. Que barulho era aquele? No momento seguinte a porta foi aberta para dentro ruidosamente, e parecia abruptamente que o aposento estava repleto de... de mulheres? Jalak despertou com um berro, pegando a espada onde estava de prontidão, noite e dia, perto de sua mão; gritou pelos guardas... um grito que ficou sem resposta. Já de pé, ele tornou a gritar, nu, avançando para a primeira pessoa que o atacou; as mulheres acuaram-no contra a parede e Rohana, vendo agora através de seus próprios olhos — embora ainda partilhasse o pensamento de Melora, Onde estão os guardas? -, viu as amazonas cercarem-no, viu o homem desaparecer por trás do que parecia ser uma muralha de mulheres, golpeando com suas facas; e viu o golpe profundo que Kindra desferiu, cortando os tendões atrás do joelho de Jalak. Ele caiu, uivando, lutando. Danette, os olhos arregalados, ajoelhada na cama, soltou um grito estridente.

— Garris! Garris! Pegue a espada dele! São apenas mulheres...

— Silenciem essa cadela! — ordenou Kindra.

As mãos rudes de Camilla abafaram os gritos de Danette com um travesseiro. Garris, sentado na cama, olhava para Jalak, uivando, se contorcendo, com uma terrível alegria... Rohana pegou um manto de pele ao pé da cama e ajeitou-o por cima da camisola mínima de Melora.

— Vamos embora... depressa!

Amparada entre a parenta e a líder das amazonas, Melora saiu para o corredor, cambaleando; escorregou no sangue dos guardas que haviam sido mortos ali. Estão todos mortos? Todos? Até mesmo os uivos de Jalak haviam cessado. Morto ou inconsciente pela perda de sangue?

Ela viu, através da porta ainda aberta, que Garris pegara a espada de Jalak; Nira virou-se, levantando sua própria espada, mas Garris passou correndo, sem sequer olhar para ela, desaparecendo pelo corredor, obviamente sem pensar em outra coisa que não a sua própria fuga.

Rohana conduziu Melora o mais depressa possível pelo jardim silencioso. Estava tão quieto que a fez prender a respiração; os chafarizes murmuravam, as árvores farfalhavam impassíveis ao vento, não havia som ou luz para indicar que em algum lugar no interior da Grande Casa havia oito ou dez guerreiros de Jalak mortos, talvez até o próprio Jalak também.

Jalak fora o único que tivera a oportunidade de desferir um golpe em reação, apenas um; mas esse único golpe atingira a coxa de Nira e ela claudicava, apoiando-se no braço de Camilla. Lori adiantou-se e abaixou-se ao seu lado, cobrindo o ferimento com seu lenço e apertando-o apressadamente com o cinto de sua túnica. Leeanne surgiu da escuridão, carregando nos braços um vulto pequeno, numa camisola comprida, uma menina descalça. Ela pôs a menina no chão e Rohana vislumbrou, na semi-escuridão, um rosto sonolento e surpreso.

— Mãe...?

— Está tudo bem, minha querida. Estas são minha parenta e nossas amigas — disse Melora, numa voz suave.

Ela cambaleou de repente e Kindra pôs a mão sob o seu cotovelo.

— Pode andar, Dama? Se não conseguir, podemos dar um jeito de carregá-la...

— Posso andar.

Mas Melora tornou a tropeçar e estendeu a mão para segurar o braço de Rohana, pensando: Pela primeira vez, em uma dúzia de anos, estou fora daquelas paredes com as mãos sem correntes... Se posso andar? Eu poderia correr, poderia voar! Avançando apressada entre as duas mulheres, cambaleando de vez em quando, ela perdeu a noção da direção para onde seus passos a levavam. A qualquer lugar. Qualquer lugar bem longe daqui. Como Garris... Pobre coitado, espero que não o cacem pelo assassinato de Jalak...

Ela sentia pontadas de dor nos flancos e nas costas, sentia o peso da criança por nascer a puxá-la. Mas não se importava. Livre. Estou livre. Eu poderia morrer agora, feliz. Mas não devo morrer e atrasá-las...

O mercado deserto era uma confusão silenciosa de barracas vazias e estandes desocupados. Rima e Devra saíram da escuridão, perto do lugar em que os cavalos esperavam.

— Os portões estão desimpedidos — anunciou Rima, com um gesto sugestivo, um dedo passando por sua garganta.

— Pois então vamos partir logo — disse Kindra. — Deixem tudo, a não ser os alforjes e a comida para a viagem.

Ela levou Melora para um cavalo com uma sela de mulher e acrescentou:

— Antes de montar, domna, ponha estas roupas; podem não se ajustar direito, mas serão melhores para a montaria do que uma camisola.

Melora sentiu Rohana tirar sua camisola por cima da cabeça, sob a cobertura da escuridão, depois ajudá-la a vestir uma calça comprida e larga, amarrada na cintura, meter por sua cabeça uma túnica forrada de pele. O tênue cheiro nas dobras deixou-a com vontade de chorar, em reconhecimento e gratidão: as especiarias e incenso usados para perfumar o ar em todas as casas nos Domínios. Ela reprimiu um soluço, deixando que Rohana a ajudasse a subir na sela e pusesse botas de camurça — muito grandes — em seus pés.

Melora olhou ao redor, ansiosa, procurando por Jaelle; viu que uma das amazonas a envolvera com um manto e a levantara para sua garupa, onde a menina sentava alerta, aturdida, os cabelos lisos e compridos caindo pelas costas, muito excitada e atônita para sequer fazer perguntas. Kindra pegou as rédeas do cavalo de Melora e disse:

— Sente no cavalo da melhor forma que puder, Dama. Eu a guiarei.

Melora segurou o chifre da sela (como era estranho, depois de tantos anos, tornar a montar com uma perna de cada lado!) e observou, contraindo-se contra a dor do movimento, enquanto Kindra avançava para a vanguarda da pequena coluna e dizia, em voz baixa e tensa:

— Agora galopem como nunca, todas vocês. Podemos ter no máximo cinco horas antes de o sol surgir e alguém encontrar Jalak em seu sangue; mas não teremos mais do que isso, não importa quão afortunadas sejamos. E deste dia em diante, pelas próximas três dúzias de anos, a pele de nenhuma Amazona Livre valerá um sekel em qualquer lugar das Cidades Secas. Vamos embora!

Elas partiram. Melora, agarrando-se na sela, procurando se equilibrar da melhor forma possível contra os solavancos da andadura do cavalo (embora percebesse que Kindra providenciara um cavalo com uma andadura fácil, o melhor disponível para uma mulher grávida), olhou para trás por um momento, para a massa escura das muralhas de Shainsa.

Está acabado, ela pensou, o pesadelo terminou. Foram treze anos. Jalak está entrevado agora, pelo resto de sua vida, talvez morrendo.

Torço para que ele não morra. Será pior, muito pior para ele, viver e saber que foi um bando de mulheres que lhe fez isso!

Estou vingada e Valentine também! E Jaelle viverá em liberdade!

Elas galoparam pela noite, sem serem perseguidas.

Capítulo Três

Até o final de sua vida, Dama Rohana Ardais jamais esqueceria aquela cavalgada vertiginosa, fugindo das muralhas de Shainsa, alerta a todo instante para qualquer ruído por trás delas que indicasse que Jalak — ou seu cadáver — fora encontrado e a perseguição começara.

Estava muito escuro durante a primeira hora e ela galopou às cegas, atrás do barulho dos cascos dos outros cavalos, vendo apenas sombras indefinidas à sua frente. Depois Kyrrdis surgiu, um semi-círculo brilhante no horizonte, tão brilhante que Rohana compreendeu que não faltava mais que uma ou duas horas para que o sol nascesse; e pela claridade azul-verde, ela pôde divisar as formas dos outros cavalos e suas amazonas.

Viajavam mais devagar agora. Nem mesmo os velozes cavalos das planícies de Valeron poderiam manter o ritmo daquelas primeiras horas. Ela especulou como Leeanne encontrara o caminho na escuridão; a reputação da amazona como batedora era mesmo merecida. Podia ver Jaelle, uma forma pequena e escura, encolhida no sono, aconchegada contra Camilla, agarrando-se à sela, sonolenta. O que a criança estaria pensando de tudo aquilo?

Ela foi criada nas Cidades Secas. Talvez tudo isso seja bastante normal para ela: assassinato, ataques noturnos, o seqüestro de mulheres. E se sua lealdade for para Jalak? Afinal, ele é seu pai.

Nenhuma de nós tem a menor idéia de como Jaelle é... Pensamos apenas nos desejos de Melora...

Melora é uma telepata. Ela deve conhecer o coração de sua filha...

Elas pararam para deixar os cavalos descansarem um pouco na última hora antes do amanhecer. Leeanne foi até o topo de uma colina próxima para verificar se havia algum sinal de perseguição. Rima aproximou-se, pôs um pedaço de pão e carne-seca na mão de Rohana e despejou vinho no copo pendurado na sela.

— Coma e beba enquanto pode, Dama. Não haverá muito tempo para um jejum se estivermos sendo perseguidas. Há uns

poucos esconderijos daqui até Carthon, e Kindra conhece todos, mas nossa segurança depende basicamente de uma boa dianteira. Por isso, deve comer agora.

Rohana mastigou a comida, obediente, embora a boca estivesse ressequida e sentisse um gosto rançoso. Guardou o resto num bolso da estranha calça de amazona; talvez mais tarde conseguisse engolir. Tomou um gole de vinho, mas estava quase amargo demais para beber; enxaguou a boca e cuspiu.

Levou seu cavalo lentamente por vários passos, ouvindo sua respiração profunda e ofegante retornar pouco a pouco ao normal; esfregou a cabeça do animal, distraída, inclinando-se contra o corpo quente e suado. Pensou, não pela primeira vez desde que iniciara aquela longa jornada, como era afortunada por estar acostumada a longas cavalgadas, caçando com falcões, em sua distante montanha. Se eu fosse do tipo de mulher que passa a maior parte do tempo sentada com seu bordado, já estaria meio morta dos ferimentos da sela. Isso a fez pensar de novo em Melora (Como ela deve estar cansada!) e circulou entre as amazonas, desmontadas, descansando, comendo, conversando em voz baixa. Notou que Jaelle fora estendida no chão e dormia profundamente, enroscada sobre o manto de alguém e coberta por outro. Pelo menos parece que elas estão cuidando bem da menina. Tenho a impressão de que nenhuma delas sabe muita coisa sobre crianças.

Ela olhou ao redor, procurando por Melora, e viu que Kindra ajudava sua parenta a descer da sela; mas antes que pudesse se aproximar das duas, Nira, a bandagem improvisada solta na coxa, interceptou-a:

— Pode fazer um curativo no meu ferimento ao luar, domna? Atrapalha montar mais do que eu imaginava ou esperaria até o amanhecer.

Rohana experimentou um momento de impaciência; depois, lembrando que Nira sofrera o ferimento a seu serviço, sentiu-se envergonhada.

— Posso tentar. Venha até aqui, longe das sombras, onde a claridade é maior.

Ela vasculhou seu alforje à procura das poucas peças de vestuário feminino que trouxera, encontrou uma camisa que ainda não usara, rasgou-a em tiras. Como tudo o mais, estava impregnada da areia das Cidades Secas, mas limpa.

Ela teve de cortar a bandagem e depois a perna da calça com uma faca, pois estavam grudadas no ferimento com o sangue coagulado. Nira praguejou baixinho, mas não se esquivou quando Rohana lavou o talho horrível com o vinho azedo — Pelo menos serve para alguma coisa, ela pensou -, comprimiu um chumaço contra o ferimento e depois fez uma atadura bastante firme.

— Deve ser costurado, mas não posso fazer isso ao luar. Se começar a sangrar de novo, farei o que for possível assim que o dia raiar.

Nira agradeceu.

— Agora, se aquele miserável do Jalak não envenena suas armas, como dizem que os homens das Cidades Secas costumam fazer...

— Ele não faz isso — garantiu Melora, calmamente, aproximando-se.

Rohana levantou-se, dobrando o que restava da camisa rasgada e olhando para a prima. O rosto de Melora estava indefinido ao luar, mas mesmo assim parecia inchado e doentio.

— Jalak acharia que isso é coisa de covarde — acrescentou Melora. — Significaria que ele não acreditava que seus golpes fossem bastante fortes para matar. Perderia kihar... perderia prestígio, como vocês dizem, ficaria envergonhado diante dos companheiros, se se rebaixasse a envenenar uma lâmina.

Nira levantou-se, meio sem jeito, fazendo uma careta ao apoiar o peso do corpo na perna ferida. A bota esmagou a areia quando ela a puxou, dizendo, ironicamente:

— É uma perspectiva confortadora, Dama, mas é um fato ou uma opinião apropriada de uma esposa afetuosa?

— É verdade, pela honra da minha Casa — respondeu Melora, calma, mas com a voz trêmula. — E devo acrescentar que só os meus Deuses sabem quão pouco fui uma esposa afetuosa de Jalak, ou qualquer outra coisa que não um joguete de seu sórdido orgulho.

— Não tive a intenção de ofendê-la — disse Nira -, mas também não pedirei desculpa, Dama. Habitou na casa de Jalak por treze anos e não morreu. Eu não viveria para envergonhar assim meus parentes, embora meu pai não seja um grande lorde do Comyn, mas apenas um pequeno fazendeiro nas Colinas Kilghard.

— Derramou sangue a meu serviço, mestra; eu poderia me ofender, a menos que meu orgulho fosse tão grande e maligno quanto o de Jalak? Mas sobre a minha vida... pode ver no escuro?

Ela estendeu os pulsos, pegou os dedos de Nira e guiou-os. Rohana, observando, tocando, viu e sentiu os calos ásperos das pulseiras de metal das correntes; e por cima, em cada pulso bronzeado, uma cicatriz comprida e irregular.

— Terei essas marcas até a morte — murmurou Melora. — Depois disso, fui acorrentada dia e noite... acorrentada de tal forma que não podia sequer me alimentar. As mulheres tinham de me dar comida na boca e me carregar para o banho e a latrina.

A voz tremia de raiva e humilhação recordada quando ela continuou:

— Quando fiquei curada, minha criança já se agitava no ventre e eu não podia matá-la com a minha morte. — Ela olhou para o vulto escuro da filha, enrascada e perdida no sono. — Como foi que a resgataram? Jalak a pusera sob os cuidados de sua guarda mais brutal...

Leeanne voltara da colina a tempo de ouvir isso e disse:

— Não há sinal de perseguição até agora; nem mesmo um rato-de-areia parece estar se mexendo daqui a Shainsa. Quanto à aia de sua filha, Dama, ela dorme um sono do qual não vai despertar. Não gosto de matar mulheres, mas ela me atacou com uma adaga. Lamentei matá-la diante dos olhos de sua criança, mas não havia alternativa.

— Não chorarei por aquela mulher — disse Melora, com uma careta. — Para dizer a verdade, acho que não haverá muito choro por ela nem mesmo na casa de Jalak. Era a minha principal carcereira antes de Jaelle nascer, e eu a odiava ainda mais do que ao próprio Jalak. Ele era cruel porque sua natureza era assim e fora criado para se comportar daquela maneira; mas aquela mulher era

cruel porque sentia prazer no sofrimento das outras pessoas. Espero que Zandru se delicie com sua companhia no inferno: mais do que isso, tenho certeza de que ele será o único que jamais poderia sentir tal prazer. Se algum dia tivessem me confiado uma arma, mesmo à mesa, eu a cravaria primeiro na garganta daquela mulher, antes de virá-la contra mim mesma.

Ela fez uma pausa, olhou para Rohana; pela primeira vez, houve um momento para um abraço rápido e desajeitado.

— Breda... ainda não tenho certeza se isto não é um sonho, que não vou despertar na cama de Jalak.

Com o contato das mãos inchadas de Melora nas suas, o rosto molhado de Melora comprimido contra o seu, a comunicação tornou a despertar; a mente de Melora se encontrava aberta, e mais ainda, o intenso desconforto físico, a dor. Rohana pensou, em pânico: Ela pode montar? Entrará em trabalho de parto, aqui e agora, no deserto, longe de ajuda, retardando-nos?

Gentilmente, Melora soltou as mãos de Rohana e o contato se atenuou.

— É fácil perceber que você sabe muito pouco das Cidades Secas... e torço para que nunca tenha motivo para saber mais! Esperariam que eu cavalgasse de qualquer maneira, até mais próxima do parto do que estou. Não se preocupe comigo, breda. — A voz tremeu num soluço. — Ah, é tão bom só falar com você, em nossa língua...

Rohana estava profundamente apreensiva por ela. Não sabia muita coisa de parto, mas como senhora de Ardais já testemunhara muitos nascimentos e sabia que Melora precisava de repouso e cuidados. Mas as amazonas, a um sinal de Kindra, já montavam de novo; e, na verdade, parecia não haver opção. Kindra veio examinar rapidamente o ferimento enfaixado de Nira e disse:

— Até agora, não há sinal de perseguição, mas com o amanhecer certamente alguém encontrará Jalak... ou seu cadáver. E prefiro não lutar contra os homens de Jalak ou acabar meus dias acorrentada num bordel em Shainsa.

O sorriso de Melora foi perceptível mesmo na semi-escuridão.

— É possível que não haja perseguição. Talvez os herdeiros de Jalak já o tenham encontrado morto e começaram a brigar por suas propriedades e esposas, pela ocupação da Grande Casa. A última coisa que eles haveriam de querer agora seria recapturar um filho de Jalak com uma reivindicação válida à sua posição!

— Que Aldones faça com que seja assim — murmurou Kindra. - Mas algum parente de Jalak pode querer kihar pela vingança... ou algum rival pode querer que não haja um filho com uma reivindicação válida para incomodá-lo.

Melora apertou as mãos de Rohana, num gesto convulsivo, mas manteve a voz calma:

— Posso viajar até onde for necessário. — Ela olhou para a filha adormecida. — Posso levá-la em minha sela?

— Está pesada, Dama, seu cavalo não suportaria o peso duplo — respondeu Kindra. — As mais leves de nós se revezarão em levá-la, a fim de que ela possa dormir mais um pouco. Sua filha sabe montar? Temos um cavalo de reserva para ela, se conseguir se manter sozinha numa sela.

— Ela pode cavalgar quase tão bem quanto anda, mestra.

— Então ela irá sozinha quando acordar; por enquanto, pode dormir mais um pouco.

Kindra levantou Jaelle e acomodou-a em seu próprio cavalo. Rohana ajudou a prima a montar. Melora estava terrivelmente desajeitada e parecia pouco firme na sela, mas Rohana não fez qualquer comentário. Não havia nada a dizer; Kindra estava certa e ambas sabiam disso. Ela montou também e pegou as rédeas do cavalo de Melora, levando-o para a frente, pelo deserto. Melora olhou ansiosa na direção do sol nascente.

— A esta hora, sempre anseio... oh, não sei... um pouco de neve ou chuva, qualquer coisa que não a eterna areia e o vento quente e seco.

Rohana murmurou:

— Se os Deuses quiserem, brenda, dentro de dez dias você estará de volta a nossas colinas e verá a neve todos os dias, ao nascer do sol.

Melora sorriu e sacudiu a cabeça.

— Estou bem agora e posso guiar meu cavalo, se você achar que é melhor assim.

— Deixe-me conduzi-lo, pelo menos por mais algum tempo. Melora acenou com a cabeça e acomodou-se da melhor forma possível contra o movimento do cavalo.

O sol apareceu e Rohana percebeu, à medida que os quilômetros passavam sob as patas dos cavalos, que as características do terreno mudavam. O deserto de areia, plano e árido, foi substituído por colinas baixas e ondulantes, até onde a vista podia alcançar, com uma vegetação rasteira, entremeada de espinheiros e os cinzentos arbustos-de-especiarias. A princípio o cheiro era agradável, mas depois de algumas horas Rohana sentiu que engasgaria se algum dia tornasse a comer o pão-de-especiarias no Festival de Inverno. Tinha a garganta ressequida; quase lamentou o vinho que não fora capaz de beber. Hora a hora, Melora parecia mais vacilante na sela, mas não disse qualquer palavra de queixa. Nem falou qualquer outra coisa, cavalgando de cabeça baixa, o rosto pálido impassível no esforço e paciência.

À medida que o sol subia, a claridade foi se tornando mais intensa, assim como o calor. Algumas amazonas cobriram a cabeça com as dobras soltas de camisa ou túnica; Rohana fez a mesma coisa, descobrindo que o calor era preferível ao clarão direto. Começava a especular por quanto tempo mais Melora poderia continuar a viajar — ela própria estava exausta e dolorida quase a ponto de cair da sela — quando Leeanne, seguindo à frente, virou-se, levantou a mão e chamou Kindra, que se adiantou ao seu encontro, enquanto as outras paravam gradativamente.

Kindra voltou depois de um momento e anunciou:

— Há um poço na próxima ravina e algumas rochas para nos abrigarmos do sol. Podemos descansar ali durante o auge do calor do dia.

Enquanto elas seguiam pelo caminho indicado por Leeanne, Kindra emparelhou com Rohana e Melora.

— Como está se sentindo, Dama?

A tentativa de sorriso de Melora apenas esticou um pouco sua boca.

— Tão bem quanto poderia esperar, mestra. Mas não nego que me sentirei contente pela oportunidade de descansar um pouco.

— Todas ficaremos satisfeitas. Eu gostaria de poder poupá-la de tanto esforço, mas...

Ela parecia contrafeita e Melora gesticulou para silenciá-la.

— Sei muito bem que você e suas companheiras arriscaram a vida por mim. Deus me livre de me queixar sobre qualquer coisa que você precise fazer por nossa segurança.

Alguma coisa na maneira como ela falou deixou Rohana com a respiração presa na garganta. Por um momento, Melora se manifestara quase como era antigamente: graciosa, gentil, com a cortesia cativante que sempre demonstrava com seus iguais e inferiores. Ela falou como no tempo em que éramos jovens em Dalereuth. Evanda Misericordiosa, há realmente alguma esperança de que um dia ela volte a ser como antes, levando uma vida feliz e livre?

O poço era um lençol de água tremeluzente, com menos de seis metros de extensão; parecia insalubre, mas Kindra garantiu que a água era boa. Por trás, havia um conjunto de rochas de um vermelho escuro, projetando sombras púrpura na areia e convertendo os onipresentes arbustos-de-especiarias em sombreados cor de lavanda naquele espaço árido. Até mesmo a sombra das rochas fez Rohana pensar mais em serpentes e escorpiões do que num repouso fresco e convidativo, mas era melhor do que o clarão ardente do sol a pino no deserto.

Rohana ajudou Melora a desmontar, amparando-a em seus passos trôpegos. Levou-a para sentar à sombra das rochas e depois conduziu seu cavalo para a água. Kindra deteve-a.

— Cuide de sua parenta, Dama. — Ela pegou as rédeas dos animais e acrescentou, baixando a voz: — Como ela está realmente?

Rohana sacudiu a cabeça.

— Até agora, está conseguindo agüentar. Não há mais nada que eu possa dizer.

Ela sabia muito bem que qualquer mulher com experiência naquelas coisas diria que Melora nunca deveria montar num cavalo. Mas Kindra também sabia disso, só que não havia outro jeito.

— Há sinais de perseguição? — indagou Rohana.

— Nenhum até agora — respondeu Leeanne.

Jaelle, que descera do cavalo, aproximou-se e parou, timidamente, a alguma distância.

— Como sabe que não estamos sendo perseguidas, mestra?

Ela falava a linguagem das montanhas, com um pequeno sotaque, o que era compreensível. Kindra sorriu para a criança.

— Não ouço o ruído de cascos com o ouvido encostado no chão e não há nuvem de areia levantada por homens a cavalo, até onde minha vista pode alcançar.

— Então você é tão boa quanto os melhores batedores de Jalak! — exclamou a menina, espantada. — Não sabia que as mulheres também podiam ser batedoras.

— Vivendo em Shainsa, mocinha, há muita coisa que não sabe a respeito das mulheres.

Jaelle pediu, ansiosa:

— Pode me contar tudo?

— Talvez, quando eu tiver tempo. Agora, porém, você tem bastante conhecimento de cavalos para saber que estes precisam tomar água e descansar?

— Oh, desculpe... estou atrasando-a? Posso ajudar?

Kindra entregou à menina as rédeas do cavalo que Melora montara.

— Fique andando com ele de um lado para outro, devagar, até que sua respiração normalize e o suor esteja quase seco em torno da sela. Depois, leve-o para a água e deixe-o beber o que quiser. Acha que pode fazer isso?

— Claro!

Jaelle afastou-se, segurando as rédeas do cavalo. Kindra seguiu-a, com o cavalo de Rohana, que ficou parada a observar a menina. Ela parecia alta para sua idade, um pouco franzina, os cabelos de um vermelho flamejante, caindo até o meio das costas estreitas; usava a camisola que vestia ao ser despertada — feita com

o linho das terras secas e toda bordada — com uma túnica curta, muito grande para ela, que uma amazona pusera em seus ombros. Estava descalça, mas andava sobre a areia quente sem qualquer desconforto aparente. Rohana não podia perceber qualquer semelhança da menina com Melora, exceto pelos cabelos vermelhos; mas também não havia nenhuma semelhança discernível com Jalak.

Ela voltou para junto de Melora, que esticou o corpo pesado sobre sua manta de montaria e fechou os olhos. Rohana fitou-a com uma profunda apreensão, mas se controlou apressada no instante em que Melora abriu os olhos.

— Onde está Jaelle?

— Foi ajudar Kindra a dar água aos cavalos. Não se preocupe, ela está bem e parece que nem se sente cansada da viagem. — Rohana abaixou-se na sombra, ao lado da prima. — Eu gostaria de um pouco da energia daquela criança.

Melora estendeu os dedos finos e agarrou a mão de Rohana, como se estivesse ansiosa pela segurança do contato.

— Posso ver como se esgotou por minha causa, prima... Como entrou na companhia dessas... dessas mulheres? Não abandonou seu marido e crianças como elas, não é mesmo?

Rohana sorriu, tranqüilizadora.

— Não, querida. Meu casamento... como eu sabia que aconteceria... ^{vai} muito bem. Gabriel e eu somos tão felizes quanto qualquer outro casal.

— Então como...

— É uma longa história e não é fácil relatá-la. Parecia-me que todos a haviam esquecido: eu própria quase a esquecera, julgando-a morta ou... ou resignada com sua vida.

Uma pausa e Rohana acrescentou, meio na defensiva:

— Afinal, já passara muito tempo.

— Tem razão, toda uma vida — murmurou Melora, suspirando.

— Quando você me procurou, pensei a princípio que era um sonho. Fui a Thendara e falei com algumas pessoas do Conselho. Disseram-me que nada poderiam fazer, não era o momento oportuno para uma guerra com as Cidades Secas e não mandariam ninguém para a morte. Eu já me resignara a pensar que nada se

poderia fazer, quando por acaso... ou quem sabe pela interferência de alguma Deusa... encontrei um pequeno bando de Amazonas Livres na estrada. Eram caçadoras e mercadoras e estavam acompanhadas por uma ou duas guerreiras mercenárias para protegê-las. Conversei com elas, soube que seu bando não se aventuraria a uma incursão às Cidades Secas, mas conheciam uma guerreira que poderia aceitar a missão. Fui à Casa da Guilda e falei com Kindra. Ela concordou em tentar o resgate. E assim...

— E assim você está aqui e eu também — murmurou Melora, quase espantada. — Mas era verdade. Eu me resignara, e quando soube que gerava outra criança de Jalak e que essa criança era um filho... eu estava pronta para morrer.

Seus olhos se deslocaram para a filha; Jaelle acabara de andar com o cavalo e mantinha-se parada ao seu lado, enquanto o animal bebia do poço.

— Ela já passou dos doze anos: aos treze, teria sido acorrentada. Creio que se você não aparecesse eu a teria matado de alguma forma e depois a mim mesma...

Rohana percebeu o tremor intenso que percorreu o corpo da prima. Pegou a mão de Melora.

— Já passou, querida. Tudo isso pertence ao passado. Pode agora começar a esquecer.

Esquecer? Quando tenho no ventre o filho de Jalak? Melora não pronunciou as palavras em voz alta, mas Rohana ouviu-as mesmo assim. E disse, gentilmente:

— Por enquanto pode descansar, está livre, sã e salva no momento. Tente dormir um pouco, querida.

— Dormir... — O sorriso de Melora era irônico. — Não posso me recordar de quando dormi realmente pela última vez. E me parece uma pena dormir agora, quando estou outra vez com você e segura... e muito feliz... Dê-me notícias de todos os nossos parentes, Rohana. Marius Elhaly n ainda reina em Thendara? E como estão nossos amigos... conte-me tudo!

Ela parecia tão ansiosa que Rohana não teve coragem de silenciá-la.

— É uma história comprida e levaria muitas horas, talvez dias, para contá-la. Dom Marius morreu no ano seguinte ao seu seqüestro. Aran Elhalyn se mantém no trono de ano para ano, mas como sempre o Lorde de Hastur é o verdadeiro soberano. Não é mais o velho Istvan, que está senil, mas Lorill Hastur, que era o seu herdeiro. Deve lembrar que Lorill e sua irmã Leonie estiveram conosco na Torre Dalereuth, quando éramos pequenas. Pensei que Lorill poderia iniciar uma ação contra Jalak para salvá-la...

Melora suspirou.

— Até mesmo eu sabia que isso era impossível. Os Hasturs devem pensar em coisas mais importantes do que os deveres de parentesco... ou como poderiam ser melhores do que os habitantes das Cidades Secas, com todas as suas inimizades e guerras? Mas, afora isso, há paz?

— Há, sim... Lorill levou os terráqueos de Aldaran para Thendara, onde eles estão construindo um enorme espaçoporto. Teve de defender essa decisão perante o Conselho, e alguns resistiram com o maior vigor, mas Lorill acabou prevalecendo, como geralmente acontece com os Hasturs.

— Os terráqueos... — murmurou Melora, lentamente. — É verdade, ouvi a história, homens como nós, de outro mundo, chegaram em grandes naves das estrelas. Jalak contou essas histórias apenas para rir; nas Cidades Secas não sabem que as estrelas são sóis como o nosso, iluminando mundos não muito diferentes do nosso. Jalak gostava de escarnecer dessas histórias e dizia que os supostos homens de outro mundo deviam ser patifes espertos que queriam enganar os Sete Domínios, mas que nenhum homem sensato das Cidades Secas jamais se deixaria apanhar por uma armadilha assim...

Ela fechou os olhos e Rohana pensou, por um momento, que adormecera, o que a deixou agradecida. Sabendo que devia tentar descansar também, Rohana fechou os olhos. Mas uma sombra projetou-se sobre seu rosto e tornou a abri-los para deparar com Jaelle parada ali, olhando para as duas. A menina perguntou, num sussurro:

— Você é que é a minha... a nossa parenta, Dama Rohana? Rohana sentou e estendeu os braços; Jaelle deu-lhe um abraço tímido e rápido.

— Como está minha mãe, parenta? Ela dorme?

— Dorme, sim; e se sente muito cansada.

Rohana levantou-se e levou a criança para longe, a fim de que suas vozes não perturbassem Melora.

— Não vou acordá-la, mas queria ver...

A voz da menina tremia. Rohana contemplou o rostinho muito sério, os olhos verdes arregalados.

Comyn, ela pensou. A menina não se parece com Melora, mas seu sangue Comyn é inegável. Seria um erro, um tremendo erro, deixá-la nas mãos de Jalak; não apenas inumano, mas errado!

Jaelle disse, quase num sussurro:

— Ela não deve montar agora; o bebê nascerá muito em breve...

— Sei disso, querida. Mas não estamos seguras aqui, exceto para um pequeno descanso. Estaremos de volta ao território dos Domínios quando chegarmos a Carthon... e fora do alcance de Jalak para sempre.

— Mas... o que acontecerá com ela? A viagem, o cansaço... Jaelle hesitava, acabou baixando a cabeça, desviando os olhos.

Rohana pensou: Ela tem laran? Mesmo na casta telepata do Comyn, o Dom não começava a se manifestar muito antes da adolescência; uma leronis treinada poderia dar uma definição razoável sobre uma criança da idade de Jaelle, mas há muito que Rohana não usava seu treinamento de telepata e assim nada podia saber. Agora, quando preciso saber, o Dom me abandona... Por que as mulheres devem optar entre o uso do laran e todas as outras coisas da vida de uma mulher?

Ela olhou para Melora, mergulhada num sono de exaustão, e pensou no tempo em que estavam juntas, na Torre em Dalereuth, aprendendo a usar as pedras-matrizes, que transformavam energias; trabalhando como monitoras nas redes de transmissão que mantinham as comunicações pelos vastos espaços de Darkover, estudando a tecnologia dos Sete Domínios.

Eram três moças, todas da mesma idade: Rohana, Melora e Leonie Hastur, irmã de Lorill Hastur, que reinava agora por trás do trono em Thendara. A família de Rohana insistira em seu casamento e ela deixara seu trabalho na Torre — não sem pesar — para casar com o herdeiro do Domínio de Ardais, supervisionar a vasta propriedade e gerar filhos e uma filha para esse clã. Leonie fora escolhida para Guardiã; uma telepata de incomparável capacidade, estava agora no comando da Torre em Arilinn, controlando todos os telepatas em operação em Darkover. Mas Leonie pagara o preço pela função de Guardiã; fora obrigada a renunciar ao amor e ao casamento, vivendo no isolamento, como uma virgem, por toda a sua vida...

Melora não pudera optar. Os homens armados de Jalak seqüestraram-na e levaram-na para a prisão e correntes... para o estupro, escravidão e longo sofrimento.

O cansaço estava provocando estranhos pensamentos em Rohana. Será que Jalak realmente mudou tanto a vida de Melora? Alguma de nós tem de fato uma opção? Conforme a exigência de nosso clã, partilhar a cama de um estranho, cuidar de sua casa e gerar seus filhos... ou viver longe da vida, em solidão e isolamento, controlando tremendas forças, mas sem o poder de estender a mão para qualquer outro ser humano, sozinha, virgem, reverenciada, mas digna de compaixão...

A mão de Jaelle tocou de leve na sua e a menina murmurou:

— Parenta... está tão pálida...

Rohana voltou à realidade no mesmo instante. E respondeu, tão calma quanto podia:

— Não comi nada. E daqui a pouco devo acordar sua mãe e providenciar para que ela também coma alguma coisa.

Ela seguiu com Jaelle para o lugar em que as amazonas partilhavam a comida e a bebida; desta vez ela diluiu o vinho com água do poço e constatou que continuava azedo, mas dava para beber. Kindra foi dar uma olhada em Melora adormecida e declarou ao voltar:

— Ela precisa de repouso mais que de comida, Dama; poderá comer quando acordar. — Kindra olhou para Jaelle. — Vai ficar toda

queimada do sol e com ferimentos da sela se tentar viajar com essa camisola, chiya. Gwennis, LEEANNE, Devra, vocês são as menores; podem arrumar roupas para a menina?

Rohana ficou satisfeita e surpresa ao observar como a reação foi imediata; todas as mulheres, à exceção das mais altas, foram vasculhar seus alforjes, repartindo o que tinham: uma camisa aqui, uma túnica ali, uma calça (de LEEANNE, e mesmo assim teve de ser enrolada até quase os joelhos). Camilla, que tinha os pés finos, trouxe um par de botas de camurça de cano curto e disse:

— Ficarão muito grandes, mas com os cordões bem apertados protegerão seus pés enquanto estiver cavalgando e evitarão que se machuquem na areia e nos espinheiros.

Eram botas bordadas e pintadas, usadas obviamente em dias de festa. Rohana ficou ainda mais surpresa; sempre pensara que uma neutralizada não poderia ter sentimentos maternos.

Jaelle deixou que Rohana a despisse e depois pusesse os trajes estranhos, olhando hesitante para a mãe, mas abstendo-se de incomodá-la. E disse, a voz trêmula, enquanto Rohana apertava o cinto na calça enorme e amarrava as botas de camurça:

— Sempre me disseram que não é apropriado uma mulher vestir calça e... e tenho quase idade suficiente para ser chamada de mulher.

— Melhor usar calça do que andar sem nada, Jaelle. — Uma pausa, e Rohana acrescentou, mais gentilmente: — Sei como se sente. Antes de iniciar esta viagem, eu acreditava que nada poderia me forçar a usar calça e botas. Mas a necessidade é mais forte do que o costume; e quanto ao decoro... ora, você não pode montar com essa camisola esfarrapada, o corpo exposto ao vento.

Camilla veio verificar o ajuste das botas.

— Se estiverem muito folgadas e criarem bolhas, criança, avise-me e providenciarei um par extra de meias grossas. Como as mulheres conseguem montar nas Cidades Secas?

— A sela é feita assim... — Jaelle mostrou. — ... para que uma mulher possa montar de lado sem desarrumar as saias.

— E vai escorregar e cair se o cavalo tropeçar — interveio Gwennis -, enquanto eu posso galopar tão depressa quanto qualquer

homem e nunca sofri nenhuma queda. Mas nos Domínios, criança, você poderá usar essas saias de equitação horríveis que sua parenta prefere.

— Por mais incômodas que possam parecer — protestou Rohana -, ando a cavalo tão bem com elas que posso caçar com falcões nas montanhas. Numa época difícil, quando não sobra tempo aos homens para a caça, as crianças ou os doentes nunca ficam sem aves ou pequenos animais em sua mesa, apesar das saias de equitação. Monto tão bem com elas quanto nesta calça.

E gostaria de estar usando-as agora, pensou Rohana, mas sabia que as amazonas não gostariam. Gwennis passou a mão pelos cabelos compridos e emaranhados de Jaelle.

— É uma pena que estejam assim.

Os olhos de Jaelle se encheram de lágrimas; ela olhou para os cabelos curtos de Rohana e perguntou:

— Tenho de cortá-los? Rohana respondeu com firmeza:

— Não precisa. Mas deixe-me penteá-los e trançá-los, a fim de não ficarem emaranhados enquanto galopa.

Ela fez Jaelle sentar e começou a escovar os cabelos cor de fogo que desciam até a cintura. Sentiu outra vez uma pontada de angústia por seus próprios cabelos, que eram o seu orgulho, sua única reivindicação à beleza. Gabriel ficará furioso ao ver meus cabelos, cortados curtos como os de uma amazona. E ela pensou, defensiva, como se respondesse ao marido: Não tive alternativa. Foi por Melora. Mas Jaelle não devia ser sacrificada.

Kindra aproximou-se e examinou Jaelle, vestida em trajes descontraídos de amazona, muito grandes, mas não fez qualquer comentário. Levou Rohana para um lado e disse:

— Não fale nada com a criança e não perturbe sua parenta, mas há uma pequena nuvem de poeira no horizonte. Provavelmente nada tem a ver conosco... não é na direção de Shainsa, da qual viria a perseguição. Mas tenho de alertar minhas mulheres, e você, Dama, deve se manter cautelosa.

— Devemos nos preparar para partir de novo? Kindra sacudiu a cabeça.

— Não. Não dá para fazer isso no calor do dia. Morreríamos de prostração do calor tão dolorosamente quanto de uma espada das Cidades Secas. Vamos nos esconder entre as rochas e torcer para que a nuvem de poeira não tenha qualquer relação conosco ou com Jalak e seus homens. Durma se puder, Dama, mas fique perto de Melora e da criança. Se ela acordar, avise-a para permanecer escondida na sombra das rochas.

Ela fez sinal para Devra e Rima e acrescentou:

— Vocês duas ficarão de vigia. Leeanne e eu passamos a noite inteira conduzindo a coluna e fazendo reconhecimento do terreno, enquanto Nira perdeu tanto sangue que precisa descansar. Mas chamem-me imediatamente se a nuvem de poeira virar em nossa direção. Dama, vá agora e tente dormir um pouco. — Kindra arrematou para Jaelle: — E você também, domnina.

— Posso pegar meu pão e terminar de comer antes de dormir? — perguntou Jaelle.

— Claro — respondeu Kindra, afastando-se em seguida para descansar.

Gwennis, enfiando a mão no bolso, sorriu para Jaelle e disse:

— Está com fome, chiya? Aqui tem uma bala para você; chupe-a antes de dormir e evitará que sua boca fique ressequida com este calor.

Jaelle aceitou a bala com uma inclinação da cabeça, pequena e tímida. Ela correu os olhos pelas amazonas, com evidente curiosidade, mas Rohana percebeu que fazia um esforço para se controlar e não perguntar coisa alguma. Mas a menina acabou indagando para Gwennis:

— Algumas de vocês parecem... quase como homens. Por quê?

Gwennis olhou para Rohana, antes de responder:

— Tem razão; Leeanne e Camilla. Elas foram neutralizadas e seus corpos não são mais de mulheres. Há algumas mulheres que acham que a feminilidade é um fardo grande demais para suportar e preferem assim, embora a lei proíba.

— Mas você não é assim — comentou Jaelle. Gwennis sorriu.

— Não, chiya. De vez em quando é muito incômodo ser uma mulher... e imagino que você já tem idade suficiente para saber

disso... mas em tudo e por tudo acho que prefiro ser uma mulher, embora seja fácil, bastante simples, encontrar hoje em dia alguém que esteja disposto a desafiar as leis contra esse tipo de mutilação. Creio que ser mulher proporciona mais prazer do que dificuldades.

Rohana também tinha curiosidade sobre aquilo; como todas as mulheres criadas no mundo protetor e resguardado dos Domínios, ela sempre pensara — quando pensava sobre as amazonas, o que raramente acontecia — que eram mulheres viris ou tão feias que as famílias teriam problemas para arrumar um marido. Mas exceto pelas duas neutras e a moça das montanhas com as duas facas, nenhuma delas era assim. Kindra era gentil e quase maternal, assim como Rima, a Gorda; e as outras não pareciam muito diferentes, tirando as roupas e os cabelos curtos, de suas próprias servidoras. Gwennis parecia quase uma menina, não muito mais velha do que Jaelle ou a filha de Rohana. Jaelle sorriu para Gwennis e comentou:

— Você seria muito bonita se deixasse os cabelos crescerem. Rohana já pensara nisso. Gwennis respondeu com um sorriso cordial:

— É possível, irmãzinha, mas por que eu haveria de querer ser bonita? Não sou uma dançarina, uma atriz ou uma cantora lírica para precisar tanto assim de beleza!

— Mas se fosse bonita — insistiu Jaelle -, poderia fazer um bom casamento. Não precisaria ser uma guerreira ou caçadora para ganhar a vida.

— Mas não quero fazer um casamento, criança, nem mesmo bom! — respondeu Gwennis, rindo.

— É mesmo? — Jaelle pensou a respeito por um momento; era fácil perceber que se tratava de uma idéia nova para ela. — E por que não?

— Por muitos motivos. Entre outros, para não ter um marido que me mantenha em correntes.

Rohana sentiu-o como um golpe; Jaelle levou a mão à boca e mordeu a articulação. Seu rosto ficou branco, depois vermelho, a expressão era desesperada, angustiada. Ela deixou escapar um pequeno som estrangulado, virou-se e correu para o lado da mãe,

jogando-se na manta ao lado e cobrindo a cabeça com os braços. Gwennis olhou para a criança, quase consternada, e murmurou:

— Desculpe, Dama, eu não deveria ter dito isso.

Em silêncio, Rohana sacudiu a cabeça. Só depois de um longo momento é que falou:

— Ela tinha de saber.

Jaelle compreendeu subitamente o que está acontecendo. Antes, era apenas uma aventura, segura porque a mãe está aqui; mas não entendia direito. E agora... agora ela sabe.

E um choque assim, para uma menina no limiar de se tornar mulher... uma menina com um potencial telepático extraordinário... Rohana não tinha certeza como sabia disso, mas não restava a menor dúvida. O que fará com ela? Lentamente, Rohana adiantou-se e deitou na sombra, ao lado de Melora e Jaelle. Melora continuava num sono profundo. O rosto de Jaelle estava comprimido contra a manta, os ombros magros tremiam violentamente. Rohana estendeu a mão para puxá-la, confortá-la, como teria feito com uma de suas crianças, mas Jaelle resistiu, tensa. Depois de um momento, Rohana desistiu. Sou quase uma estranha para ela, pensou Rohana, em desespero. Não posso fazer nada por ela. Ainda não.

Capítulo Quatro

Três dias e noites passaram e Rohana não esperava mais a perseguição ou captura. Se houvera alguma perseguição, tomara a direção errada ou ficara irremediavelmente para trás. Ou então Melora estava certa, e os herdeiros de Jalak, encontrando-o morto ou totalmente entevado, ocupavam-se em dividir suas propriedades e esposas restantes.

A paisagem mudara pouco a pouco: os primeiros dias haviam sido de areia seca, solta, ardente, com um ou outro espinheiro e arbusto-de-especiaria; agora, havia léguas intermináveis e indefinidas de dunas baixas, ondulantes, cobertas pelas samambaias cinzentas das Terras Secas, com um afloramento de rocha negra pontiaguda aqui e ali. Como se na ocasião em que Zandru fez as Terras Secas, pensou Rohana, recordando a história antiga, até as rochas se rebelaram e romperam por sua cobertura, em protesto... os próprios ossos do mundo recusando-se a serem cobertos por estas léguas áridas de areia e deserto...

O crepúsculo se aproximava; a intensidade do sol era atenuada pelo ângulo alongado da sombra. Durante todo aquele dia elas não tinham avistado qualquer coisa viva, e Kindra advertira-as a pouparem a água ao máximo.

— Se alguma coisa nos atrasar — ela alertara, lançando um olhar para Melora —, talvez não alcancemos o próximo poço esta noite... e não podemos carregar muita água de reserva.

Melora seguia logo à sua frente, cabeça baixa, equilibrando-se rigidamente na sela. Não falara desde que haviam deixado o local do repouso ao meio-dia. Quando Rohana estendera a mão para sua testa a fim de verificar se estava com febre, ela desviara a cabeça, recusando o contato, recusando-se até mesmo a enfrentar os olhos inquisitivos da prima. Rohana sentia-se desesperadamente preocupada com ela. Aquela viagem era muito longa e árdua para uma mulher grávida. Melora não se queixara; Rohana tinha a impressão aterradora de que ela deixara de se importar. Parecia ter consumido todo o esforço de que era capaz no contato original com

Rohana que resultara em sua salvação; isso feito, parecia a Rohana que Melora não mais se importava com coisa alguma. Ela nem mesmo fizera outras perguntas sobre sua casa e família, sobre o que encontraria quando deixassem as Terras Secas e voltassem ao território dos Domínios.

O sol desceu, um enorme círculo cor de sangue, empanado no horizonte pelas primeiras nuvens que Rohana vira desde que haviam atravessado o rio em Carthon. Kindra, cavalgando na frente, parou e esperou que Rohana emparelhasse. Apontou para o pôr-do-sol púrpura e disse:

— Aquelas nuvens pairam sobre Carthon; e além de Carthon estamos outra vez nos Domínios. Mesmo que Jalak viesse tão longe, precisaria trazer um exército. A segurança se encontra ali. Como está Dama Melora?

— Nada bem, infelizmente. Kindra balançou a cabeça.

— Para seu bem, ficarei contente quando cruzarmos o rio e pudermos viajar num ritmo mais apropriado ao seu estado. Sinto-me angustiada em forçar o ritmo desse jeito, mas não há segurança para qualquer de nós neste território.

— Sei disso e tenho certeza de que Melora compreende — respondeu Rohana. — Mais do que qualquer uma de nós, ela está a par dos perigos para as mulheres dos Domínios nas Cidades Secas.

— Vamos acampar ali... — Kindra apontou para um agrupamento de rochas pretas, projetando-se como dentes pontiagudos contra o horizonte. — Se a Deusa for generosa conosco, poderemos preparar uma comida quente, talvez mesmo lavar a poeira do rosto.

— Conhece todos os poços neste território, Kindra?

A líder das amazonas sacudiu a cabeça.

— Nunca viajei por aqui antes, mas posso ver os kyorebni circulando, o que só fazem sobre água. E amanhã, talvez antes do meio-dia, atravessaremos o rio e estaremos sãs e salvas em Carthon, — Ela fez uma careta. — Estou ansiosa por uma carne assada e uma boa sopa quente, no lugar dessa dieta interminável de mingau, carne-seca e fruta. E não posso deixar de pensar num pão saindo do forno, em vez destas bolachas duras que comemos.

— Eu também, e pode estar certa de que encomendarei a melhor comida que for possível comprar em Carthon assim que atravessarmos o rio!

Kindra olhou para trás e disse lentamente:

— Reze à sua Deusa, Dama, para que domna Melora seja capaz de desfrutar essa refeição. Volte para junto dela, Dama Rohana, e avise-a de que montaremos acampamento um pouco mais adiante. Ela parece prestes a cair da sela.

O rosto de Kindra, na escuridão crescente, parecia profundamente perturbado. Rohana obedeceu à sugestão, suspirando. Parecia que jamais conhecera, em toda a sua vida, uma fadiga tão prolongada e incessante. A perspectiva de dormir numa cama, sob um teto, de comer uma refeição quente, preparada na hora, de tomar banho numa tina com água quente e perfumada, confortos que sempre julgara tão certos que nem pensava a respeito, fazia todo o seu corpo tremer com um anseio quase sensual.

Refletiu que as amazonas deviam considerar tais anseios como uma demonstração de fraqueza. Mas mostraria a elas que podia suportar a vida dura, se fosse preciso; era uma Comynara e seria tão forte quanto qualquer homem de sua casta. Mas gostaria que houvesse alguns confortos para Melora.

Melora cavalgava ao lado de Rima, a Gorda. Quando Rohana se aproximou, a enorme amazona baixou a voz para dizer:

— Cuide de sua parenta, Dama. Não, ela não se queixou, mas durante algum tempo ganhei a vida como parteira na Terra do Lago, e ela tem uma aparência que não me agrada.

É bom saber que pelo menos existe uma parteira entre nós. Rohana emparelhou seu cavalo com o de Melora, que levantou a cabeça, lenta e cansada. Sua aparência deixou Rohana chocada. O rosto estava inchado, com uma palidez opaca; até mesmo os lábios se achavam lívidos. Tentou sorrir para Rohana, mas não conseguiu. O rosto contraiu-se num súbito espasmo de dor e Rohana compreendeu no mesmo instante o que a parenta procurara esconder.

— Breda, você está em trabalho de parto!

Melora fez uma careta.

— Há algumas horas. Esperava que pudéssemos alcançar um local de acampamento com água. Estou com muita sede, Rohana.

Era a primeira insinuação de queixa que Rohana já ouvira de seus lábios. Ela inclinou-se e pegou as mãos de Melora.

— Estamos quase chegando à água, querida. Pode continuar mais um pouco, só mais algumas centenas de passos? Está vendo?

— Rohana apontou para o crepúsculo. — Uma ou duas já estão desmontando. Posso até ouvir o riso de Jaelle.

Melora murmurou:

— Ela é como um animalzinho que saiu da gaiola. Fico contente que todas sejam tão boas com ela. Pobre coelhinha, não tive muita energia para atendê-la nesta viagem...

— Tenho certeza de que ela compreende.

— Espero que não — balbuciou Melora, o rosto se contraindo ao crepúsculo.

Estavam quase no lugar em que as outras desmontavam; Rohana ouviu outra vez a risada alegre de Jaelle. Nos dias da viagem ela se tornara rapidamente uma favorita de todas as amazonas; rindo, conversando, com perguntas intermináveis sobre o mundo e a vida à sua frente. As amazonas haviam competido pelo privilégio de carregá-la na sela quando ela se cansava, davam-lhe as melhores porções que podiam dispensar de suas minguadas refeições, contavam histórias e cantavam canções para atenuar o tédio da viagem; até mesmo fizeram brinquedos de pequenas coisas.

Se nada mais, libertamos Jaelle, e ela é uma filha da qual qualquer um dos Domínios pode se orgulhar. O sangue de Jalak talvez seja uma desvantagem quando chegar o momento de fazer um casamento, mas isso pode ser superado. Ela possui laran, tenho certeza; providenciarei para que ela seja testada quando chegarmos a Thendara...

Rohana saltou do cavalo, entregou-o a Rima, que viera buscá-lo, e ajudou Melora a desmontar com o maior cuidado. Os joelhos de Melora vergaram e Rohana teve de amparar nos braços o peso da prima; manteve-a de pé, mas chamou Kindra, subitamente

apavorada. Depois de um momento, a líder das amazonas aproximou-se, avaliou a situação com um olhar e disse:

— Então chegou sua hora, domna? Só há duas coisas certas neste mundo: o nascimento e a neve do próximo inverno; ambas surgem quando querem e não quando é conveniente. Graças à Deusa, estamos perto de água. Uma pena que tivéssemos de abandonar a tenda; nenhuma criança deve nascer tendo apenas o céu como teto.

— Melhor sob o céu livre do que na Grande Casa de Jalak! - exclamou Melora, com veemência.

Kindra segurou sua mão por um instante.

— Pode andar um pouco, Dama? Arrumaremos um lugar para que descanse.

— Posso fazer o que for necessário.

Mas Melora apoiava-se pesadamente na prima e Rohana sentiu um temor intenso. Ali, na escuridão da noite, no deserto, sem mãos experientes para ajudar... Rima pode ter sido uma parteira, mas as Amazonas Livres renunciaram à feminilidade...

— Eu esperava ser capaz de agüentar até chegarmos a Carthon -murmurou Melora.

Rohana compreendeu que a parenta partilhava seu senso de apreensão e temor. Devia dar um jeito de se mostrar forte e confiante.

— Fique tranqüila. Estão acendendo uma fogueira, teremos luz e comida quente, há água por perto. — Guiando Melora para a fogueira, ela acrescentou: — E temos sorte, pois uma dessas mulheres já foi parteira.

Ela ficou consternada, agora que podia ver Melora, à luz do fogo: mãos e tornozelos inchados, olhos vermelhos e febris. Ela deveria ter nos contado há horas, quando começou; poderíamos parar... mas nesse caso a criança nasceria sem água por perto...

Melora arriou agradecida numa pilha de mantas que as amazonas haviam ajeitado para ela. Escondeu o rosto nas mãos, por um momento; Rohana podia ouvir sua respiração, alta e rouca como a de um animal. Depois, ela levantou a cabeça e balbuciou, em tom de lamento:

— Estou com sede, Rohana... pode me trazer um pouco de água?

— Claro.

Rohana começou a se erguer, mas Melora segurou suas mãos.

— Não, não... fique comigo. Já contei por que concluí subitamente que tinha de escapar e levar Jaelle ou matá-la antes que esta criança nascesse?

— Não, querida, não me contou...

— Foi quando a encontrei... brincando com as outras filhas de Jalak... todas elas, até mesmo Jaelle, tinham fitas amarradas nas mãos e fingiam ser adultas, em correntes...

Rohana sentiu que estremecia, lá no fundo de seu ser.

— Deixe-me ir agora, querida, para buscar água. Acha que pode comer alguma coisa?

Ela largou Melora na pilha de mantas e se encaminhou para o poço na escuridão. Ajoelhou-se para lavar a caneca, tremendo, contente por poder esconder o rosto na escuridão. Não demorou a se controlar e voltou. Kindra disse, da fogueira:

— Avise a ela que daqui a pouco teremos uma comida quente e algo para beber; pode fortalecê-la para o que terá pela frente. E creio que poderemos providenciar algumas tochas mais tarde, se houver necessidade.

Rohana conseguiu de alguma forma agradecer. Voltou e ajoelhou-se ao lado de Melora, que estava deitada, com os olhos fechados. Rohana levou a caneca a seus lábios e Melora engoliu a água, sôfrega.

— Teremos um pouco de comida quente para você em breve, Melora. Tente descansar.

Ela continuou a falar, dizendo qualquer coisa que lhe passasse pela cabeça, tentando parecer animada. Depois de alguns minutos, Melora estendeu a mão para deter o fluxo de conversa.

— Breda... — Ela usou a palavra casta para "irmã" na inflexão íntima que fazia com que também significasse "querida". — Não minta para mim. Em lembrança do que ambas já fomos, não tente fingir, como se eu fosse uma estranha. O que vai acontecer?

Rohana fitou-a com o coração abalado. Então, no final das contas, ela ainda é Comyn, ainda é telepata; pode ler meus pensamentos com facilidade.

— O que posso dizer, Melora? Sabe tão bem quanto eu que nenhuma mulher em gravidez tão adiantada deve viajar tanto ou tão depressa. Mas outras mulheres já sobreviveram a situações piores para assustar suas netas com histórias do que suportaram. E eu estarei ao seu lado.

Melora segurou sua mão.

— Melhor você do que a velha horrível que trouxe Jaelle ao mundo. Ela nem sequer soltou minhas mãos... — Melora passou as pontas dos dedos, como se fosse um gesto há muito habitual, pelas cicatrizes irregulares em seus pulsos. — Jalak jurou que se eu lhe desse um filho haveria de me conceder qualquer coisa que lhe pedisse, menos a liberdade. Pensei em pedir a cabeça daquela velha.

Rohana estremeceu e sentiu-se grata quando Rima, a Gorda, se aproximou.

— Aqui está nossa parteira; ela fará o que puder por você, brenda...

Melora fitou a amazona; e sentiu-se — Rohana o percebeu — cética e mais do que um pouco assustada. Mas disse (e outra vez, com a maior intensidade, Rohana recordou a jovem tranqüila e graciosa que Melora fora outrora):

— Eu lhe agradeço, mestra. Não sabia que uma Amazona Livre podia escolher um ofício tão feminino.

— Ora, Dama, ganhamos o nosso sustento com qualquer trabalho honesto. Achava mesmo que éramos todas guerreiras e caçadoras? A Casa da Guilda na cidade de Arilinn, onde fui treinada, especializa-se no preparo de parteiras. Comparamos tudo o que se conhece sobre os problemas de nascimento, de Temora às Hellers; até mesmo nas grandes propriedades as mulheres às vezes mandam nos chamar. E agora deixe-me verificar como está e por quanto tempo deverá esperar aqui.

Ela se ajoelhou, apalpando o corpo de Melora, as mãos gentis e eficientes.

— É uma criança forte e também grande.

Ela parou quando Jaelle se aproximou correndo. O rosto da menina estava contraído e pálido à luz da fogueira.

— Mãe... oh, mãe...

Jaelle desatou a chorar e Rima disse firmemente:

— Isso não ajudará sua mãe, minha criança. Você é quase uma mulher agora, não deve se comportar como uma criancinha e nos perturbar.

Melora fez um grande esforço para sentar, apoiando-se em Rohana.

— Venha até aqui, Jaelle. Não, pode deixá-la. Sei que ela vai se comportar.

Lutando para conter os soluços, Jaelle foi se ajoelhar ao lado da mãe. Melora envolveu-a num abraço arrebatado e disse:

— Valeu tudo a pena! Você está livre! Livre!

Ela beijou muitas vezes o rostinho molhado e angustiado; depois, pondo a mão sob o queixo trêmulo de Jaelle, fitou-a por um longo tempo, à luz tremeluzente da fogueira, antes de acrescentar:

— Deve ir agora, minha querida, e ficar com as outras mulheres. Não pode me ajudar neste momento e deve me deixar com aquelas que podem. Vá, minha querida, tente dormir um pouco.

Chorando, Jaelle deixou Gwennis levá-la para a escuridão além da fogueira do acampamento. Rohana ouviu a criança chorar baixinho por um longo tempo; depois ela se aquietou e Rohana torceu para que tivesse chorado até o sono. A noite passou lentamente. Rohana ficou com Melora, segurando suas mãos, de vez em quando lavando seu rosto suado com água fria. Melora manteve-se quieta e paciente, fazendo o que lhe mandavam, tentando descansar entre os espasmos; de vez em quando falava um pouco. Não demorou muito para que Rohana percebesse, estremecendo, que Melora perdera a noção do lugar em que se encontrava e do que estava lhe acontecendo. Falava com sua própria mãe, morta há anos; houve um instante em que teve um sobressalto e pôs-se a gritar imprecações, a voz estridente, na linguagem das Cidades Secas; a intervalos, chorava e suplicava para que não a acorrentassem de novo, ou gritava repetidamente "Minhas mãos!

Minhas mãos!", passando os dedos pelas cicatrizes irregulares nos pulsos. Rohana escutava, murmurava alguma coisa, tentava penetrar pelos murmúrios delirantes... Se Melora soubesse que está aqui, livre, comigo... Ela tentou, com toda a sua capacidade telepática, fazer contato com a mente da prima, mas só pôde sentir horror e um medo profundo.

Abençoada Cassilda, Mãe dos Domínios... Evanda, Deusa da luz, Deusa do nascimento... misericordiosa Avarra... o que ela deve ter sofrido, quanto horror deve ter conhecido...

Nenhuma das outras mulheres dormiu, embora Kindra ordenasse que todas se deitassem. Rohana podia sentir, como uma vibração tangível no ar, a percepção de todas, a preocupação. Em momentos como este é uma maldição ler os pensamentos das outras pessoas...

Em determinada ocasião, quando Melora dormiu por um instante, em exaustão, os olhos de Rima se encontraram com os de Rohana, por cima do corpo a se contorcer, e a amazona sacudiu a cabeça. Rohana fechou os olhos por um momento. Ainda não! Não perca a esperança por enquanto Rima murmurou, compadecida:

— Acho que ela não tem mais forças para se livrar da criança. Só podemos esperar.

Rohana compreendeu subitamente que perderia o controle se permanecesse ali por mais algum tempo, soltando soluços e gritos histéricos. E balbuciou com dificuldade:

— Volto já.

Ela se levantou e contornou a fogueira, encaminhando-se para as toscas latrinas que as amazonas haviam escavado. Encostou-se no paredão rochoso, cobrindo o rosto e fazendo um esforço para não vomitar nem gritar. Depois de um momento, controlando-se um pouco, foi para a fogueira, onde fervilhava um caldeirão do que restava da bebida quente de cereal fermentado que as amazonas usavam no lugar do chá-de-casca ou jaco. Encheu uma caneca e bebeu, lutando para se controlar. Kindra, alta e quase invisível na escuridão, aproximou-se e pôs a mão em seu ombro.

— A situação é ruim, Dama?

— Muito ruim. — Rohana sentiu por um instante que a bebida quente e amarga a sufocaria. — Ela não é... não é uma mulher que possa ter crianças com facilidade; e aqui, sem ajuda habilitada, depois de tanto sofrimento... depois de uma viagem tão árdua... sem cuidado nem conforto...

O suspiro de Kindra pareceu sair das profundezas de seu ser.

— Lamento muito, mas muito mesmo. É cruel que ela devesse sofrer tanto pela liberdade e nunca viver para desfrutá-la, depois de demonstrar tanta coragem. E seu desespero deve aumentar por saber que mesmo que seu filho nasça vivo não haverá ninguém para amamentá-lo ou cuidar dele.

Aflorou em Rohana um ressentimento que não sabia que sentia, contra aquelas mulheres que haviam optado por se pouparem das dores da feminilidade. Quase perdeu o controle, teve de fazer o maior esforço para não jogar na mulher mais velha o conteúdo escaldante da caneca. Mas disse, amargurada:

— O que você pode saber de temer por uma criança?

— Tanto quanto você sabe, Dama. Tive quatro crianças antes de completar vinte anos. Fui dada em casamento muito jovem, e a primeira criança morreu antes mesmo de nascer. As parteiras disseram que eu não deveria tentar gerar outra, mas meu marido estava ansioso por um herdeiro. A segunda e a terceira crianças foram meninas, e ele amaldiçoou a elas e a mim. Quase morri com a quarta criança, o parto prolongou-se por três dias... e nessa ocasião, em vez de imprecações, ao ver nosso filho, ele me cumulou de jóias e outros presentes. Foi então que compreendi que o destino de uma mulher em nosso mundo era totalmente condenado, eu não tinha o menor valor; as filhas que lhe dei, com o risco de minha vida, não tinham o menor valor; eu não passava de um instrumento para lhe dar filhos. Assim que pude andar, uma noite deixei as crianças dormindo, cortei os cabelos e segui sozinha para a Guilda das Amazonas Livres, onde minha vida começou.

Rohana fitou-a horrorizada. Não podia pensar em nada para dizer. Finalmente balbuciou:

— Mas... mas nem todos os homens são assim, Kindra.

— Não? Fico contente porque encontrou alguns que não o são, Dama, mas isso foi apenas uma questão de sorte. — Kindra olhou para o céu avermelhado. — Escute.

Ela ficou prestando atenção aos sons, que haviam mudado, nos últimos minutos, de suspiros longos e pacientes para ofegos bruscos e grunhidos roucos de esforço. E apressou-se em acrescentar:

— Vá para junto dela, Dama. Não pode. demorar muito agora. Havia claridade suficiente no céu para que Rohana, indo se ajoelhar ao lado de Melora, pudesse ver o rosto da parenta, tenso e inchado, enquanto ela lutava para respirar, ofegante.

— Rohana... Rohana... prometa-me...

Rima interveio, veemente:

— Não fale, minha cara. Preste muita atenção agora. Respire fundo e prenda a respiração. Assim está ótimo, minha cara, agora respire fundo outra vez. Faça força... vamos, prenda a respiração e faça força...

Rohana deixou Melora segurar suas mãos, apertá-las com uma força angustiada, enquanto o inexorável processo de nascimento dominava seu corpo, sacudindo-a em espasmos. Rima disse, na voz monótona que Rohana refletiu que era comum a todas as parteiras:

— Vamos, meu bem, seja uma boa menina, faça mais um pouco de pressão, com toda a força agora. Isso mesmo, está sendo uma boa menina, vamos agora, só mais um pouco...

Rohana sentiu as unhas de Melora se cravarem em sua mão; o contato a encheu de agonia. Abrindo-se para a prima, ela sentiu a dor dilacerante em seu próprio corpo, ofegou com a pressão. É demais... pior do que no nascimento de Kyril... Ela sentiu

o grito abafado que Melora tentava reprimir e pensou, consternada: Gabriel ficou comigo; agora sei como ele se sentiu... Sei agora que ele sentiu tudo o que eu sofria. Nunca soube... é demais, demais...

Ela sentiu a dor se desvanecer, sentiu Melora relaxar por um momento. Rima disse, autoritária:

— Vamos, respire fundo agora, prepare-se para repetir. Mais um pouco e estará tudo acabado.

Mas Melora ignorou-a, apertando as mãos de Rohana. E balbuciou:

— Rohana, prometa... prometa... se eu morrer... cuide de minhas crianças. Meu bebê, leve meu bebê...

Ela ofegou e arqueou o corpo outra vez, sob a dor intensa, dilacerante. Rohana não podia falar; procurou o contato com Melora outra vez, diretamente com sua mente.

Juro, querida, pela Abençoada Cassilda e pelo Senhor da Luz... Serão como minhas próprias crianças, que os Deuses me castiguem se eu fizer qualquer distinção entre elas e as crianças nascidas de meu próprio corpo...

— Obrigada... eu sabia... — sussurrou Melora.

Ela teve outro colapso. Por cima de sua cabeça, escura de suor, Rima levantou os olhos. Rohana fitou Kindra, que murmurou:

— É melhor eu buscar Jaelle agora.

Rohana ficou indignada; olhou para o corpo inchado, inconsciente, as manchas de sangue se espalhando, sentiu a agonia terrível dominar Melora outra vez, ela própria se encolheu diante da investida assustadora contra corpo e mente. E protestou, veemente:

— Como pode fazer isso? Acha que este é o lugar para uma menina?

Kindra respondeu, gentil mas firme:

— É o direito da criança, Dama. Gostaria de dormir enquanto sua mãe está morrendo? Ou continua a mentir para si mesma, Dama Rohana?

Ela não esperou pela resposta de Rohana. Ajoelhada, deixando Melora apertar suas mãos, com a pressão desesperada da morte, indiferente às unhas que se cravavam em sua carne e arrancavam sangue, Rohana foi dominada outra vez por aquele momento de terror que conhecera no auge de seus próprios partos... Rompendo, rasgando, dilacerando, partindo... morrendo... Rohana fez um esforço para se manter um pouco apartada do terror de Melora, para proporcionar à parenta um pouco de força, algo a que pudesse se segurar, além de sua agonia e medo. Ela abraçou Melora, murmurando palavras afetuosas, sussurrando:

— Estamos com você, querida, estamos aqui, vamos cuidar bem de você...

Mas ela não sabia o que estava dizendo. Pela primeira e última vez, Melora soltou um grito estridente, um terrível berro de angústia e temor; e depois, no momento em que o sol surgia, houve outro som no silêncio aflito: um som estranho, áspero, estridente, o uivo de uma criança recém-nascida.

— Louvada seja Evanda! — exclamou Rima, suspendendo a criança nua e ensangüentada pelos pés. — Escutem como ele é forte! Não precisei dar uma palmada para que este viesse à vida...

Melora balbuciou, quase inaudível:

— Dê-o para mim...

Ela estendeu os braços para o filho, o rosto mudando. O milagre incessante, pensou Rohana. Sempre, não importava quão árduo e terrível fosse o parto, havia aquele momento de alegria, em que o rosto se alterava, ficava iluminado, radiante. Melora parece feliz, muito feliz; como é possível?, perguntou-se Rohana, sem se lembrar de sua própria felicidade. Rima envolveu o bebê numa toalha limpa que deixara preparada e acomodou-o na barriga flácida de Melora, murmurando calmamente:

— Ele está muito bem.

— O filho de Jalak... — murmurou Melora, o sorriso alegre se desvanecendo. — O que acontecerá com ele, o pobre coitado?

Rima disse, bruscamente:

— Minha Dama...

Melora estendeu as mãos, balbuciando:

— Jaelle... Jaelle, venha até aqui e me beije... oh, Jaelle...

Rima soltou um grito de consternação; o sangue esguichou num grande jorro, Melora suspirou e tombou para trás, o rosto pálido e sem vida. E não havia qualquer som ao nascer do sol, a não ser o choro das crianças sem mãe de Melora.

— Vai querer mesmo adotar o filho de Jalak, Dama Rohana? — Perguntou Kindra.

O sol estava alto sobre o acampamento. Jaelle chorara até a exaustão e estava agora deitada na areia, entre as duas, inerte, como um animalzinho sujo. Rohana estava meio sentada e meio

deitada contra uma pilha de alforjes. Embrulhara o menino nu e o metera por dentro da túnica, contra os seios, onde ele agora se remexia, já vivo e procurando a nutrição que não sabia que lhe seria negada. Rohana afagou ternamente o menino e disse:

— O que mais posso fazer, Kindra? Jurei a Melora que suas crianças seriam como se fossem minhas, em todas as coisas.

— Ele é um macho do sangue de Jalak; seus parentes e o sangue de seu irmão não clamarão por vingança? Não haverá uma hostilidade de sangue e uma vida entre você e o filho de Jalak? — Kindra pegou sua faca e estendeu-a para Rohana, o cabo virado. — Ele custou a vida a Melora, impediu-a de alcançar a liberdade por que tanto lutou; e é o filho de Jalak. Vingue seus parentes, Dama.

Enregelada, doente de horror, Rohana compreendeu que Kindra dizia apenas a verdade. Os homens dos Domínios de Ardais e Aillard poderiam repetir suas palavras: o filho de Jalak deveria pagar pelos crimes do pai.

Sentiu a criança se mexer outra vez contra o seu corpo, quente e forte. O filho de Melora; e eu o tirei do corpo morto da mãe. Ela olhou para Jaelle, enrascada na areia, os olhos fechados, em rejeição. Ela é também uma criança de Jalak. Deve pagar?

— Ele morrerá, Rohana, independentemente do que você possa fazer agora — acrescentou Kindra, ansiosa. — Não há ninguém para amamentá-lo, não há comida, não há como cuidar direito dele. Não destrua seu coração por ele; deixe-o ficar aqui, ao lado da mãe.

Lentamente, Rohana sacudiu a cabeça. Devolveu a faca, fitando a amazona nos olhos.

— A vingança é uma coisa para os homens, Kindra. Fico contente por ser uma mulher, por não estar obrigada a essa lei cruel. Que a vida desta criança, não a sua morte, pague pela morte de meu irmão-de-adoção. Ardais perdeu um filho em Valentine e por isso este menino se chamará Valentine. — Ela pôs as mãos, como num ritual, sobre o corpo irrequieto do bebê. — E ele será um filho-de-adoção em Ardais, no lugar daquele que morreu nas mãos de Jalak.

Kindra guardou a faca e levantou o rosto com um sorriso sombrio.

— Bem falado, minha Dama. Uma amazona reagiria assim, mas não pensei que fosse capaz de desafiar as leis de seu clã e casta.

Rohana declarou, com veemência:

— Espero ser sempre livre para ignorar qualquer lei tão cruel! É possível que ele morra, como você disse, mas não será nas minhas mãos e não se eu puder salvá-lo!

Kindra acenou com a cabeça.

— Que assim seja. Conversarei com Rima; ela já cuidou antes de bebês sem mãe. Nossas mulheres também morrem às vezes no parto e Rima conhece muito bem todos os segredos da Casa da Guilda de Arilinn. — Ela se levantou, acrescentando: — Há outra criança de Melora que precisa de sua atenção. Cuide bem dela, Dama.

Ela foi ao encontro das outras amazonas, que sepultavam Melora na colina por trás do poço. Rohana virou-se para Jaelle e começou a afagar seus cabelos, gentilmente.

— Jaelle, querida, não chore mais. Sei que nada pode curar sua dor, mas não deve ficar doente de tanto chorar. Jurei que seria sempre uma mãe para você. Vamos, querida, olhe para mim. Não quer ver seu irmãozinho? Ele também precisa de alguém para amá-lo e confortá-lo.

Rohana fez uma pausa, antes de acrescentar:

— Você teve sua mãe por doze anos, Jaelle; este pobre bebê perdeu sua mãe antes mesmo que ela pudesse contemplar seu rosto. Não tem ninguém além de sua irmã; não quer vir me ajudar a confortá-lo?

Jaelle recuou, com um estremecimento de violenta repulsa, os soluços tornando a se elevarem para um frenesi. Rohana, em desespero, largou-a. Jaelle não falara desde a morte de Melora. Rohana temia que nos últimos momentos da vida de Melora, passados em terror, no medo da morte, a mente da criança tivesse se aberto abruptamente ao contato telepático aterrador, o Dom latente despertando no instante terrível do choque e da agonia.

Ninguém poderia culpar Melora por se projetar, com o último pensamento consciente, na única maneira para a qual ainda tinha forças... uma última e desesperada tentativa de entrar em contato com sua amada filha. Mas o que isso fizera com Jaelle?

Como se sentisse a apreensão desesperada de Rohana, o bebê começou a se agitar e se lamuriar, dentro de sua túnica. Ela afagou-o, pensando nas léguas intermináveis que ainda faltavam para Carthon, onde poderia pelo menos conseguir uma ama-de-leite para a criança. Para ele, era apenas uma questão de sobrevivência; alimentado, bem cuidado, o menino haveria de sobreviver. Mas o que aconteceria com Jaelle? Ela não morreria, mas quais seriam as conseqüências do choque? Só o tempo diria.

Talvez as amazonas possam fazer mais por ela do que eu. Em sua mente, ainda sou parte daquele momento de terror e morte. Mas talvez elas possam confortar e ajudar Jaelle.

Devia entregá-la aos cuidados das amazonas, pelo menos até que Jaelle estivesse calma e recuperasse o controle. Depois disso — e Rohana olhou ansiosa para os cabelos emaranhados de Jaelle, mas não ousou tocá-la -, depois disso, só o tempo diria.

Capítulo Cinco

Doze dias depois Rohana olhou para baixo, do alto do desfiladeiro que levava para o vale de Thendara.

— Jaelle — ela chamou, virando-se -, venha até aqui e veja a cidade de seus antepassados!

Obediente, a menina adiantou-se e contemplou a cidade antiga, no vale lá embaixo.

— Essa é a cidade do Comyn? Nunca vi uma cidade tão grande. Shainsa não é nem a metade. — Ela ficou olhando fascinada e, ao que parecia, com algum temor, para os prédios amplos e o Castelo Comyn mais além. — É verdade, parenta, que os Comyn descendem dos Deuses? Já me disseram isso e também... já ouvi negarem. Qual é a verdade?

Como ela evita habilmente o nome do pai ou da mãe! Em doze dias, não falou de nenhum dos dois.

— Só posso lhe dizer o que eu mesma ouvi — respondeu Rohana. — A história é que Hastur, filho de Aldones, Senhor da Luz, chegou ao nosso mundo em Hali, cortejou e conquistou Cassilda, filha de Robardin, mãe dos Domínios. Por isso, todas as pessoas com o sangue de Hastur são parentes dos Deuses. Se é verdade ou apenas uma linda fábula, não sei mais do que você. Mas uma coisa é verdade, incontestável: todos os que têm o sangue dos Hasturs, todos os parentes dos Sete Domínios, possuem os poderes de laran, os dons Psíquicos que os distinguem de todos os outros homens nascidos neste mundo.

— Quer dizer que todas as pessoas do Comyn têm o sangue Hastur?

— No começo, sim, embora nos grandes dias das Torres tenham se separado nas sete famílias que chamamos agora de Domínios. Todos são do sangue de Hastur e Cassilda. Mas também é certo que não somos Deuses ou qualquer coisa assim, criança.

Gostaria que fôssemos. Nesse caso, criança, eu saberia melhor o que fazer com você. Rohana suspirou, tocando nas cobertas quentes em que o bebê de Melora dormia, por dentro de sua túnica,

para ter mais calor; fazia frio naquelas alturas, mesmo no verão. Jaelle não se mostrava mais abertamente hostil a Rohana, mas também não recorrera a ela em busca de conforto. Nem se mostrara disposta a segurar o irmãozinho ou sequer contemplá-lo.

Cada uma das amazonas — até mesmo as duas neutras, LEEANNE e CAMILLA — haviam partilhado o fardo da criança recém-nascida naqueles primeiros dias terríveis, antes de chegarem a Carthon e encontrarem uma ama-de-leite. Todas haviam poupado açúcar e alimentos para fazer o mingau com que o menino fora alimentado. Sabendo que Rohana estava exausta e abalada pelo sofrimento, revezaram-se a carregá-lo e a tentar aliviar seu choro intermitente. Só Jaelle ignorara sistematicamente o irmão; recusara-se, mesmo quando instada com insistência por Kindra, a quem adorava, a segurá-lo nos braços; não queria nem mesmo olhá-lo.

Como se os pensamentos o alcançassem, o bebê Valentine começou a se agitar. Rohana chamou a ama-de-leite de Carthon, que se adiantou, pegou o menino, abriu o vestido e o pôs no seio. Ela era, pensou Rohana, uma mulher excepcionalmente estúpida — eu não a deixaria criar um cachorro de estimação, muito menos uma criança -, mas tinha muito leite e por enquanto isso era tudo o que importava.

Como é possível viver uma mulher tão ignorante, que não é melhor que uma vaca leiteira? As Amazonas Livres desprezavam-na abertamente, enquanto a ama-de-leite, com o orgulho que se encontra na estupidez total, tratava-as com desdém. Rohana — partilhando o desprezo das amazonas, mas precisando dos serviços da mulher — tentava mediar uma paz incômoda.

Rohana esticou as costas (a tipóia em que carregava a criança durante o dia deixava-a com cãibras nos ombros) e tentou pensar no que poderia acontecer dali por diante. Prometera a Melora que criaria as crianças como suas. Seu marido não fazia objeções, dissera muitas vezes que gostaria de mais crianças, lamentava que Rohana só tivesse gerado três. Mas agora a reação começara, depois da exultação inicial de Rohana por salvar o filho de Melora. Que encargo fui assumir? Meu filho mais velho já é quase adulto; minha filha já tem cinco anos. Como duas de nossas crianças são homens,

Gabriel concordou que eu não precisava ter mais. E agora, quando pensava que já estava tudo acabado, terei de enfrentar de novo todos os problemas e preocupações de criar uma criança pequena! Sem dúvida, Gabriel começará a falar outra vez em termos mais uma criança, afim de que ele não seja criado sozinho.

Sou apenas um instrumento para lhe dar filhos? Rohana ficou horrorizada consigo mesma e apressou-se em desviar os pensamentos para outro rumo: Que lugar podemos encontrar nos Domínios para um filho das Cidades Secas? E Jaelle, tão fria e apartada, algum dia ainda me aceitará?

Era esperar demais, que ela pudesse encontrar conforto no bebê. Eu mesma sou uma mãe, foi um grande conforto para mim saber que algo restou de Melora... mas Jaelle não passa de uma criança. Só percebe que o pobre Vai privou-a da mãe...

Kindra levou seu cavalo para emparelhar com o de Rohana e disse:

— Dama, este é o lugar em que os terráqueos estão construindo seu espaçoporto? O que eles querem aqui, esses homens de outro mundo?

— Não sei.

Rohana olhou para o vasto corte no solo, além da cidade de Thendara. Parecia que vários quilômetros do vale haviam sido escavados pelas enormes máquinas e alisados para um nivelamento fantástico e anormal. Parte da área fora pavimentada e prédios afloravam, em formações estranhas e imprevistas.

— Ouvi dizer que nosso mundo fica numa encruzilhada de suas viagens pelas estrelas — ela acrescentou. — Parece que eles têm caravanas de comércio entre os muitos mundos, assim como nós temos entre as cidades da Terra do Lago. Não tenho a menor idéia do que eles podem negociar, ninguém se deu ao trabalho de me dizer, embora eu ache que Gabriel sabe.

Ela imaginou uma expressão desdenhosa de Kindra. Por que devo me contentar na ignorância? Ah, malditas sejam essas amazonas estão me levando a questionar tudo; a mim mesma, Gabriel, minha própria vida! Isso fez com que sua voz se tornasse um pouco nervosa:

— Essas pessoas, que se intitulam o Império Terráqueo, chegaram primeiro a Caer Donn, perto de Aldaran, iniciaram um espaçoporto... pequeno, pois não dava para construir um grande nas montanhas... e negociaram com os amaldiçoados aldaranos. Hastur ofereceu-lhes um lugar aqui para a construção de seu espaçoporto, onde o clima seria mais favorável... disseram-me que para eles nosso clima parece muito frio... e assim podemos vigiar suas ações. Mas é claro que não temos nada com eles.

— Por que não? — indagou Kindra. — Eu diria que uma raça capaz de viajar de estrela em estrela tão facilmente quanto vou daqui a Nevarsin tem muito para nos ensinar.

— Não sei — respondeu Rohana, um tanto rígida. — Foi essa a vontade de Hastur.

— Os homens dos Domínios são afortunados por contarem com o filho de Hastur para lhes ensinar — comentou Kindra, alteando as sobrancelhas. — Uma mulher estúpida como eu acharia que uma raça que pode enviar caravanas pelas estrelas seria capaz de superar até mesmo um Hastur em sabedoria.

Rohana irritou-se com o sarcasmo, mas refletiu que devia muito a Kindra para censurá-la por isso.

— Tenho ouvido a seguinte explicação: Hastur acha que há muita coisa no modo de vida dos terráqueos que pode ser uma ameaça maior do que percebemos agora. Eles arrendaram o espaçoporto aqui por quinhentos anos, e assim teremos tempo suficiente para escolher o que devemos aprender de seus conhecimentos.

— Ahn, entendo...

Kindra ficou em silêncio, pensando a respeito, estudando o enorme talho no horizonte, onde estranhas máquinas rastejavam e formas desconhecidas cresciam.

Rohana também ficou em silêncio. Enquanto percorriam aquele último quilômetro, teve a impressão, de uma curiosa maneira, de que estavam trocando de mundos, durante quase quarenta dias vivera num mundo que lhe era tão estranho quanto o mundo dos terráqueos lá embaixo; acabara se acostumando e agora deveria outra vez trocar de mundo, aprontar-se para retornar ao seu.

A princípio, o mundo em que as amazonas viviam parecera árduo e desconfortável, estranho e solitário. Depois compreendera que a maior parte da estranheza não estava absolutamente na ausência física de conforto. Era muito diferente. Não havia dificuldade em se acostumar as longas horas a cavalo, às roupas feias e desconhecidas, ao banho quando era possível num rio, a dormir em tendas ou sob o céu.

Mas não era tão fácil renunciar ao apoio familiar das proteções conhecidas, dos modos de pensar conhecidos. Até aquela viagem, ela nunca compreendera o quanto de todas as suas decisões, até mesmo as pequenas, pessoais, fora deixado a seu pai ou irmãos, e depois, desde que casara, ao marido. Até mesmo coisas pequenas como Devo usar um vestido azul ou verde? e Devo determinar peixe ou ave para o jantar esta noite? eram decididas menos por seus gostos e preferências e mais pelos desejos de Gabriel. Não percebera, até que Jaelle e o recém-nascido Vai lhe fossem entregues para adoção, o quanto até mesmo o que ela dizia ou fazia para as crianças se baseava, abertamente ou não, no que Gabriel pensaria de suas decisões.

Um pensamento estranho, angustiante, quase traiçoeiro, persistia em sua mente: Agora que sei como tomar minhas próprias decisões, algum dia me contentarei outra vez em deixar que Gabriel decida por mim?

Ou, se permitir, será apenas porque é muito mais fácil fazer exatamente o que se espera de uma mulher de minha casta?

Haviam passado agora pelos grandes portões da cidade de Thendara e as pessoas se aproximavam para observar o espetáculo surpreendente de uma dama do Comyn em companhia de um bando de amazonas. Dentro da cidade, Kindra dispensou a maioria das amazonas para voltarem à Casa da Guilda. Acompanhada apenas por Kindra, Jaelle e a ama-de-leite com o bebê, Rohana seguiu para o Castelo Comyn.

Na suíte que pertencia ao clã Ardais há anos incontáveis, Rohana convocou a equipe de serviço permanente — a maioria dos criados de Ardais retornava ao Castelo Ardais com seus amos quando terminava a sessão do Conselho — e ordenou que fossem

arrumados aposentos confortáveis para a ama-de-leite e o bebê, que Kindra fosse tratada como uma hóspede de honra e que Jaelle, a quem apresentou como sua filha-de-adoção, sem entrar em detalhes, fosse instalada num aposento ao lado do seu e recebesse roupas apropriadas.

Depois, ela enviou uma mensagem à Princesa-Consorte, anunciando sua volta, e convocou sua própria criada pessoal, preparando-se para o inevitável: a reação chocada da mulher por seus cabelos cortados, as roupas completamente impróprias, o estado de suas mãos e pele, ásperas de cavalgar e de passar tanto tempo ao ar livre.

Será pior quando eu chegar a Ardais. Mas por que preciso estar sempre bela? Não sou uma dançarina ou artista lírica. E há muito tempo fiz o meu bom casamento. Mas há quem vá pensar que paguei um preço muito alto pelo resgate de Melora, ao custo de meus cabelos e da pele!

Embora se irritasse com os protestos e censuras da mulher por se deixar ficar em tal estado, Rohana achou muito agradável se acomodar outra vez num banho quente, perfumado com bálsamo; era bom aliviar a pele áspera e esfolada com cremes e loções, vestir outra vez macios trajes femininos.

Depois que ela se arrumara, chegou o aviso de que Dama Jerana as receberia, e de que Lorde Lorill Hastur gostaria de receber também a líder das amazonas. Quando Rohana transmitiu essa ordem real — pois era justamente isso, apesar dos termos corteses —, Kindra exibiu um sorriso irônico.

— Não tenho dúvida de que ele quer se certificar de que não comprometi os Domínios a uma guerra com as Cidades Secas.

— Não diga bobagem! — protestou Rohana, irritada. — Ele é também parente de Melora. Tenho certeza de que quer apenas agradecer.

— O que quer que seja, Dama, tenho de obedecer a Lorde Hastur. Portanto, veremos o que ele quer.

Quando Jaelle foi trazida, Rohana prendeu a respiração em espanto pela beleza da menina, A sujeira da viagem e os trajes refugados a ocultara antes. Era alta para a sua idade, a pele muito

clara, salpicada com umas poucas sardas; os cabelos haviam sido lavados e caíam abaixo da cintura, da cor de cobre novo. Estava muito bem vestida num traje verde-claro, da cor de seus olhos. Era verdade, pensou Rohana, uma filha de que qualquer família do Comyn poderia se orgulhar. Mas será que perceberiam isso? Ou veriam apenas que ela era a filha de Jalak?

Dama Jerana, Princesa-Consorte de Aran Elhaly (ela nascera uma Aülard e era prima de Rohana), uma loura lânguida, de aparência mimada, cumprimentou Rohana com o abraço devido a uma parenta, beijou Jaelle friamente e falou gentilmente com Kindra.

Por que ela não seria gentil e graciosa?, pensou Kindra. É tudo o que tem afazer na vida.

— Então essa é a criança de nossa querida Melora — disse Jerana, olhando para a moça de alto a baixo. — Uma pena que ela seja também a filha de Jalak. Será difícil lhe arrumar um casamento que esteja de acordo com sua posição. Ela tem laran?

— Não sei. Ainda não a testei. — A voz de Rohana era fria. — Tive de pensar em outras coisas.

Lorill Hastur interveio:

— Cabelos de um vermelho tão brilhante costumam indicar um grau extraordinário de poder psíquico; se ela for mesmo tão dotada, pode ser enviada para uma Torre e não teremos de nos preocupar com o problema do casamento.

Rohana pensou que de qualquer forma era ainda muito cedo para se preocupar com o casamento de uma órfã que tinha apenas doze anos e que ainda não se recuperara de vários choques, mas não disse nada. Desconfiou que Lorill captou seu pensamento assim mesmo. Era um homem franzino, de aparência solene, mais ou menos da idade de Rohana; como muitos dos Hasturs, seus cabelos flamejantes já haviam começado a ficar brancos. Franziu o rosto para Jaelle e disse, sem o menor tato:

— Não há a menor dúvida de que ela é mesmo filha de Jalak? Se Melora já estava grávida quando foi capturada, ou se pudéssemos alegar que foi esse o caso...

Jaelle mordia o lábio; Rohana temeu que ela desatasse a chorar. E declarou, com toda a frieza, que não havia qualquer dúvida sobre a paternidade da moça, infelizmente ou não.

— Posso presumir que Jalak está morto?

Kindra respondeu que não sabiam com certeza.

— Mas não houve perseguição, Lorde Hastur; e quando chegamos a Carthon, já havia rumores de mudanças na Grande Casa em Shainsa.

— Claro que sabe o que me preocupa — disse Lorill Hastur. — Seu ato precipitado... e estou falando com você, Rohana; sei que a Amazona Livre apenas fez aquilo para o qual você a contratou... seu ato precipitado poderia ter-nos lançado numa guerra com as Cidades Secas.

Os olhos de Kindra se encontraram com os de Rohana, num breve sorriso. Foi como se ela dissesse em voz alta "Não falei?"

— Lorill, você também é parente de Melora! Deveria permitir que ela morresse na escravidão e deixar sua filha nas mãos de Jalak?

O homem parecia profundamente perturbado.

— Como poderia dizer isso? Eu amava Melora; não posso expressar meu pesar por ela não viver para desfrutar sua liberdade. Como homem e como seu parente, o que mais posso dizer? Mas a paz dos Domínios é uma responsabilidade minha. Não posso ir à guerra para reparar os erros de uma pessoa, ou não sou melhor do que os habitantes das Cidades Secas, com suas tiranias intermináveis, hostilidades de sangue e vinganças. Devo tentar fazer o que é melhor para todos nos Domínios, Rohana, tanto para o Comyn quanto para os plebeus. O que dizer de nossos agricultores e cidadãos pacíficos que vivem ao longo das fronteiras com as Terras Secas? Devem viver no medo da vingança e represálias? E se for rompida a trégua pela qual tanto nos empenhamos, é justamente isso o que vai lhes acontecer.

Subitamente, Rohana sentiu pena de Lorill. Ele dizia a verdade. Seus sentimentos pessoais não podiam conflitar com seus deveres como Conselheiro. Era o parente vivo mais próximo de Melora; o dever de que ele se abstivera, por bons motivos, fora cumprido em

vez disso por mulheres. Não podia ser fácil para um Hastur engolir isso.

— Parente, isso tem pouca importância agora. O que conta é a guarda das crianças de Melora.

— Crianças? — repetiu Jerana. — Há outras?

— O filho de cujo parto ela morreu, Dama.

Rohana olhou para Jaelle, apreensiva. Jerana deveria ter tato suficiente para dispensar a presença da menina antes de discutir seu futuro; mas não cabia a Rohana fazer a sugestão.

— Ora, podem ser adotadas por alguém — disse Jerana. — Se Melora vivesse, acho que teríamos de fazer alguma coisa, mas não se pode esperar que assumamos a responsabilidade pelas crianças de algum tirano das Cidades Secas. Deixe-as em adoção em algum lugar e trate de esquecê-las.

Até mesmo Lorill ficou consternado com essa brutal falta de tato. Rohana declarou, com firmeza:

— Prometi a Melora, antes de sua morte, que criaria suas crianças como se fossem minhas.

Ao que parece, Melora conhecia nossos parentes melhor do que eu.

Jerana deu de ombros. — Está certo. Imagino que você sabe o que faz. Se Gabriel não protestar, elas ficarão aos seus cuidados.

Rohana compreendeu que Jerana sentia-se contente por poder resolver o problema tão depressa. Lorill Hastur virou-se para Kindra e perguntou:

— Foi você quem realizou o resgate, mestra?

— Minhas mulheres e eu, Lorde Hastur.

— Estamos profundamente gratos — disse Lorill Hastur, fazendo Rohana compreender que tentava atenuar a indiferença de Jerana. — Fez o que meus parentes e eu não fomos capazes. Que recompensa me pedirá, mestra?

Kindra respondeu com toda a dignidade:

— Dama Rohana já pagou às minhas mulheres generosamente, Lorde Hastur. Não me deve nada.

— Ainda assim, há uma vida entre nós — insistiu Lorill.

— Não, pois eu fracassei. A missão era devolver Dama Melora à sua família.

Rohana sacudiu a cabeça.

— Você não fracassou, Kindra. Melora morreu livre e morreu feliz. Mas cabe a mim, Lorill, não a você, oferecer a recompensa extra que ela pedir.

Kindra fitou os dois e deslocou-se para o lado de Jaelle, declarando:

— Como ambos oferecem uma recompensa, eu peço o seguinte: dêem-me Jaelle para adotar.

Lorill Hastur protestou, chocado:

— Impossível! Uma criança do sangue Comyn não pode ser criada entre as Amazonas Livres!

Rohana também experimentou um momento de choque pelo pedido... que presunção! Mas as palavras de Lorill irritaram-na tanto quanto a grosseria anterior de Jerana.

— Lindas palavras, Lorill. Mas você estava disposto a permanecer sentado em Thendara, os braços cruzados, indiferente, deixando-a ser criada em correntes por Jalak.

Ela fez sinal para que Jaelle se aproximasse e disse-lhe:

— Antes de sua mãe morrer, Jaelle, eu prometi a ela que criaria você como minha própria filha, nascida de meu corpo. Sei que ela queria que eu a mantivesse em minha casa, criada como minha filha. Mas você tem doze anos; e se minha própria filha, aos doze anos, me procurasse e dissesse "Mãe, não quero mais viver com você, quero ser adotada por tal pessoa", então... se a escolha da mãe-de-adoção fosse alguém em quem eu pudesse confiar... então eu levaria em consideração seus desejos no assunto. Ouviu o que Kindra pediu e...

Ela fez uma pausa, lançando um olhar furioso de desafio para Lorill Hastur, por cima da cabeça de Jaelle.

— ...cabe a mim decidir. Mas você não quer ir comigo para Ardais e ser minha filha? Eu amei sua mãe e serei também uma mãe para você. Terá minha filha e suas amigas como companheiras e irmãs, será criada como sua mãe e eu fomos criadas, como uma Comynara, como é condizente para a nossa casta.

Jaelle, querida, você é tudo o que tenho de Melora... O rosto duro da menina tinha uma expressão estranhamente firme, inflexível.

— E quando eu crescer, parente?

— Então, com ou sem nascimento, Jaelle, providenciarei para você um casamento tão bom quanto para minha filha...

E foi nesse instante que Rohana compreendeu subitamente que perdera. O rosto de Jaelle tomou-se frio.

— Quero apenas viver onde nunca estarei em submissão a qualquer homem. Se Kindra quiser me adotar... — A menina foi pegar a mão da Amazona Livre e acrescentou: — Eu peço isso, parenta.

Rohana pensou, quase em desespero; É tarde demais para tratá-la como uma criança pequena. Ela já soube tanto que era inevitável que se tornasse mais velha antes do tempo. Ainda assim, era uma filha do Comyn e podia ter laran, Rohana disse, solenemente:

— Kindra, ela não deve ser neutralizada. Prometa-me isso.

O rosto de Kindra assumiu uma expressão indignada.

— Vejo que compreendeu muito pouco das amazonas, Dama. Nós não neutralizamos mulheres.

— Vi duas de seu bando,... Leeanne e Camilia...

— Nós não neutralizamos mulheres — repetiu Kindra, incisiva. - De vez em quando uma mulher fica tão enlouquecida de ódio por sua própria feminilidade que persuade ou suborna algum curandeiro a violar a lei por ela. Quase sempre nos procuram depois e não podemos rejeitá-las, pois geralmente as pobres coitadas não têm mais nenhum lugar para onde possam ir. Mas as mulheres que nos procuram primeiro aprendem o respeito por si mesmas, não o ódio. Não creio... se ela for adotada entre nós... que jamais venha a sentir um ódio assim.

Ela passou os braços pelos ombros de Jaelle, fitou-a e falou diretamente para ela, mas não como se falasse a uma criança; falava como se fosse a uma igual, e Rohana sentiu uma estranha emoção, que identificou, depois de um momento, incrédula, como inveja.

— Você ainda não pode, Jaelle, pelas leis de nossa Guilda, ser aceita como uma amazona. Até mesmo nossas filhas devem esperar até terem legalmente idade suficiente para serem consideradas mulheres, para poderem casar, optar. Quando você tiver quinze anos, terá permissão para fazer essa opção. Até lá, será apenas a minha filha-de-adoção.

Dama Jerana interveio, queixosa:

— Acho que toda essa história é um absurdo. Não pode impedir, Lorill?

Rohana pensou, com uma raiva que não sabia que possuía, que absurdo fora discutir o destino da menina em sua presença, como se ela fosse cega, surda, muda e retardada mental. Lorill Hastur parecia partilhar sua indignação ao dizer:

— Rohana tem o direito de escolher onde Jaelle deve ser adotada, Jerana. Primeiro ela a consultou e você decidiu não exercer seu privilégio de decisão. Agora, defenderei o direito de Rohana de escolher.

Oh, Lorill, essa foi ótima! Rohana fitou-o, agradecida, pensando que ser o Conselheiro-Chefe não era uma posição das mais agradáveis. O rosto bonito e insípido de Jerana assumiu uma expressão desdenhosa.

— Assim, pelo menos, Rohana, você não precisará se preocupar em encontrar alguém para casar com a filha de Jalak. Sempre ouvi dizer que as Amazonas Livres gostam de encontrar meninas bonitas que possam converter a seu modo de vida anormal, lançando-as contra o casamento e a maternidade e transformando-as em odiadoras de homens e amantes de mulheres. Foi muita esperteza de sua parte deixar Jaelle entre elas...

Pálida de raiva, Rohana sentiu vontade de esbofetear a boca desdenhosa de Jerana, de silenciar a sórdida insinuação daquelas palavras. Depois, ao ver Kindra sorrindo, compreendeu que o tempo que passara com as amazonas mudara uma coisa para sempre.

Voltaria à sua vida antiga e ao mundo das mulheres. Pelo resto de seus dias, sintonizaria suas decisões aos ventos invisíveis dos caprichos de Gabriel, provavelmente. Mas uma coisa nunca mais seria a mesma, e era uma diferença que mudava o mundo.

Rohana sabia agora que estava levando essa vida por sua opção; não porque sua mente fosse restrita demais para imaginar qualquer outra vida, mas porque, tendo conhecido outra vida e a avaliado, decidira que o que era bom em seu mundo — sua profunda afeição por Gabriel, o amor por suas crianças, a responsabilidade pela propriedade de Ardais, que exigia o controle de sua dama — superava o que era difícil ou árduo para aceitar.

E, por isso, nada que alguma mulher como Jerana pudesse dizer jamais seria capaz de magoá-la ou enfurecê-la novamente. Jerana era apenas uma mulher estúpida, tacanha, desdenhosa, desprovida de imaginação; nunca tivera a oportunidade de ser qualquer outra coisa. Kindra valia uma centena como Jerana. Estou livre, pensou Rohana. Ela nunca pôde ser.

— Lamento que se sinta assim, Jerana, mas me parece uma escolha feliz para Jaelle — disse Rohana, quase gentilmente. — Você preferiu não adotá-la pessoalmente; como não a ama, é melhor assim. Eu seria egoísta se mantivesse Jaelle presa às fitas de minha faixa, apenas para me confortar na minha tristeza.

— Você vai dá-la a essa... essa Amazona Livre, essa vergonha e escândalo para as mulheres?

Rohana respondeu com serenidade:

— Eu a conheço, Jerana, enquanto você não a conhece. — Ela estendeu os braços para Jaelle e acrescentou: — Eu lhe disse que escutaria minha própria filha se ela fizesse tal opção. Seja então como você quer.

Ela abraçou Jaelle, e pela primeira vez a menina retribuiu, apertando-a com força, beijando-a no rosto, os olhos brilhando. Rohana murmurou:

— Eu dou você a Kindra para adoção, Jaelle. Peço que seja uma filha obediente a ela e que não me esqueça.

Depois, largando Jaelle, ela estendeu os braços para a Amazona Livre. As mãos calosas e queimadas pelo sol da mulher mais velha se encontraram com as suas; os olhos cinza fitaram os seus.

— Dama, que a Deusa me trate como tratarei Jaelle.

A mente de Rohana se encontrava aberta ao contato. De novo, e pela última vez, ela sentiu a imensa bondade da amazona, toda a sua firmeza; compreendeu que podia confiar sua vida a Kindra... ou aquela outra vida, que lhe era tão preciosa. Ficou surpresa ao sentir que seus olhos se enchiam de lágrimas.

E pensou: Eu quase desejo poder partir também com você... Kindra disse, suavemente, em voz alta:

— Eu também gostaria, Rohana.

Não houve agora o formal "Dama"; a amizade entre as duas era profunda demais para isso. Rohana não podia falar, nem mesmo para se despedir; pôs a mão de Jelle na de Kindra e virou-se.

A última coisa que Rohana ouviu, enquanto elas deixavam a câmara de audiências, Jelle quase pulando de alegria ao lado de Kindra, foi a menina perguntando, ansiosa:

— Mãe-de-adoção, vai cortar meus cabelos?

Parte II
Magda Lorne, Agente
Terráquea

Doze anos transcorrem entre a primeira e a segunda parte.

Capítulo Seis

Se havia um trabalho mais barulhento em qualquer lugar da Galáxia do que a construção de um espaçoporto, Magda Lorne esperava nunca ter de ouvi-lo.

E era um longo trabalho. Aquele, ao que parecia, estivera em construção durante a maior parte da vida de Magda. Ela nascera em Caer Donn, a primeira base do Império Terráqueo em Darkover. Já haviam passado oito anos desde que o QG fora transferido para Thendara, e o espaçoporto se encontrava em construção desde então.

Até mesmo a violência da tempestade de outono apenas amortecia, não silenciava, o ruído das máquinas construtoras, embora as montanhas por trás da cidade desaparecessem num turbilhão de neve branca e a velha cidade, além do QG, ficasse praticamente invisível. Magda passou pelas pesadas portas de tempestade dos alojamentos das mulheres solteiras e no mesmo instante excluiu a tempestade e o barulho. O interior era à prova de som. As luzes ali eram amarelas, no nível normal da Terra. Pelo menos aquele prédio estava acabado, ela pensou; e era quieto. Durante todo o seu breve casamento com Peter eles haviam vivido nos alojamentos de pessoal casado, inacabados e com o isolamento acústico ainda incompleto. E ela especulava às vezes até que ponto a tensão permanente do barulho contribuíra para o rompimento do casamento. Deu de ombros, descartando o pensamento, enquanto abria a porta de seu quarto. Nunca daria certo, não importa quais fossem as condições. Creio que nunca esteve apaixonada por Peter e tenho certeza absoluta de que ele nunca se apaixonou por mim. Apenas passávamos muito tempo juntos, seus pensamentos continuaram pelo curso familiar, mas não o suficiente para nos envolvermos por completo. Quando a convivência se desgastou, compreendemos que não havia coisa alguma para nos manter juntos.

Recordando o casamento com Peter, seus pensamentos prosseguiram por um caminho irritante, suave e conhecido. Onde ele

está? Nunca antes se ausentou por tanto tempo. Espero que nada tenha lhe acontecido.

Ela se advertiu com firmeza a não se preocupar. Como ela, Peter Haldane era formado em Antropologia Alienígena pela Universidade do Império; como ela, ele fora criado desde a infância em Cottman IV, que os nativos chamavam de Darkover; e como ela, ao voltarem ao planeta que ao mesmo tempo era e não era seu mundo natal, começaram a trabalhar imediatamente para o Serviço de Informações do Império. O Império podia classificar o trabalho que realizavam como Informações e pensar a respeito como uma espionagem requintada, mas para Magda, Peter e os outros como eles — não muitos, ali em Darkover — era o melhor treinamento para um antropólogo alienígena: misturar-se com o povo de seu mundo, passar a conhecê-los de uma maneira que os antropólogos criados ali jamais conseguiriam. Era evidente que Peter se encontrava numa missão prolongada em algum lugar. Mas desta vez era tão longa...

E havia os sonhos.

Magda sabia que deveria comunicar os sonhos. No curso de Psicologia Alienígena, ela fora testada pelo potencial psíquico; e o resultado fora excepcional. Mesmo assim, ela relutava em fazer um relatório oficial de seus sonhos recorrentes — todos, sem exceção, advertindo-a de que Peter Haldane se encontrava em dificuldades -, como se isso pudesse lhes conceder alguma realidade. Sonhos são apenas sonhos, nada mais do que isso...

Mesmo assim, depois que removeu a pesada camada de roupas externas, ela ligou o comunicador.

— Pessoal? Lorne falando. É você, Bethany? Haldane não apresentou um relatório nem mandou notícias nas últimas vinte e oito?

— Nem uma só palavra, Magda — respondeu a mulher no gabinete do coordenador. — Eu sabia... você ainda sente alguma coisa por Peter, não é mesmo? Tem me chamado a cada vinte e oito, pedindo notícias. A paixão não morreu.

— Não há paixão nenhuma — protestou Magda, irritada. — Caso tenha esquecido, conheço Peter desde os cinco anos; fomos

criados juntos e não posso deixar de me preocupar.

E é por isso que não comunico os sonhos, ela pensou, cortando ligação. Estou cansada de ouvir cada mulher entediada por aqui especular em voz alta quanto tempo se passará antes que Peter e eu voltemos a ficar juntos! Essa situação vai ficar tão ruim que um de nós terá de pedir transferência e deixar Darkover? Mas fui criada aqui, este é o meu mundo também!

Será que Peter também se sente assim? Nunca conversamos a respeito. Nunca conversamos muito sobre qualquer coisa, fora da cama. Esse foi metade de nosso problema...

Ela ainda se sentia irritada quando tirou o traje darkovano que usava para o seu trabalho além dos portões do QG. Usava a vestimenta comum de uma mulher de Thendara: saia comprida e rodada de um tecido grosso, de padrão de tartã, túnica de gola alta e mangas compridas, a gola bordada, sandálias de couro fino. Os cabelos eram compridos e escuros, enrolados na nuca e presos com a travessa em formato de borboleta que todas as mulheres nos Domínios usavam. A de Magda era de prata, uma nobre usaria de cobre, uma mulher pobre de madeira ou mesmo couro; mas nenhuma mulher casta mostraria o pescoço em público.

Ela pendurou os trajes darkovanos, depois de esfregar as dobras com uma mistura aromática de especiarias; na Cidade Velha, cheirar da maneira certa era tão importante quanto ter a aparência certa. Tomou um banho de chuveiro e vestiu o traje terráqueo, uma calça vermelha de tecido fino e uma túnica com o emblema do Império na manga. O traje parecia gelado e Magda pensou que não fazia sentido usar finos tecidos sintéticos ali e aquecer os prédios a uma temperatura que os tornava práticos. Servia apenas para fazer com que os terráqueos não se adaptassem ao clima.

É como as luzes amarelas normais da Terra por toda parte no QG; apenas evita que as pessoas se ajustem ao sol vermelho. Sei que é a política do Império em toda parte; e quando o pessoal do espaçoporto pode ser transferido para outro ponto da Galáxia em Poucos dias, é claro que manter um conjunto estável de condições Padronizadas faz sentido.

Mas é muito difícil para as pessoas que têm de viver aqui...

Ela tentava decidir se pediria que levassem a comida ao seu quarto ou se iria à lanchonete do QG e comeria com os outros quando o comunicador soou.

— Lorne falando — disse Magda, em tom irritado. — Estou de folga.

— Sei disso... Montray falando. Magda, você não é especialista em línguas darkovanas? Não há uma inflexão especial para falar com a nobreza e um modo de tratamento feminino?

— Isso mesmo. Quer uma aula sucinta ou uma referência de biblioteca? Meu pai compilou o texto padronizado e estou trabalhando numa revisão.

— Nenhuma das duas coisas. Quero que seja a minha intérprete, Você é a única perita residente e estou com o maior receio de ofender a dama com alguma forma de falar imprópria. Já ouvi falar dos vários tabus de sexo, mas não conheço nem a metade.

— A dama?

A curiosidade de Magda estava atizada; as mulheres da nobreza raramente eram vistas nas ruas de Thendara.

— Um dama do Comyn.

— Santo Deus!

Magda só vira poucas vezes um representante dessa casta real e apartada; até mesmo os homens do Comyn, se sentiam necessidade de falar com um emissário do Império — o que não acontecia com frequência -, não hesitavam em convocá-lo para ir a Thendara.

— Uma das mulheres do Comyn chamou-o?

— Chamou coisa nenhuma! — exclamou Montray. — A dama está bem aqui, em meu gabinete.

Magda piscou os olhos, aturdida.

— Estarei aí dentro de três minutos.

Seus deveres normais não incluíam o trabalho de intérprete, mas podia compreender por que Montray relutava em usar o estafe regular.

Aquilo era completamente sem precedentes; uma mulher do Comyn no gabinete de Montray...

Magda tornou a vestir suas roupas de sair. Removera a travessa de borboleta; começou a enrolar os cabelos compridos. Os darkovanos certamente sabiam que terráqueos saíam para a Cidade Velha em trajes locais, assim como os terráqueos sabiam que uma quantidade considerável de darkovanos que trabalhavam na construção do espaçoporto eram pagos para transmitir informações sobre os alienígenas às autoridades darkovanas. Mas nenhum dos lados dava qualquer atenção oficial a isso. Era importante para Magda parecer como qualquer intérprete terráquea, mas o pescoço nu se arrepiava à exposição.

Devo agir como se não tivesse a menor idéia do grau apropriado de exposição para uma darkovana. Mas ela sentia-se nua e pouco recatada; pegou a trança e deixou-a pender solta pelas costas.

O barulho se reduzira agora para o murmúrio noturno; os pés de Magda, nas sandálias finas, escorregavam nas calçadas cobertas de granizo. Ela sentiu-se contente por entrar no prédio do QG Temporário, onde o Coordenador Temporário Russ Montray — Darkover ainda não era bastante importante no Império para que fosse designado um Legado Legítimo para ligação com os residentes nativos — recebeu-a na ante-sala.

— É muita gentileza sua fazer isso por mim, Magda. Não fará mal algum deixá-los saber que temos algumas pessoas que podem falar sua língua da forma apropriada.

Ele era um homem gorducho e calvo, na casa dos quarenta anos, com uma expressão preocupada habitual; mesmo em seu gabinete com aquecimento central, o termostato ligado ao máximo, sempre parecia e era mesmo frio.

— Levei a dama para a minha sala — ele acrescentou, abrindo a porta para Magda.

Depois que entraram, Montray disse, em seu cahuenga (a língua franca da Cidade Comercial) precário e hesitante:

— Dama Ardais, quero apresentá-la à minha assistente, Magdalen Lorne, que poderá lhe falar mais facilmente do que sou capaz.

Virando-se para Magda, ele murmurou:

— Diga a ela que nos sentimos honrados com sua visita e pergunte em que podemos ajudá-la. Ela deve estar querendo alguma coisa, ou mandaria nos chamar, em vez de vir aqui pessoalmente.

Magda lançou-lhe um olhar de advertência; calculava, pelo brilho nos olhos da dama, que ela compreendia o Padrão Terráqueo... ou era uma das telepatas ocasionais que, segundo os rumores, existiam em Darkover.

— Domna, concede-nos graça com sua presença. Em que podemos melhor servi-la?

A mulher fitou Magda nos olhos; e Magda, que passara a vida em Darkover e conhecia suas nuances, pensou: Esta mulher é das montanhas; as mulheres das terras baixas são mais tímidas com os estranhos. Como o costume exigia para todos os membros do Coinyn, ela trouxera um guarda — alto, com o uniforme verde e preto da Guarda da Cidade — e uma dama de companhia, mas não dava atenção a qualquer dos dois. Falou calmamente:

— Sou Rohana Ardais; meu marido é Gabriel-Dyan, Guardião de Ardais. Fala a nossa língua muito bem, minha criança. Posso perguntar onde a aprendeu?

— Passei a infância em Caer Donn, Dama, onde os cidadãos se misturam mais com os terráqueos do que é costume aqui. Crianças darkovanas foram minhas companheiras de brincadeiras.

— Isso explica por que fala com o sotaque das Hellers. Magda, estudando-a com os olhos de uma observadora treinada, viu uma mulher franzina, que não chegava a ter sua altura. Era difícil determinar sua idade, pois não havia rugas denunciadoras em seu rosto, mas não era jovem; os abundantes cabelos castanho-avermelhados, enrolados no pescoço e presos com uma borboleta de cobre, cravejada de pedras verdes, estavam cheios de fios brancos. Estava bem vestida, num traje verde de lã, todo bordado. O porte era da maior dignidade, mas as mãos, cruzadas no colo, retorciam-se nervosamente.

— Vim aqui, contra a vontade de meus parentes, para pedir um favor a vocês, terráqueos. Talvez seja uma bobagem, uma esperança vã...

Ela hesitou e Magda declarou que seria uma honra prestar qualquer serviço a Dama Ardais. Rohana explicou:

— Meu filho desapareceu. Tememos alguma perfídia. E depois um trabalhador contratado para um dos grandes prédios de seu espaçoporto... certamente não é segredo que muitos são pagos por nós para informar o que desejamos saber sobre seu povo... um desses trabalhadores, que conhece meu filho de vista, informou que o viu aqui trabalhando. Isso foi há alguns meses, mas finalmente nos pareceu que valia a pena investigar qualquer rumor...

Surpresa, Magda transmitiu as palavras de Rohana ao coordenador.

— É verdade que empregamos muitos darkovanos, mas... seu filho, Dama? A maioria dos contratados é de trabalhadores comuns, guiando máquinas, carpinteiros...

— Nosso filho é jovem e ansioso por aventuras, como todos os de sua idade. Para ele, sem dúvida, pareceria uma grande aventura se misturar com homens de outro mundo. Para isso, não hesitaria em trabalhar como pedreiro ou qualquer outra coisa assim. E, como eu disse, ele foi visto e reconhecido aqui.

Ela estendeu para Montray um pequeno pacote, embrulhado em seda; ele desembulhou-o, lentamente, olhando para Magda, enquanto ela traduzia as palavras de Rohana.

— Trouxe um retrato de meu filho; talvez possa perguntar a seus homens responsáveis pelos trabalhadores darkovanos quando ele esteve empregado aqui pela última vez.

Havia um medalhão de cobre dentro da seda. Montray abriu o fecho para revelar um retrato em miniatura. Franziu as sobrancelhas no instante em que o viu.

— Dê uma olhada, Magda.

Montray estendeu o medalhão para ela, que viu um retrato meticuloso de Peter Haldane.

— Posso ver por seus rostos que ambos reconhecem meu filho — comentou Dama Rohana.

O primeiro pensamento de Magda foi: Isso é impossível, um absurdo! E depois a sanidade veio em seu socorro. Uma semelhança

casual, não mais do que isso. Uma fantástica coincidência. Montray falava pelo comunicador:

— Arrume-me uma ficha pessoal e fotos de Peter Haldane, Bethany. Magda... — Montray tornou a se virar para ela. — ...você pode explicar.

Magda tentou. Pôde perceber tênues gotas de suor ao longo da linha dos cabelos da dama; não podia dizer se eram de nervosismo ou do calor no gabinete do coordenador... ou das duas coisas.

— Uma semelhança casual? Impossível, minha criança. Ele foi reconhecido pela cor dos cabelos, e essa cor só existe no Comyn ou nas pessoas com sangue Comyn.

— Não é uma cor rara entre os terráqueos, minha Dama. (Magda sempre soubera disso; Peter até gracejava a respeito: "No lado darkovano pensam que sou o bastardo de algum nobre.") Entre nós, não é um sinal de nobreza, indica apenas que os pais tinham cabelos vermelhos e uma determinada origem racial.

Ela parou de falar quando Bethany entrou, trazendo a ficha, com uma foto a cores de Peter Haldane. Entregou-a a Dama Rohana sem comentários. Rohana estudou a foto por um momento, depois levantou os olhos, o rosto pálido.

— Não consigo entender. Tem certeza de que ele não é um dos nossos, com algum disfarce que a enganou?

— Certeza absoluta, minha Dama. Conheço Peter Haldane desde a infância.

— Mas como pode ser? Um dos seus terráqueos, tão parecido com um dos nossos... — Sua voz vacilou. — Posso entender que alguém se enganasse, se esse homem usasse trajes darkovanos. E ele está desaparecido?

Só horas depois é que Magda compreendeu que não dissera isso a Rohana.

— É muito estranho — acrescentou a darkovana, depois de um momento. — Bom, devo procurar em outra parte por notícias de meu filho.

Depois de se despedir formalmente de Montray, ela se virou para Magda e tocou de leve em sua mão. Fitou-a por um longo momento, com uma expressão inquisitiva, antes de murmurar:

— Tenho a impressão de que esse assunto ainda não terminou. Agradeço a sua cortesia. Talvez ainda chegue um dia em que poderei ajudá-la, minha menina; até lá, eu lhe desejo o melhor.

Magda ficou quase surpresa demais para falar; conseguiu balbuciar algumas palavras formais de agradecimento, mas Rohana descartou-as gentilmente com um aceno de mão, chamou a companheira e o suado Guarda e foi embora. Assim que ficou a sós com Magda, Montray indagou:

— O que acha disso?

— Creio que a pobre coitada está extremamente preocupada com o filho.

— Quase tão preocupada quanto você está com Haldane, hem?

— Muito mais. Peter já tem idade bastante para enfrentar os problemas sozinhos. Por que eu deveria...

— Não tenho a menor idéia de por que você deveria, mas o fato é que está preocupada. E aposto que o filho daquela mulher também já é um homem adulto. Mas num mundo feudal como este, em que o duelo é o esporte mais popular, creio que há um motivo concreto de preocupação se o homem da casa desaparece.

— Feudal não é a descrição apropriada...

— Está bem, está bem, Magda, você conhece todas as pequenas nuances; eu não conheço e não quero conhecer. Tudo o que desejo é sair deste lugar miserável. Você pode ficar com o meu cargo assim que eu conseguir uma transferência... ou poderia, se num mundo como este não fosse impossível para uma mulher ocupá-lo. Pela minha visão, você também deveria querer ir embora. O problema é o seguinte: compreendi a maior parte do que a mulher falou. Parece que você fez um contato útil. Não é fácil para uma mulher fazer qualquer coisa neste mundo, mas se você tem um contato com alguém nos altos escalões do Comyn...

Magda descobriu que não queria explorar esse ponto naquele momento. Lembrou a Montray, um tanto bruscamente, que fora até ali na sua hora de folga; ele lhe disse que fizesse um vale para o pagamento extra e deixou-a se retirar.

De volta a seu aposento, tirando os pesados trajes, Magda pensou no que ele dissera. Rohana falara formalmente a princípio, e quando a chamara de "minha criança" usara a inflexão normalmente reservada a uma serva ou inferior... ou alguém como uma intérprete. Ao final, no entanto, ela a chamara de "minha menina", com a inflexão íntima que teria usado com uma jovem de sua própria casta. Seria apenas uma gentileza casual?

Lá fora, a neve se transformara em granizo forte; Magda foi até a janela, puxou as cortinas e olhou pelo vidro duplo, à prova de som, para a silenciosa tempestade.

Você está em algum lugar aí por fora Peter, ela pensou. O que anda fazendo? Se existe de fato alguma coisa como percepção extra-sensorial, eu poderia entrar em contato com você de alguma forma. Volte logo para casa, pois estou terrivelmente preocupada com você.

E ela pensou ainda: Como Peter riria de mim! Ele se encontra em algum lugar, seguindo uma pista obscura que descobriu. Magda sabia que era uma competente agente de informações; e sabia que Peter era considerado um talentoso agente. Uma mulher não podia fazer muita coisa nesse ramo num planeta como aquele, onde códigos rigorosos e tabus regulavam o comportamento feminino; Magda sabia que em outro lugar, num planeta menos patriarcal, em que homens e mulheres fossem iguais, poderia tirar um proveito maior de seus talentos. Mas Darkover é meu lar...

Num dos momentos mais terríveis, durante as tensas semanas que precederam a confrontação que acabara com o breve casamento,

Peter a acusara de estar com ciúme porque ele podia realizar mais do que ela num planeta como Darkover. É claro que era verdade...

Oh, Peter, volte para casa. Estou preocupada. Sentindo-se tola, mas ao mesmo tempo levando a sério, Magda fez um esforço de concentração — como fizera no Instituto New-Rhine-Rakowski, na Terra, obtendo resultados superiores à probabilidade nos cartões de percepção extra-sensorial — para tentar enviar uma mensagem, se é

que isso era possível. Peter, Peter, estamos todos preocupados. Deixe-nos pelo menos saber que está são e salvo.

Mas não houve nenhum senso de contato, e finalmente, esgotada e cansada, sentindo que fora um esforço idiota, Magda desistiu e foi para a cama.

Sonhou com Peter Haldane naquela noite, só que ele estava rindo dela.

Capítulo Sete

A estação foi se arrastando e o frio aumentou. Magda, que nascera nas montanhas, não se importava com o frio; pelo menos não quando podia usar roupas apropriadas para enfrentá-lo. A maioria dos terráqueos, no entanto, permanecia dentro dos prédios, como animais em seus buracos de inverno, só se arriscando a sair quando não havia outro jeito; e as tripulações das naves estelares que pousavam ali reduziam sua permanência ao mínimo necessário, raramente se arriscavam a sair até mesmo para o espaçoporto e nunca iam à Cidade Velha.

A própria Magda, indiferente à desaprovação oficial, usava seu traje darkovano mais e mais no QG, sofrendo a inconveniência das saias compridas e pesadas anáguas pelo calor que proporcionavam. Uma tarde, ao voltar de um dia na Cidade Velha, nevava tanto que a idéia de trocar para o fino sintético terráqueo parecia absurda; ela seguiu direto para Pessoal e o posto em que registrava suas observações. A linda assistente de Montray, coberta de agasalhos, fitou-a com inveja.

— Não a culpo por se tornar nativa. Sinto-me quase tentada a pedir transferência para sua seção a fim de poder me vestir de maneira adequada para o clima. Não sei como você consegue andar com essas roupas... mas como parecem quentes!

Magda sorriu.

— A pergunta de sempre.

— E a resposta de sempre, infelizmente — disse Bethany, subitamente séria. — Nenhuma notícia de Peter. Esta manhã o chefe tirou-o da lista de serviço ativo; ele ficou registrado oficialmente como PDED... provisoriamente desaparecido em dever. Pagamento suspenso, sujeito a contato oficial e assim por diante.

Magda sentiu um calafrio. O mecanismo fora acionado para que Peter acabasse sendo declarado como Desaparecido, presumidamente morto. Bethany acrescentou, tentando confortá-la:

— Nada ainda é definitivo. Talvez ele tenha encontrado um lugar amigável para ficar e se acomodou pelo inverno. Não poderia

viajar com um tempo assim, mesmo que esteja bem.

O sorriso de Magda apenas distendeu sua boca.

— Ainda não estamos em pleno inverno. O momento em que as viagens se tornam impossíveis e todos os negócios são fechados até o degelo da primavera só vai ocorrer daqui a quase quatro meses. Os desfiladeiros não estão fechados, nem mesmo nas Hellers.

— Essa não! — Bethany olhou para a tempestade lá fora e estremeceu. — Mas você deve saber, pois já estive lá fora. No verão, acho que é um bom trabalho... nada para fazer além de se misturar com as multidões e escutar as conversas. Mas num tempo como este... estou surpresa de que não tenham dado a este planeta o nome de Inverno.

— Não seria possível, pois já existe um planeta com esse nome. Leia os registros algum dia. E por falar em registros, é melhor eu cuidar dos meus.

— Isso é realmente tudo o que você faz... escutar as conversas?

— Isso e muito mais. Anoto a moda seguida pelas mulheres, verifico as novas expressões e mudanças no jargão local... as línguas estão sempre mudando, você sabe disso.

— É mesmo?

— Você usa agora as mesmas expressões de gíria que falava quando tinha sete anos? Não importa se um agente usa algumas expressões superadas; as pessoas absorvem jeitos de falar dos pais e todos tendem a usar expressões que eram comuns em sua própria adolescência, quando suas relações com os colegas eram definidas. Um agente secreto no lado darkovano só não pode falar como se tivesse aprendido a língua num livro; por isso, trabalho o tempo todo para nos manter atualizados. Montray não precisa se preocupar com isso porque se encontra com as pessoas como um terráqueo. Já é uma cortesia de sua parte se empenhar para falar mais ou menos a língua local se falasse bem demais seria uma forma sutil de demonstração de superioridade, que despertaria todos os tipos de resistências psicológicas nos darkovanos. Afinal, eles devem supostamente falar melhor do que ele. Mas os agentes que

trabalham no lado darkovano não podem cometer erros nem mesmo na gíria. E todos devem se manter atualizados com os usos cotidianos. Bethany parecia perplexa e Magda procurou esclarecer:

— Por exemplo, há uma palavra que significa literalmente "artista" ou "cantora". Está nos textos padronizados. Mas se você chamasse uma cantora de baladas ou uma soprano solista de uma das orquestras de Thendara por essa palavra, seu pai ou irmão a desafiariam para um duelo... isto é, desafiaria se você fosse um homem; sendo mulher, o uso desse termo faria com que fosse considerada simplesmente como muito vulgar e mal-educada.

— Uma artista! — Bethany repetiu a palavra com espanto. — Por quê? Parece bastante inofensiva.

— Porque há décadas que essa palavra em particular tem sido um eufemismo polido... o tipo de palavra que se pode usar na presença de uma dama... para "prostituta". Nenhuma mulher respeitável de Darkover sujaria sua boca com a palavra grezalis... é o vernáculo para "puta"... e nenhum homem que não seja um grosseiro não a usaria na sua frente. A respeitável soprano de concerto é uma "atriz lírica", e não se esqueça disso se for a um concerto em Thendara!

Bethany estremeceu.

— Não tinha a menor idéia de que o trabalho de uma intérprete era tão complicado.

— E é mesmo complicado, precisamos tomar o maior cuidado para não ofender. Uma das minhas funções é revisar os discursos oficiais para verificar se os tradutores e redatores evitam palavras com conotações ofensivas acidentais. Por exemplo: você sabe que nossos discursos oficiais padronizados... e não apenas em Darkover... estão cheios de expressões de amizade e fraternidade? Pois bem, a expressão mais comum para "amigo e irmão" na língua casta-.. é a língua oficial de Thendara... está assinalada como um tabu absoluto para os discursos oficiais aqui.

— Mas por quê?

— Porque essa expressão que indica "amigo e irmão" pode acarretar os maiores problemas, se você não a pronuncia na inflexão certa. Na inflexão impessoal expressa os mais puros sentimentos de

caridade fraternal e preocupação humanitária, é perfeitamente apropriada para o uso oficial e diplomático. Mesmo assim, está proibida porque muitas de nossas autoridades não conseguem pronunciá-la direito; e mesmo que tencionassem usar a inflexão impessoal, provavelmente soaria como a errada. E se você usa essa palavra... a mesma palavra... na inflexão pessoal, significa "irmão" no senso de intimidade de família; e se a usa com a inflexão íntima, está definindo a pessoa a quem se dirige como homossexual... e sua amante. Compreende agora por que é um termo absolutamente proibido na linguagem oficial?

— Claro que sim! — Bethany riu. — Não é de admirar que Montray tenha uma lingüista particular para escrever seus discursos!

As duas trocaram risinhos conspiradores; a inépcia de Montray na língua darkovana era uma piada permanente no QG.

— Então é por isso que você revisa pessoalmente todos os discursos dele? — acrescentou Bethany. — Sabe tudo sobre Darkover, não é mesmo, Magda?

Pesarosa, Magda sacudiu a cabeça.

— Não, não sei. Nenhum terráqueo pode saber de tudo.

E se algum terráqueo pudesse saber, certamente não seria uma mulher. O pensamento era amargo, como sempre. Mas ela tratou de repeli-lo.

— Seria diferente se o QG terráqueo permanecesse em Caer Donn. Ali, terráqueos e darkovanos se encontravam mais ou menos como iguais e podíamos conviver com eles como terráqueos. Não havia necessidade de agentes secretos. Mas aqui temos de trabalhar em segredo, pois o Comyn se recusou terminantemente a cooperar. Arrendaram-nos a terra para o espaçoporto, deixaram-nos contratar trabalhadores para a construção e permitiram-nos criar a Cidade Comercial, mas além disso... ora, Beth, não aprendeu tudo isso em Orientação Básica?

— Claro que aprendi: Classe B Fechado, comércio restrito, pessoal do espaçoporto limitado à Cidade Comercial. Nenhuma confraternização.

— Percebe agora? Nenhuma outra criança terráquea terá o tipo de oportunidade que Peter, Cargill e eu tivemos... crescer brincando

com crianças darkovanas, aprender a língua desde cedo. É por isso que tão poucos de nós podem passar por darkovanos no lado darkovano... e eu sou a única mulher.

— Então por que não mantiveram o QG em... como é mesmo o nome... Caer Donn? — indagou Bethany. — Por que não continuar lá se eram muito mais amistosos?

— Em parte por causa do clima — explicou Magda. — Se acha que isto é frio, devia ver como é o inverno nas Hellers. Tudo pára por completo, da noite do solstício do inverno ao degelo da primavera, O clima de Thendara é agradável... ou pelo menos mais ameno... em comparação. Havia também o problema das estradas e do transporte. E não há espaço suficiente em Caer Donn para o tipo de espaçoporto que o Império queria, não sem destruir uma ou duas montanhas. O Conselho Ecológico na Terra não concedeu permissão para isso, embora os locais não fizessem qualquer objeção. Há ainda a questão do comércio e da influência. Os aldaranos em Caer Donn reinam sobre quilômetros e quilômetros de montanhas, florestas, vales, pequenas aldeias, castelos isolados e uns poucos milhares de cidadãos. Nos Domínios há cinco cidades de bom tamanho e uma dúzia de pequenas; só Thendara tem quase cinqüenta mil habitantes. Portanto, para o Império, não havia realmente opção. Mas isso significa que os agentes, antropólogos e lingüistas do Império precisam trabalhar em segredo, e ainda estamos definindo os parâmetros. Há literalmente milhares de coisas sobre essa cultura que ainda não conhecemos. E a política do Comyn de não nos prestar qualquer ajuda é um terrível obstáculo; não proíbem que as pessoas trabalhem conosco, mas ninguém por aqui faz qualquer coisa que o Comyn desaprove. E isso significa que os poucos de nós que podem passar por darkovanos são capazes de impor suas próprias condições; porque só manter atualizado o conhecimento da língua já é um trabalho secreto difícil e complicado. É verdade que não posso fazer aqui todas as coisas de que um agente do sexo masculino seria capaz. Uma das funções principais de um homem, trabalhando em lingüística, seria o registro das piadas obscenas; e é claro que eu não as ouço.

— Por que alguém precisaria conhecer as piadas obscenas? É para a seção de Referência Folclórica?

— Isso também. Mas é principalmente para evitar comentários por acaso ofensivos... ou engraçados... sem essa intenção. Você foi criada na Terra; diria, num contexto sério e formal, que uma pessoa estava sempre no meio?

— Não, a menos que quisesse que a audiência desatasse a rir. Entendo o que quer dizer; precisa suprimir referências a piadas obscenas atuais ou antigas e notórias. Mas ninguém conta a você as piadas obscenas...

— Não. Tenho a minha especialidade. Mencionei que algumas expressões não são usadas por mulheres... ou na presença delas, entre as pessoas polidas. Mas há também expressões especiais usadas basicamente pelas mulheres. Darkover não é uma dessas culturas que tenham uma linguagem especial das mulheres... como acontece, por exemplo, em Sirius IX, um autêntico pesadelo para intérpretes. Mas nenhuma cultura jamais está totalmente livre da "conversa de mulheres". Nem mesmo a Terra. Quer um exemplo? Encontrei uma anotação no meu livro de história da linguagem dizendo que as mulheres em uma das principais culturas pré-espaciais costumavam se referir à menstruação como "a praga".

— É mesmo? Por quê?

— Só Deus sabe; sou uma lingüista, não uma psicóloga. Escute, Beth... a conversa está ótima, mas ainda não fiz o meu trabalho.

Magda inclinou-se sobre o teclado e começou a bater suas anotações do dia no terminal de computador para análise, programação e arquivamento pelos técnicos, que mais tarde as codificariam.

Há uma piada circulando no momento em Thendara. Já a ouvi em três ocasiões diferentes, nos últimos cinco dias. Os detalhes variam, mas basicamente envolvem dois (três, cinco) terráqueos que estavam numa escada rolante externa no espaçoporto; houve um defeito e os terráqueos ficaram retidos por várias horas (três dias, numa versão) entre o primeiro e segundo andar, à espera dos reparos. Implicações: os terráqueos são tão viciados no transporte

mecânico que descer meio lance de uma escada rolante parada é física ou psicologicamente impossível. As implicações disso: o conceito darkovano dos terráqueos como fisicamente fracos, incapazes de qualquer esforço. Implicação secundária: inveja do acesso terráqueo às máquinas, da facilidade do estilo de vida terráqueo? A crescente freqüência das piadas sobre terráqueos, a maioria parecendo envolver nosso estilo de vida, com uma referência especial à sua facilidade física, insinuará...

— Magda — disse Bethany -, acabo de receber um chamado de Montray; aviso a ele que você está aqui?

Magda acenou com a cabeça.

— Ainda estou oficialmente de serviço.

Bethany falou pelo comunicador, escutou por um momento e depois disse a Magda:

— Pode entrar.

Lá dentro, Montray franziu o rosto, irritado, para os trajes darkovanos de Magda.

— Um mensageiro acaba de trazer um recado do Castelo Comyn — ele anunciou. — Um dos Grandes Nomes por lá... um certo Lorill Hastur... está me chamando e incluiu um pedido para que você... você pessoalmente... me acompanhasse como intérprete. Imagino que sua amiga, a tal Dama Ardais, deve ter comentado seu conhecimento profundo da língua. Portanto, tenho um problema.

Ele fez uma pausa, tornando a franzir o rosto.

— Sei muito bem que é contra o protocolo e provavelmente impróprio também levar uma mulher como intérprete oficial, no lado darkovano. Por outro lado, pelo que sei, não se pode ignorar um pedido do Comyn. Mas, afinal, quem são os Hasturs?

Magda se perguntou como Montray podia viver em Darkover, até mesmo no QG terráqueo, por um ano sequer, sem saber exatamente quem eram os Hasturs e por quê.

— Os Hasturs constituem a mais proeminente das famílias do Comyn. Lorill Hastur é o verdadeiro poder por trás do trono. O príncipe, Aran Elhalyn, é popularmente referido como "aquele que mantém o trono aquecido com o traseiro real, que é a sua parte mais útil". Quase todos os Hasturs, durante os últimos duzentos

anos, foram estadistas; costumavam sentar no trono também, mas descobriram que isso interferia com os problemas mais sérios do governo e renunciaram às funções cerimoniais, em favor dos Elhalyns. Esse Lorill é o Conselheiro-Chefe... mais ou menos equivalente a um primeiro-ministro, contando ainda com o poder de um presidente de supremo tribunal.

— Nesse caso, suponho que é importante não ofendê-lo. — Montray fitou Magda de alto a baixo, a cara amarrada. — Não pode ir como uma intérprete terráquea oficial nesse traje, Lorne!

— Tenho certeza de que os ofenderia muito menos do que se me apresentasse nos trajes normalmente usados aqui. Sabe, não é certo que o traje comum de uma mulher terráquea seria considerado, no lado darkovano, como indecente até mesmo para uma prostituta?

— Não, eu não sabia disso. Então, acho que é melhor aceitar seu conselho; afinal, é a perita nos costumes das mulheres aqui.

Quando passaram pelos grandes portões, onde havia um homem da Força Espacial em serviço, no uniforme de couro preto, Montray franziu o rosto e comentou:

— Viu a situação em que me meteu? Provavelmente ele pensa que arrumei uma namorada darkovana.

Magda sacudiu a cabeça, lembrando que os guardas da Força Espacial a conheciam e estavam acostumados a vê-la em trajes darkovanos; ela nunca ia à Cidade Velha de outra forma. Tarde demais, porém, ocorreu-lhe que podia criar problemas para Montray no lado darkovano. Os terráqueos não eram muito populares na Cidade Velha, e a visão de um terráqueo escoltando uma respeitável darkovana podia de fato acarretar dificuldades, se algum darkovano mais estourado quisesse se aproveitar da situação.

Isso é idiotice. Sei quinze vezes mais sobre Darkover do que Montray jamais saberá; contudo, pelo protocolo mais rigoroso, não estou sequer qualificada a ser uma intérprete oficial, muito menos para qualquer posição mais avançada do que isso; só porque sou uma mulher e Darkover é um mundo em que as mulheres não ocupam tais funções.

Assim, por um acidente de nascimento, estou permanentemente desqualificada para o trabalho que mais conheço, enquanto um idiota como Montray precisa de um lingüista especialmente qualificado para escrever seus discursos e mais dois para segurarem sua mão caso ele se perca ou tenha de perguntar pelo caminho cem metros além dos portões! Eu é que deveria estar no cargo de Montray. Ele não está sequer qualificado para o meu!

Montray tremia; Magda não sentiu a menor pena. Montray sabia como era o clima; tinha autoridade para se vestir de acordo ou modificar o uniforme oficial de uma forma mais conveniente, mas ele não tinha imaginação nem para isso.

Eu devia deixar este mundo miserável. Há muitos planetas em que poderia realizar o trabalho para o qual estou preparada.

Mas Darkover é o que conheço melhor. E, aqui, só sirvo para um trabalho de mulher!

E até mesmo isso só posso fazer porque sou uma terráquea. As mulheres darkovanas não podem nem ao menos fazer um trabalho como o meu!

Ao chegarem aos portões do Castelo Comyn, um homem no uniforme^e prata ^e verde da Guarda da Cidade indagou o que desejavam. Ele usou o tom desdenhoso e Magda ficou irritada.

Montray não percebeu nada. Magda respondeu em tom brusco que haviam sido chamados pessoalmente por Lorde Lorill Hastur. O Guarda entrou no castelo e voltou quase que no mesmo instante; desta vez falou com uma inflexão respeitosa, comunicando que Lorde Hastur dera ordens para que fossem levados imediatamente à sua presença.

Os corredores do Castelo Comyn estavam frios e ventosos, praticamente desertos. Magda sabia que naquela época do ano a maioria do Comyn se retirara para suas propriedades, ao longo dos Domínios; reuniam-se ali apenas na Sessão do Conselho, perto do solstício do verão. O Domínio Hastur ficava longe, nas fronteiras das Hellers; ela supunha que Lorde Hastur só permanecia em Thendara porque os acontecimentos na capital exigiam a sua presença. Estudou atentamente os corredores, tapeçarias e ornamentos, querendo tirar o máximo proveito de uma oportunidade que, para

ela, talvez nunca mais se repetisse; nenhuma mulher podia ocupar um cargo oficial em Darkover e provavelmente ela nunca mais tomaria a entrar no Castelo Comyn.

Finalmente chegaram a uma pequena câmara de audiências, onde Lorill Hastur os aguardava: um homem franzino e compenetrado, cabelos vermelho-escuros, com fios brancos nas têmporas. Cumprimentou-os com frases corteses, que Magda traduziu automaticamente. Constatara que a única outra pessoa na sala era Dama Rohana Ardais.

Magda diria, se lhe perguntassem, que não acreditava em precognição e era cética em relação à percepção extra-sensorial. Contudo, no instante em que viu a mulher esguia, de cabelos cor de cobre, num vestido violeta-azul, sentada em silêncio num banco com almofada, ela soube.

A reunião se relaciona com Peter...

— Minha parenta efetuou a longa viagem desde Ardais especialmente para falar com vocês — anunciou Lorill Hastur. — Quer explicar, Rohana?

— Vim por um senso de obrigação — disse Rohana -, porque fo^{ra}m gentis comigo quando eu estava tão preocupada com meu filho.

Ela se dirigia aparentemente a Montray, mas era evidente que as palavras se dirigiam a Magda.

— Meu marido e eu acabamos de receber uma mensagem de Rumai di Scarp.

Magda não pôde controlar um pequeno tremor ao traduzir.

— Sain Scarp é o mais notório baluarte de bandidos nas Hellers — ela explicou a Montray.

(Quando criança, o nome era usado para assustar seus colegas, induzindo-os ao bom comportamento: "Os homens de Sain Scarp virão pegar você!") Dama Rohana continuou:

— Rumai nutre um ódio intenso contra os homens de Ardais; o pai de meu marido enforcou meia dúzia de seus homens nas muralhas do Castelo Ardais. Agora, Rumai enviou-nos uma mensagem: tem nosso filho Kyril prisioneiro no forst em Sain Scarp. Indicou um resgate que devemos pagar antes do solstício do

inverno, ou Kyril nos será mandado de volta... — Rohana estremeceu ligeiramente. -...em pedaços.

— Dama, minha solidariedade mais profunda — disse Montray. -Mas o Império Terráqueo não pode se envolver em brigas particulares...

Os olhos de Rohana arderam; não esperou que Magda traduzisse.

— Vejo que ainda não compreendeu. Quando voltei ao Castelo Ardais, depois de falar com vocês, encontrei meu filho são e salvo; ele apenas se atrasara por causa de pés congelados e voltou para casa assim que pôde viajar. Ao recebermos a mensagem de Sain Scarp, ele estava na sala conosco e achou que não passava de uma grande piada.

Magda empalideceu, sabendo quais seriam as palavras seguintes de Rohana.

— Compreendi no mesmo instante, depois de ver o retrato que me mostraram, quem está preso em Sain Scarp. Seu amigo — ela disse para Magda. — Ele é seu amante?

Ela usara o termo polido, para o qual o equivalente terráqueo mais próximo era "prometido marido"; a inflexão desdenhosa insinuaria "amásio". Magda forçou suas palavras através do medo. Todas as histórias que ouvira na infância sobre os bandidos das Hellers provocavam um aperto em sua garganta.

— Ele era meu... — Ela procurou pelo equivalente darkovano exato para "marido", pois havia pelo menos três formas de casamento no planeta. — ...companheiro livre. Estamos separados, mas somos amigos desde a infância e me preocupo profundamente com sua segurança.

Montray, que acompanhara a conversa com dificuldade, franziu o rosto.

— Tem certeza? É raro algum dos meus homens se aventurar até as Hellers. Não poderia ser algum outro parente, Dama, com uma semelhança com seu filho?

— Rumai nos mandou isto com a mensagem — disse Rohana, estendendo um ornamento de pescoço de homem, numa fina

corrente de cobre. — Sei que não é de meu filho; foi feito em Dalereuth, e um trabalho assim não é vendido nas Hellers... nem muito usado por lá.

Montray revirou o ornamento entre as mãos, apreensivo. Era um medalhão esculpido de alguma pedra semipreciosa azul-verde, cercada por cobre filigranado.

— Conhece Haldane melhor do que eu, Magda. Reconhece este medalhão?

— Eu dei de presente para ele.

Ela sentia a boca ressequida. Fora pouco antes do casamento de curta duração, na primeira e única vez em que haviam viajado juntos para as planícies de Dalereuth, Comprara-o para si mesma, mas Peter admirara-o tanto que Magda, que no final das contas não podia usar um ornamento de homem, dera-o de presente, em troca... Ela ergueu as mãos trêmulas para a nuca e tocou na borboleta de prata que sempre usava.

Ele tirou o que eu usava e prendeu este aí... como só um amante ousaria fazer... e eu deixei...

— isso é conclusivo — declarou Montray. — Ele sabia que não devia se aventurar sozinho pelas Hellers. Quais são as possibilidades de que esse bandido... di Scarp... possa soltá-lo, se descobrir que pegou o homem errado?

— Absolutamente nenhuma — respondeu Hastur. — Os bandidos das montanhas lembram muito bem aqueles primeiros anos em Caer Donn, quando Aldaran enganou os terráqueos, levando-os a acreditar que era permitido usarem suas armas contra eles. Espero que o jovem, para seu próprio bem, não revele sua identidade.

— Isso não prova que estávamos certos ao ajudar os aldaranos e que vocês erraram ao nos deterem? — disse Montray. — Eles ainda atacam seu povo pior do que nunca e a Aliança Darkovana torna impossível combatê-los de maneira eficaz. Deveriam deixar que acabássemos de exterminá-los!

— Devo me recusar respeitosamente a discutir a ética da Aliança com você — disse Hastur. — Tem mantido Darkover livre de

grandes guerras há cem anos e não está aberta ao debate. Não esquecemos a nossa Era do Caos.

— Tudo isso é ótimo — insistiu Montray -, mas não significa nada para você que um espectador inocente possa ser assassinado por causa de uma briga que não lhe diz respeito e que sanciona as ações dos bandidos ao tornar impossível que nossos homens possam resgatá-lo?

— Significa muito! — explodiu Hastur, os olhos brilhando com uma súbita raiva. — Devo lembrá-lo de que ele não chega a ser um inocente espectador e que entrou nessa situação por sua livre e espontânea vontade. Não lhe pedimos... nem lhe demos permissão, diga-se de passagem... que viajasse pelas Hellers. Ele foi até lá por sua vontade e para os seus próprios propósitos... não os nossos. Mas também não o proibimos de ir; e não é da nossa conta se ele sofrer o mesmo destino a que nossos homens se arriscam sempre que vão até lá. Devo lembrá-lo também de que não tínhamos sequer a obrigação de comunicar o destino de seu homem. Também não recusamos permissão para que tente salvá-lo, se puder fazê-lo de forma tão sigilosa quanto ele foi para lá.

Montray sacudiu a cabeça.

— Nas Hellers, com o inverno chegando? Impossível! Receio que você tenha razão; ele conhecia os riscos que estava assumindo, sabia o que aconteceria se fosse apanhado. Receio que ele terá de arcar com o que atraiu para si mesmo.

Magda protestou, horrorizada:

— Não vai... não vai abandoná-lo, esquecê-lo por completo? Montray soltou um suspiro profundo.

— A situação também não me agrada, Magda. Mas o que mais podemos fazer? Ele conhecia os riscos; todos vocês conhecem.

Magda sentiu um arrepio pela espinha. Era verdade, essas eram as regras do Serviço de Informações. A primeira e última lei é o sigilo. Se por acaso se meterem numa encrenca, não poderemos tirá-los.

— Podemos pagar o resgate! — explodiu Magda. — Eu mesma providenciarei o resgate, se você não quiser!

— O problema não é esse, Magda. Claro que teríamos o maior prazer em pagar pela liberdade de Peter, mas...

— Seria impossível — interveio Lorill Hastur. — Rumai di Scarp jamais negociaria com os terráqueos; no momento em que soubesse que seu prisioneiro é um terráqueo, experimentaria o maior prazer em matá-lo pessoalmente... por meios que prefiro não descrever diante de ouvidos femininos. A única esperança de seu homem é esconder sua origem.

Ele virou-se para Magda e acrescentou, cortesmente, sem fitá-la (um gesto que dizia muito sobre a qualidade do traje e comportamento darkovano de Magda):

— Se não soubesse o contrário, eu a tomaria por uma mulher das Hellers. Seu amigo fala a língua e conhece os costumes tão bem quanto você?

— Melhor ainda — respondeu Magda, com toda a sinceridade. Sua mente estava em disparada. Temos de pensar em alguma coisa!

— Dama Rohana, é evidente que os bandidos ainda acreditam que o prisioneiro é seu filho. Pode negociar o resgate com eles?

— Foi minha primeira idéia. Eu teria o maior prazer em fazer isso para salvar uma vida. Mas meu marido proibiu-me terminantemente de chegar perto de Sain Scarp com tal missão. Só com a maior dificuldade é que obtive seu consentimento para vir até aqui e dar o aviso.

— Não adianta, Magda — insistiu Montray. — A única esperança de Peter é a de escapar por si mesmo. Se nós formos até lá para tentar salvá-lo, como um terráqueo, estaríamos apenas apressando sua sentença de morte.

Ela disse, com veemência:

— Se eu fosse um homem, poderia ir negociar o resgate pessoalmente! Não há homem vivo nas Hellers que pudesse me reconhecer como uma terráquea! Se eu pudesse usar o nome da dama e negociar como se fosse por um parente...

Ela virou-se e fez um apelo direto a Rohana:

— Ajude-me a encontrar um meio!

Sei que ela pode fazer isso, se quiser. E a lei para si mesma, essa dama do Comyn fará o que julgar certo e ninguém poderá

proibi-la.

— Eu falei que essa moça tinha espírito e força — disse Rohana a Hastur. — Não desobedecerei a Gabriel... não vale a pena a briga... mas farei o que puder para ajudá-la. — Ela virou-se para Magda e perguntou: — Estaria disposta a ir sozinha às Hellers? Com o inverno se aproximando? Muitos homens recuam diante de uma viagem assim, minha menina.

Outra vez ela falava como se tratasse com uma mulher mais jovem de sua casta. Magda empinou o queixo e respondeu:

— Dama, nasci perto de Caer Donn; não tenho medo das montanhas nem de seu pior tempo.

Montray interveio, em tom áspero:

— Não seja tola, Magda! Você é a perita nos costumes femininos de Darkover, mas até mesmo eu sei que nenhuma mulher pode viajar sozinha e desprotegida! Você pode ter muita coragem... ou ser bastante idiota... mas é impossível viajar sozinha neste planeta. Diga a ela, minha Dama — ele apelou para Rohana. — Seria inteiramente impossível! Também admiro sua determinação, mas há certas coisas que as mulheres não podem fazer de jeito nenhum!

— Tem razão — confirmou Rohana. — Nossos costumes tornam tal viagem impossível para uma mulher. Isto é, para uma mulher comum. Mas há uma maneira, e apenas uma, que permite a uma mulher viajar sozinha, sem perigo e sem escândalo. As Amazonas Livres não aceitam os costumes que obrigam as outras mulheres.

— Não sei muita coisa sobre as Amazonas Livres, embora já tenha ouvido falar a respeito delas. — Magda fitou Rohana nos olhos. — Se acha que posso fazê-lo...

— Houve uma ocasião em que contratei uma Amazona Livre para realizar uma missão que nenhum homem empreenderia. Foi um escândalo. Ela olhou para Lorill com um pequeno sorriso malicioso, como se estivesse evocando uma lembrança partilhada, pensou Magda. — Assim, não haverá muito escândalo... ou se houver, não será maior do que posso suportar... quando se souber que enviei uma Amazona Livre a Sain Scarp para negociar no meu lugar a libertação de meu filho. E se Rumai di Scarp por acaso ouvir o rumor

de que meu filho Kyril se encontra são e salvo em Ardais, então pensará que capturou algum parente ou filho adotivo de nossa casa, o qual estamos salvando por bondade ou remorso; e nos desprezará por sermos tão ingênuos, mas aceitará o resgate mesmo assim e ficará satisfeito. Creio que conheço o suficiente das Amazonas Livres para fazer com que você passe por uma, sem contestação. Mas pode haver perigos pelo caminho, criança; é capaz de se defender?

— Todos no Serviço de Informações... tanto homens quanto mulheres... são treinados no combate desarmado e lutas com facas — respondeu Magda.

Rohana balançou a cabeça.

— Já ouvi falar sobre isso.

Magda desejou saber como essa informação chegara a ouvidos darkovanos. Provavelmente da mesma maneira como descobrimos coisas sobre eles.

— Volte agora — acrescentou Rohana. — Tome as providências necessárias para a viagem e o resgate, depois venha me procurar amanhã de manhã. Cuidarei para que tenha as roupas e recursos necessários e mostrarei como deve se comportar para passar por uma Amazona Livre.

Montray explodiu:

— Pretende mesmo efetuar essa viagem absurda, Magda? Amazonas Livres! Elas são guerreiras?

Rohana riu.

— É fácil perceber que você não sabe coisa alguma sobre elas. Para ser sincera, é confortador saber que há alguma coisa que vocês, terráqueos, ainda não conseguiram descobrir a nosso respeito!

Magda não pôde conter um sorriso pesaroso, enquanto Rohana acrescentava:

— É verdade, muitas delas são guerreiras mercenárias; outras são batedoras, caçadoras, domadoras de cavalos, ferreiras; mas há também parteiras, leiteiras, doceiras, padeiras, cantoras de baladas e vendedoras de queijos! As Amazonas Livres trabalham em qualquer ofício honesto; para uma delas, servir como mensageira e negociar numa briga de família é absolutamente respeitável.

— Não estou nem um pouco preocupada se é respeitável ou não — declarou Magda a Montray.

Rohana sorriu em aprovação e disse:

— Isso é ótimo. Então estamos acertadas. — Ela estendeu a mão para Magda, com um sorriso gentil, acrescentando: — É uma pena, mas você terá de cortar esses lindos cabelos.

Capítulo Oito

Magda despertou na manhã cinzenta ouvindo o tamborilar de granizo no telhado do abrigo de viajantes. Era a sua sétima noite em viagem e até agora o tempo se mantivera bom.

Seu prazo estendia-se até a noite do solstício do inverno. Dispunha de prazo suficiente se o tempo fosse pelo menos razoável. Mas alguém podia esperar um tempo razoável nas Hellers, naquela estação?

De seu canto no abrigo, ela podia ouvir o barulho das patas e a respiração ofegante de seu cavalo de sela e do animal de carga, uma besta de chifres das Colinas Kilghard, mais adaptado ao tempo nas montanhas do que qualquer cavalo. Especulou que horas seriam; ainda estava muito escuro para verificar.

Não lhe ocorreu lamentar — ou mesmo pensar a respeito — a ausência de seu cronômetro. Como todos os terráqueos que realizavam um trabalho secreto em qualquer planeta, em qualquer parte do Império, ela se submetera a um longo e intenso condicionamento, destinado a tornar praticamente impossível o comportamento que não estivesse de acordo com o papel assumido; e não havia qualquer artigo, em toda a sua bagagem, de fabricação em outro mundo. Era um hábito de anos; todas as pessoas no Serviço de Informações aprendiam os mecanismos quase hipnóticos que faziam com que, no momento em que deixava a Cidade Comercial, Magdalen Lorne, a lingüística, ficasse totalmente para trás; até mesmo seu nome era relegado, arquivado num pequeno canto do inconsciente. Magdalen não tinha um equivalente darkovano preciso; quando era pequena, nas montanhas perto de Caer Donn, seus companheiros darkovanos a chamavam de Margali.

Ela virou-se no saco de dormir, irrequieta, levando os dedos nervosos à cabeça tosquiada. Parecia fria, estranha, indecente.

Dama Rohana, na longa sessão de instruções que precedera sua partida, também se mostrara compreensiva com esse ponto, comentando:

— Houve uma ocasião em que viajei disfarçada com um bando de Amazonas Livres e tive de cortar os cabelos. Ainda posso recordar o choque que experimentei. Lembro que chorei e elas riram de mim. Para mim, provavelmente, foi pior do que para você; afinal, não é responsável por ninguém, enquanto eu sabia como meu marido ficaria furioso ao saber.

Magda perguntara:

— E ele ficou furioso?

Rohana sorria, um sorriso remissivo.

— E muito. Já estava feito, e assim não havia nada que ele pudesse fazer; mas senti sua ira por quase um ano, até que os cabelos cresceram ao que ele chamou de comprimento respeitável.

Magda ouviu o granizo diminuir e saiu do saco de dormir. Estremecendo na cabana sem fogo, vestiu rapidamente o traje que Dama Rohana lhe providenciara: calça larga, uma túnica inferior de linho bordado com gola alta e mangas compridas, uma túnica externa forrada de pele e o manto de montaria. Ela chegara mesmo a medir os pés de Magda e mandara uma serva comprar botas no mercado. Magda calçou as botas de cano alto e levou os animais para fora do abrigo, indo alimentá-los com a forragem empilhada no telheiro ao lado e depositando a quantidade determinada de moedas na caixa com cadeado. Levou os animais para beberem água no cocho, rompendo o gelo com o pequeno martelo em sua sela. Enquanto eles mastigavam e bebiam, ela tornou a entrar na cabana, acendeu uma pequena fogueira e ferveu um pouco de água, acrescentando e mexendo a mistura em pó de grãos e nozes, que proporcionava uma espécie de mingau instantâneo. Misturando-se alguns pedaços de frutas secas, era comestível, depois que a pessoa se acostumava.

O resgate estava escondido em segurança nos seus alforjes, convertido em barras de cobre, a moeda padronizada darkovana. No câmbio terráqueo, não era mais do que dois meses de salário de um bom agente; provavelmente nem se dariam ao trabalho de descontar do pagamento de "risco" de Peter.

Por que estou fazendo isso? Peter é um homem adulto, capaz de enfrentar seus próprios riscos. Não sou seu guardião. Nem

mesmo sou mais sua esposa. Não o amo tanto assim, não mais, não agora. Então por quê? Mas ela não tinha resposta, e a indagação persistiu no fundo de sua mente, enquanto descia pela trilha. Parou no poste indicador, perto da cabana, indicando os três abrigos seguintes ao longo daquela trilha. O primeiro ficava a uma distância razoável para uma caravana grande, com muitos animais de carga pesados; o segundo se encontrava a um dia de viagem para um grupo viajando num bom ritmo, sem muitos equipamentos; e o terceiro estava mais ou menos no limite de um longo dia de viagem acelerada para um viajante solitário. Talvez eu possa dormir lá esta noite... Magda afastou-se do poste e foi seguindo pela trilha, sentindo uma vaga apreensão, que não podia identificar; e de repente lhe ocorreu o que era.

Estou fora do papel, lendo o poste de viagem. A maioria das darkovanas não sabe ler... A alfabetização em Darkover, até mesmo entre os homens, não era absolutamente universal, embora quase todos os homens pudessem ler uma placa ou rabiscar seus próprios nomes; entre as mulheres, era muito raro. Suas colegas de infância em Caer Donn haviam ficado espantadas e um pouco chocadas — e também invejosas — ao descobrirem que Margali sabia ler, que o próprio pai lhe ensinara. Fora do papel. Mas também toda esta viagem é insólita.

Magda incitou o cavalo e continuou a avançar pela trilha. Rohana a advertira:

— Viajei com as Amazonas Livres, mas não como uma delas. Não posso me enganar, pensando que conheço todas as suas maneiras e costumes. Se eu fosse você, evitaria qualquer encontro com amazonas de verdade; mas a maioria das pessoas nas colinas por onde vai viajar não sabe coisa alguma sobre elas. Portanto, ninguém questionará seu disfarce, se for cautelosa.

E em sete dias ela não fora contestada, embora uma vez tivesse de partilhar o abrigo de viagem com dois homens, mercadores das colinas distantes. Pela lei e costume, aqueles abrigos, construídos há séculos e sempre inspecionados e abastecidos, mesmo em tempo de guerra, pelas patrulhas da fronteira, eram locais sagrados de neutralidade e deviam ser

partilhados por todos que aparecessem; qualquer atitude diferente condenaria outros viajantes a morrerem de frio e exposição. Por lei, até mesmo os conflitos de sangue ficavam suspensos naqueles abrigos, como também era o costume durante os incêndios na floresta, pelo que Magda ouvira. Os homens haviam olhado rapidamente para os cabelos curtos e o traje de amazona de Magda, disseram umas poucas palavras formais e corteses e depois passaram a ignorá-la por completo.

Mas desde então ela não encontrara mais ninguém; a estação avançada fazia com que a maioria dos viajantes permanecesse em suas casas. As nuvens haviam se adelgado e desapareceram, e o grande sol vermelho de Darkover, que algum poeta na Zona Terráquea batizara de O Sol Sangrento, subia entre os picos, inundando os campos nevados com uma luz dourada e vermelha. Subindo pelo desfiladeiro, Magda tinha a impressão de que um mar de chama banhava os picos cobertos de neve, uma radiância de solidão que a deixou exultante e excitada.

Mas o nascer do sol logo se desvaneceu e não havia mais nada além do silêncio solitário da trilha. Silêncio; e muito tempo para pensar, para perguntar a si mesma, por vezes incontáveis: Por que estou fazendo isso? Ainda continuo apaixonada pelo desgraçado?

Talvez seja orgulho, não querendo admitir que um homem que partilhou minha cama — mesmo que por pouco tempo — seja abandonado e deixado para morrer, sem ninguém para ajudá-lo?

Ou talvez, quando crescíamos juntos em Caer Donn, apenas uns poucos, entre tantas crianças darkovanas, absorvêssemos seus códigos, sua ética. Para o Império, Peter é apenas um funcionário, dispensável. Para mim, para qualquer darkovano, isso é uma noção inadmissível, uma indignidade.

Ela cruzou o topo do desfiladeiro antes de o sol estar há mais de uma hora no céu e começou a descer para o vale seguinte, os ouvidos doloridos da altitude. Parou ao meio-dia numa pequena aldeia na montanha e se concedeu uma caneca de sopa quente e uns poucos bolinhos fritos num estande de comida. Algumas crianças curiosas se reuniram ao seu redor, e Magda calculou, pela ansiedade que demonstravam, que quase não viam estranhos, deu-

lhes algumas balas de seu alforje e se retardou ali por algum tempo, descansando os animais, antes de subir para o próximo desfiladeiro, saboreando a Primeira refeição de alimentos frescos desde que deixara Thendara.

As crianças eram curiosas como gatinhos. Perguntaram de onde ela vinha; quando respondeu Thendara, ficaram aturdidadas, como se ela tivesse dito "Do fim do mundo". Refletiu que para aquelas crianças, que nunca haviam saído de suas colinas, Thendara era mesmo o fim do mundo. Mas quando lhe perguntaram qual era o seu trabalho, ela sorriu e disse que era um segredo de sua protetora, Dama Rohana lhe concedera permissão para usar seu nome.

— Darei também a você um salvo-conduto com o meu lacre. Há muitas pessoas nas colinas que devem favores a Gabriel e a mim.

Ela a advertira ainda para evitar contatos, a não ser os mais superficiais, com autênticas amazonas e a aconselhara sobre o que deveria fazer caso encontrasse alguma por acaso e lhe fosse perguntado qual era a sua Casa da Guilda e o nome da mulher que recebera seu juramento.

— Nesse caso, pode responder Kindra n'ha Mhari; ela morreu há três anos... — Uma tristeza fugaz se insinuara nos olhos de Rohana. — ...mas ela foi minha amiga querida e não creio que pudesse protestar contra esse uso de seu nome. Mas se os Deuses forem generosos, você chegará a Sain Scarp e, espero, voltará sem precisar recorrer a isso.

Ela acabara de comer e estava dando água aos animais no cocho da aldeia quando viu dois homens entrarem a cavalo na praça. Pelo corte dos mantos, compreendeu que eram de um ponto distante das Hellers; eram barbudos e usavam na cintura facas de aparência ameaçadora. Olharam para Magda e, ela imaginou, para seus alforjes carregados com uma expressão que a deixou apreensiva. Terminou de dar água aos animais, montou apressada e tratou de deixar a aldeia. Torcia para que os homens permanecessem na aldeia para um longo repouso e que nunca mais tornasse a vê-los.

A trilha subia por uma grande distância, entre encostas cobertas de árvores. O gelo e a neve derretiam ao sol de meio-dia e a trilha estava lamacenta. Magda deixou o cavalo encontrar o caminho sozinho e desmontou para guiá-lo quando a trilha se tornou muito íngreme. Parou numa curva, onde as árvores escasseavam, a uma altura vertiginosa, e esquadrinhou a linha estreita da trilha lá embaixo. E descobriu, consternada, dois viajantes que pareciam ser os homens que vira na aldeia. Estariam seguindo-a?

Não seja paranóica. Este é o único caminho para noroeste, na direção das Hellers; por acaso sou a única pessoa que tem motivos legítimos para segui-lo? Ela foi até a beira, tomando cuidado para não escorregar no penhasco lamacento, e observou atentamente os homens na Terra — Podia ter certeza de que eram os mesmos? Não restava a menor dúvida, pois um homem montava um cavalo ruão; não eram comuns em qualquer latitude, e era inteiramente improvável ver dois nas montanhas no mesmo dia. Como a dissipar sua última dúvida, um dos homens olhou para cima, aparentemente viu Magda delineada na beira do penhasco e inclinou-se para falar com seu companheiro; eles puxaram as rédeas dos cavalos e se afastaram para o lado da encosta, onde não seriam visíveis lá do alto.

Magda sentiu um princípio de pânico, uma sensação física, como uma câibra ao longo dos músculos das pernas. Apressou-se em voltar ao cavalo, ordenando-se com firmeza para se manter calma. Estou armada. Sou treinada em combate desde os dezesseis anos, assim que soube que entraria no Serviço de Informações. Em qualquer outro mundo, ela sabia, seria de esperar que assumisse aquele tipo de risco, como uma rotina, homem ou mulher. Ali, no entanto, estivera resguardada pelos costumes darkovanos.

Se houvesse uma luta — ela pôs a mão na faca por um momento, tentando se tranquilizar -, seria melhor enfrentar os homens no desfiladeiro. Poderia defender-se com maior eficiência ali do que na descida da encosta. Mas precisava mesmo haver uma luta? Os agentes terráqueos eram treinados a evitar as confrontações, sempre que possível. E podia apostar que nem mesmo as Amazonas Livres viviam à procura de encrencas.

E Magda compreendeu subitamente que não podia de jeito nenhum se forçar a permanecer ali e enfrentar os dois homens. Ordenou a si mesma que ficasse ali e pensasse a respeito, mas mesmo enquanto tentava definir os pensamentos já ia guiando o cavalo pela encosta abaixo, apressada, instando-o mais do que um bom cavaleiro devia fazer (aprendera um provérbio das montanhas na infância: "Num caminho íngreme, deixe seu cavalo determinar o ritmo"), sabendo que quase galopava pela descida, ouvindo pedrinhas se soltarem e deslizarem sob os cascos.

Não demorou muito para que concluísse que não podia continuar assim; se um de seus animais caísse e quebrasse a perna, estaria perdida. Puxou as rédeas para fazer o cavalo parar, afagou seus flancos, como se pedisse desculpas. O que há de errado comigo? Por que tentei fugir desse jeito? Por trás dela, a estrada para o desfiladeiro estava livre, desocupada. Talvez, no final das contas, eles não estivessem me seguindo... Mas ela ainda sentia a apreensão vaga, o "pressentimento" em que aprendera, em anos de trabalho bem-sucedido de agente, a sempre confiar; e dizia de forma nítida: fuja, desapareça, esconda-se, suma. A mulher que a treinara, muito longe, em outro mundo, dissera:

— Todo bom agente secreto é um pouco psíquico. Ou não sobrevive muito tempo no serviço.

E agora? Não podia se distanciar, sobrecarregada como estava pela bagagem e pelo animal de carga. Mais cedo ou mais tarde, os homens a alcançariam, e nesse momento haveria uma luta.

Magda olhou para o chão, coberto por neve derretida e lama, uma confusão parda e amorfa. Estou com sorte. Na neve recente eles veriam meu rastro... e saberiam onde deixei a trilha, o que seria pior... Mas na água lamacenta correndo, todas as pegadas desapareciam quase que no instante mesmo em que eram feitas. Ela saiu da trilha, levando os animais por uma pequena abertura entre as árvores; virou-se para apagar com a mão as marcas na neve, no ponto em que chegara até a beira do penhasco. Afastou-se por alguma distância e prendeu os cavalos no meio de algumas árvores de folhagem permanente, onde não seriam vistos.

Desmontou, encontrou um ponto de observação oculto em que podia se esconder entre as árvores e arbustos, e ficou mastigando nervosamente uma fruta seca, enquanto aguardava para verificar o sucesso de sua manobra.

Quase uma hora passou antes que os cavaleiros descessem a encosta, apressando suas montarias tanto quanto era possível na trilha lamacenta. Mas nenhum dos dois sequer olhou na direção de Magda ao passarem. Depois que os dois se encontravam fora de vista, Magda saiu de seu esconderijo, trêmula. Registrou, de uma forma periférica, que seus joelhos se achavam fracos e trêmulos, as palmas das mãos se encontravam úmidas e pegajosas.

O que está havendo comigo? Não estou me comportando como uma agente treinada... ou sequer como uma Amazona Livre! Estou me comportando como... como uma coelhinha assustada!

E por que, no final das contas, estou entrando em pânico agora? Fiz o que era mais sensato. Qualquer de nossos agentes, homem ou mulher, em qualquer mundo, teria feito nesta situação exatamente o que fiz. Mantive-me fora de encrenca...

Mas ela sabia, por mais que tentasse racionalizar, que sua fuga não fora um ato considerado, baseado nas ordens permanentes para evitar uma luta sempre que possível. Fora simplesmente uma fuga precipitada. Entrei em pânico. Foi exatamente isso, sem tirar nem pôr. Entrei em pânico e fugi.

Comportei-me como... como... A compreensão aflorou abruptamente. Não como uma agente terráquea. Não como uma Amazona Livre. Apenas como uma típica darkovana, convencional.

Do tipo que me condicionei a ser, em Thendara. Do tipo que fui criada para ser, em Caer Donn...

O curto dia de inverno chegava ao fim e ela pensou: Acamparei aqui esta noite, no bosque; deixarei que eles se afastem bastante. Amanhã já terão passado por duas ou três dessas pequenas aldeias e com um pouco de sorte pensarão que encontrei um lugar para ficar numa aldeia e desistirão de me procurar.

Ou talvez eles fossem mesmo respeitáveis mercadores em negócios legítimos, voltando apressados para suas casas, ao encontro de esposas e crianças, refletiu Magda.

Ela armou a pequena barraca. Era um artefato que procurava proporcionar o máximo de proteção possível no mau tempo, em combinação com o mínimo possível de tamanho e peso; um meio-termo entre uma barraca pequena e um saco de dormir enorme. Era o modelo padronizado dos viajantes darkovanos. Magda já sabia que nenhuma pessoa sã passava a noite ao ar livre se pudesse evitar, e era por isso que as estradas contavam com os abrigos e cabanas para viajantes, lugares sagrados, em que se respeitava a neutralidade.

Mas assim mesmo ela passou aquela noite ao ar livre. Por sorte, o tempo se manteve bom, até mesmo a nevasca antes do amanhecer foi excepcionalmente leve; mas Magda sabia, ao sair da barraca, estremecendo, que isso era um mau sinal. As nuvens deslizavam espessas e pretas para o norte e um vento forte já começara a dobrar as pontas das árvores de vegetação permanente, prenunciando uma terrível tempestade a caminho.

No silêncio solitário da trilha, ela revisou várias vezes o seu fracasso. Por mais que racionalizasse, fora mesmo um fracasso; entrara em pânico.

Condicionei-me a esse tipo de comportamento, sempre que passo para o lado darkovano. Era o condicionamento típico do Serviço de Informações: desenvolva uma personalidade, um caráter, para qualquer que seja o planeta em que estiver trabalhando; e nunca a abandone, por um instante sequer, enquanto não estiver, sã e salva, dentro da Zona Terráquea.

Mas a personalidade que desenvolvi para mim em Thendara não funciona aqui. Por causa do tipo de sociedade que existe em Darkover e da maneira como as mulheres vivem. Era diferente para os homens. Mas eu era a única mulher; e jamais compreendi a distância em que me afastei do treinamento normal de uma agente...

Ela tentou pensar a respeito, analisar as mudanças básicas que teria de efetuar em sua personalidade darkovana para aquela missão, mas a tentativa deixou-a tão ansiosa que acabou desistindo do esforço. O problema é que fui treinada a nunca pensar em termos da Terra fora da zona Terráquea. Tentava agora levar um

processo tão automático quanto a respiração sob controle voluntário; e não estava conseguindo.

Não posso ser uma Amazona Livre. Não sei o suficiente sobre elas. Até mesmo Dama Rohana disse que não sabia muita coisa sobre elas. Assim, só posso ser minha personalidade darkovana básica, fingindo ser uma Amazona Livre. Dama Rohana parecia pensar que seria bastante eficaz para enganar as pessoas que não tivessem muito conhecimento das Amazonas Livres; mas é melhor eu torcer para não encontrar nenhuma amazona autêntica!

Isso provocou outra daquelas estranhas reações em que pensava há anos como seus "pressentimentos", nos quais aprendera a confiar. Estranhamente, este deixou seu sangue gelado; teve de se aconchegar fisicamente no manto contra o súbito calafrio que percorreu sua espinha. Seria mesmo muito azar encontrar algumas!

Peter sempre disse que eu possuía um talento para blefar. Melhor me acostumar a pensar nele por seu nome darkovano.

Magda experimentou um repentino momento de terror quando o nome se recusou a aflorar em sua mente, quando sentiu um branco total. Durou apenas alguns segundos, e o pânico se dissipou no instante em que recordou o nome. Piedro. É assim nas Hellers. Nas terras baixas o chamariam de Pier... por que esqueci por um instante?

Passava uma hora de meio-dia quando ela encontrou um dos abrigos na trilha. Estava vazio e Magda hesitou, tentada a passar a noite ali. Mas já perdera metade de um dia e sempre, no fundo de sua mente, havia o pensamento do prazo fatal do solstício do inverno.

Devia alcançar Sain Scarp antes do solstício do inverno e também dispor de algum tempo para retornar a Thendara antes que as tempestades de inverno fechassem as passagens nas montanhas. Não posso nos imaginar a acampar na porta de Rumai di Scarp durante todo o inverno.

E também não queria passar o inverno acuada em qualquer outro lugar, a sós com Peter. Houve um tempo em que eu sonhava com alguma coisa que nos isolasse, a fim de que pudéssemos ficar a sós... Mesmo agora, ainda penso que poderia ser... agradável...

Exasperada, Magda disse a si mesma para não continuar. Especulou, meio contrariada, se Bethany não acertara; ainda estaria meio apaixonada por Peter? Eu deveria ter arrumado outro amante imediatamente, logo depois que nos separamos. Deus sabe que tive muitas oportunidades. E me pergunto por que não fiz isso.

Ela verificou outro poste com avisos e descobriu que havia mais um abrigo a cerca de meio dia de viagem. Ao seguir em frente, experimentou outra vez o arrepio curioso, quase físico, do "pressentimento", mas disse a si mesma, com veemência, para não ser supersticiosa. Tenho receio de continuar, por isso procuro motivos e chamo de percepção extra-sensorial!

A trilha foi se tornando cada vez mais íngreme e difícil; no meio da tarde as nuvens eram tão densas na montanha que Magda avançava por um manto branco de nevoeiro. O mundo cinzento estava repleto de ecos; ela podia ouvir os cascos de seu cavalo soando à frente e atrás, como companheiros invisíveis, fantasmagóricos. O vale desaparecera, assim como as encostas inferiores; ela viajava sozinha, por uma trilha estreita, acima do mundo conhecido. Nunca sentira medo de altura, mas agora começou a temer a estreiteza da trilha vaga, o nada branco que a envolvia por todos os lados e podia esconder qualquer coisa... ou pior ainda, podia esconder o nada. Sua mente persistia em imaginar os precipícios, onde um animal, ao pisar errado, poderia sair da trilha e mergulhar pela encosta da montanha, ao encontro da morte nas rochas invisíveis lá embaixo...

Enquanto a escuridão aumentava, o nevoeiro dissipou-se em chuva fina e depois em neve espessa, caindo depressa, encobrendo a trilha e os pontos de referência. A neve congelava ao cair, crepitava e rachava sob os cascos do cavalo; depois, o vento começou a uivar pelas árvores e, onde estas escasseavam, a rugir através da trilha, lançando agulhas geladas de granizo contra seu rosto e olhos. Ela levantou a gola do manto e puxou uma dobra do lenço para cobrir o queixo e o nariz, mas o frio fazia o nariz escorrer, a água congelava no nariz e boca, transformando o lenço num bloco de gelo. A neve grudava em suas pestanas e congelava, tornando impossível ver qualquer coisa. O cavalo começou a escorregar na trilha gelada e

Magda desmontou para conduzi-lo e ao vacilante animal de carga, contente pelas botas que subiam até os joelhos; as sandálias baixas; macias de uma mulher ou mocassins até os tornozelos ficariam encharcados num instante.

Eu deveria ter permanecido no abrigo anterior. O pressentimento foi sobre isso. Deveria ter dado atenção!

Sentia os pés congelando e começou a se perguntar a sério se as faces e o nariz não estariam ulcerados pelo frio. Normalmente o frio não a incomodava, mas agora se descobria enregelada até os ossos; a túnica grossa forrada de pele e o manto podiam ser sedas diáfanas.

Disse a si mesma, com firmeza, para não ficar apavorada. A mulher que a treinara para o Serviço de Informações dissera que a raça humana era a mais resistente em todo o Império. O planeta natal do homem, a Terra, tinha extremos de temperatura; antes da civilização, haviam se desenvolvido tipos étnicos que podiam viver e viviam em casas feitas de blocos de gelo ou em desertos ardentes, com calor suficiente para empolar a pele. Ela podia sobreviver aos elementos, mesmo naquela tempestade.

Mas a ulceração do frio pode me retardar, além do prazo fatal do solstício do inverno.

A luz de sua lanterna-de-sela refletiu-se num dos pequenos indicadores, em formato de flecha, de um abrigo de viajantes. O animal de carga empinou a cabeça e relinchou. Magda deixou a trilha e desceu pelo caminho estreito para o prédio escuro, que mal conseguia divisar. Os cascos dos animais rangiam ruidosamente no granizo. Ao se adiantar entre as árvores, ela percebeu que havia duas construções; era um daqueles abrigos grandes, com um prédio separado para os animais. E depois praguejou baixinho. Uma luz era visível através de uma fresta na porta; o abrigo estava ocupado.

Eu deveria seguir em frente... Por que correr riscos? Mas o abrigo seguinte poderia se encontrar a mais meio dia de viagem; e ela se achava encharcada, enregelada. Sentia as faces dormentes sob os dedos, os olhos ardiam. Apenas sair do vento por um ou dois minutos...

Enquanto ela hesitava, o cavalo e o animal de carga tomaram uma decisão; puxaram as rédeas, levando-a para o interior do estábulo escuro. Havia um cheiro bom de forragem e feno. Parecia quente e aconchegante. Magda pôs a lanterna-de-sela num lugar seguro, desencilhou o cavalo e descarregou o animal de carga. Eu não teria coragem de levá-los de volta à tempestade. Diversos cavalos e animais de carga já mastigavam a forragem. Magda alimentou seus animais e depois sentou, à luz da lanterna-de-sela, e tirou as botas. Prendeu a respiração, consternada, ao ver as manchas brancas ao longo da carne avermelhada, sob a meia molhada. Preciso de fogo, ela pensou, preciso de alguma coisa quente para restabelecer a circulação. Vivera em Darkover durante a maior parte de sua vida e era capaz de reconhecer os sinais de perigo. Agora, não podia sequer pensar em acampar de novo ao ar livre.

Teria simplesmente de contar com a neutralidade tradicional dos abrigos de viajantes e com o disfarce que usava. Afinal, não provocara comentários nem perguntas dos mercadores que encontrara na noite anterior.

Ela recolheu seus alforjes e encaminhou-se para o prédio principal. Quase automaticamente, levantou a gola do manto, a fim de cobrir o pescoço nu; depois, contrafeita, tornou a baixá-la para o lugar normal. Seu traje e cabelos curtos de amazona constituíam a melhor proteção naquela situação; um traje e maneiras de mulher comum tornariam inconcebível o que ela estava fazendo.

Empurrou a porta e entrou para a luz de várias lanternas. Havia dois grupos de viajantes na sala comprida, com chão de pedra, um em cada lado, junto de lareiras acesas. Ao ver os homens perto da porta, Magda sentiu um aperto no coração; quase desejou ter se arriscado no bosque. Eram homens enormes, rudes, usando mantos de corte estranho. Magda teve a impressão de que havia mais do que uma curiosidade impessoal em seus olhos quando se viraram para contemplá-la.

As leis da estrada determinavam que cabia a Magda falar primeiro. E ela disse as palavras formais, quase rituais, ouvindo a própria voz, leve, quase infantil, na sala enorme e ressonante:

— Como última a chegar, peço licença aos que vieram antes de mim para partilhar o abrigo.

Um dos homens, alto e corpulento, com um bigode vermelho-dourado, respondeu com a saudação formal:

— Seja bem-vinda; entre neste abrigo neutro em paz e vá em paz. Seus olhos fixaram-na com uma expressão que deixou Magda arrepiada. Não era apenas pelo fato de o homem estar barbado e com as roupas imundas; isso podia ser uma decorrência do mau tempo e azar de viajante. Era algo em seus olhos. Mas as leis do abrigo de viajantes deviam protegê-la. Apertando os alforjes, ela se adiantou. As duas lareiras estavam ocupadas, mas ela podia acender uma fogueira junto da parede de pedra. Nem precisava se esforçar com a isca de fogo; bastava tomar emprestado um tição. (Mas não do homem enorme de bigode!)

No outro lado, havia cinco ou seis pessoas; viraram-se quando Magda falou, e uma delas, alta e magra, quase esquelética, aproximou-se e disse:

— Seja bem-vinda, irmã.

Magda ficou atônita. Era uma voz de mulher, estridente, quase rouca, mas inegavelmente uma voz de mulher, que acrescentou:

— Venha partilhar o nosso fogo.

Pelos infernos de Zandru, pensou Magda, involuntariamente invocando um Deus darkovano em seu desespero, o que vou fazer agora?

Elas são Amazonas Livres!

Autênticas!

A mulher alta e magra não esperou pela resposta de Magda e foi logo acrescentando:

— Sou Camilla n'ha Kyria e estamos viajando para Nevarsin numa missão. Vamos, ponha suas coisas aqui. — Ela pegou os alforjes, conduzindo Magda para o fogo. — Está meio congelada, criança! É melhor tirar essas roupas molhadas. Se tiver secas, pode vesti-las; se não, uma de nós pode emprestar-lhe alguma coisa, até suas roupas secarem ao fogo.

Ela apontou para o lugar em que as mulheres haviam estendido cordas e pendurado mantas para terem privacidade; à luz

da lanterna pendurada ali viu nitidamente a estranha, Camilla. Era alta e emaciada, o rosto profundamente vincado pela idade — e pelo que pareciam ser cicatrizes de faca -, os cabelos completamente grisalhos. Tirara o manto e a túnica exterior, usava apenas a túnica inferior bordada de uma mulher de Thendara; por baixo, seu corpo era tão liso que Magda compreendeu o que ela era: uma emmasca, uma mulher que se submetera na adolescência à operação ilegal de neutralização.

Magda foi para trás da cortina de mantas e tirou as roupas úmidas, pondo a calça e a túnica de reservas. Ficou contente pela privacidade das mantas, menos por causa dos homens de aparência rude no outro lado — eles mal podiam vê-la no abrigo escuro — e mais por causa das outras mulheres. Dama Rohana estava certa em todos os detalhes de sua roupa e equipamento?

Uma mulher esguia, com os cabelos da cor exata de barras de cobre recém-cunhadas, esticou a cabeça além das mantas e disse:

— Sou Jaelle n'ha Melora, líder eleita deste bando. Seus pés estão congelados?

Ela inclinou-se para examinar atentamente os pés de Magda.

— Não, acho que não — respondeu Magda. Jaelle tocou num pé com dedos cuidadosos.

— Não, não estão. Você teve sorte. Eu ia dizer que Camilla tem um medicamento para ulceração de frio, se você precisasse, mas acho que até suas faces estão bem. Saiu do vento bem a tempo. Ponha as meias e venha para o fogo.

Magda pegou suas roupas úmidas e pendurou-as nas varas que as mulheres haviam armado para secar seus próprios trajés. Algumas aves pequenas assavam numa grelha sobre carvões, um caldeirão pendia de um gancho, com uma sopa quente em preparo. O cheiro era tão agradável que Magda ficou com água na boca.

— Podemos saber o seu nome e a sua Casa da Guilda, irmã? — perguntou Jaelle.

Magda deu seu pseudônimo e disse que era da Casa da Guilda de Temora; escolheu deliberadamente a cidade mais distante que conhecia, esperando que isso explicasse pequenas diferenças na vestimenta e no comportamento.

— Que noite para viajar! — exclamou Jaelle. — Não creio que haja um único saltador-do-mato se mexendo nestas colinas, daqui a Nevarsin. Está vindo de Temora? Suas roupas sem dúvida são de Thendara; esse trabalho de couro e o bordado são encontrados principalmente nas colinas de Venza.

Não havia outra coisa a fazer senão enfrentar a situação.

— Tem razão; uma roupa tão quente não pode ser encontrada na costa... seria como tentar comprar peixe nas Cidades Secas. Minha empregadora foi bastante generosa e me forneceu roupas para a viagem; nada mais razoável, já que estava me mandando para as Hellers com este tempo!

— Quer partilhar nossa refeição?

A prudência determinava que ela tivesse tão pouco contato com as estranhas quanto fosse possível. Contudo, elas pareciam tão cordiais que o alheamento poderia causar comentários e despertar suspeitas. Além do mais, a comida tinha um cheiro tão apetitoso, depois de dias de uma dieta de mingau em pó, que Magda não podia recusar. Deu a resposta polida habitual:

— Será um prazer, se me permitirem contribuir com minha parte.

Jaelle também disse o esperado:

— Não é necessário, mas será bem-vinda.

Magda foi até seus alforjes para pegar alguns doces, que trouxera para uma ocasião assim. A mulher que estava cozinhando aceitou os doces com uma exclamação de prazer.

— Estes também são feitos no vale de Thendara! Há anos que não provo nenhum e receio que todas nos mostraremos vergonhosamente gulosas! Exceto por Jaelle, que detesta doces, como uma autêntica originária das Cidades Secas!

— Cale essa boca! — disse Jaelle, furiosa.

A mulher mais velha mostrou-se irritada. Magda podia perceber agora que todas eram mais velhas do que Jaelle, embora a maioria parecesse bem jovem, à exceção de Camilla. Tão jovem e já é a líder eleita. Tenho certeza de que ela é mais jovem do que eu. E bonita. Acho que nunca vi uma mulher tão bonita. Jaelle, como as outras, usava os trajes informes das Amazonas, calça larga e túnica, que

não ocultavam o corpo esguio e feminino, o delicado equilíbrio da cabeça flamejante sobre os ombros, as feições pálidas e suaves, tão regulares que seriam quase comuns se não fosse pelos olhos, muito grandes e emoldurados por pestanas espessas e escuras.

— Já conheceu Camilla — disse Jaelle. — Esta é Sherna... — Ela apontou para a mulher que cozinhava. — ...e esta é Rayna, esta é Gwennis. Teremos alguma coisa para comer em poucos minutos. E há duas latrinas neste abrigo; reservamos esta para o nosso uso, a fim de não precisarmos nos misturar com os homens para...

Ela falou, com total despreocupação, uma palavra que Magda nunca ouvira uma darkovana pronunciar; só a vira em livros, pois nenhum homem a usaria em sua presença.

É melhor eu não falar muito. Entre elas, pelo menos, não usam os eufemismos considerados polidos para as mulheres!

Magda também notou que havia um cartaz tosco pendurado no lado de fora da latrina reservada para as mulheres, advertindo os homens a se manterem à distância. A antropóloga treinada fez outra suposição, no fundo de sua mente: Elas imaginam que sei ler. E algumas, pelo menos, sabem escrever. Isso também era um pequeno choque.

— Venha comer.

Sherna despejou uma concha de sopa quente na caneca de Magda, dividiu uma das aves assadas com uma faca e entregou-lhe sua parte. Como as outras, Magda sentou em suas mantas desenroladas para comer. Disse a si mesma para não ficar nervosa; já comera em companhia darkovana muitas vezes antes.

A amazona que Jaelle apontara como Gwennis — Magda calculou que ela devia ter em torno de trinta anos, uma mulher bonita e esbelta, numa túnica inferior azul — perguntou:

— Podemos saber a natureza de sua missão, Margali, se não for secreta?

Magda começara a desconfiar de que entre as amazonas esse tipo de interrogatório polido era costumeiro. De qualquer forma, depois de aceitar o convite para partilhar o fogo e a refeição, ela não podia se retirar para um silêncio grosseiro. Fui uma idiota. Deveria

ter acampado no bosque. Mas ela ainda podia ouvir lá fora o uivo da tempestade, fazendo-a pensar que isso seria impossível.

— Não é segredo, mas trata-se de uma questão de família da minha empregadora.

Rayna, alta e esguia, com os cabelos tão crespos que pareciam um pequeno halo à luz do fogo, disse:

— E sem dúvida se sentirá orgulhosa em revelar seu nome para nós?

Dama Rohana previu isso. Abençoada seja; eu nunca ousaria indicá-la sem sua permissão.

— É meu privilégio servir Dama Rohana Ardaís, numa missão em Sain Scarp.

Camilla, sentada ao lado de Jaelle, contraiu os lábios e olhou rapidamente para os homens de aparência rude, agora sentados em torno de sua fogueira e conversando em voz alta, enquanto comiam de um enorme caldeirão.

Magda pensou: Será que esses homens são bandidos? É possível que sejam de Sain Scarp? O pensamento deixou-a outra vez arrepiada com um "pressentimento"; não ouviu o que Jaelle lhe disse e teve de pedir a ela que repetisse.

— Eu disse: Dama Rohana ainda está muito manca da queda que sofreu de seu cavalo? Pobre velha... e ainda por cima logo depois de perder o marido; que tragédia!

Depois de um momento de incredulidade, Magda compreendeu o que estava acontecendo. Não havia nada a fazer senão encarar a situação com ousadia. Ela pôs o prato no chão com uma boa demonstração de orgulho ofendido.

— Teve notícias mais recentes do que as minhas, ou então está me testando, irmã. — Magda pronunciou o tratamento habitual com intensa ironia. — Quando a vi pela última vez, Dama Rohana estava forte e animada; e chamá-la de velha seria um grande insulto, pois não creio que ela tenha vinte anos a mais do que eu. Quanto a seu marido... — Ela vasculhou rapidamente a mente à procura do nome. — ...não tive o privilégio de conhecer Dom Gabriel, mas ela falou a

seu respeito como vivo e bem. Ou há outra Dama Rohana no Domínio Ardais a quem não tenho o privilégio de conhecer e servir?

O rosto adorável de Jaelle parecia agora perturbado e arrependido.

— Não deve se zangar comigo, Margali. Dama Rohana é minha parenta e a única que se mostra gentil com a desgraça da família. Como pode adivinhar, a honra de Dama Rohana é muito importante para mim e não admitiria que seu nome fosse usado sem a sua permissão. Peço que me perdoe.

Magda disse, a voz tensa:

— É melhor você dar uma olhada no salvo-conduto que eu levo...

— Oh, por favor... — Jaelle parecia muito jovem agora. — ... não se incomode. Sherna, sirva-lhe algum vinho. Beba conosco, Margali. E não fique zangada!

Magda aceitou o vinho, o suor afluindo em suas palmas; enxugou-as furtivamente na túnica. Foi muita sorte minha. Mas consegui passar por essa. O que mais elas vão lançar em cima de mim? Ela tomou um gole do vinho, mastigou os doces e as nozes distribuídas por Rayna; haviam sido conservadas em alguma mistura azeda, bastante temperada. Ela notou que Jaelle, que recusara seus doces, comia as nozes com a maior satisfação.

Ela é jovem. Mas é melhor eu não subestimá-la.

Uma explosão de ruído entre os homens na outra fogueira interrompeu seus pensamentos e ela se virou para observá-los. Estavam bebendo muito, uma garrafa passando de mão em mão, riam estrondosamente, abafando o uivo da tempestade lá fora. Magda aguçou os ouvidos para escutar, pensando: Se eles são de Sain Scarp, podem saber alguma coisa sobre Piedro...

A mão de Camilla desceu para seu pulso e apertou-o como um torno; Magda quase gritou de dor.

— Que vergonha! — exclamou a velha amazona, numa voz que cortava como faca. — É assim que a Casa de Temora ensina suas filhas a se comportarem, como uma mulher desavergonhada, olhando para homens embriagados que nem uma meretriz das ruas? Vire as costas a eles, sua pirralha de maus modos!

Magda desvencilhou a mão dos dedos vigorosos. Seus olhos se encheram de lágrimas de indignação e humilhação. E disse, num sussurro:

— Eu estava apenas especulando se eles são bandidos...

— O que quer que eles sejam, nada têm a ver conosco.

A velha falou de uma forma incisiva e definitiva. Magda esfregou o pulso, pensando se haveria uma equimose.

Estou fazendo tudo errado. É melhor manter a boca fechada e me deitar o mais cedo possível. Ela se estendeu nas mantas, simulando sono. O riso e o canto dos bandidos embriagados continuavam. Havia uma conversa em tons mais suaves na fogueira das mulheres, alguns risos comedidos e gracejos... zombavam de Sherna por alguma coisa que acontecera no festival do solstício do verão. Magda não entendeu nada. As mulheres tiraram as botas, arrumaram os alforjes, limparam e guardaram os utensílios de comer e começaram a se aprontar para dormir. Alguém comentou:

— Eu gostaria que Rafi estivesse aqui com sua harpa; poderíamos ter uma canção, melhor do que esse barulho!

Ela lançou um olhar rápido para trás, na direção dos bêbados no outro lado, mas não se virou para olhar. Magda pensou: Etiqueta das Amazonas? Camilla disse:

— Rafi estava comigo quando punimos aquelas duas mulheres na cidade de Thendara. Vocês são novas entre nós, Rayna e Sherna, ainda não ouviram? Você, Margali, está vindo de Thendara; a história ainda circula no mercado?

— Que história?

Magda não se atreveu a simular um sono profundo demais para deixar de responder.

— Também ainda não soube? Chegou ao nosso conhecimento que na Gaiola Dourada... conhece a Gaiola Dourada?

Ela esperou por uma resposta e Magda acenou com a cabeça. Gaiola Dourada era um notório bordel, não muito longe da Zona Terráquea; ela sabia que era freqüentado às vezes por espaçonautas e turistas do Império.

— Chegou ao nosso conhecimento que havia duas artistas... — Camilla pronunciou o termo polido com ironia. — ... que haviam

cortado os cabelos bem curtos e todas as noites apresentavam um espetáculo bastante indecente... tenho certeza de que todas podem imaginar os detalhes... que a velha que dirige o bordel anunciava como "Segredos Amorosos das Amazonas Livres". Assim, Rafaella e eu...

— Tia querida — interrompeu-a Jaelle, bocejando -, sei desde os quatorze anos, assim como todas nós, que há amantes de mulheres neste mundo e também supostas amantes de mulheres; e sei também que alguns homens não têm nada melhor para fazer com sua virilidade do que se entregarem a fantasias sobre elas. Acha que estamos tão entediadas que deve nos distrair com histórias obscenas, Camilla querida?

— Então não soube como punimos aquelas cadelas por fingirem ser amazonas e lançarem escândalo e desgraça para o nosso nome? Pode imaginar, Margali?

— Não — respondeu Magda, não confiando em si mesma para dizer mais do que isso.

Essa história está sendo contada em meu benefício. Eu me denunciei de alguma forma. Essa velha emmasca tem olhos aguçados. Camilla continuou, saboreando as palavras, os olhos fixados em Magda:

— Rafi e eu fomos até lá à noite, depois que a audiência já fora embora, arrastamos as duas prostitutas miseráveis para a praça principal, arrancamos suas roupas, raspamos suas cabeças e também as partes íntimas, passamos piche em seus corpos e as fizemos rolar sobre aparas de madeira.

— Eu gostaria de estar presente! — disse Jaelle, os olhos faiscando com uma satisfação selvagem. — Teria encostado uma tocha nelas para que ardessem!

— Deixamos as duas na praça, naquele estado, para serem encontradas pela guarda. Tenho certeza de que depois de passarem por esta vergonha elas nunca mais fingirão ser amazonas para suas sórdidas encenações. O que você acha, Margali?

Magda tentou manter a voz firme, mas sentia um aperto na garganta e sabia o que o causava, um medo terrível:

— Provavelmente não; mas sempre ouvi dizer que uma grezalis adota o seu ofício porque é estúpida demais para aprender qualquer outro. Por isso, talvez tenha sido uma lição desperdiçada.

— Foram muito duras com elas — comentou Sherna. — A velha pervertida que dirige o lugar é que deveria ser tratada assim. Ela é que encenou o espetáculo sórdido; não foi culpa das mulheres.

— Ao contrário, acho que foram muito indulgentes com elas — interveio Jaelle. — Envergonhar mulheres assim é inútil; se elas não fossem indiferentes à vergonha, nunca estariam num lugar desse tipo.

— Nem todas as mulheres se tornam prostitutas por sua livre e espontânea vontade — argumentou Sherna. — Elas precisam ganhar seu pão de alguma forma.

A voz de Camilla soou áspera, num tom que encerrava definitivamente os comentários a respeito:

— Há sempre uma alternativa.

Magda, observando o rosto idoso e sombrio, especulou outra vez: Que espécie de experiência terrível pode levar uma mulher a se odiar tanto que até mesmo a neutralização parece preferível a manter qualquer vestígio de função feminina? A operação de neutralização era ilegal em Darkover havia séculos, mas nem mesmo as medidas mais rigorosas haviam conseguido eliminá-la.

Jaelle tornou a bocejar e pediu a Rayna, que era a mais alta, para apagar a lanterna. Outra mulher abafou o fogo, a fim de que só permanecessem algumas brasas durante a noite. Magda ajeitou a cabeça nos alforjes, como viu as outras fazendo, e pôs a faca da bota ao lado da cabeça.

Agora que o perigo parecia ter passado e o medo intenso de ser descoberta se desvanecera, ela percebeu que estava exultante. Aprendera mais sobre as Amazonas Livres em uma noite do que doze anos no lado darkovano ensinaram a todos os agentes. Sabia disso porque, antes de deixar seu posto, lera tudo o que se sabia sobre elas, inclusive folclore, rumores e piadas obscenas; e tudo cabia num Unpresso de computador que ela podia pôr na palma da mão. Se eu transmitir o que soube hoje, terei algo de que me gabar

pelo resto da vida; e me gabarei mais ainda por ter passado a noite com elas sem ser descoberta.

Uma após a outra, as amazonas mergulharam no sono. A velha Camilla roncava baixinho. Sherna e Gwennis, deitadas lado a lado conversaram por alguns momentos, aos sussurros, depois dormiram também. Magda, apesar da árdua jornada do dia, estava muito cansada e tensa para dormir. O barulho junto do outro fogo não diminuiu; ao contrário, foi se tornando cada vez mais alto. Magda se perguntou se não seria deliberado, uma maneira de expressar a hostilidade que os homens não ousavam demonstrar. Havia uma conversa alta, canto de bêbado, algumas canções tão indecentes que Magda sabia que eles não ousariam cantar na presença de qualquer mulher que tivesse a menor pretensão de respeitabilidade.

Ela escutou por algum tempo, depois foi ficando entediada e irritada. Não havia leis de comportamento polido para os abrigos, determinando até que horas um grupo podia continuar a fazer barulho quando partilhava o lugar com outros viajantes? Será que insistiriam naquele tumulto durante a noite inteira? Era surpreendente que as amazonas aturassem, mas também parecia evidente que o código delas as proibia de tomarem conhecimento dos bandos de homens.

As canções chegaram ao fim; houve um breve intervalo de silêncio, depois um princípio de briga, logo apartada. Em outro momento de calma, Magda ouviu um dos homens dizer: — ...preso em Sain Scarp...

Ela ficou tensa no mesmo instante, esforçando-se para ouvir mais alguma coisa a respeito, mas a ruidosa conversa de bêbado recomeçou. Eles sabem alguma coisa sobre Peter! Se ao menos eu pudesse descobrir!

Abafada pelas vozes ruidosas, ela teve a impressão de ouvir a palavra Ardais — nunca teve certeza — e sua determinação aumentou. Tinha de ouvir! Todas as amazonas dormiam agora. Podia se esgueirar pela parede escura... Despira-se parcialmente; sentou e pôs a calça e a túnica inferior no escuro, saiu de baixo das mantas e avançou descalça ao longo da parede, mantendo-se nas sombras. Podia ver Jaelle dormindo de barriga para baixo, como

uma criança, o rosto no braço dobrado. Magda foi na ponta dos pés até o outro lado da sala, prendendo a respiração; foi recompensada ao ouvir um dos homens dizer: — ...o filhote de Ardais...

E logo depois: — ...mandá-lo de volta no solstício do inverno...

— E o que a dama respondeu...

— Acha que ele me conta tudo? Tudo o que posso...

A voz foi abafada por uma explosão de riso bêbado, depois um dos homens se empertigou.

— O que é isso?

— Um camundongo ou rato, provavelmente. Passe-me a botija.

Magda ficou imóvel, mas o primeiro homem levantou-se subitamente e avançou para o lugar nas sombras em que ela se encolhia; ela virou-se, mas perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Por cima dela, ouviu uma estrondosa gargalhada. No instante seguinte mãos rudes a agarraram, ela foi levantada e carregada para o centro do círculo de homens.

O homem que a segurava tratou de pô-la de pé, soltando uma risada:

— Mas que camundongo ou rato, Jerral!

Magda viu que seu captor era o homem alto e corpulento de bigode, cujos olhos haviam-na assustado quando entrara no abrigo. Ele se abaixou e pegou o queixo de Magda na mão enorme.

— Cansada de dormir sozinha, chiya? — Ele usou a palavra para "garotinha", que na intimidade da família é afetuosa, mas em outra parte é desdenhosa. — Por qual de nós ficou com tesão, hem? Aposto que é por mim; percebi quando me olhou antes.

Magda tentava freneticamente respirar direito, tentava pensar. Não podia lutar nem suplicar com aqueles homens!

— Todos nós já ouvimos falar sobre as Amazonas Livres — disse um homem de barba preta, também enorme, cutucando as costelas do captor de Magda com uma risada insinuante. — Vamos acordar o resto das mulheres e convidá-las para participarem da festa! E então, coelhinha, veio perguntar se havia um trago para você aqui?

Oh, Deus, o que eu fiz? Serei responsável por violar a trégua do abrigo se envolver as outras nesta confusão, pois fiz esses

homens pensarem... Furtivamente ela procurou sua faca; e se lembrou, horrorizada, de que a deixara ao lado do alforje.

— Qual é o problema, chiya? Não tem nada a dizer? Pois vamos soltar sua língua!

Magda sentiu o bafo fétido do grandalhão que a pegara, o bigode enorme roçando em seu rosto. Ele deu um puxão em sua túnica.

— Ei, ela é bonita ainda por cima! Pare de empurrar, Rannar você terá sua vez daqui a pouco... esta é minha. Se quer uma mulher, vá despertar uma das outras!

Ele passou as mãos pelo corpo de Magda. Ela se desvencilhou segurou-o pelo braço, tentou derrubá-lo num golpe de judô; ele deu um passo para o lado, soltando um grito desdenhoso.

— Ei, boneca, conheço um truque que vale dois desses! Então é uma lutadora também, hem? Acho que vamos nos divertir para valer com esta aqui!

Magda sentiu os braços dormentes. O que há comigo? Sentiu que o homem a agarrava pelo ombro e torcia cruelmente; não pôde reprimir um grito de dor.

— E agora chega de bobagem, minha preciosa. Seja uma boa menina e não vamos machucá-la... isso mesmo, não vamos machucá-la...

Ele passou as mãos quentes pelos seios de Magda. Ela desferiu um golpe com a quina da mão em sua boca. Cambaleando para trás, numa raiva embriagada, ele revidou com um golpe violento, que derrubou Magda no chão, deixando-a meio atordoada.

— Já chega dessa brincadeira, sua cadela! Segure-a, Rannar... Magda lutou e se debateu, ofegante, em silêncio, com medo de que alguma palavra do Padrão terráqueo pudesse escapar se abrisse a boca. Os homens se agruparam ao seu redor, gritando palavras de estímulo para os companheiros que a seguravam. Magda fora treinada em combate desarmado desde os dezesseis anos; tentou prender a respiração, encontrar forças para golpear com eficiência, mas se descobriu quase imobilizada.

Por que não posso me defender? Como cheguei a esse ponto? E subitamente, como um homem se afogando que vê toda a sua

vida surgir diante dos olhos, pelo que dizem, Magda soube a resposta. Eu me condicionei, por anos, a me comportar como uma darkovana normal. E elas são muito tímidas para lutarem... esperam que os homens as protejam. Condicionei-me a isso e cancelei meu treinamento de agente terráquea...

Ela mal soube quando começou a gritar...

Capítulo Nove

Um clarão surgiu subitamente diante dos olhos de Magda; uma tocha desceu, ofuscando o homem que a segurava. Ele recuou, gritando. E depois havia meia dúzia de facas, ao que parecia, apontadas para os captores de Magda.

— Larguem-na! — ordenou uma voz, baixa e controlada. Magda viu o rosto de Jaelle por cima da tocha. O homem que a segurava recuou; Magda empurrou o outro homem para o lado, desvencilhou-se e levantou-se, procurando se envolver com a túnica rasgada. O homem de bigode gritou alguma obscenidade e avançou, empunhando sua espada; houve uma confusão de lâminas, o barulho de metais se chocando, um uivo e o homem caiu, comprimindo um talho nas coxas. Magda viu sangue na faca de Jaelle. Uma das mulheres ajudou Magda a se ajeitar nas roupas rasgadas, enquanto os homens se agrupavam, murmurando.

— Cuidado! — gritou Gwennis, abruptamente.

As mulheres recuaram, em ordem, as facas como uma muralha à frente. Magda, empurrada para um lado sem qualquer consideração, observou o lento e ameaçador avanço dos bandidos, a barricada firme das facas das mulheres. Tudo parecia se encontrar num foco intenso enquanto ela ficava parada ali, esperando o choque: os rostos rudes e terríveis dos homens, os rostos igualmente inabaláveis das mulheres; a luz da tocha, as vigas escuras nas sombras, até mesmo os padrões do chão de pedra, tudo parecia se gravar para sempre em sua memória. Mais tarde, ela nunca soube quanto tempo durou aquela espera tensa — a sensação foi de horas, dias — pela confrontação inevitável, o choque de espadas. Magda sentiu vontade de gritar. Oh, não, não, eu não queria... e levantou as mãos fisicamente para tapar a boca e impedir o grito.

E de repente um dos homens praguejou bruscamente e baixou a ponta da espada.

— Ao inferno com tudo isso. Não vale a pena. Baixem suas facas, garotas. Trégua?

Nenhuma das mulheres se mexeu, mas o chefe dos bandidos — o grandalhão de barba preta que imobilizara Magda — gesticulou para seus homens e, um a um, eles baixaram as espadas. Depois que a última apontava para baixo, as mulheres lentamente relaxaram, baixando também as pontas de suas facas para o chão de pedra. Jaelle disse:

— Vocês violaram a trégua do abrigo ao porem as mãos em uma das nossas. Se eu comunicasse isso a um posto de patrulha, todos vocês poderiam ser prescritos, qualquer um tendo liberdade para matá-los durante três anos.

A estranha beleza de seu rosto à luz da tocha, os cabelos vermelhos formando um halo em torno das feições pálidas, fazia um insólito contraste com as palavras duras. O chefe dos bandidos disse, a voz engrolada:

— Não faria isso, não é mesmo, mestra? Não estávamos fazendo mal a ninguém.

— Todas percebemos quanto prazer ela demonstrou com os avanços de vocês — respondeu Jaelle, secamente.

O homem de bigode interveio:

— Ora essa, ela é que veio até nós! Como podíamos saber que não queria um pouco de diversão?

O sangue ainda escorria do ferimento através de suas coxas, mas Magda podia constatar agora que era superficial: talvez doloroso, humilhante, mas não incapacitante ou perigoso. Jaelle nem mesmo tentara matá-lo.

Jaelle virou-se para Magda, os olhos faiscando como fogo verde, à luz da tocha. Magda sentiu-se angustiada de vergonha e medo. Sou responsável por tudo isso.

— Você foi para eles por sua livre e espontânea vontade? Estava querendo, como ele diz, um pouco de diversão?

Magda sussurrou, mal podendo ouvir a própria voz:

— Então o que estava fazendo para que eles pudessem pensar assim? — indagou a líder das amazonas, a voz como o estalo de um chicote.

Magda abriu a boca para dizer "Eu queria ouvir o que eles falavam mas conteve-se antes que uma só palavra saísse. Camilla

advertira-a: espionar homens não era comportamento apropriado para uma amazona. Ela não podia desgraçar aquelas mulheres, que a haviam defendido sem terem essa obrigação, acarretando-lhes vergonha e desprezo. Haviam-na acolhido para sua refeição e seu fogo; vestida como uma amazona, ela violara uma de suas regras de comportamento mais rigorosas. Sabia agora que devia mentir, depressa e bem, uma mentira que não envolvesse as amazonas em seu comportamento inadmissível. E disse, a voz trêmula:

— Eu... eu tive vontade de ir à privada e na escuridão virei para a direção errada. Quando percebi que me enganara, tentei recuar antes que me vissem, mas escorreguei e caí.

— Estão vendo? — disse Jaelle para os homens, fitando Magda em seguida, os olhos como o golpe de um açoite.

Ela sabe que estou mentindo, é claro. Mas também sabe por quê. Era toda a reparação que ela podia oferecer. Jaelle acrescentou:

— Vocês violaram a trégua do abrigo, pelo que a penalidade é a prescrição de três anos. E tentaram estuprar uma mulher aqui, pelo que a nossa penalidade é a castração. Considerem-se afortunados pelo fato de seu homem não ter conseguido o que queria. E agora peguem suas coisas e saiam. Pela lei, não precisamos partilhar o abrigo com prescritos e estupradores.

Barba-preta disse, com uma consternação quase cômica em sua voz:

— Nessa tempestade, mestra?

— Deveria ter escutado a voz da tempestade antes de violar a trégua do abrigo. — O rosto de Jaelle estava como pedra. — Fiquem lá fora, como os animais nojentos que vocês são! E se um de vocês puser o pé pelo limiar enquanto ainda estivermos aqui, juro que cortarei seus cuyones e os assarei no fogo aqui! — Ela gesticulou com a faca. — Saiam! Já chega de conversa! Saiam!

Atrapalhados, embriagados, murmurando palavrões, os homens recolheram seus pertences; resmungando, furiosos, mas acabaram saindo, diante do brilho das facas das mulheres. Depois que a porta foi fechada, Jaelle disse:

— Rayna, Gwennis, vão até lá verificar se eles não mexem em nossos cavalos e equipamentos.

Ela entregou a tocha a Sherna e depois se aproximou lentamente de Magda.

— Você está machucada? Fizeram alguma coisa pior do que rasgar suas roupas e agarrá-la?

— Não.

Os dentes de Magda batiam, em choque e reação. Fui falsa em tudo. Com as amazonas, por me comportar de maneira indecente diante de homens. Com a missão em que estou empenhada, por não descobrir o que tanto arrisquei para saber. Sentia-se doente, envergonhada, exausta com a violência de suas emoções.

Jaelle passou um braço por Magda, amparando-a. O ato não foi gentil, mas desdenhoso. Ela disse:

— Sirvam algum vinho a Margali antes que ela conclua tudo isso caindo desmaiada a nossos pés!

Jaelle empurrou Magda para um banco; Camilla levou uma caneca a seus lábios. Magda empurrou-a.

— Não quero...

— Beba logo!

Camilla forçou a caneca contra seus lábios; Magda engoliu, engasgou, engoliu de novo. Camilla disse, incisiva:

— Eu a avisei, sua descarada! Quem deixou você sair da Casa da Guilda nesse estado, sem saber como deve se comportar? Se eles não estivessem tão bêbados quanto monges no festival do solstício do inverno, haveria uma luta e poderíamos ser estupradas ou mortas! Você merece levar uma surra e ser mandada de volta para a Casa da Guilda!

Sherna tornara a atizar o fogo; as mulheres voltaram do estábulo e Rayna informou:

— Eles foram embora; boa viagem. Espero que congelem na tempestade.

Jaelle estava de pé, de costas para o fogo, parecendo formidável. Camilla empurrou Magda em sua direção.

— Jaelle, você é nossa líder eleita; cabe a você lidar com ela. Se autorizar, darei uma surra nela até deixá-la sangrando. Será um prazer!

Jaelle demorou um longo tempo para dizer:

— Largue-a, Camilla; se eu decidir que ela deve levar uma surra, posso fazer isso pessoalmente. Muito bem, Margali, o que tem a dizer?

Ainda não acabou. Tenho de continuar a blefar. E Magda disse, num arroubo de desafio:

— Você não é a minha líder eleita. Devo-lhe uma explicação para meu comportamento?

Jaelle respondeu furiosa:

— Você poderia ter envolvido todas nós em sua estupidez... ou devassidão, o que quer que tenha sido! Qual é uma de nossas primeiras regras básicas? Jamais se meta em qualquer coisa da qual não possa sair por si mesma! Ninguém força uma mulher ao risco; mas depois que assumiu, você deveria ser capaz de enfrentá-lo. Agora reforçou uma das histórias antigas e sórdidas a nosso respeito, a de que só lutamos em bandos e nunca enfrentamos nossos inimigos de uma maneira justa! É isso mesmo, acho que me deve uma explicação... e não apenas a mim, mas a todas nós.

Nada mais justo, pensou Magda. E ela acabou respondendo, com a verdade:

— Ouvi uma parte do que eles estavam falando e parecia se relacionar com a missão que me trouxe a estas colinas. Achei que devia ouvir mais.

Jaelle refletiu sobre isso por um momento, o rosto franzido. Magda notou, incongruentemente, uma coisa que não percebera até aquele momento; Jaelle, parada ali, tão segura e confiante, usava apenas as roupas de baixo. Como as outras. E em algum lugar no fundo de sua mente a antropóloga treinada, que nunca entrava de folga, fazia anotações: Então é isso o que as Amazonas Livres usam como roupas de baixo. A voz da velha Camilla soou áspera:

— Não acredite numa só palavra do que ela diz, Jaelle. Botas de homem, com uma faca? E quem a deixou sair da Casa da Guilda desse jeito, para desgraçar a nós todas? Qualquer garota da Casa da Guilda, mesmo aos quinze anos, saberia como se defender contra o estupro, mesmo que estivesse desarmada. Há alguma coisa errada aqui!

— Tem razão... muito errada — murmurou Jaelle. — Alguém se comportou de modo irresponsável permitindo que ela saísse sozinha, antes de saber como se conduzir. Você envergonha quem quer que aceitou seu juramento, Margali. Quem foi ela? Diga-nos o seu nome; ela é responsável por sua conduta!

Deus me ajude, agora estou mesmo perdida! Mas Rohana me disse que a mulher está morta e não vou envolver qualquer pessoa viva numa encrenca.

— Prestei juramento para Kindra n'ha Mhari.

— Mentira!

Jaelle levantou o braço e desferiu um golpe que deixou a cabeça de Magda zumbindo; e esbofeteou-a mais duas vezes, gritando, a voz trêmula:

— Está mentindo, sua cadela! Kindra n'ha Mhari foi minha mãe-de-adoção; vivi com ela por sete anos antes de sua morte e conheço de cara e de nome todas as suas filhas-de-juramento! Como se atreve a caluniar uma morta? Está mentindo!

A cabeça de Magda latejava com a dor dos golpes. E agora? O que vou fazer agora? A velha Camilla aproximou seu rosto de Magda, pálida e tremendo.

— Se você fosse um homem, eu a desafiaria. Kindra n'ha Mhari me acolheu quando eu estava sozinha e desesperada; pertenci a seu bando durante trinta anos e amei-a como a uma irmã gêmea! Não sei quem ou o que você é para pensar que pode fazer mal uso do nome de Kindra, mas nunca mais fará isso! Rayna, Gwennis, peguem os alforjes dela; vamos ver se contêm alguma coisa que possa nos dar uma pista sobre essa impostora nojenta!

Rayna abaixou-se e começou a revistar os pertences de Magda, à luz da tocha. Finalmente tirou o salvo-conduto e entregou-o a Jaelle.

— Tem o nome e o lacre de Dama Rohana. Uma falsificação, sem dúvida, mas é melhor você dar uma olhada, Jaelle.

Jaelle virou-o entre as mãos, curiosa, e aproximou-o do fogo para ver melhor.

— Acenda a lanterna, Rayna; precisamos de luz para o que vai acontecer. Não posso ler direito nesta escuridão.

Depois que a lanterna foi acesa, ela ficou imóvel por algum tempo, examinando o salvo-conduto, antes de dizer:

— Não é uma falsificação; conheço a letra de minha parenta muito bem para saber disso. E o lacre é genuíno. — Jaelle leu em voz alta. — ...Conclamo todos que devem lealdade ao Domínio de Ardais para prestarem a ajuda ao seu alcance...

— Roubado! — exclamou Camilla, a boca se contraindo, desdenhosa.

— Não, não é, pois tem o nome dela e uma boa descrição. — Jaelle aproximou-se de Magda e entregou-lhe o salvo-conduto. — Minha parenta realmente lhe deu isso?

— Deu, sim.

— Ninguém pode obrigar Rohana a fazer alguma coisa que ela não queira — declarou Jaelle. — E eu nunca soube que ela tenha emprestado seu nome a alguma iniquidade. Você se encontra mesmo numa missão por conta de Rohana?

Magda balançou a cabeça e Jaelle acrescentou:

— Mas não é uma amazona, não é mesmo? Por que tentou passar por amazona, Margali... se é esse o seu verdadeiro nome?

— É o nome que eu tinha quando criança. — Magda piscou, temendo por um instante que pudesse começar a chorar. Mas continuou a falar sem vacilar: — Minha missão é honrada, e foi Dama Rohana quem sugeriu que eu me vestisse e me comportasse como uma amazona.

Ela fez uma pausa, levantando a cabeça, ainda zumbindo com os golpes de Jaelle.

— Não desgracei ninguém! Se eu tivesse evitado este encontro aqui, não teria havido mal algum; mas eu não queria dormir lá fora com esta tempestade.

— Ainda bem, pois escapou por pouco da ulceração do frio — comentou Jaelle. — Portanto, você pensou que poderia passar a noite sem se trair...

— E depois me pareceu que aqueles homens sabiam alguma coisa importante para minha missão. Algo tão fundamental que nada mais parecia importar.

— O que a levou a usar botas de homem? Foi apenas ignorância?

— Dama Rohana me deu as botas — explicou Magda. — Eu não sabia de nada.

Camilla riu.

— Eu disse a Dama Rohana que sua ignorância de nossos costumes ainda lhe criaria problemas; mas só aconteceu muitos anos depois do que imaginei! Seja como for, ela teve boas intenções; creio que se não tivesse encontrado amazonas de verdade poderia muito bem passar por uma de nós.

Jaelle perguntou, curiosa:

— Mas você não sentiu medo de viajar sozinha pelas Hellers e com o inverno chegando?

Poucas horas antes Magda teria respondido "Não, não tive medo". Agora, depois de provar o medo, ela foi mais honesta consigo mesma.

— Senti, sim. Mas achei que minha missão era mais importante do que o medo.

Pela primeira vez os olhos de Jaelle se tornaram um pouco mais gentis.

— Então pensou que o traje de uma amazona a protegeria? O disfarce enganou até a nós, por algum tempo; e me parece que, de um modo geral, você tentou se conduzir de uma maneira que não trouxesse desgraça para o nosso traje e nome. Não é sua culpa que tenha falhado. Mas o que deu em sua cabeça para partir sozinha numa missão assim, garota? Não havia homem a quem pudesse recorrer, nenhum parente, pai, guardião ou superior? E que missão é essa em que deve viajar sozinha?

Não tendo idéia melhor, Magda contou a verdade; ou pelo menos tanto quanto podia.

— Um parente próximo... (Um marido é parente... ou pelo menos aparentado através do casamento.) ... está preso em Sain Scarp, à espera de resgate. Se o resgate não for pago até o solstício do inverno, ele será torturado e morto.

— E nenhum homem em sua família ou casa quis ajudá-la? — indagou Jaelle. — Não consigo entender. Se você tinha o direito de

apelar para Dama Rohana, também tinha o direito de apelar por ajuda para o marido ou filhos dela.

Magda respondeu com firmeza:

— Eu não tinha o direito de apelar para Dama Rohana. Ela é que se prontificou a me ajudar, por bondade e caridade, porque eu não podia contar com mais ninguém.

— É típico de Rohana — comentou Jaelle. — Nenhum cachorro manco das montanhas jamais apareceu em vão na sua porta.

Ela suspirou e bocejou, cobrindo a boca com a mão pequena, tão graciosa que era difícil acreditar que ferira um homem e golpeará Magda com aquelas mesmas mãos.

— Não sou sua guardiã e seus problemas não são da minha conta. Normalmente eu me sentiria compelida a ajudar qualquer pessoa sob a proteção de minha parenta. Mas há uma questão mais séria em jogo aqui. Parece-me que você demonstrou um espírito quase digno de uma verdadeira amazona ao se aventurar sozinha pelas Hells nesta época do ano, em vez de invocar a proteção de algum homem. Foi estúpida, é verdade, e azarada ainda por cima; mas se a estupidez fosse crime, metade da raça humana estaria proscrita em cada encruzilhada e... como é mesmo o provérbio?... Se azar fosse queijo, as leiteiras ficariam sem trabalho. Mesmo assim... Jaelle fez uma pausa, franzindo o rosto.

— ...ninguém tem permissão para se disfarçar de Amazona Livre. Camilla nos contou esta noite como uma encenação assim foi punida!

Magda estremeceu, mas forçou-se a dizer, destemida:

— Você mesma disse: não fiz nada para desgraçá-las. E sabe que Dama Rohana teve permissão para viajar com seu bando, vestida como uma de vocês.

— É verdade, mas a lei exige que antes a mulher tenha permissão da líder eleita e consentimento de cada uma das mulheres que viajarão em sua companhia.

— Então me conceda a permissão.

Jaelle se desmanchou num sorriso inesperado.

— Eu quase que gostaria que as leis da nossa Guilda permitissem. E uma pena que Rohana não soubesse como essa lei é inflexível. Se ela me chamasse e pedisse permissão antes de você se apresentar como amazona, tenho a impressão... — Jaelle suspirou. — Mas a lei não permite que eu dê essa permissão depois que você invadiu a privacidade de minhas mulheres sob disfarce: talvez sem saber, na ignorância de seu crime, mas mesmo assim foi isso o que aconteceu. Houve um tempo... e se não nos mantivermos vigilantes pode ocorrer outra vez em Darkover... em que éramos infiltradas constantemente por inimigos, espiões, tentando descobrir coisas sobre nossos costumes e fraquezas, divulgar histórias caluniosas para nos destruir. A penalidade para um homem que se infiltra entre nós disfarçado é a morte ou a mutilação; podemos escolher, e a decisão depende das circunstâncias. Para uma mulher, a penalidade é sempre a mesma. Antes de você nos deixar, a mentira deve se converter em verdade: Você tem de prestar o juramento das Amazonas Livres, aqui e agora.

A primeira reação de Magda foi: Ora, isso é tudo? Jaelle percebeu o alívio em sua expressão, pois endureceu a voz ao acrescentar:

— Não encare tão levemente, pois se jurar e depois nos trair, qualquer Amazona Livre em Darkover pode matá-la onde quer que a encontre; morrerá no instante em que aparecer!

Um pensamento aflorou na mente de Magda: Um juramento sob pressão não é válido. Essa foi a Magda terráquea; no momento seguinte, porém, a jovem darkovana Margali, criada em Caer Donn, absorvendo o modo de vida, os códigos e as crenças de seus colegas darkovanos, quase mais profundamente que os dos pais, pensou: É um juramento que não posso trair; o que vou fazer?

O conflito era terrível; ela tinha a sensação de que estava sendo dilacerada. Tenho ido e vindo entre dois mundos com impunidade; agora devo pagar o preço e não sei se posso! Ela pôs as mãos sobre o rosto, numa tentativa inútil de esconder suas emoções. Se eu recusar, elas me matarão, aqui e agora?

— Vai prestar o juramento?

— Que opção eu tenho? — indagou Magda.

— Nenhuma. Devo isso a minhas mulheres e a cada mulher da Guilda, que ninguém se infiltre entre nós e leve os nossos segredos para o exterior. Se não quiser jurar, teremos de levá-la como prisioneira para a Casa da Guilda mais próxima, onde ficará até que esteja disposta a fazer o juramento, ou até a noite do solstício do inverno, quando há uma reunião da Guilda e nossas juízas poderão ouvir sua história e decidir o que deve ser feito. Pode ser que não apliquem nenhuma penalidade, que apenas exijam que jure manter segredo sobre tudo o que viu e depois a deixem ir embora.

— Jurarei isso com a maior boa vontade — declarou Magda, falando com sinceridade.

— Mas eu não tenho autoridade para tomar esse juramento de você. Só uma juíza pode fazer isso e na noite do solstício do inverno, depois de ouvir tudo o que se relaciona com o caso. Não haveria problemas se, por exemplo, você tivesse várias crianças pequenas e mais ninguém para cuidá-las, ou se já tivesse prestado o juramento de Guardiã de uma Torre. Se preferir podemos levá-la para a Casa da Guilda de Neskaya, que fica a apenas dez dias de viagem, deixando-a lá para o julgamento no solstício do inverno.

E a esta altura Peter estaria morto pela tortura!

Acho que terei de prestar esse maldito juramento. Vai me dar tempo para decidir o que fazer...

Provavelmente tudo o que acarretava — Magda recordou os poucos juramentos darkovanos cujo conteúdo e fórmula já ouvira — era um compromisso de não fazer mal a qualquer Amazona Livre e não trair nenhum de seus segredos. E eu não conheço nenhum deles, por isso é bastante seguro fazer essa promessa! É algo que posso aceitar honrosamente.

E se houver mais? Ela sentiu um princípio de desespero.

— Prestarei o juramento — acabou murmurando, com um esforço para manter a voz firme.

Jaelle balançou a cabeça.

— Era o que eu esperava. Muito bem, vamos acabar logo com isso. Estamos todas exaustas e você ainda mais, posso imaginar. Venha para o fogo e fique entre nós.

Magda obedeceu. Jaelle estava parada junto do fogo, de costas para as chamas; Magda notou outra vez como ela parecia jovem. Que idade podia ter? Vinte e dois, vinte e três... dificilmente mais do que isso! As mulheres formaram um círculo em torno delas. Camilla aproximou-se de Jaelle e disse em voz baixa:

— Você é jovem para isso; quer que eu aceite o juramento dela? Jaelle afagou o rosto vincado da companheira.

— Tia querida, está sempre disposta a me poupar ou resguardar, mas se tenho idade suficiente para ser líder eleita de um bando, também tenho para punir intrusos ou aceitar um juramento.

Ela virou-se para Magda e acrescentou:

— Deixe os seios expostos diante de nós.

Aturdida, confusa, Magda se atrapalhou com os cordões da túnica rasgada. Parte dela, naquele momento, a agente treinada que nunca parava de fazer anotações mentais para uso posterior, sentia-se excitada... a antropóloga participando de um costume tribal excepcional e secreto; mas o resto era apenas uma moça assustada, envergonhada como qualquer uma criada em Caer Donn ficaria por expor o corpo a estranhas. Não conseguia abrir os cordões; Sherna se adiantou e puxou a túnica, deixando-a nua até a cintura, estremeando. Magda cerrou os punhos nos lados, resistindo ao impulso de se cobrir com as mãos, enquanto as mulheres, uma a uma, se aproximavam solenemente e examinavam seus seios.

Isso deve ser uma maneira antiga de se certificarem de que não foram infiltradas por homens disfarçados. Aposto que houve um tempo em que uma candidata — ou uma intrusa — tinha de se despir por completo, da cabeça aos pés. Magda mordeu o lábio com força para não desatar num riso nervoso... ou em lágrimas. Eu me sinto como um cavalo no mercado!

Depois que todas as mulheres a examinaram, Jaelle declarou:

— Todas confirmamos que se trata de fato de uma mulher e não de um homem disfarçado que veio escarnecer de nós? Se há alguma dúvida, devemos exigir que essa pessoa se dispa por completo; qualquer uma de vocês tem o direito de exigir isso.

Magda não era mais capaz de se sentir exultante por essa confirmação de seu palpite; estava tremendo, os olhos abaixados.

Mas ninguém exigiu que ela terminasse de se despir, e Jaelle acenou com a cabeça.

— Que assim seja; nós a aceitamos como uma mulher. Agora, tem de cortar os cabelos e vir para nós por sua livre e espontânea vontade, repetindo o juramento que foi dado nos dias de Varzil, o Bom, à Guilda das Amazonas Livres, de acordo com a Carta mantida em Nevarsin. Na presença destas testemunhas, repita comigo: Deste dia em diante renuncio ao direito de casar, salvo como companheira livre. Nenhum homem me manterá di catenas e não habitarei na casa de nenhum homem como barragana.

Tropeçando nas palavras, com Jaelle a ajudá-la a intervalos, Magda repetiu as palavras.

— Nenhum homem me manterá...

E ela pensou: Nada é menos provável do que eu poder querer um dia — ou qualquer mulher nascida na Terra tenha permissão — casar di catenas, pelo antigo ritual religioso. E uma barragana é simplesmente uma mulher teúda e manteúda, uma concubina.

— Juro que estou disposta a me defender pela força se for atacada pela. força e que não recorrerei a nenhum homem por proteção.

Magda repetiu as palavras e outra vez sentiu que estava de fato se desintegrando. Duas de mim — a Magda terráquea, a Margali darkovana — estão se apartando! Quem sou eu? Quem serei depois disso?

— ...não recorrerei a nenhum... a nenhum homem por proteção...

Fui ensinada a me defender desde que tinha dezesseis anos. Em qualquer outro mundo eu estaria fazendo isso durante todo o tempo.

Aqui fui resguardada, e quando finalmente tive de me defender, descobri que não era capaz. Sem o bando de Jaelle eu seria espancada e provavelmente estuprada por todos os bandidos. Poderia ter sobrevivido — há mulheres que sobrevivem -, mas seria infernal conviver com isso!

— Deste dia em diante, juro que nunca mais serei conhecida pelo nome de qualquer homem, seja pai, guardião, amante ou

marido, mas única e exclusivamente como... — Jaelle parou. — Qual era o nome de sua mãe?

Magda vasculhou a mente ansiosamente, à procura do equivalente darkovano de "Elizabeth". O que há de errado comigo? Ouvi-o muitas vezes! Estou me desintegrando! Ela respondeu, depois de uma pausa perceptível:

— Ysabet.

— ...como Margali nikhya mie Ysabet — disse Jaelle, pronunciando as palavras por extenso, em vez da abreviatura comum.

Magda repetiu, mordendo o lábio, esforçando-se para manter o controle. Até agora, nada no juramento a perturbara ou assustara, mas aquilo a preocupava. Conhecida apenas como Margali n'ha Ysabet? Oh, papai, tenho de renunciar a seu nome também? Não me importei de renunciar ao nome de Peter quando nos separamos. Mas você, papai, tenho de renunciar a você também? O rosto de David Lorne, grisalho, gentil, solene, parecia flutuar em sua mente, balançando a cabeça em reprovação. Oh, Deus, Peter, você vale isso? Margali n'ha Ysabet... Magdalen, filha de Elizabeth. Nada mais do que isso?

— Deste dia em diante, juro que não me entregarei a nenhum homem a não ser no momento em que eu escolher e por minha livre e espontânea vontade, por meu próprio desejo; jamais ganharei o pão como o objeto do desejo de um homem.

Nenhuma mulher em seu juízo perfeito se recusaria a prestar o juramento de não se tornar uma prostituta. E depois Magda sentiu-se subitamente perturbada. Se uma mulher não tinha uma ocupação própria, isso podia significar também... uma esposa?

— Deste dia em diante, juro que não gerarei criança para qualquer homem a não ser por meu próprio prazer e no momento que eu escolher; não gerarei criança para qualquer homem por casa ou herança, clã ou linhagem, orgulho ou posteridade; juro que somente eu determinarei a criação e adoção de qualquer criança que eu gerar, sem consideração à posição ou orgulho de qualquer homem...

A Magda terráquea pensou: Isso faz sentido. Mas a moça criada em Caer Donn descobriu que sufocava enquanto pronunciava as palavras. Peter queria uma criança. Eu não queria naquele momento, mas me senti envergonhada por não querer; fiquei quase tão desapontada quanto ele ao descobrir que não estava grávida. Queria muito agradá-lo. Sabia que falhara com Peter... e agora nunca mais poderei... nunca mais poderei compensá-lo... E ela se ouviu, para sua vergonha e horror, soluçar alto. Ele queria tanto e lhe faltei nisso, fracassei para ele em tudo...

Jaelle esperou que os soluços se desvanecessem e depois repetiu, inexorável:

— ...à posição ou orgulho de qualquer homem...

Magda repetiu as palavras, descobrindo que chorava enquanto falava. Ordenou a si mesma para se acalmar. O que está acontecendo comigo? Por que desmorono desse jeito?

— Deste dia em diante, renuncio à fidelidade a qualquer família, clã, casa, guardião ou suserano e juro que só devo lealdade às leis da terra, como deve fazer uma cidadã livre; ao reino, à coroa e aos Deuses.

Magda repetiu as palavras mecanicamente. Estava quase exausta demais pela emoção para ouvi-las ou compreender seu significado.

— Não apelarei a nenhum homem como um direito por proteção, apoio ou socorro. Deverei lealdade apenas à minha mãe-de-jura-mento, a minhas irmãs na Guilda e à minha empregadora, durante a duração do contrato.

E a minha lealdade ao Império? Magda repetiu as palavras, forçando-as a passarem pelo carço em sua garganta.

— E juro ainda que as integrantes da Guilda das Amazonas Livres serão para mim, cada uma e todas, como minha mãe, irmã ou filha, nascidas do mesmo sangue que eu e que nenhuma mulher obrigada pelo juramento à Guilda apelará para mim em vão...

Magda descobriu que sua garganta se encontrava outra vez apertada com lágrimas não derramadas. E pensou: Minha mãe já morreu há muito tempo. Nunca tive uma irmã e nunca terei uma filha. Mesmo assim eu juro...

Jaelle inclinou-se, pegou as mãos frias de Magda e disse suavemente:

— Margali n'ha Ysabet, eu a aceito diante da Deusa como filha-de-juramento; daqui por diante, você será como filha e irmã para mim e para todas as mulheres da Guilda. Aqui, na presença destas testemunhas, declaro que daqui por diante você está obrigada pelo juramento da Guilda das Amazonas Livres, sujeita apenas às nossas leis. Eu lhe concedo a liberdade da Guilda; como símbolo, troco com você esta saudação.

Ela puxou Magda e beijou-a solenemente na boca, depois acrescentou:

— Ajoelhe-se e repita: Deste momento em diante, juro obedecer a todas as leis da Guilda das Amazonas Livres e a qualquer ordem legítima de minha mãe-de-juramento, das integrantes da Guilda ou de minha líder eleita durante a duração de um contrato. E se eu trair qualquer segredo da Guilda ou for falsa em meu juramento, então me submeterei às mães-da-Guilda para qualquer disciplina que determinarem; e se eu falhar, que qualquer mulher possa se virar contra mim, que me abata como um animal e entregue meu corpo sem sepultamento à deterioração e minha alma à misericórdia da Deusa.

Tarde demais para recuar. Atordoada, desesperada, Magda ouviu-se balbuciar as palavras que a condenavam por trair alguém. O que vou fazer agora? Estou jurada. O que vou fazer? Jaelle levantou-a e abraçou-a.

— Não chore, minha irmã — ela murmurou, usando a palavra na entonação íntima. — Sei que é um passo grande e solene e poucas de nós o deram sem lágrimas.

Camilla envolveu-a com sua túnica.

— Pobre coisinha, está enregelada até os ossos! Jaelle, como pôde deixá-la quase nua durante todo o longo juramento? Depois que a vimos, poderia ter feito uma pausa para que ela se vestisse!

Camilla ajeitou uma manta por cima da túnica de Magda e levou-a para junto do fogo. Jaelle riu em desculpas e disse:

— Perdoe-me, Margali. Nunca antes eu aceitara um juramento, fiquei nervosa, com medo de esquecer algumas palavras...

— Beba isto para parar de tremer.

Gwennis estendeu para Magda a caneca que haviam lhe dado antes e que ela não acabara de esvaziar. Magda ouviu seus dentes batendo na beira da caneca; tomou goles pequenos, devagar, tentando recuperar o controle. Todas se agruparam ao seu redor, abraçando-a, contortando-a. Rayna murmurou:

— Não precisa se sentir constrangida. Todas nós choramos... e garanto que você não chorou tanto quanto eu!

Jaelle acrescentou:

— E agora deve nos perdoar por sermos tão rudes com você antes, pois passamos a ser todas irmãs. A partir desta noite, cada amazona é sua irmã, mas aquelas que testemunharam o juramento constituem sua família especial, para sempre. — Ela correu os olhos pelo círculo, afetuosamente. — Não é isso mesmo? Foi Camilla quem cortou meus cabelos, há nove anos.

Gwennis disse, em voz baixa, como se fosse uma piada particular:

— Como ousa censurá-la por chorar, Jaelle? Lembro que você não chorou!

— Mas também fui criada entre vocês — argumentou Jaelle. — Agora vamos acabar esta garrafa de vinho em homenagem à nossa irmã e depois devemos todas dormir. Amanhã pensaremos na melhor maneira de enviá-la à Casa da Guilda, mas nesta noite devemos comemorar.

Todas se mostram muito gentis comigo agora. Não mereço isso. Magda, calma agora, exausta, perguntou a Gwennis:

— Para onde serei levada?

— Para a Casa da Guilda de Neskaya, ou talvez de Thendara, que é a nossa casa. Cada nova amazona deve passar meio ano na Casa da Guilda, aprendendo nossos costumes e desaprendendo os costumes perniciosos que lhe foram ensinados desde a infância... todas as coisas que você aprendeu sobre o comportamento apropriado de uma mulher. A infância a acorrentou; na Casa da Guilda aprenderá a se libertar, a ser o que melhor pode ser.

Oh, Deus! Prestei o juramento para evitar que me mandassem para a Casa da Guilda, para ganhar tempo! Então o que fiz de nada

adiantou?

Cada uma das amazonas tinha alguma coisa para lhe dizer. Sherna, uma jovem gorducha e bonita, foi se ajoelhar ao seu lado.

— Vim para as amazonas há dois anos, quando compreendi que nunca poderia partilhar a propriedade de meu pai; todos os meus irmãos partilharam, mas não eu. Para mim, não havia nada pela frente além do casamento com algum homem que pudesse ajudar meus irmãos a cuidar das terras de meu pai. Recusaram dois homens de quem eu gostava porque, segundo disseram, não viveriam sob o mesmo teto; e me forçaram um amigo deles. Quando eu soube que não podia recusar, não tinha esse direito, podia ser obrigada a casar pela vontade deles e não pela minha, cortei os cabelos e fui para a Casa da Guilda. Sabe o que eu mais temia?

Ela sorriu, um sorriso tão cômico que Magda não pôde deixar de sorrir também.

— Temia que elas me dissessem que eu nunca mais poderia deitar com um homem! Mas achei que era melhor do que casar para agradar a meus irmãos...

Jaelle sentou ao lado de Magda.

— O costume é mãe-de-juramento e filha trocarem presentes. Não tenho um presente para você, Margali, pois não previ esta situação. Preciso pensar em alguma coisa.

Elas são gentis comigo. Irresistivelmente gentis. Comportam-se como se eu fosse sua irmã há muito perdida. O juramento significa tanto...

— Minha missão... — murmurou Magda. — Eu disse que era de vida ou morte...

— Discutiremos isso pela manhã — respondeu Jaelle. — Pode ser que não deva lealdade a qualquer homem, mesmo que seja um parente. Mas agora todas devemos dormir.

As mulheres terminaram de tomar o vinho e voltaram a deitar. Rayna apagou a lanterna. Tudo estava quieto, exceto pelo uivo distante da tempestade, em declínio. Camilla, deitada ao lado de Magda, estendeu a mão no escuro e afagou-a no rosto, gentilmente.

— Você não foi a primeira a tremer durante o juramento. Quando prestei juramento, eu... sabe que sou emmasca... não tinha

o corpo de uma mulher e por isso três das testemunhas exigiram que me despisse por completo, recusando-se a acreditar que eu não era um homem. Kindra ficou tão consternada por isso que também se esqueceu de me cobrir depois. Eu me senti profundamente humilhada, chorei por horas; mas aconteceu há meia vida atrás, e agora posso rir quando penso a respeito. Algum dia você também rirá, irmã. Durma bem.

— Você também... irmã — murmurou Magda, com dificuldade. Era a primeira vez em sua vida que ela pronunciava a palavra na entonação íntima. Uma a uma, as mulheres resvalaram para o sono. Magda sentia-se cansada demais para pensar de maneira objetiva. Não posso ir para uma Casa da Guilda e deixar Peter morrer pela tortura! Um juramento sob pressão não é válido... minha primeira lealdade é para com o Império.

Ela estava exausta; o sono, contra sua vontade, começou a envolvê-la. Fragmentos do juramento pareciam ressoar em sua mente. Não gerar criança, a não ser por minha livre e espontânea vontade... eu queria a criança de Peter? Então por que chorei daquela maneira? Ou apenas eu queria desejar a criança... porque falhara para ele?

E ela pensou, à beira do sono, que até gostaria de ir para uma Casa da Guilda, se não fosse por sua missão. Poderia ser tão forte e efetiva aqui, como uma amazona, como seria em qualquer planeta em que as mulheres sejam livres.

O que quer que eu faça, cometerei um perjúrio. Posso trair o juramento para minhas irmãs... ou trair minha fidelidade anterior ao Império. Durante toda a minha vida, sem nunca saber, fui duas mulheres: uma terráquea, outra darkovana. E agora estou mais dividida do que nunca. Devo trair alguém, ou Peter morre pela tortura.

Peter vale o sacrifício da minha integridade? Posso renunciar a isso também? Com uma vida em jogo?

O sono dominou-a subitamente e lançou-a numa escuridão infindável.

Sonhou com Peter Haldane; ele estava deitado no escuro, sobre pedra; com frio, sozinho, apavorado. E Magda teve a

impressão, como ele já fizera uma ou duas vezes antes, durante o breve casamento, de que Peter lhe estendia as mãos, repousava a cabeça em seu peito; desprevenido, vulnerável, não mais preocupado em manter a máscara de força, de infalibilidade masculina. Ela beijou-o e confortou-o no sonho e Peter lhe sussurrou: "Você é a única pessoa em quem posso confiar, Mag. Confio em você. Todos os outros estão a fim de cortar minha garganta, mas você não quer competir. Não tenho medo de você, Mag. É a única pessoa de quem não tenho medo." E ela sentiu vontade de chorar, mas sabia que não podia, que lhe cabia agora ser bastante forte pelos dois... No sonho, ela enxugou as lágrimas de Peter e consolou-o, murmurando: "Darkover não é um mundo fácil também para os homens." Mas ao despertar ela estava sozinha, em seu leito solitário.

Capítulo Dez

Magda acordou tarde; já havia plena luz do dia no abrigo e as amazonas haviam acendido uma fogueira e preparavam o desjejum. Ela manteve os olhos fechados, fingindo dormir, sabendo que não podia protelar a decisão por mais tempo.

Prestei o juramento para ganhar tempo. Não quero violá-lo. Aprendi — e aprendi tarde demais — que sou quase mais darkovana do que terráquea, e um juramento é sagrado. Mas isso não importa agora. Não posso deixar Peter morrer, sozinho e pela tortura. Sou uma agente da Terra e Peter é meu colega.

Depois que ela definiu isso claramente, todas as razões emocionais no outro lado afloraram; mas reprimiu-as com um grande esforço, o rosto contraído numa calma rígida. Tomei minha decisão. Nem sequer pensarei em qualquer outra possibilidade.

Mesmo que seja uma decisão errada? Pare com isso! Chega de hesitação!

Ela se pôs a especular como poderia executar suas intenções. Planejavam mandá-la para a Casa da Guilda em Neskaya, que ficava muito longe dali. Mas era numa direção diferente de Nevarsin, para onde as levava sua missão imediata. Com toda certeza não alterariam sua rota para conduzi-la a Neskaya; uma ou no máximo duas seriam destacadas para isso. Fingiria submissão até que se tornassem desprevenidas e confiassem nela — Como estou me tornando eficiente "a traição! -, depois escaparia e voltaria a Thendara pelo caminho rápido. Elas estarão me procurando em Sain Scarp e se eu for diretamente para lá, depois de trair o juramento que prestei, terão o direito legal de me matar à vista e Peter morrerá sob tortura. Assim que chegar a Thendara... o que farei?

Tudo o que posso fazer é dizer a Montray que fracassei, que — literalmente — ele mandou uma mulher para fazer um trabalho de homem, e neste mundo uma mulher não poderia realizá-lo. Ele terá de mandar outra pessoa. Ainda haverá tempo, embora com uma margem mínima.

E, depois disso, o que poderei esperar neste mundo?

Nada...

Magda aceitou o fato de que sua atitude acarretaria o exílio de seu próprio mundo, que era Darkover. Nunca mais poderia retomar seu trabalho em Thendara; assim que passasse para a zona darkovana, qualquer Amazona Livre teria legalmente o direito de matá-la à vista. Teria de solicitar uma transferência, ir para outro lugar.

Para um planeta em que uma mulher possa ter algo genuíno para fazer. E ela pensou, desolada, que pelo menos o seu contato com as Amazonas Livres — quadruplicuei todo o conhecimento existente sobre elas — possibilitaria uma oferta à altura de sua competência.

A perspectiva de deixar Darkover provocou uma angústia profunda, quase uma agonia física. Mas não havia outro jeito. Sabia que não podia mais suportar a vida normal de uma mulher naquele mundo nem o trabalho limitado que uma mulher podia realizar ali pelo Império.

Se eu pudesse viver aqui como uma Amazona Livre... mas o preço de manter o juramento era a morte de Peter pela tortura.

Ele também é darkovano. Aceitaria sua vida, sabendo que eu a comprara pela violação do juramento e sacrifício da integridade? O pensamento era angustiante demais para suportá-lo. Magda forçou-se a levantar, a interromper a auto-inquirição interminável e inútil.

Jaelle, já vestida, estava junto do fogo, preparando uma bebida quente de grãos fermentados; Magda já a experimentara algumas vezes em Caer Donn. Ela serviu uma caneca para Magda e disse:

— Ordenei que a deixassem dormir, pois devia estar exausta. As outras estão lá fora com os cavalos, preparando-se para seguir viagem. Nós duas pegaremos a estrada para a Casa da Guilda, onde seu nome será escrito nos pergaminhos da Carta.

Magda efetuou uma última e desesperada tentativa de persuadi-la:

— Eu lhe disse que minha missão é de vida ou morte; meu parente morrerá pela tortura se eu não o resgatar até o solstício do inverno.

Jaelle reagiu com simpatia, mas insistiu:

— Pelo juramento, irmã, você renunciou à lealdade por qualquer homem, casa, família ou clã. Toda a sua lealdade agora é para conosco.

Magda cerrou os punhos em total desespero e Jaelle acrescentou, gentilmente:

— Quando chegarmos, você poderá apresentar seu caso às mães-da-Guilda. Talvez, depois de ouvirem tudo, elas cheguem à conclusão de que sua missão não viola o juramento e mandem alguém em seu lugar para resgatá-lo. Haveria tempo para isso. Mas eu não tenho o poder de tomar essa decisão.

Magda virou-se abruptamente. Que assim seja, ela pensou, sombriamente; passarei por cima de sua cabeça, Jaelle, mesmo que tenha de matá-la.

As outras mulheres voltaram do estábulo, rindo, conversando, comentando a viagem que teriam pela frente. Jaelle disse:

— Vocês podem partir quando quiserem, mas terão de escolher outra líder; Margali e eu seguiremos para Neskaya.

— Ora, Jaelle — protestou Gwennis -, você aceitou a missão porque seu irmão está lá e não o vê há anos! Designe uma de nós para levar Margali a Neskaya no seu lugar! Terei o maior prazer em fazer isso!

Jaelle riu, sacudindo a cabeça.

— Acabei de censurar Margali, lembrando-a de que nossa primeira lealdade é para com a Guilda e não com os parentes. Meu irmão, um menino de dez anos, tem pouca necessidade de uma visita da irmã adulta. Poderei vê-lo em Ardais no solstício do verão; além do mais, Dom Gabriel já deve ter-lhe contado, com toda certeza, que sou uma desgraça para a família, motivo suficiente para que ele dispense minha visita.

— Seu irmão é um monge? — perguntou Magda.

— Claro que não! Mas foi enviado para lá, como muitos filhos do Comyn, para aprender a ler e escrever e ouvir alguma coisa de nossa história. Ele é filho-de-adoção de Rohana e só o vi uma vez desde que tinha três anos.

Simulando interesse, Magda indagou sobre a natureza da missão ali.

— Os monges mantêm em Nevarsin os registros de conhecimentos perdidos em todo o resto de Darkover desde a Era do Caos. Não ensinam às mulheres e nem sequer temos permissão para ficar na casa de hóspedes, mas podemos usar a biblioteca. Nossas melhores escribas, um pouco de cada vez, estão transcrevendo seus livros sobre anatomia e cirurgia, assim como os que se referem ao nascimento e doenças das mulheres... livros que era de esperar que os monges nos entregassem, já que não podem usá-los. Mas só nos permitem ter ali duas escribas de cada vez; Rayna e Sherna vão substituir as duas mulheres que estão ali há meio ano e Gwennis cuidará da casa para elas na aldeia, enquanto Camilla escoltará as outras de volta para casa.

Magda ficou mexendo numa tigela do mingau em pó. Sentia-se curiosa, mas não fez mais perguntas. Era contra a sua natureza fingir cordialidade com uma mulher que poderia ter de matar.

As outras mulheres partiram pouco depois, deixando Magda e Jaelle sozinhas. Enquanto selavam os cavalos, Jaelle descobriu que o seu tinha uma ferradura solta.

— Eu gostaria de ter descoberto antes de Gwennis ir embora — ela comentou. — Gwennis não é ferreira, mas já a vi fazer reparos de emergência. Bom, teremos de parar na aldeia mais próxima. Dê só uma olhada!

Ela entregou a ferradura a Magda e se abaixou para examinar o casco do cavalo.

Eu poderia acertá-la com a ferradura e partir agora...

Mas ela esperou tempo demais; Jaelle virou-se e estendeu a mão para a ferradura, guardando-a no alforje.

Era uma manhã brilhante, quase sem nuvens, um vento frio soprando. Jaelle farejou o vento, começou a levantar uma perna para a sela... e nesse instante Magda ouviu um grito selvagem e dois homens saíram correndo do bosque, empunhando facas. No choque de fração de segundo, Magda reconheceu dois dos bandidos da noite anterior: o líder dos bandidos, de barba preta, e o grandalhão de bigode, a quem Jaelle ferira. Magda ouviu-se gritar uma advertência; Jaelle virou-se, meio fora da sela. E depois ela estava lutando, acuada contra o cavalo, os dois homens quase ocultando-a

da vista de Magda. E Magda pensou: Corra! Escape agora, eles estão lhe poupando o problema de matá-la...

Mas ela já empunhara sua própria faca e corria para os homens. Barba-preta virou-se e Magda sentiu que a faca dele roçava em seu braço, uma dor como fogo, enquanto cravava sua própria faca até o fundo no peito do bandido, sentindo-a desviar no osso. Ele caiu no chão, com um gemido. Jaelle ainda lutava com o outro homem. Magda viu que Jaelle sangrava de um ferimento comprido na face. E depois ouviu Jaelle gritar em agonia quando a faca do bandido mergulhou em seu peito; ela caiu no chão e nesse momento Magda sentiu sua faca afundar nas costas do homem.

Ele caiu com um som estridente, o ar escapando dos pulmões, já não mais respirando. Lentamente, sentindo-se tonta, ela puxou a faca.

Não luto com ninguém desde o treinamento de combate, há dez anos. E agora matei um homem e feri outro. Ela olhou para Jaelle, inconsciente no chão, quase sob o corpo do homem que Magda matara. Ela morreu? O pensamento não lhe proporcionou alívio, mas uma agonia intensa. Ela lutou por mim ontem à noite. E eu tencionava traí-la...

Jaelle mexeu-se e Magda refletiu que a vida da amazona ainda se interpunha entre ela e sua missão. Ainda segurava a faca ensangüentada com que matara o bandido. Viu os olhos de Jaelle se deslocando para a faca; ela ficou imóvel, fitando Magda, sem dizer nada. Magda compreendeu subitamente que não podia matar ninguém a sangue-frio; acima de tudo, não podia matar aquela mulher, estendida na neve, a seus pés, desamparada, sangrando.

De que vale a vida de Peter se eu comprá-la com outra morte? Haverrei de salvá-lo honrosamente, se puder; mas não de qualquer outra forma.

Ela se ajoelhou ao lado de Jaelle. O rosto da amazona estava coberto de sangue; mais sangue se derramava de seu ombro. Magda levantou as roupas grudadas no ferimento.

A faca do bandido penetrara sob a clavícula e descera na direção da axila; um ferimento horrível, doloroso e perigoso, mas não necessariamente fatal, pensou Magda. Ela tornou a pegar sua

faca e limpou a lâmina, viu que um dos olhos de Jaelle estava aberto — o outro se encontrava coberto de sangue — e que a amazona olhava para a faca. Magda disse, irritada:

— Tenho de cortar essas roupas para estancar a hemorragia.

Ela cortou a túnica de Jaelle e afastou-a gentilmente da pele. Jaelle ofegou com a dor, mas não gritou. Apenas balbuciou, molhando os lábios:

— Você... matou os dois?

— Um com certeza está morto. Não sei do outro, mas posso garantir que não se encontra em condições de nos fazer mal.

Jaelle informou, a respiração ruidosa.

— Bandagens... em meus alforjes...

Magda levantou-se e esgueirou-se entre o bandido morto e o cavalo de Jaelle, que se agitava, irrequieto, farejando sangue. Levou o cavalo para longe e tirou os alforjes, revistando-os; encontrou dois ou três rolos de ataduras e o que parecia uma bolsa pequena e primitiva de primeiros socorros. O talho provavelmente precisa de pontos, mas não posso fazer isso. Ela arrumou uma bandagem de pressão, prendeu-a em torno do ombro de Jaelle, depois concentrou sua atenção no talho comprido e horrível na face, aberta até o osso. Jaelle murmurou, a voz rouca, assustada:

— Não consigo ver... este olho...

Magda foi até o poço por trás do abrigo, pegou a água gelada, voltou e lavou o ferimento no rosto. As pestanas se separaram; um pouco mais de água revelou que o olho apenas ficara fechado com o sangue de um pequeno corte na pálpebra. Magda puxou as pálpebras; Jaelle ofegou, aliviada.

— Acha que pode andar? Não pode ficar deitada aqui na neve.

Magda ajoelhou-se, passou um braço em torno de Jaelle e conseguiu pô-la de pé. Jaelle tentou andar, mas arriou contra Magda. Meio arrastando-a, meio carregando-a, Magda levou-a para o interior do abrigo e deitou-a num dos bancos de pedra. Acendeu o fogo, pôs água para ferver, pensando que um chá-de-casca ou a beberagem de grãos das amazonas faria muito bem às duas. E se Jaelle estivesse em choque — era o que acontecia, ao que tudo indicava -, seria melhor mantê-la aquecida. Sem saber onde a

amazona guardara as suas mantas, Magda pegou as que levava e envolveu Jaelle. Meteu uma pedra no fogo, pensando que poderia esquentá-la, envolvê-la com alguma coisa e pô-la nos pés da ferida. Depois que a água ferveu, ela despejou-a na casca para o chá e saiu para guardar os animais; não iriam mais a parte alguma. O segundo bandido estava mesmo morto. Ela teve de arrastá-lo do caminho, a fim de poder levar os cavalos e o animal de carga de volta ao estábulo.

Jaelle estava consciente quando ela retornou ao abrigo e sussurrou:

— Pensei que você tinha ido embora.

Remotamente, como se fosse algo que outra pessoa poderia ter pensado, ocorreu a Magda: tivera uma oportunidade de escapar. Depois de fazer o melhor de que era capaz por Jaelle, poderia deixá-la ali para se recuperar, sem qualquer sentimento de culpa. Mas era algo que não poderia mais fazer agora. Jurei tratar cada amazona como minha própria mãe, irmã ou filha... Aturdida, ela procurou pelas palavras apropriadas e murmurou:

— Estamos ligadas pelo juramento... irmã.

Jaelle estendeu a mão, um gesto tateante que deixou o coração de Magda angustiado, ao recordar como aquelas mãos haviam se mostrado ágeis e eficientes.

— Eu disse a você... mãe-de-juramento e filha-de-juramento trocam presentes. Não pedi um presente assim.

Magda sentiu-se embaraçada.

— É melhor não falar mais. Está com frio?

Ela pegou outra manta, enrolou a pedra quente e encostou-a nos pés de Jaelle, e ergueu-a para tomar um pouco do chá quente. Jaelle puxou sua manga.

— Cuide também de seu ferimento. Magda esquecera-o.

— É apenas um arranhão.

— Mesmo assim. Alguns bandidos das montanhas... passam veneno em suas lâminas. — Jaelle falava com extrema dificuldade. — Faça o que estou dizendo.

Quando Magda terminou, Jaelle já dormia ou estava inconsciente outra vez. E assim permaneceu durante todo aquele

dia, adormecida ou inconsciente. Magda preparou uma sopa de carne-seca ao final do dia e tentou acordar Jaelle para tomá-la, mas a moça apenas gemeu e murmurou, e desvencilhou-se de suas mãos. Magda sabia que ela estava febril. Houve um momento em que Jaelle despertou e pediu claramente um pouco de água, mas retornara ao estado de estupor quando Magda se aproximou e não conseguiu engolir.

Há ferimentos que não vejo? Ou, no final das contas, a faca estava envenenada? Magda se descobriu a lutar contra o terror que ela morra! Não quero!

Ao cair da noite a pele de Jaelle ficou empolada de tão quente e Magda não conseguiu despertá-la por um instante sequer. Jaelle murmurava e se debatia; houve uma ocasião em que conseguiu livrar a mão para arrancar o curativo do rosto. Magda, pensando que se ela arrancasse o curativo de novo poderia machucar a si mesma, agravar o ferimento, pegou um rolo de atadura e amarrou as mãos de Jaelle nos lados. Não estava preparada para ouvir Jaelle começar a berrar: gritos desvairados de pânico e terror.

— Oh, não, não, não, não... não acorrentem minhas mãos, não... mãe, mãe... não deixe que façam isso... oh, não... não, não!

Os gritos estridentes continuaram. Magda nunca ouvira tamanho terror. E não conseguiu mais suportar. Cortou rapidamente a atadura e levantou as mãos de Jaelle, uma depois da outra, para mostrar que estavam livres. A mensagem penetrou de alguma forma no delírio de Jaelle, que parou de gritar e se recostou, quieta. Cerca de uma hora depois ela voltou a ficar agitada, tentando arrancar outra vez a bandagem do rosto. Magda não pensou em repetir o que a aterrorizara tanto; em vez disso, pegou as mãos da mulher inconsciente entre as suas, apertando-as com firmeza, enquanto dizia, em tom incisivo:

— Não deve fazer isso; fique quieta ou acabará machucando a si mesma. Não amarrarei suas mãos, mas deve ficar quieta.

Ela repetiu a exortação muitas vezes, com variações. Jaelle abriu os olhos, mas Magda percebeu que ela não a via. Ela murmurou "Kindra" e depois "Mãe", mas deixou as mãos entre as de

Magda, sem se debater. Houve um momento em que ela disse, dirigindo-se a uma pessoa que não se encontrava ali:

— Doeu, mas não chorei.

Magda permaneceu sentada ao lado de Jaelle durante a maior parte daquela noite, escutando os murmúrios delirantes, segurando suas mãos com firmeza sempre que ela tentava arrancar as bandagens ou, como começou a acontecer mais tarde, quando queria sair do leito, sob alguma impressão agitada — Magda depreendeu por seus murmúrios — de que era necessária em algum outro lugar, imediatamente. Magda nada tinha a lhe dar para a febre; havia alguns medicamentos nos alforjes de Jaelle, mas Magda não sabia como usá-los, para que servissem. Molhou-a várias vezes com a água gelada do poço e tentou fazê-la beber, mas Jaelle empurrava a caneca, recusando-se a engolir. Perto do amanhecer ela se aquietou; Magda não sabia se dormia ou se caíra em coma e estava morrendo. Em qualquer dos casos, não havia nada que ela pudesse fazer. Deitou ao lado da mulher inconsciente e fechou os olhos para um momento de descanso; subitamente o abrigo se encontrava inundado por uma claridade cinzenta e Jaelle tinha os olhos bem abertos, observando-a.

— Como se sente, Jaelle?

— Horrível. Tem água, chá ou qualquer outra coisa para beber? Não sinto a boca tão ressequida desde que deixei Shainsa.

Magda levou-lhe uma caneca; Jaelle bebeu tudo, sedenta, e pediu mais.

— Você passou a noite inteira acordada?

— Até que adormeci; fiquei com medo de que arrancasse os curativos. Bem que tentou.

— Eu delirei? — Depois que Magda acenou com a cabeça, Jaelle acrescentou, com um sorriso irônico: — Isso explica tudo; sonhei que voltara às Cidades Secas e Jalak... foi um absurdo assustador, mas poucas vezes me senti tão contente em acordar.

Ela levou a mão às bandagens, cautelosa.

— Receio que ficará com uma cicatriz horrível.

— Há algumas mulheres na Casa da Guilda que acham que suas cicatrizes constituem um bom anúncio de sua competência...

mas também eu não sou uma guerreira.

Magda não pôde deixar de sorrir ao ouvir isso.

— Devo dizer que se comportou como uma guerreira.

— O que eu quis dizer é que não sou uma guerreira profissional. Normalmente não aceito contratos como guerreira ou guarda-costas. — Jaelle mudou de posição, desconfortável. — Não me lembro de quase nada depois que você cortou minha túnica.

— Contarei tudo depois que trocar o curativo.

Jaelle tivera uma febre tão alta que Magda temia encontrar uma infecção; mas pelo menos não havia mais hemorragia, embora as beiras do ferimento tivessem um aspecto horrível. Seria veneno? Jaelle disse:

— Tenho algum pó de karalla no alforje; evitará que o ferimento feche muito depressa com podridão por baixo.

Sob a orientação dela, Magda salpicou o ferimento com o pó cinza, antes de tornar a enfaixá-lo. Jaelle estava exausta e pálida, mas coerente; tomou um pouco da sopa de carne-seca, com a ajuda de Magda, e bebeu mais água.

— Você matou os dois? Isso me surpreende!

— Também me surpreendeu.

Jaelle apalpou apreensiva a bandagem no rosto.

— Não sou uma dessas mulheres que gostam de exhibir suas cicatrizes, mas talvez tenha de fingir que sou. Melhor com cicatrizes do que sepultada... ou cega! Camilla me disse uma vez que alguns homens acham irresistíveis cicatrizes de faca numa mulher.

Ela arriou, exausta, sobre o alforje enrolado por baixo da cabeça, antes de acrescentar.

— Foi mesmo o ferimento de uma tola. Gwennis ou até mesmo a velha Camilla poderiam repelir os dois sem sofrerem um arranhão.

Jaelle fechou os olhos e tornou a dormir. Permaneceu sonolenta ou dormindo durante a maior parte daquele dia, mas a febre não voltou. Magda tinha pouco a fazer, depois de cuidar dos animais. Pensou em sepultar os bandidos mortos, mas era uma tarefa totalmente além de suas forças. Ficou perto de Jaelle, para o caso de a jovem ferida precisar de alguma coisa. A visão da bandagem no rosto de Jaelle perturbava-a profundamente. Ela era

tão bonita! Na Zona Terráquea poderiam reparar esse talho horrível e deixá-la como antes; aqui, creio que ela exibirá essa terrível cicatriz até morrer!

Ocorreu-lhe outra vez que agora, com Jaelle bem e a caminho da recuperação, poderia escapar, deixando-a convalescer à vontade, sem sequer ficar com a morte da outra mulher na consciência. Mas a esta altura o pensamento foi remoto.

No dia seguinte Jaelle conseguiu levantar e andar um pouco, movendo o braço cautelosamente; praguejou com a dor, mas mexeu-o assim mesmo.

— Não quero que os músculos fiquem paralisados e o braço perca a força — ela comentou, irritada.

Quando Magda advertiu-a a não correr o risco de reabrir o ferimento, Jaelle declarou:

— Sei o que estou fazendo.

Agora que não se encontrava mais sonolenta com o choque e a exaustão, ela sentia muita dor, o que a deixava irritada e irrequieta. Ao final da tarde Magda despeitou de um breve cochilo para deparar com Jaelle a fitá-la atentamente, como se tentasse lembrar alguma coisa. Será que ela se lembra de que pensou que eu ia matá-la? E

Magda recordou, com algum choque, o momento em que se postara sobre Jaelle, ainda sem ter certeza do que tencionava fazer. Jaelle se mantivera imóvel como um animal ferido, esperando o golpe fatal do caçador...

— Eu não esperava que você ficasse comigo, Margali — comentou Jaelle finalmente. — Sei que prestou seu juramento contra a vontade. É costumeiro mãe-de-juramento e filha trocarem presentes; e você me deu a vida.

— Nada disso!

Magda não suportaria recomeçar a pensar em sua indecisão. Levantou e saiu do abrigo, contemplando o céu cinzento baixo, carregado de neve por cair. Faltavam apenas alguns dias para o solstício do inverno; e nesse dia Peter Haldane sofreria uma morte terrível, conseqüência da briga entre Rumai di Scarp e o clã de Ardais. Magda encostou-se na parede externa do abrigo e se entregou a um choro desamparado e desesperado.

Depois de um longo tempo, ela sentiu um toque suave no braço; era Jaelle, pálida e perturbada.

— Ele é tão querido assim para você... o parente de sua missão?

Exausta, esforçando-se para manter o controle, Magda pôde apenas sacudir a cabeça e murmurar:

— Não é apenas isso.

— Então me conte o que é, minha irmã. — Jaelle pegou a mão de Magda. — Não fique aqui no frio.

Mais porque lembrou que a própria Jaelle não devia permanecer no frio com o ferimento recente, Magda deixou-se levar para dentro. Jaelle cambaleou e caiu para cima dela; Magda amparou-a e ajudou-a a se acomodar num dos bancos de pedra.

— E agora me conte tudo, irmã. Magda sacudiu a cabeça, exausta.

— Já contei tudo.

— Mas agora a verdade, está bem? Não consigo entendê-la, Margali. Estava mentindo quando prestou o juramento; não estava mentindo. Dizia a verdade e ao mesmo tempo não dizia a verdade. Até mesmo seu nome... é seu nome, mas você tem outro nome. Conte-me tudo.

As defesas de Magda estavam arriadas.

— Como soube?

— Nasci filha do Comyn e tenho algum laran. — Magda não conhecia a palavra no sentido usado por Jaelle; geralmente significava um dom ou talento. — Dama Rohana... ela é parenta de minha mãe... queria me mandar para uma Torre, a fim de ser treinada no seu uso, mas recusei. Por isso, meu dom é irregular; não posso usá-lo quando gostaria e aflora quando não quero, indesejável. Foi o que aconteceu quando você prestou o juramento; pude sentir que se dividia entre dois caminhos, com um medo profundo... e não havia motivo para tanto terror. E agora, Margali, posso ler seus pensamentos, embora apenas um pouco. Está obrigada pelo juramento, mas eu também; assim como jurou para mim, também tenho a obrigação de nunca magoá-la ou traí-la. Fale, minha irmã!

Magda disse, cansada:

— Nasci em Caer Donn. Meu verdadeiro nome... o nome que meus pais me deram... é Magdalen Lorne, mas as crianças darkovanas com quem eu brincava não conseguiam pronunciar esse nome; por isso, chamavam-me de Margali, que é meu nome tanto quanto o outro.

— As... as crianças darkovanas? — sussurrou Jaelle, os olhos arregalados, quase com medo. — O que você é então?

— Sou... sou...

Magda fez um esforço para falar, as palavras prendendo em sua garganta. Aquilo era básico. Nunca dirá a qualquer pessoa estranha quem você é. Jamais.

Jaelle não é uma estranha. É minha irmã no juramento. E, subitamente, todo o conflito desapareceu. O caroço na garganta de Magda se dissolveu e ela teve a sensação de respirar livre pela primeira vez desde que entrara naquele abrigo. E disse, a voz firme, sem titubear:

— Minha mãe e meu pai eram terráqueos, súditos do Império; sou darkovana, nasci em Caer Donn, mas sou uma agente de informações e uma especialista em lingüística para o Império, baseada em Thendara.

Lentamente, Jaelle balançou a cabeça e murmurou:

— Então é isso. Já ouvi falar dos terráqueos. Uma das nossas, na Casa da Guilda de Thendara... uma emmasca que pode passar por homem; todas podem, mas muitas se recusam... aceitou um contrato para trabalhar com os homens na construção do espaçoporto e nos contou alguma coisa sobre sua gente. Mas eu não sabia que os terráqueos eram humanos, exceto na forma.

Magda sorriu pela maneira como ela falou isso.

— Os registros do Império indicam que darkovanos e terráqueos têm a mesma origem, num passado distante.

— Dama Rohana sabe que você é terráquea?

— Sabe, sim; foi na Zona Terráquea que ela me viu pela primeira vez.

— Isso explica por que teve de apelar para ela. — Jaelle estava pensando em voz alta. — Seu parente é terráqueo também?

— É, sim; mas foi capturado por Rumai di Scarp por ser parecido com o filho de Dama Rohana.

— Ele é parecido com Kyril? Isso não o torna atraente para mim. Amo Rohana, mas Kyril é muito diferente. Só que isso não tem importância agora. Você ama tanto esse homem? Ele é seu amante?

— Não, mas por algum tempo fomos... — Magda hesitou, mas acabou usando a palavra darkovana. — ...companheiros livres. Mas é mais do que isso. Fomos criados juntos e ele não tem mais ninguém. Para meus superiores em Thendara ele é... dispensável. Por isso, assumi o dever de salvá-lo da morte e da tortura.

Jaelle mordeu o lábio, o rosto franzido, apalpando distraída a bandagem no rosto.

— Preciso pensar... Talvez... você está contratada, com a obrigação de realizar um serviço legítimo? Uma Amazona Livre é obrigada por lei a executar qualquer trabalho para o qual seja contratada por sua livre e espontânea vontade, e pode-se dizer que legalmente você deve completar essa missão e cumprir as condições de seu emprego. — Ela estava outra vez pensando em voz alta. — Diz que não o ama. O que sente então em relação a ele?

— Não sei. — Magda vasculhou a mente e se surpreendeu ao acrescentar: — Protetora.

Jaelle fitou-a com aquela expressão intensa, de rosto franzido, que fazia Magda especular se a moça estaria realmente lendo seus pensamentos.

— É isso mesmo, acho que nenhum homem jamais significou tanto para você quanto esse... pelo menos ainda não. Acho que você possui o verdadeiro espírito de uma amazona; se tivesse nascido entre nós, creio que acabaria vindo para o nosso lado de uma maneira ou de outra. Tenho a impressão de que foi isso o que Rohana viu em você.

Jaelle ficou em silêncio por um momento, pensando; e de repente soltou uma risada.

— Só há um homem vivo a quem amo menos do que Rumai di Scarp — ela disse. — E confesso que adoraria arrancar a presa de Rumai! Você está obrigada pelo juramento a obedecer a todas as ordens legítimas de seu empregador. Além disso, há uma vida entre

nós e devo dar um presente à minha filha-de-juramento. Irei com você, Margali, para Sain Scarp!

Outra vez com o senso de lealdades conflitantes, Magda disse:

— Não sei como lhe agradecer por isso, Jaelle, mas primeiro precisa saber de uma coisa: poderá lhe causar muitos problemas em Thendara. Lorill Hastur proibiu que qualquer pessoa nos Domínios se envolvesse no caso.

— Acho que você não escuta muito bem, Margali. Faço o que penso ser certo, em vez de cumprir cegamente a vontade de Hastur. Como todas as pessoas, devo obedecer às leis da terra; mas os caprichos de Hastur ainda não são as leis de Thendara, e Lorill Hastur não tem o direito de proibir qualquer Amazona Livre, nos termos da Carta, de aceitar um trabalho legítimo. Lorill Hastur é meu parente... embora na única vez em que ele me viu e falou comigo não parecesse muito ansioso em aceitar o relacionamento... mas não é o guardião da minha consciência. As Amazonas Livres não devem fidelidade a qualquer suserano, mesmo que ele se intitule o filho de Hastur. E me parece que se os terráqueos puderam dar a você, uma mulher, nascida em Caer Donn, a força e o espírito para se aventurar sozinha pelas Hellers e...

Jaelle hesitou por um instante, desviando os olhos.

— ...e ao mesmo tempo a integridade para honrar um juramento, mesmo em condições de pressão total, então esses terranan podem ter alguma coisa a ensinar até mesmo a um Hastur, e as Amazonas Livres podem se tornar suas amigas e aliadas. Portanto, eu lhe dou permissão e a ajudarei a resgatar seu amigo.

Magda apressou-se em ressaltar:

— Ninguém deve saber que Peter é um terráqueo!

— Claro que não! Rumai teria o maior prazer em enforcá-lo na muralha de seu castelo no dia em que soubesse! — Ela estendeu as mãos para Magda. — Acho que já poderei montar amanhã, e partiremos então para Sain Scarp.

Capítulo Onze

Antes de deixar o abrigo, na manhã seguinte, Jaelle insistiu em despir os cadáveres dos bandidos; uma tarefa desagradável, já que estavam congelados e duros, com o frio intenso. Arrastaram-nos para longe do caminho, e Jaelle comentou, jovialmente:

— Os kyorebni e os lobos de carniça cuidarão do resto. Nunca conseguiríamos sepultá-los com o solo congelado, e assim eles podem fazer o trabalho por nós.

O dia estava nublado e sombrio quando elas partiram, e Magda sentia-se preocupada com Jaelle; a exposição ao frio, com um ferimento recente, podia ser perigosa. Contudo, depois que o passo de Scaravel ficasse bloqueado, não teriam como chegar a Sain Scarp antes da noite do solstício do inverno.

Percorreram uma boa distância nos três primeiros dias, mas no quarto começou a nevar forte e Jaelle parecia ansiosa quando começaram a subir a estrada para o passo.

— Não há nada a temer se passarmos antes do escurecer; Sain Scarp fica a dois dias de viagem além, e nenhum outro lugar é tão alto quanto Scaravel. Mas se nos atrasarmos hoje, ou se tivermos de atravessar Scaravel no escuro...

Ela se calou, o rosto franzido, visivelmente preocupada. Perto de meio-dia chegaram a uma pequena aldeia na encosta da montanha, onde compraram um pouco de sopa quente num estande de comida e negociaram ferragem para os animais. Já iam partir quando as correias no animal de carga de Magda se soltaram subitamente e o fardo escorregou; o animal resfolegou e relinchou, assustado pela batida da pesada carga pendendo por baixo de sua barriga. Magda desmontou e correu para livrá-lo do fardo balançando e batendo. Meia hora passou antes que Magda, mesmo com a ajuda de Jaelle, conseguisse acalmar a criatura o suficiente para soltar a tira restante e remover a carga. Depois, precisaram procurar um fabricante de arreios para consertar a correia arrebentada ou fazer uma nova; e quando Jaelle voltou, depois de conversar longamente com o homem (seu dialeto era tão gutural

que Magda não podia entendê-lo), exibia uma expressão preocupada.

— Dama Rohana com sua escolta passou por Scaravel há três dias, a caminho de Ardais — ela informou. — O passo estava aberto nessa ocasião. Desde então nenhum viajante subiu até lá. Podemos encontrá-lo já bloqueado; se não, esta tempestade certamente vai fechá-lo até o degelo da primavera. Aconteça o que acontecer, temos de cruzar Scaravel esta noite, ou não chegaremos a Sain Scarp a tempo. Vamos tomar mais um pouco da boa sopa de feijão daquela mulher antes de partirmos, pois teremos pouca comida quente esta noite.

Menos de um quilômetro além da aldeia, Magda olhou para trás e constatou que a neve aumentando já bloqueara as luzes. Jaelle cobria o rosto enfaixado com uma dobra do lenço e sua voz saiu abafada:

— Se essas pessoas não estivessem todas vivendo à sombra de Sain Scarp... e provavelmente a soldo dos bandidos ou no mínimo com medo deles... acho que eu deixaria os cavalos aqui e tentaria atravessar o passo a pé. Mas não posso contar com a honestidade dessa gente. Há um ditado nas colinas: "Não confie seu osso ao cachorro de outro homem."

Tiveram de acender as lanternas-de-sela menos de meia hora depois; os pequenos lampiões, alimentados com resina, projetavam uma claridade difusa por uns poucos passos, em todas as direções, mas além disso a luz se dispersava em nevoeiro contra a cortina da neve caindo. A trilha seguia entre rochas, pelo que Magda sentiu-se contente, pois a neve cobria os pontos de referência e de outra forma poderiam se desviar e nunca mais encontrá-la. Mas quando comentou isso para Jaelle, a outra mulher riu abafado, através do lenço.

— Basta continuar a subir até não haver mais para onde ir! Também estou contente pela neve, mas porque Scaravel, tão perto de Sain Scarp, não é um passo por onde se deva passar sozinho com o bom tempo. Não tenho a menor dúvida de que foi assim que capturaram seu amigo. Mas numa noite como esta, até mesmo um bandido ficaria em casa, ao lado do fogo.

E elas foram subindo e subindo, cada vez mais; Magda começou a sentir a dor interna persistente, nos ouvidos e sinos, decorrentes da altitude elevada, que nenhum bocejo ou pressão das pontas dos dedos contra os ouvidos podia dissipar por completo. O frio era intenso e o vento das alturas as fustigava, lançando a neve densa contra seus rostos e empilhando-a sob as patas dos animais, até que afundavam na altura dos joelhos, obrigando-as a desmontarem e puxarem os cavalos, que protestavam. Foram avançando lentamente, contra o vento, cada uma isolada em seu próprio casulo de escuridão e silêncio. Para Magda, o mundo reduzira-se a um círculo com menos de três metros de diâmetro, que continha a ela, a metade dianteira de seu cavalo, o cavalo de Jaelle logo à sua frente e o rangido do animal de carga, que avançava sobre cascos enormes logo atrás de sua lanterna. Não havia nada além desse círculo restrito; apenas a escuridão e um vento que uivava como todos os demônios do lendário nono inferno de Zandru. E continuaram a subir e subir, os músculos dos joelhos protestando a cada passo, a respiração curta. Magda passou o lenço grosso por cima do queixo e sentiu o vento congelá-lo, da umidade de sua respiração, numa máscara de gelo.

Sentiu que esbarrava em alguma coisa dura e macia ao mesmo tempo, recuou diante da intromissão de algo mais em seu casulo particular e descobriu que era Jaelle, que virara o cavalo de lado na trilha, bloqueando-a. Ela inclinou a cabeça para Magda e gritou:

— Vamos parar aqui e comer alguma coisa. Parece que faz horas que comemos pela última vez, e é perigoso parar mais acima!

Elas dispuseram os animais num triângulo, focinho para cauda, ficaram no centro desse tosco quebra-vento e mastigaram pedaços de carne-seca e frutas, as primeiras coisas que Magda pôde encontrar no alto dos alforjes. O mundo se tornara tão pequeno que Magda descobriu-se a olhar para os pequenos pássaros azuis bordados nas luvas de lã, especulando se fora a própria Jaelle quem os fizera.

Foi nesse instante que acima delas, descendo das alturas e abafando até mesmo o vento uivante, soou um grito estridente, assustador; um uivo longo e paralisante, que fez os ouvidos de

Magda ressoarem e deixou-a imóvel. Soltou uma exclamação aturdida e compreendeu o que era antes mesmo que Jaelle dissesse:

— Um pássaro-espírito. Eu temia que isso pudesse acontecer. Vamos torcer para que o vento distorça seu sentido de direção. E não se esqueça de que ele prefere os cavalos a nós, por isso devemos nos manter abrigadas por trás dos animais.

Magda já ouvira falar — mas nunca o ouvira pessoalmente — sobre o grito paralisante dos enormes carnívoros incapazes de voar, que viviam acima da linha da neve e eram atraídos pelo calor e movimento da presa. O grito terrível tornou a soar e ela teve a impressão de que a carne que mastigava se transformara em couro na boca.

Jaelle tentava outra vez se fazer ouvir acima do uivo do vento.

— O que é, Jaelle?

— É agora que temos de tomar uma decisão. Não sou uma perita em Scaravel, mas já passei por aqui à luz do dia e aposto que você não. Mais acima, a trilha se estreita tanto que não dá para virar e não há um único ponto plano em que se possa passar a noite. Se continuarmos em frente estamos comprometidas, porque não há como parar até chegarmos ao outro lado. Parece que o passo está aberto agora. É um risco de qualquer forma, mas é seu risco e seu pescoço. Tentar a travessia no escuro ou esperar aqui? Não é uma trilha muito boa, mesmo à luz do dia.

Magda pensou na trilha se estreitando, os terríveis carnívoros das alturas, suas pernas doloridas e o rosto ardendo do vento. E Jaelle, ao seu lado, não estava bastante bem para viajar. Não é absolutamente a missão de Jaelle. Se eu a levasse para a morte...

— O que aconselha, Jaelle?

— Eu não aconselharia coisa alguma; antes de mais nada, tentaria não me encontrar nesta situação. Mas estando aqui, provavelmente continuaria em frente. Mas não queria que você pensasse que é fácil ou seguro, porque não é. Esta é a sua última oportunidade de perder a coragem.

E era mesmo a última oportunidade. Se não passassem agora e no dia seguinte Scaravel estivesse bloqueado pela nevasca daquela noite...

— E você, Jaelle? Ainda não está bastante forte...

— Há quase tanto risco em virar aqui e descer; e se ficarmos aqui, podemos congelar. Posso conseguir, se você puder.

Magda não tinha tanta certeza assim; mas tendo chegado tão longe, não estava disposta a recuar ou desistir. Ela engoliu o último pedaço de carne e disse:

— Muito bem, vamos tentar. Quer que eu rompa a trilha? Você tem feito isso até agora.

— Daqui por diante deixaremos os cavalos encontrarem a trilha e ficaremos entre eles, para o caso de algum pássaro-espírito estar à procura de uma refeição noturna.

A trilha era muito íngreme agora, mas entre os dois cavalos, espremidos na passagem estreita, o uivo do vento as alcançava com menos intensidade. A neve rangia alto sob seus pés e tinham de segurar as selas para manter o equilíbrio. A trilha dava voltas entre enormes blocos rochosos que proporcionavam algum abrigo contra o vento, mas de vez em quando Magda divisava, entre as pernas dos cavalos ou por cima de seus lombos, abismos profundos e penhascos terríveis, espaços abertos vertiginosos ao lado da trilha; e tratava de desviar os olhos, apressadamente, concentrando-se em seu mundo restrito — os cavalos nos lados, Jaelle se comprimindo contra ela -, contente pela escuridão que escondia os perigos. Avançavam lado a lado, com o maior esforço, tão perto que Magda podia ouvir a respiração ofegante de Jaelle; e outras vezes, nas alturas por cima, souo o grito assustador e desmoralizante do pássaro-espírito. Os animais se agitavam; o cavalo de Magda sacudiu a cabeça e ela puxou a rédea, tentando acalmá-lo.

— As lanternas-de-sela não servem também para atrair o pássaro-espírito?

— Não, porque eles são cegos — explicou Jaelle. — Sentem o calor e o movimento e mais nada. Lembro...

Magda nunca ouviu o que ela lembrava. No instante seguinte souo outro grito alto e estridente do pássaro-espírito, quase em cima delas, acompanhado pelo uivo do animal de carga por trás. O cavalo de Magda empinou, agitado, à beira do precipício. O animal de carga caiu, gritando, escoiceando e debatendo-se na neve; e por cima de

seu corpo Magda teve uma visão confusa de uma cabeça enorme, pelada, parecida com a de um abutre, um corpo grande e desgracioso, o bico mergulhando na barriga macia e dilacerando-a. Magda sacou a faca e recuou, aguardando o momento de atacar. A cabeça pelada virou em sua direção, aos arrancos. Jaelle segurou-a pelo pulso e puxou-a, sussurrando bruscamente:

— Deixe-o comer! É tarde demais para salvar o animal, e o pássaro-espírito não se voltará contra nós se estiver de barriga cheia!

Magda sabia que isso fazia sentido, mas os urros do animal agonizante, os gritos aterrorizados dos cavalos e o cheiro fétido do enorme predador deixaram-na doente. Cobriu o rosto com as mãos, enquanto as garras terríveis desciam e dilaceravam a carne do animal de carga, o bico mergulhava na barriga, o pássaro-espírito se saciando. Jaelle fez Magda se abaixar por trás dos cavalos e as duas ficaram escondidas ali, tentando não ouvir nem ver, enquanto a criatura comia, com pequenos cacarejos e grunhidos.

Oh, Deus, aquelas garras! Um golpe delas quase estripou o animal ao meio!, pensou Magda.

Um longo tempo pareceu passar antes que o pássaro-espírito levantasse a cabeça imensa bruscamente, virando-a de um lado para outro, sem interesse, depois tornando a baixá-la para comer um último naco e em seguida se afastasse, desajeitado. As garras deixaram enormes manchas de sangue e sujeira na neve. Magda, fazendo um esforço para controlar a náusea, empertigou-se lentamente. O animal de carga estava quase imóvel e — era o supremo horror — gemia baixinho, ainda vivo. Magda não podia suportar aquele espetáculo. Inclinou-se rapidamente e passou sua faca pela garganta do animal, que teve uma contração final e depois ficou completamente imóvel. Por trás dos cavalos Jaelle se encontrava deitada na neve, vomitando, atordoada, desamparada. Magda foi até ela.

— Precisamos sair logo daqui. Ajude-me a transferir a carga para os nossos cavalos. E depois vamos partir, antes que todos os irmãos e irmãs daquela coisa apareçam à procura de outra refeição!

Jaelle levantou-se, limpando o rosto na manga. O rosto parecia grotesco, cheio de manchas vermelhas.

— Ah, foi horrível... horrível...

— Foi mesmo. Mas poderia ser muito pior se ele tivesse agarrado uma de nós.

Magda inclinou-se para cortar as correias que prendiam a carga à carcaça meio comida. A mesma correia que trocamos com tanto cuidado na aldeia! Com a ajuda de Jaelle, ela conseguiu remover a carga do animal morto, embora suas mãos ficassem sujas de sangue e entranhas antes de terminarem. Magda prendeu-a em seu cavalo e disse:

— Podemos dividir a carga amanhã. Neste momento é melhor sairmos logo daqui.

Entorpecidas pela fadiga e horror, elas continuaram a subir, mais e mais; e subitamente, contornando uma curva na trilha profunda, não estavam mais subindo. Encontravam-se no topo do passo de Scaravel e agora só havia descida. Magda sentia-se cansada demais para sequer ficar aliviada. Jaelle cambaleava de fadiga e Magda desejou que fosse seguro para ela montar. Com toda certeza Jaelle não poderia continuar assim por muito mais tempo.

O avanço era mais fácil agora, embora os cavalos tivessem uma tendência a escorregar e tropeçar; não demorou muito para que Magda sentisse a atenuação da dor nos ouvidos, indicando que estavam perdendo altitude. Recordou a informação de que os pássaros-espíritos só habitavam acima da linha das árvores; quando alcançaram o primeiro grupo de árvores retorcidas, os troncos enormes, a folhagem permanente agitada pelo vento, ela pôde sentir a tensão se esvaindo como água. Cambaleou por mais uns trinta metros e encontrou algumas árvores entre as quais os cavalos ficariam um pouco resguardados do vento e da neve ainda caindo. Jaelle estava completamente atordoada, piscando os olhos, sem ter a menor noção do que acontecia. Sozinha, Magda amarrou os cavalos e cobriu-os com mantas, depois conseguiu armar uma das pequenas tendas, tirou o capote de montaria coberto de neve e as botas de Jaelle e envolveu-a com as mantas. Também se enrolou, sem perder tempo a tirar qualquer coisa além das botas. A tenda era

muito pequena para as duas — Magda já a achava pequena para uma só pessoa -, mas a claustrofobia era melhor do que demorar a armar a outra; além disso, precisavam do calor. Ela pensou, enquanto adormecia: Eu traria os cavalos para dentro, se coubessem. Nem mesmo o grito distante de outro pássaro-espírito — ou seria o mesmo que as atacara? — podia mantê-la acordada.

O tempo limpou durante a noite, e ao despertarem elas contemplaram um ofuscante mundo branco, com as árvores de folhagem permanente quase vergadas ao peso da neve. Magda trocou os curativos dos ferimentos de Jaelle e constatou que estavam de um branco opaco e macerados; haviam congelado, e com isso as cicatrizes ficariam ainda piores, mas não havia nada que se pudesse fazer agora. Ela usou um pouco da água que fervera para o mingau na limpeza dos ferimentos, mas foi só isso. Jaelle comeu apaticamente, mas comeu, o que deixou Magda contente; os olhos vidrados e atordoados de exaustão de Jaelle haviam-na assustado. Depois que terminou de comer, Jaelle apontou para um pico baixo na cordilheira seguinte e disse:

— Lá está Sain Scarp. Se o tempo permanecer bom, chegaremos amanhã.

Magda tinha uma boa visão, mas não conseguiu ver nada além de árvores, por mais que tentasse. Jaelle riu.

— Duvido que Rumai di Scarp queira nos homenagear, e por isso não teremos um festival do solstício do inverno este ano! Mas tenho certeza de que seu parente vai preferir comer mingau na estrada a festejar com Rumai! E se o tempo continuar bom poderemos alcançar Ardais em poucos dias; não dá para ver daqui, mas uma pessoa com bons olhos pode avistar do alto de Scaravel... só que eu não vou voltar agora para olhar!

Agora que se encontravam à vista do objetivo, Magda se descobriu a especular outra vez sobre Peter. Como ele se sentiria por ser resgatado por uma mulher? Uma hora depois, enquanto desciam pela trilha, através da neve derretendo, Jaelle formulou a mesma indagação:

— Será um grande dano para o seu parente aceitar o resgate por intermédio de uma mulher? Ou os terranan não têm esse tipo de

orgulho?

— Não, de um modo geral. Em outros mundos, os homens e as mulheres costumam partilhar os riscos igualmente.

Mas Peter foi criado em Darkover, como eu. E descobri que meu condicionamento darkovano era muito forte, até mesmo para o Império. Isso poderá afetá-lo, destruí-lo, como aconteceria com um homem de Darkover?

E, subitamente, Magda compreendeu uma coisa sobre si mesma que nunca percebera antes.

Criada como fui, em Caer Donn, somente um darkovano poderia me atrair; dizem que a maneira como se reage ao sexo oposto é condicionada antes dos sete anos de idade. Nenhum dos terráqueos que conheci me pareceu o homem certo, nenhum tinha o tipo certo de ondas emocionais — ou sexuais — para mim. As atrações sexuais eram todas erradas. Por isso, Peter foi literalmente o único homem que conheci a quem reagi como um macho.

E quando me tornei madura para uma ligação amorosa, ele era o único homem que eu conhecia; literalmente, o único. Não foi que eu gostasse dele mais do que dos outros; simplesmente não havia outros.

Ela refletiu que essa talvez fosse a percepção mais importante de sua vida e resolveu que devia de alguma forma mantê-la, mesmo depois que tornasse a se encontrar com Peter.

Sain Scarp era uma enorme fortaleza, isolada além de um longo caminho aberto na rocha. No dia seguinte, ao meio-dia, as duas mulheres passaram por esse caminho e Magda teve a impressão de que olhos as observavam da torre. Ao final do caminho foram detidas por um homem enorme e rude, que lhes perguntou o que queriam ali.

Agora. É a culminação de tudo; todo o resto que aconteceu — até mesmo o juramento de amazona, dividindo minha vida em duas foi para isso. Estranhamente, Magda quase esquecera esse fato. E ela declarou ao homem:

— Sou a Amazona Livre Margali n'ha Ysabet (como parecia estranho!) e venho em missão de Dama Rohana Ardais. Há um

prisioneiro e um resgate a ser pago. Transmita essa mensagem a Rumai di Scarp.

Elas esperaram, estremecendo no ar frio, até que o chefe dos bandidos apareceu. Depois, Magda jamais conseguiu recordar como era Rumai di Scarp, exceto que parecia muito pequeno para ter tanta fama de perigoso e implacável: um homenzinho vigoroso, rosto afilado, olhos ardentes. Por trás de Rumai, as mãos amarradas, Magda avistou um vulto esguio e familiar. Peter! Ele estava muito magro e pálido, vestindo trajes de montanha, sujos e rasgados; uma barba avermelhada cobria seu rosto, mas Magda reconheceu-o no mesmo instante. Rumai di Scarp adiantou-se lentamente.

— Muito bem, mestra, ouvi dizer que há um resgate a pagar. Quem é você?

Em silêncio, Magda estendeu o salvo-conduto; Rumai pegou-o, passou para o enorme bandido ao seu lado, que o ofuscava fisicamente, tanto quanto o homenzinho parecia diminuir o gigantesco companheiro em todas as outras coisas. O homem leu em voz alta para Rumai:

— Dama Rohana Ardais... autoriza a cuidar de uma questão de família...

Rumai tornou a pegar o salvo-conduto, amassou-o desdenhosamente e jogou-o de volta para Magda. E disse, rindo:

— Como são bravos os homens de Ardais, enviando mulheres para resgatarem seus parentes! Por que eu deveria negociar com vocês?

Jaelle interveio:

— Porque eu sou parenta de Dama Rohana Ardais, e se você não cumprir sua palavra espalharei por toda parte, das Hellers a Dalereuth, que Rumai di Scarp não respeita seus compromissos. E poderá então ficar sentado aqui em Sain Scarp e fazer sopa com os ossos de seus prisioneiros, já que ninguém nunca mais lhe pagará uma única moeda em resgate!

Rumai fez um gesto de desdém e mandou que trouxessem Peter para a frente.

— Aqui está ele, o herdeiro de Ardais, inteiro e bem, firme de fôlego e pernas, como um cavalo no mercado da primavera. E agora,

minhas damas... — Ele usou a inflexão íntima, que fazia a palavra parecer ainda mais desdenhosa. — ...deixem-me ver a cor desse resgate.

Magda sabia que suas mãos tremiam enquanto contava as barras de cobre. Rumai deu de ombros, mandou que seu gigantesco capanga pusesse o dinheiro do resgate numa lona e o levasse.

— Fiquem com seu parente. Podem levá-lo. Jaelle fitou-o com uma expressão de desafio.

— E o cavalo e o equipamento dele?

— Ah, isso! Ficarão comigo para cobrir o custo de alimentá-lo durante todo esse tempo. — Ele acrescentou para Peter, em tom irônico: — Adeus, milorde. Feliz é o homem tão amado por seus parentes que confiam a uma mulher a missão de resgatá-lo. Cuide de retribuir muito bem a essas damas pela cortesia, pois sem dúvida foram apenas as súplicas delas que persuadiram os homens de seu clã a resgatá-lo. E agora...

Ele fez uma mesura profunda e graciosa, a própria cortesia provocando um calafrio de horror em Magda, muito pior do que se fosse um homem horrendo e deformado.

— Adeus, dom; eu lhe desejo uma viagem segura e um alegre retorno à sua casa.

Peter também fez uma mesura profunda, igualmente irônica.

— Meus agradecimentos pela hospitalidade, Senhor di Scarp. Prefiro passar a noite nos infernos de Zandru antes de tornar a experimentá-la.

— Um discurso rude — respondeu Rumai -, mas a cor do dinheiro não é aumentada por palavras corteses... nem diminuída pelas grosserias.

Ele virou-se e afastou-se, sem olhar para trás. Peter adiantou-se e pegou as mãos de Magda, apertando-as com força. Suas mãos tremiam.

— É você... eu sonhei... sonhei...

Sua voz ficou embargada, e por um momento Magda pensou que ele ia chorar; mas Peter conseguiu se controlar, apertando as mãos de Magda com toda a força. Ela murmurou, o coração apertado em compaixão:

— Você está tão magro e pálido! Eles o fizeram passar fome?

— Não, não, embora a comida não fosse o que se podia esperar nas Hellers.

Jaelle interrompeu a conversa dos dois:

— Há um cavalo à sua espera no começo do caminho. Nós o compramos na última aldeia. Imaginei que Rumai ficaria com o seu, como de fato aconteceu. Espero que seja do seu agrado.

— Mestre, eu montaria um coelho ou iria a pé até Thendara, descalço, pois é maravilhoso estar fora destas muralhas. Mas vamos logo embora, devemos ficar longe do alcance das flechas... Mas como me descobriram? Eu já perdera inteiramente a esperança de sequer saberem do meu paradeiro, ou como morri.

Jaelle estudava-o, curiosa, enquanto se encaminhavam para o lugar em que haviam deixado os cavalos.

— Não dá para acreditar! Isso não é uma brincadeira? Você não é meu primo Kyril? É mesmo... um terranan?

— Sou, sim. — Peter olhou para Magda. — Quem... o que...?

— Ela é minha amiga e irmã, Peter — respondeu Magda, calmamente. — Sabe quem nós somos, e por isso não há necessidade de fingir.

Peter inclinou-se sobre a mão esguia de Jaelle.

— Como posso expressar meus agradecimentos, mestra? A noite do solstício do inverno está muito próxima para fingir que não tive medo.

Jaelle olhou para trás, viu que Rumai e seus homens haviam se virado para observá-los e disse, com uma risada hesitante:

— Acredito agora que você não é mesmo meu primo Kyril. Acho que ele preferiria ser enforcado nas muralhas de Rumai a confessar que sentiu medo! — Depois de uma breve pausa, ela acrescentou: — Sem dúvida os bandidos estão observando e se perguntando por que você não me cumprimenta como uma parenta.

De qualquer outra, Magda pensaria que se tratava de um flerte inadmissível; Jaelle apenas parecia embaraçada. Peter disse:

— Será um prazer para mim... parenta.

Ele se inclinou para a frente e fez menção de abraçá-la fraternalmente e beijá-la no rosto. Jaelle ficou ruborizada e baixou

os olhos; subitamente, com extrema gentileza, Peter levantou a mão de Jaelle e beijou-a no pulso.

Magda, observando, pensou inesperadamente: Estou livre dele. Antes eu ficaria insuportavelmente ciumenta... ao ver essa expressão nos olhos de Peter para qualquer outra mulher. Quase enlouqueci quando ele dançou com Bethany na festa de Ano-Novo. Mas agora não me importo. O amor, a culpa e a preocupação haviam sido parte de Magda por tanto tempo que agora ela se sentia fria, indiferente e vazia. Via-o agora com compaixão, preocupada apenas com sua magreza e palidez... Como se ele fosse meu irmão, meu filho. Mas não como um amante. Não agora.

Jaelle começou a se afastar, mas depois tornou a se inclinar e pegou a mão de Peter.

— Ainda não posso acreditar. Você é tão parecido com meu primo Kyril e, no entanto... deixe-me ver suas mãos! Quantos dedos você tem?

O número normal, quatro e um polegar... essa não! — Peter olhava para a mão de Jaelle na sua, aturdido. — Você tem seis dedos em cada mão!

— Isso mesmo. O sangue Ardais e o Aillard... as pessoas desse sangue possuem o dedo extra. Isso nunca acontece entre os terráqueos? Rohana é Aillard por nascimento e seu marido é Ardais; e todas as crianças têm as mãos de Aillard. — Jaelle começou a rir histericamente, balbuciando entre os espasmos: — Se Rumai tivesse... se dado ao trabalho de contar seus dedos... você estaria agora pendurado... em pedaços... nas suas muralhas...

Parecia que ela não podia parar de rir. Magda se aproximou e tentou quietá-la, mas finalmente, bastante assustada, relutando mas concluindo que era o único jeito, agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a vigorosamente. Jaelle começou a chorar, tão histericamente quanto rira.

— Você estaria morto... — Ela balbuciava entre os soluços. — estaria morto...

Ela viajou demais; ainda não está bastante forte. Magda disse a Peter:

— Pode levá-la em sua sela? Precisamos estar longe daqui antes do anoitecer.

Ela observou Peter levantar Jaelle para seu cavalo, ternamente, montar e amparar a moça. Magda também montou e pegou as rédeas do cavalo de Jaelle, puxando-o. E já sabia naquele momento — como compreendeu muito tempo depois — o que ia acontecer.

Parte III
Jaelle N'ha Melora, Amazona
Livre

Capítulo Doze

O teto era pintado de azul, com uma borda e pequenas estrelas em dourado. A princípio Jaelle não pôde imaginar onde se encontrava. Depois lembrou que dormira naquele quarto em sua única visita prolongada ao Castelo Ardais, quando tinha dezesseis anos.

— Antes de renunciar à sua herança como Comynara — advertira-a Kindra, falando mais sério com a filha-de-adoção do que em qualquer outra ocasião anterior -, deve primeiro saber ao que está renunciando.

E assim Jaelle partira para Ardais, sob protestos, a fim de permanecer meio ano ali. Não fora feliz; sentia-se, como dissera uma vez a Rohana, em rebeldia, que nem um peixe numa árvore.

Mas não tenho mais dezesseis anos! Por que estou aqui? Ela mudou de posição na cama e se lembrou ao sentir a pontada de dor intensa no ombro ferido. Onde estavam seus companheiros terráqueos? Haviam chegado tarde da noite e ela dissera aos criados no portão que avisassem a Dama Rohana que sua parenta viera passar a noite do solstício do inverno ali, levando dois amigos. Podia lembrar a recepção calorosa de Rohana e sua consternação ao ver o rosto en-faixado de Jaelle. O resto era confuso.

Ela estava deitada numa cama grande, usando uma camisola de mangas compridas, com rendas na gola e nos punhos. Calculou que pertencia a Rohana ou à sua filha; ela mesma não possuía trajes assim e aquela camisola era boa demais para ser de uma criada. Uma das mangas fora cortada para acomodar as dobras da bandagem no ombro; o curativo no rosto também fora trocado. Ela correu os olhos pelo quarto e avistou uma segunda cama perto da janela; a terráquea se encontrava ali, dormindo. Mas nesse momento Magda virou-se para fitá-la e disse:

— Parece muito melhor. Quando foi carregada para cá, na noite de anteontem, pensei que ia morrer.

Magda saiu da cama e foi para o lado de Jaelle. Também usava uma camisola rendada, mas era tão alta que só chegava à metade

das pernas. Lavara os cabelos escuros curtos, encrespados em torno do rosto.

— Não me lembro de qualquer coisa depois que chegamos aqui; você me carregou para o quarto, ou...

Jaelle hesitou, não se lembrando do nome darkovano de Peter e não querendo usar o terráqueo num lugar em que podiam ser ouvidas.

— Não; o próprio dom Gabriel lhe fez essa honra. Jaelle sorriu ironicamente.

— Pobre dom Gabriel! Como o marido de minha parenta me detesta! Ou pelo menos detesta ter uma Amazona Livre na família!

— Ele parecia sinceramente preocupado com você — protestou Magda.

Jaelle soltou uma risada.

— Ele trata com bondade qualquer coisa que pertence a Rohana... cães de estimação, Amazonas Livres, até mesmo terráqueos. - Ela sentiu o sorriso provocar uma dor intensa no rosto enfaixado. — Ele sabe?

— Rohana disse-lhe apenas que éramos amigos seus. E depois me advertiu que a casa estava cheia de convidados para o solstício do inverno e que deveríamos tomar cuidado. É claro que dom Kyril ficou na maior curiosidade ao conhecer Peter. Perguntou quem ele era, e Peter contou a sua história habitual... que nasceu em Caer Donn e não sabia o nome de seu pai. Dom Kyril comentou: "Depois de vê-lo, acho que posso pelo menos determinar o clã de seu pai." E, como você, olhou imediatamente para as mãos de Peter.

Jaelle recostou-se nos travesseiros, aturdida. Tão cansada depois de sentar apenas por alguns minutos? O ombro ardia como se pegasse fogo.

— Onde... onde ele está?

— Dormindo no quarto ao lado. — Magda apontou para a porta de ligação. — Dama Rohana pediu desculpas por só poder nos dar estes aposentos. Eu disse a ela que de qualquer forma você não deveria ficar sozinha à noite. Dormiu durante todo o dia de ontem; não acordou nem mesmo quando domna Alida veio trocar os curativos.

— Então perdi um dia — murmurou Jaelle.

Ela lembrava agora, vagamente, como haviam chegado ali. Rumai di Scarp esperaria que seguissem imediatamente para Ardais; acharia suspeito se tomassem qualquer outra direção. Seja como for, Scaravel estava bloqueado pela neve e Magda alegara que Dama Rohana, por ter organizado a expedição, tinha o direito de ser informada de seu sucesso.

Jaelle recordou também como Peter viajara ao seu lado, ajudando-a sempre que paravam para descansar os cavalos. Durante a maior parte do tempo ela permanecera atordoada de dor e cansaço, mas lembrava como ele a persuadira a comer, quando paravam, como a pusera em sua própria sela e a amparara quando não conseguia mais ficar sentada sozinha em seu cavalo. Tudo mais era confuso, mas ela podia recordar, com uma memória tátil nítida, a sensação dos braços de Peter em torno de seu corpo. Sentira-se envergonhada de sua fraqueza e secretamente um pouco contente, pois lhe permitia recostar-se contra ele, pôr a cabeça em seu ombro, através da vertigem de dor e febre...

Ela pensou, com um sentimento de culpa: Não apelar para a proteção de homem algum... e fechou os olhos, sentindo lágrimas de fraqueza escorrerem pelas faces. Magda tocou gentilmente em seu pulso e murmurou:

— Avisarei Dama Rohana que você já acordou.

Rohana não demorou a chegar, pequena e magnífica, num vestido ornamentado com pele. Inclinou-se e beijou Jaelle na face não coberta pela bandagem.

— Como está se sentindo, minha criança? E como sofreu esse horrível ferimento? Margali me contou muito pouco, apenas que você lutou por ela.

— Imagino que ela não contou que salvou minha vida e que está ligada por juramento à Guilda e se tornou minha irmã.

Rohana perguntou, muito séria:

— É permitido, minha criança, que uma terranan seja aceita na Guilda por juramento?

— As mães-da-Guilda darão a decisão final, mas nossa Carta não exclui qualquer mulher; é o juramento e não a ascendência que

faz uma amazona. E minha irmã optou por honrar seu juramento, ficando e lutando por mim, depois me cuidando, quando poderia facilmente me abandonar para morrer.

— Então ela é também uma parenta aqui — disse Rohana, gentilmente.

Aliviada, Jaelle recaiu no sono exausto — ou estupor. Por cima de sua cabeça, os olhos de Rohana se encontraram com os da terráquea.

— Algum dia deve me contar como tudo isso aconteceu.

— Eu mesma não sei direito — murmurou Magda, com um sorriso contrafeito -, mas respeitarei o juramento, não importa o que possa acontecer.

— Por Jaelle? Apenas por amizade?

— Não. Não inteiramente. Talvez... — Magda hesitou, procurando pelas palavras certas. — Talvez porque eu tenha dois mundos a servir e penso que assim poderei honrar melhor as duas lealdades.

— E seu marido? O que ele vai dizer?

— Ele não é mais meu marido, por lei; nós nos separamos há mais de um ano. E certamente ele não é o guardião da minha consciência.

— Pensei...

Rohana não foi adiante. Como todos os telepatas, ela tinha horror a parecer que se intrometia em qualquer questão pessoal. Mas tivera a impressão, quando conhecera a terráquea na Cidade Comercial, que Magda estava totalmente comprometida com o ex-amante; e ficara apreensiva quando a vira no traje de amazona. Parecera-lhe que Magda, apesar do espírito e força que admirara, era feminina demais para o papel que deveria desempenhar. Parecera-lhe que Magda era muito parecida com ela própria, disposta a fazer o trabalho de um homem por razões de mulher.

Sentia-se agora completamente desorientada; e isso era uma sensação nova para Rohana. Também levantava questões que ela pensava ter resolvido, por completo e sem quaisquer dúvidas, anos antes. Ficou satisfeita por deixar de lado a inquisição pessoal quando Magda perguntou:

— É certo Jaelle dormir tanto? Ela está pior do que eu receava?

— Não sei. Alida diz que nenhum dos ferimentos está curando como deveria. Mas saberá melhor hoje.

— A culpa é minha. — Magda olhou para Jaelle, assustada; ela estaria dormindo ou inconsciente de novo? — Ela se esgotou assim tentando nos ajudar.

As mãos de Rohana pousaram de leve sobre as de Magda. A terráquea ainda não conhecia o suficiente da casta telepata para saber como esse gesto era excepcional e quanta confiança indicava.

— Não se culpe, minha cara criança. Desde que Kindra morreu não houve ninguém, absolutamente ninguém, que pudesse obrigar Jaelle a fazer alguma coisa que ela não quisesse ou impedi-la de realizar sua vontade. Portanto, o que quer que ela tenha feito, foi por sua livre e espontânea vontade.

Ela olhou para Jaelle com uma ternura desligada e triste. E Magda teve certeza de que Rohana não estava realmente lhe falando quando acrescentou:

— Sob muitos aspectos, ela é mais cara para mim do que minha própria filha. Contudo, sei há muitos anos que devia deixá-la seguir seu próprio caminho.

Rohana virou-se para sair, informando:

— Domna Alida virá vê-la esta manhã; ela é treinada na Torre e possui grande competência nessas questões.

Pouco depois que ela se retirou, Peter passou pela porta de ligação e perguntou, em voz baixa, ansioso:

— Como está Jaelle?

Magda repetiu o que Rohana dissera e ele balançou a cabeça, consternado.

— Detesto pensar que ela correu tanto perigo por nós. Mas temos de sair daqui o mais depressa possível, Magda. Sabe que não podemos ficar para o solstício do inverno, como Dama Rohana deseja, pois pode haver alguém aqui que nos reconheça.

— Rohana não dirá a ninguém.

— E possível. Mas entre as pessoas no castelo há dois ou três homens de Caer Donn que podem me reconhecer... lembrar-se de

mim dos dias em que terráqueos e homens da montanha confraternizavam livremente. E se isso acontecer...

Magda podia compreender a posição dele, mas no momento outra preocupação parecia mais importante.

— Não posso partir sem a permissão de Jaelle; talvez eu nem possa ir. E com toda certeza não irei enquanto ela estiver doente e precisar de mim. — Ela fitou-o nos olhos, com uma raiva súbita. -Um juramento nada significa para você?

— Não um juramento arrancado pela força, e de qualquer forma você não tinha o direito de prestá-lo. Sei que foi pressionada, mas mesmo assim...

Era o próprio raciocínio de Magda, e deixou-a ainda mais irritada, enquanto ele continuava, persuasivo:

— Sei que você sempre sentiu prazer por se fingir de darkovana e tinha um grande orgulho por sua habilidade nisso. Mas há um tempo para esquecer todas essas coisas. Sua primeira lealdade é para com o Império... preciso lembrá-la disso?

Ele pegara suas mãos, mas Magda puxou-as bruscamente.

— Então diga que escolhi assim! Acho que posso servir melhor dessa maneira, mas se tiver de optar...

Magda tremia toda e Peter disse, tentando apaziguá-la:

— Não compreendi que você se sentia assim; sabe que eu nunca poderia interferir numa questão de consciência, Mag. Mas por que essa moça significa tanto para você? Não costuma ter esse tipo de... esse tipo de atitude emocional em relação a outra mulher. Até parece...

Ele hesitou, relutando em falar. Magda, adivinhando o que Peter se recusava a falar, ficou ainda mais furiosa.

— Pense o que quiser! Se acredita nisso, acreditará em qualquer coisa!

— Mag, eu não disse que acreditava...

— Você é mesmo um idiota, Peter! — ela exclamou, enojada. - Acredita realmente que nenhuma mulher pode ser leal a outra fora da humanidade e integridade normais? Jaelle salvou minha vida; e devo lembrá-lo de que, se ela não arriscasse a sua para cruzar o Passo Scaravel com um ferimento recente, você ainda estaria

contando os dias para a noite do solstício do inverno nas masmorras de Rumai? E quer que eu a abandone, sem saber se ela viverá ou morrerá, se ficará desfigurada por uma cicatriz pelo resto da vida?

— Mas você precisa ficar? Pensei que as pessoas aqui fossem seus parentes mais próximos.

— E são, mas por juramento ela teve de renunciar a toda a família; como sua filha-de-juramento, sou a parente mais próxima de Jaelle sob este teto.

Ela falou isso com certeza absoluta, sabendo que, apesar da profunda afeição de Rohana por Jaelle, ela diria a mesma coisa. Rohana considerara como um fato normal que Magda tinha um dever e um direito de ficar com Jaelle e cuidá-la; mais do que o próprio direito de Rohana. Camilla comentara, gracejando, que Rohana ainda ignorava os costumes das Amazonas Livres. Mas Rohana compreendia a própria essência do que elas significavam umas para as outras; mais até do que a própria Magda. A raiva de Peter foi de curta duração, como sempre, e ele logo murmurou:

— Provavelmente você sabe o que é melhor, Mag; é o que geralmente acontece. E um festival do solstício de inverno é um tempo de hospitalidade; provavelmente um par de convidados extras nem será percebido.

Ele aproximou-se de Jaelle e contemplou-a.

— Como ela é linda... ou como seria linda sem essa horrível cicatriz! Como uma mulher assim pode renunciar ao amor e ao casamento?

Jaelle abriu o olho sem bandagem; sua visão era turva, desfocada.

— Não é ao amor que renunciamos... apenas ao casamento... à servidão...

Ela estendeu a mão e Peter ajoelhou-se ao lado da cama, pegando-a. Jaelle tornou a fechar o olho, mas sua mão permaneceu com Peter. Ele ainda se encontrava ajoelhado assim quando a porta se abriu e Dama Rohana entrou, acompanhada pela irmã de dom Gabriel, que fora descrita para Magda como uma leronis. O título era geralmente traduzido como "feiticeira" ou "sábia"; Magda desconfiou que significava, naquele caso, "curandeira". Seu nome era Ali-da,

uma mulher baixa e franzina, cabelos vermelhos flamejantes, mais jovem que Rohana em alguns anos, com uma arrogância indefinível, que fez Magda pensar, por algum motivo, em Lorill Hastur.

Dama Alida inclinou a cabeça para Magda, na mais ligeira das saudações corteses. Ignorou Peter. Puxou as mantas de Jaelle e começou a remover a camisola cortada; fez uma pausa, olhando para Peter, com uma ordem inconfundível. Ele fora criado nas montanhas, perto de Caer Donn, e entendeu perfeitamente; na verdade, era até um pouco escandaloso que se encontrasse no quarto quando Magda não estava plenamente vestida. Largou a mão de Jaelle, mas ela tornou a segurá-lo no mesmo instante e abriu o olho.

— Quero que ele fique!

Ela falou como uma criança, e Magda especulou se delirava outra vez. Dama Alida deu de ombros.

— Pois então fique, se ela assim quer. Mas pegue a outra mão e não me atrapalhe.

Peter obedeceu e Alida, com uma pequena ajuda de Rohana, tirou as bandagens para examinar os ferimentos horríveis. Até mesmo Magda pôde perceber que não estavam curando direito, pois se achavam inchados e infeccionados. O talho no rosto se expandira e avermelhara, o corte na pálpebra inchara tanto que o olho de Jaelle permanecia fechado.

— E um ferimento envenenado! Como ela o sofreu?

Magda relatou rapidamente a luta com os bandidos. Dama Alida fez uma careta de repulsa.

— Isso não é trabalho para mulheres!

Jaelle ficou afogueada de raiva. E protestou, impertinente:

— Não preciso que me diga que não aprova meu modo de vida, parenta, mas a cortesia devia impedi-la de insultar minha irmã e hóspede na minha presença!

Rohana apressou-se em interferir:

— Alida não teve a intenção de ofendê-la... não é mesmo, parenta?

Alida não deu atenção a qualquer das duas.

— O que aconteceu com o seu ferimento, mestra?

Depois de um momento, Magda compreendeu que a pergunta lhe fora dirigida e levantou a manga da camisola.

— Está sarando.

— Mas não como deveria — comentou Alida, os dedos leves e frios tocando gentilmente a linha vermelha, ainda contraída e inflamada. — Um corte como este deveria estar há muito fechado, sem restar nem mesmo uma coceira. Posso dizer que ainda lhe causa alguma dor... não é verdade?

— Um pouco.

Magda tinha tão pouca experiência com ferimentos assim que pensara ser natural. Percebeu que Peter a fitava, em surpresa e consternação, examinava o ferimento em seu braço. Apressou-se em baixar a manga da camisola para cobri-lo.

— Jaelle deve ter sido ferida primeiro e recebeu a maior parte do veneno — comentou Alida.

Rohana parecia bastante apreensiva.

— Pode ajudá-la, Alida?

— Claro. Aprendi a tratar de ferimentos assim na Torre Neskaya; não é grande coisa. Você foi treinada na Torre em Dalereuth quando era pequena; pode monitorar para mim?

Rohana acenou com a cabeça.

— Posso.

Rohana ficou observando, perturbada, enquanto Alida descobria sua pedra-matriz. Sabia que devia mandar os dois terráqueos se retirarem. Sabia que esse fora um dos motivos pelos quais Lorill Hastur proibira qualquer contato mais sério entre darkovanos e terráqueos; ele não queria que os terráqueos aprendessem qualquer coisa sobre as antigas ciências da matriz. Mas se exigisse que Peter e Magda deixassem o quarto agora, teria de explicar o motivo.

Não dissera a ninguém que os dois eram terráqueos, mas tinha certeza de que Gabriel já adivinhara. Quando vira a semelhança incrível de Peter com o filho Kyril e soubera que ele fora prisioneiro em Sain Scarp, Gabriel devia ter compreendido; mas ele não queria realmente saber, Rohana compreendia, que ela fora outra vez contra suas determinações. Porque nesse caso eu teria de contar a ele, em

palavras expressas, que não é o guardião da minha consciência; e mesmo agora creio que Gabriel não quer saber disso, de uma maneira que não possa mais fingir que ignora.

E a mulher, Magda, era a irmã-de-juramento de Jaelle e tinha o direito de permanecer. Quanto ao homem... ela viu Jaelle segurando sua mão, viu a ternura nos olhos dele, percebeu o que nenhum dos dois sabia ainda.

— Guarde isso, Dama Alida — balbuciou Jaelle. — Não quero saber de sua feitiçaria.

— É preciso, criança. Há veneno no ferimento e está se espalhando para o olho; pode afetar sua vista. Se eu não tratar agora...

— Não me importo — insistiu Jaelle, na maior agitação. — Não permitirei...

Rohana interveio, firmemente:

— Pare com isso, Jaelle! Está se comportando como uma criança assustada que não quer que façam curativo num ferimento! Não pensei que fosse tão covarde!

A voz de Alida se tornou mais gentil:

— Sei que tinha medo de mim quando era criança, Jaelle, mas esperava que tivesse superado os temores.

— Não tenho medo — protestou Jaelle, tremendo de raiva -, mas não admito que alguém interfira com minha mente! Uma vez já é suficiente por uma vida inteira!

Rohana recordou subitamente do que Jaelle falava. Naquela única visita prolongada a Ardais, que fora exigida antes que Jaelle tivesse permissão de prestar o juramento das amazonas, ela insistira em que a moça fosse testada para se determinar se possuía laran; filha de Melora e com os cabelos vermelhos que caracterizavam a casta dos telepatas, ela devia certamente ter um dos dons do Comyn. Jaelle ficara assustada e relutante, mas nesse ponto Rohana se mantivera firme. Alida efetuara o teste e Jaelle saíra branca como um cadáver e parecendo mortalmente doente. Fora a única ocasião, desde a morte da mãe, em que Rohana vira Jaelle em lágrimas. Depois que Rohana fora dispensada, um pouco mais calma e confortada, Alida dissera:

— Ela tem mesmo laran. Creio que é uma telepata poderosa, mas está bloqueando por algum motivo. Eu poderia romper suas defesas, é claro; mas se conseguiria depois lhe devolver o controle... isso é outra questão. E como você permitiu que ela fosse criada entre as amazonas, acho que consideraria insuportável a vida numa Torre. Deixe-a seguir seu próprio caminho.

Rohana não mais insistira. Cumprira a lei, que determinava que cada criança com o sangue Comyn — legítima ou ilegítima; e por lei Jaelle era ilegítima — devia ser testada. Não era necessário mais. Rohana tinha certeza de que fora o choque do contato com a mãe agonizante que forçara Jaelle a erguer uma barricada contra o seu laran, mas não tentara confirmar.

Será que o medo de Jaelle ainda era tão intenso assim? Domna Alida limitou-se a dizer, sem se mostrar ofendida, quando Jaelle praguejou contra ela:

— Está doente, Jaelle. Não sabe o que diz. Devo submetê-la à indignidade de amarrar suas mãos?

Magda quase gritou:

— Não pode fazer isso!

— Jaelle — disse Rohana, persuasiva -, você não é uma dessas amazonas que se gabam de suas cicatrizes e gostam de compará-las.

Alida acrescentou, friamente:

— Se ela deseja terminar seus dias parecendo um veterano cheio de cicatrizes de batalha das campanhas de Corresanti, o problema é dela; só estou preocupada com sua vista.

Peter ainda segurava a mão de Jaelle. Estendeu sua mão livre para o rosto de Jaelle, acariciou a pele lisa por baixo do ferimento avermelhado. E disse, como se não houvesse mais ninguém no quarto além dele e Jaelle:

— Você é muito bonita. Seria horrível se deixasse tanta beleza ser estragada.

Jaelle deslocou sua outra mão, meio desajeitada, para a mão de Peter, e Magda compreendeu — todos compreenderam — que ela não mais protestaria.

Isso não foi justo, pensou Magda. Jaelle está muito vulnerável. Peter não deveria ter feito isso...

Dama Alida estendeu a mão e Magda pôde ver a pedra azul que havia ali... uma jóia? Um brilho súbito, um clarão ofuscante... Magda desviou os olhos, apressada, incapaz de suportar a visão. A Ieronis disse, suavemente:

— Você estava ocupada demais a me insultar, Jaelle, para me deixar explicar, mas não preciso fazer contato com sua mente para isso. Farei um trabalho de reconstituição de célula muito delicado, e por isso você deve permanecer o mais quieta possível. Tente esvaziar a mente o máximo que puder, a fim de que seus pensamentos não interfiram. Pode dormir, se quiser; será melhor ainda se o fizer. Não creio que vá sentir alguma dor, mas se isso acontecer deve me dizer no mesmo instante. A dor não pode interferir com o que vou fazer.

Magda escutava numa curiosidade aturdida. Hipnose? Aquela conversa de deixar a mente vazia...

— Rohana, você deve monitorar — instruiu Alida. — E deve me avisar se eu chegar muito perto dos nervos ou dos pequenos músculos no canto do olho.

A pedra azul tornou a faiscar na mão de Alida. Magda sentiu uma pequena ondulação em seu corpo, quase uma náusea. Alida levantou a cabeça, o rosto agora remoto, como uma máscara, fitando Magda sem realmente vê-la.

— Não olhe diretamente para a matriz, mestra; muitas pessoas não podem suportar essa visão.

Magda desviou os olhos, mas descobriu que eram atraídos de volta. Impostura, absurdo; mas o que vão fazer com Jaelle?

Rohana aproximou-se de Jaelle e inclinou-se sobre ela, ignorando Peter, ainda ajoelhado imóvel no outro lado da cama, segurando a mão de Jaelle. Os olhos de Jaelle haviam se fechado de novo. Rohana passou as pontas dos dedos pelo rosto de Jaelle, sem chegar a tocá-la; desceu pelo ombro nu e inchado, o ferimento horrivelmente infeccionado ali. Magda teve a impressão de que uma linha de luz seguia os dedos de Rohana, passava a luzir ao longo da pele de Jaelle... Como se eu pudesse ver os ossos através da pele...

Rohana disse... Não, não os ossos, mas os nervos que se estendem entre eles... Mas Rohana não falara, Rohana não levantara o rosto; continuava debruçada, na mais absoluta concentração, sobre Jaelle.

Alida segurava a pedra diante de seus olhos com uma das mãos, o rosto firme numa calma quase inumana. Magda podia ver agora, em torno dos dois ferimentos, uma pulsação opaca, uma espécie de brilho ao redor da carne inflamada.

— Agora! — disse Alida.

Rohana começou a deslocar os dedos ao longo do ferimento no ombro. Não tocava em Jaelle, mas à medida que as pequenas linhas de luz seguiam seus dedos, a carne inchada parecia se mexer, ondular, com um turbilhão opaco de cores; a carne se alteava, tremia, mudava de cor, do vermelho inflamado para um púrpura de infecção e depois quase para um preto opaco, as luzes diminuindo, sempre pulsando. Magda prendeu a respiração; seria alguma espécie incrível de ilusão hipnótica? Sangue escorreu do ferimento.

— Cuidado — disse Rohana, sem qualquer inflexão na voz.

A superfície ondulante do ferimento aberto empalideceu lentamente, voltou a ficar púrpura e depois, à medida que as luzes ao redor se tornavam mais brilhantes, tornou-se vermelha, depois adquiriu uma saudável tonalidade rosada...

Rohana trocou de mão, passando as pontas dos dedos sobre o repulsivo ferimento aberto no rosto de Jaelle. Alida aproximou ainda mais a pedra azul e Magda, vendo sem náusea desta vez, descobriu-se absorvida no que acontecia. Viu com uma curiosa visão dupla as correntes nervosas sob a pele, as camadas rompidas e infeccionadas de pele e músculo, o sangue vazando, o veneno infiltrado em torno do olho... sentiu, com uma contração interior e uma tensão na mente, o que Alida estava fazendo: reduzindo sua percepção mais e mais, para as células, exercendo as pressões mais suaves (Como? Como?) sobre cada célula, a tal ponto que podia sentir o sangue e o veneno como pressões contra as linhas de luz dos nervos, sentir as membranas ínfimas e delicadas, as pressões contra elas...

— Cuidado — disse Rohana outra vez, um som baixo, suave e neutro.

Para Magda, no entanto, dentro da percepção de Alida, foi como um brado de advertência; e com infinita cautela, Alida atenuou as pressões meticulosas e complexas, desviou o contato de um pequeno vaso sanguíneo rompido, sentiu e quase viu as tensões de fluidos tão próximos do globo ocular, o reluzente mecanismo interior do globo ocular e os dutos lacrimais, perigosamente perto. Alivie nesse ponto... Alguma coisa no fundo da mente de Magda disse: Psicocinese: o poder da mente de efetuar delicadas mudanças celulares. Sua própria percepção parecia totalmente mergulhada naquela luz, exercendo pressão. Olhava para Jaelle de uma grande distância. Como se eu estivesse lá em cima, em algum lugar perto do teto, olhando para baixo... Mudanças vertiginosas de perspectiva.

Magda pensou, em algum lugar no fundo de sua mente: Também posso fazer isso; e descobriu sua atenção focalizada no talho em seu próprio braço, sentiu as pressões interiores, depois arrancou-as para sua percepção, sentindo uma breve pontada de dor intensa, de algum modo fora de seu corpo, que desapareceu sem deixar vestígios...

Ela sacudiu a cabeça, como se quisesse desanuviá-la. Estava de pé, firme, Alida cobrira a pedra azul. Piscou, como se estivesse tonta, baixou os olhos para Jaelle, em espanto e choque. Não havia mais o talho repulsivo e infeccionado no rosto de Jaelle; apenas uma linha estreita, de um vermelho brilhante, ainda em carne viva e irregular, da qual escorreu uma gota de sangue limpo. O talho na pálpebra desaparecera e o olho fechado, por baixo da franja de pestanas, não se encontrava mais inchado.

Alida deixou escapar um longo suspiro de cansaço. Mecanicamente, Magda levantou a manga da camisola, olhando perplexa para o lugar em que o bandido cortara seu braço com a lâmina envenenada. Não havia mais a linha vermelha pregueada; apenas uma cicatriz branca e firme, que parecia bem antiga. Será que eu sonhei?

Alida guardou a pedra embrulhada dentro do vestido. Olhou para Magda com o rosto franzido, numa expressão inquisitiva, mas não lhe disse nada.

— Jaelle?

Rohana tocou de leve na testa de Jaelle.

— Acho que ela está dormindo.

— Ótimo, enquanto ela dorme, a cura será concluída. — Alida gesticulou para Peter. — Deixe-a.

Ele tentou gentilmente retirar a mão, mas os dedos de Jaelle a retiveram com firmeza. Acomodando-se numa posição confortável no chão, Peter murmurou:

— Ficarei aqui.

Magda aproximou-se de Jaelle na ponta dos pés e levantou a camisola sobre o seio e o ombro da moça, cobriu-a com a manta e depois saiu do quarto, com Rohana e Alida. Alida cambaleou, quase caiu contra a porta. Rohana amparou-a e murmurou:

— Vá descansar, Alida. E agradeço em nome de Jaelle.

A mente de Magda era um turbilhão. Não foi ilusão! Aquele ferimento terrível, infeccionado, aberto, purgando... e agora, quando cobrira Jaelle com a camisola, não fora preciso sequer um curativo, estava limpo, quase curado. Havia também o seu próprio braço; parecia uma cicatriz de um ano. E de alguma forma, com a ajuda da pedra azul, tudo fora realizado através dos poderes da mente. Poder psíquico. Nunca acreditei realmente nisso, mas agora eu vi...

Rohana viu Magda tremendo, estendeu a mão e amparou-a gentilmente, como fizera com Alida.

— Vá descansar, minha menina, esse trabalho é extenuante. Por que não nos disse que possuía laran?

E Magda só pôde balbuciar, confusa e consternada:

— Eu nem mesmo sabia o que a palavra significa!

Capítulo Treze

Na véspera do dia do solstício do inverno as nevascas há muito atrasadas desceram das Hellers, um turbilhão denso e branco de neve e vento uivando que arrefeceu os preparativos para o festival. Os convidados que ficaram hospedados no castelo já tinham chegado, mas Dama Rohana anunciou a todos, com algum desapontamento, que as festividades habituais teriam de ser suspensas. Normalmente as pessoas que residiam a um dia de viagem visitariam o Castelo Ardais em algum momento durante o dia, a fim de partilharem a diversão ali.

Magda expressou um pesar polido pela frustração do festival, mas secretamente sentiu-se aliviada por não ter de enfrentar mais estranhos. Não tinha um medo pessoal. Dom Gabriel não criaria problemas para os hóspedes de sua esposa, quem quer que fossem; e a grande tradição de hospitalidade nas Hellers tornava improvável que se confrontassem com qualquer hostilidade pessoal. Mas podia muito bem significar que outros terráqueos, depois daquela situação, passariam a ser vigiados com mais atenção e restritos em suas viagens.

Dama Rohana tinha presentes de festival para ambos: capas de montaria comprida, guarnecidas com pele. Com o tato apropriado, também lhes ofereceu trajes mais adequados para o festival, ressaltando que só haviam trazido as roupas de viagem, em condições não muito boas de tanto uso. Magda aceitou com alívio, Jaelle com uma risada irônica. E comentou, depois que Rohana se retirou:

— Meu parente é covarde, ao fazer Rohana realizar o que ele quer! Margali, você é intérprete por ofício, veja se entende isso da mesma forma que eu! Posso não apresentar as palavras certas, mas a música é muito clara e a melodia diz mais ou menos o seguinte: "Recuso-me a ter duas amazonas vestidas com calças à minha mesa de banquete!"

Magda absteve-se polidamente de fazer qualquer comentário sobre o anfitrião, mas sentiu que provavelmente Jaelle tinha razão.

Jaelle já se levantava e andava de um lado para outro, embora até aquele dia estivesse confinada ao quarto, com uma recuperação tão rápida que Magda ainda duvidava do testemunho de seus próprios olhos. Mas ali estava, à sua frente: a cicatriz curada no ombro de Jaelle, a linha vermelha — perceptível e um pouco surpreendente, mas não mais desfigurando-a — no rosto.

Faz com que a ciência médica terráquea pareça primitiva!, pensou Magda.

Mas se era força psíquica, qual seria a função da pedra azul? Seria apenas um foco? Magda sabia que nunca descansaria enquanto não descobrisse as respostas para essas indagações. A chave parecia ser a estranha palavra laran, que em termos coloquiais era traduzida como uma arte, habilidade, dom ou talento; ela calculou que uma leronis era aquela que usava o laran e que os significados de "sábia" ou "feiticeira" eram secundários. Jaelle confirmou esse palpite, acrescentando que o laran significava um dom nato para o poder psíquico, que ela própria o possuía, mas jamais quisera ser treinada em seu uso. Quando Magda repetiu o comentário de Rohana — de que ela própria parecia ter laran -, Jaelle fechou a boca e não quis dizer mais nada a respeito.

Os vestidos de festival prometidos chegaram no meio da tarde, levados por uma das mulheres de Rohana. O de Magda era cor de ferrugem, guarnecido com pele de zibelina, mangas compridas forradas com seda dourada; era um dos vestidos mais lindos que ela já vira e se ajustava com perfeição a seu corpo. Experimentou uma pontada de pesar ao pô-lo e escovar os cabelos escuros e lisos, pensando na travessa de borboleta de prata que nunca mais usaria. Jaelle perguntou:

— Entre as terráqueas os cabelos curtos são considerados uma desgraça?

— Claro que não. A maioria das mulheres do Império usa os cabelos apenas um pouco mais compridos que os homens; mas vivi em Darkover durante a maior parte de minha vida e mantive os meus compridos para poder passar despercebida, acabei me acostumando. Meio que esperava ser informada de que as amazonas

não têm permissão para usar roupas de mulher. É apenas uma cortesia para dom Gabriel, Jaelle?

Jaelle riu jovialmente. Pusera o delicado vestido verde que Rohana lhe mandara. Disse que fora feito para sua prima, a filha de dezessete anos de Rohana, cujo nome era Elorie, mas geralmente chamada de Lori. Com um pequeno aperto na cintura, ficou perfeito em Jaelle. Escovando os cabelos avermelhados e prendendo-os com um par de travessas de ouro que tirara de seus alforjes, ela respondeu:

— Claro que não! Acha que usamos calças compulsivamente, como os homens, sua tolinha? Só as usamos porque temos de cavalgar ou trabalhar como homens, mas na Casa da Guilda, ou quando trabalhamos dentro de uma casa, usamos o que for mais confortável. Não somos obrigadas a usar qualquer coisa em particular; apenas nos recusamos a aceitar a regra social que proíbe as mulheres usarem qualquer traje confortável por questão de recato ou costume. A única coisa que não podemos usar, pelos termos de nossa Carta, é uma espada.

Ela fez uma pausa, soltando outra risada.

— Kindra me censurava de vez em quando por gastar tanto do que eu ganhava em ornamentos. Provavelmente tenho tantos vestidos bonitos quanto Rohana, talvez mais, porque não preciso prestar contas a ninguém do que faço com meu dinheiro!

Magda sentiu-se um pouco aliviada; não era muito afeiçoada a trajes requintados, mas ficaria contrafeita se tivesse de passar o resto da vida em roupas de trabalho rudes e desgraciosas. Quando estavam prontas para descer, Jaelle comentou, na maior satisfação:

— Eu não tinha idéia de que você era tão bonita! Quando a vi pela primeira vez, você parecia uma coelhinha meio congelada, e depois disso não pude notar coisa alguma!

Magda percebera a beleza extraordinária de Jaelle, mesmo no traje rude de amazona; com o vestido verde, ela estava deslumbrante. Viu sua opinião ser confirmada quando Peter se encontrou com as duas no corredor, saindo de seu quarto ao lado; ele contemplou Jaelle com um espanto deliciado. Ela sorriu para Peter, timidamente, e baixou os olhos; Magda sabia que Jaelle se

sentia embaraçada por ter-se agarrado a ele quando se encontrava fraca e doente. Jaelle não lhe ofereceu a mão, como fizera prontamente durante a doença; e, por mais estranho que pudesse parecer, a omissão parecia criar uma intimidade maior do que o gesto franco. Ela reagiu a Peter antes como uma criança. Agora está consciente de que ele é um homem e ela uma mulher, pensou Magda.

— Fico contente por verificar que se recuperou, Jaelle — murmurou Peter.

E também um pouco contrafeito, ele se virou para Magda e lhe ofereceu o braço. Ela aceitou, em parte porque sentiu que o embaraço e a tensão de Peter eram um hábito antigo, para encobrir sua indecisão.

— Já notou como nossas comemorações são parecidas? As salas decoradas com verde, o fogo grande, a troca de presentes... até mesmo o cheiro do pão-de-especiarias!

Magda sabia que ele apenas dizia a primeira coisa que aflorara em sua cabeça, a fim de disfarçar o embaraço; despertou nela uma emoção antiga, uma mistura de ternura e irritação, tão familiar que experimentou também um antigo tremor interior.

— Você está adorável, Magda. Mas sinto falta de seus lindos cabelos compridos...

Ele levantou a mão para tocar na nuca de Magda, um gesto de intimidade só permitido aos apaixonados. Magda ficou constrangida e murmurou:

— Não faça isso, Pedro.

Ela usou o nome darkovano deliberadamente, para lembrá-lo do lugar em que se encontravam. Sabia, porém, que o efeito seria exatamente o inverso, reconstituindo a intimidade antiga.

— Margali...

Peter pronunciou o nome darkovano de Magda como uma carícia especial. Ela percebeu que os olhos de Jaelle observavam-nos atentamente e largou a mão de Peter como se a queimasse. Foi assim que entraram no Grande Salão, lado a lado, mas não juntos.

O fogo intenso do solstício do inverno ardia na enorme lareira, e dom Gabriel, Lorde de Ardaís, recebeu-os, um homem alto, de

porte militar, os cabelos vermelhos já grisalhos, usando um traje verde e escarlate. Quando Jaelle adiantou-se e fez uma reverência formal, ele envolveu-a por um instante num abraço de parente, comprimindo os lábios contra seu rosto.

— Fico feliz por você estar bastante bem para se juntar a nós, Jaelle. Um ano agradável para você e toda felicidade.

— Agradeço sua hospitalidade, por mim e meus amigos, Tio. Jaelle afastou-se para ser calorosamente abraçada por Rohana e

trocar saudações com os primos. Magda e Peter postaram-se diante de Lorde Ardais: ele se inclinou sobre a mão de Magda, levantando os olhos para fitá-la com um sorriso gentil e perplexo. Magda pensou no que Jaelle dissera: "Qualquer coisa pertencente a Rohana ele tratará com gentileza... cães de estimação, Amazonas Livres e até mesmo terráqueos!" Pareceu-lhe por um momento que Jaelle fora muito dura com dom Gabriel; pelo contato de sua mão ela sentiu que se tratava de um homem decente e bom, embora limitado pelos preconceitos de sua casta e sem muita imaginação. De qualquer forma, se Rohana amava aquele homem e lhe obedecia, ele devia ter mais virtudes do que Jaelle era capaz de perceber.

— Seja bem-vinda, mestra, como amiga de minha parenta; um agradável festival para você e um ano afortunado.

Magda, recordando a saudação de Ano-Novo de sua infância em Caer Donn, respondeu:

— Meu ano será animado pela lembrança de sua hospitalidade; que os fogos de sua lareira jamais esfriem, Lorde Ardais.

Ela percebeu a perplexidade aumentar nos olhos de Gabriel. Enquanto se afastava para trocar os cumprimentos formais com Rohana, não pôde deixar de pensar: É evidente que ele sabe que somos terráqueos. Está surpreso porque somos capazes de demonstrar a polidez normal? E especulou se Lorde Ardais realmente pensava que uma raça capaz de criar um império galático era toda constituída por camponeses ignorantes, sem a menor noção de boas maneiras...

Dama Alida, sentada a uma das mesas compridas, levantou a cabeça, fitou Magda e chamou-a; Magda não pôde pensar em nenhuma forma polida de ignorar o convite. A dama do Comyn

usava um vestido de festival azul-claro; os cabelos vermelho-dourados estavam enrolados na nuca. Gesticulou para que Magda sentasse ao seu lado. Magda sentiu mais uma vez o arrepio de um dos seus "pressentimentos". Alida era uma dama do Comyn, uma Ieronis, dotada de poder psíquico. Um mero vestígio desse poder, em Jaelle, fora suficiente para denunciar Magda pelo que era. Como poderia agora impedir que isso tornasse a acontecer?

Por algum tempo as atenções de todos se concentraram nas iguarias à mesa: uma sopa clara, com fatias douradas de algum cogumelo delicioso flutuando; pão-de-especiarias em todos os tipos de formas ornamentais, dourados e decorados. Mas depois que essas coisas foram levadas e os criados — em seus trajes de festival e participando da festa que ajudavam a servir — trouxeram os pratos principais, Alida virou-se para Magda e disse:

— Enquanto sua irmã jurada se encontrava doente e precisava de seus cuidados, mestra, eu não a afastaria de seu leito. Mas agora ela está bem...

Alida fez uma pausa, olhando para Jaelle, rindo, entre Peter e o primo, obviamente gracejando com os dois pela semelhança, antes de acrescentar:

— Queria conversar com você, Margali. Nunca foi testada por laran?

— Nunca.

— Mas com certeza tinha consciência de seu talento inato, não é mesmo?

— Não tinha, não.

A testa alta e pálida de Alida se franziu um pouco.

— Mas certamente... como sabe, normalmente desperta na adolescência; não teve a menor insinuação desse dom? Ou se comprometeu tão cedo com a vida de uma Amazona Livre que não pediu para ser testada?

Seria uma boa escapatória, mas a mentira poderia ser descoberta com a maior facilidade; era uma questão de registro que só recentemente ela se tornara uma Amazona Livre. Magda preferiu a verdade literal.

— Até outro dia, minha Dama, eu não tinha a menor idéia de que possuía qualquer vestígio de laran. Foi uma grande surpresa para mim.

— Pois assim que terminar o festival, deve testá-la de forma apropriada — disse Alida, como se fosse uma questão resolvida.

Magda se perguntou como poderia escapar a isso. Com um alívio intenso, lembrou-se de outra coisa e nunca teria acreditado que seria capaz de falar assim com um prazer incontestável:

— Depois do solstício do inverno, Dama, meus deveres me comprometem com a Casa da Guilda.

Dama Alida descartou o obstáculo como se não tivesse a menor importância.

— Poderemos dar um jeito. Uma telepata destreinada é um perigo para si mesma e para todas as pessoas ao redor, o que se aplica inclusive às suas irmãs na Casa da Guilda.

Ela não disse mais nada, polidamente chamando a atenção de Magda para os músicos que haviam chegado para distraí-los e mais tarde tocariam para o baile.

Mas já fora dito o suficiente para arruinar o apetite de Magda. O que faria agora?

Depois que a refeição terminou, os convidados mais velhos se reuniram em torno da fogueira do solstício do inverno para conversas amenas e reminiscências (Magda sabia que essas festas, realizadas quando o tempo provocava a paralisação de todos os trabalhos lá fora, eram reuniões de amigos que muitas vezes não se encontravam de um ano para outro), enquanto os jovens desceram para dançar no salão inferior. Magda aprendera a dançar quando criança — uma menina não podia chegar a seu oitavo ano em Caer Donn sem aprender a dançar, e dançar bem — e conhecia a maioria das danças.

Embora participasse com prazer quando Jaelle e Lori a puxaram para um círculo de dança com uma dúzia de outras moças, não sabia qual era a etiqueta das amazonas para dançar com homens, depois que os grupos se dissolveram e o baile passou a ser de casais. Depois de algum tempo, no entanto, vendo Jaelle rir, flertar e dançar com todos os homens que a convidavam, ela se

tornou menos hesitante. Aceitou os convites, desfrutando-os em dois níveis: a agente terráquea fazendo anotações mentais (Mas será que voltaria realmente a ser uma agente algum dia?) e, para sua surpresa, a menina que fora em Caer Donn, confraternizando pela primeira vez em muito tempo com os rapazes. Era a primeira vez desde a infância, literalmente, em que se sentia de verdade na companhia de sua própria espécie.

Magda jamais percebera, até aquele momento, o quanto a sua estranha infância, entre dois mundos, a privara da capacidade de confraternizar com pessoas de sua idade. A infância em Caer Donn a preparara, em termos emocionais e sociais, para a adolescência e maturidade no mesmo mundo; em vez disso, porém, antes da adolescência fora arrancada de lá e isolada na Zona Terráquea, com crianças que só tinham a experiência do Império; e aos dezesseis anos fora enviada a outro mundo para treinamento. Sentira-se isolada e perdida com rapazes e moças de sua idade no Império. Mais tarde, quando pudera conviver com darkovanos no curso de seu trabalho, havia muitas inibições contra quaisquer contatos puramente pessoais; e de qualquer forma as darkovanas só se encontravam com homens em suas casas e sob o patrocínio apropriado de suas famílias.

Mas agora, como convidada de Rohana, ela podia se integrar livremente. Se eu tivesse me exposto um pouco a isso aos vinte anos, nunca me casaria com Peter. O pensamento perturbou-a por algum motivo e sentiu-se contente quando um jovem da família de dom Gabriel aproximou-se e convidou-a para uma dança. Depois de um momento, ele murmurou:

— Seu nome é... Margali?

— Isso mesmo, é assim que me chamam.

— Foi o que pensei! Você tinha outro nome, mas nenhum de nós conseguia pronunciá-lo e por isso a chamávamos assim. É a filha do Toroku Lorne, não é mesmo?

O título era equivalente a "homem douto" ou "professor" e fora dado a seu pai pelas crianças locais. O jovem acrescentou:

— Eu a conheci quando éramos crianças. Você tomava aulas de dança com minhas irmãs, Tara e Renata. Sou Darrill, filho de Dar-

nak.

Magda lembrou-se agora de Darrill e suas irmãs. Passara uma noite do solstício do inverno com Renata, quando era pequena. Brincava com as irmãs, visitava a casa delas, levava-as para sua casa no QG. Darrill era mais velho, vivia em outra órbita.

— Pensei que todos os terráqueos haviam ido para Thendara e não voltariam às Hellers — ele comentou. — O que está fazendo aqui?

— Sou convidada de Dama Rohana para o solstício do inverno... ou melhor, convidada de sua parenta Jaelle.

— Eles sabem quem você realmente é? Sou um homem jurado de dom Gabriel. Se você se encontra aqui sob uma falsa identidade, Lorde Ardais deve ser informado.

Magda respondeu, fazendo um grande esforço para controlar o tremor interior:

— Meu verdadeiro nome e propósitos são conhecidos de Dama Rohana; pode perguntar a ela, se quiser. E como ela sabe, suponho que dom Gabriel também saiba. Ele sorriu.

— É o que também suponho. Mas se a dama sabe, não importa realmente se dom Gabriel sabe ou não, pois todo mundo sabe, daqui ao Kadarin, que a dama dirige a propriedade, com a ajuda do marido, quando ele se sente inclinado a isso.

Magda perguntou por suas irmãs. Ele disse os nomes de seus maridos e como elas estavam indo. Magda especulou se seria seguro passar algum tempo com alguém que sabia quem e o que ela era. Mas poderia ser pior se tentasse ostensivamente evitá-lo, um comportamento suspeito. Depois de superado o medo inicial de Darrill de que ela fosse uma espiã, ele parecia aceitar como bastante normal a sua presença ali.

E deveria mesmo ser normal! Darkovanos e terráqueos deveriam ter a oportunidade de confraternizar e assim não poderiam erguer barreiras de ignorância e desconfiança! Lorill Hastur está errado, completamente errado!

Depois que ele a deixou — com relutância, ao que parecia -, Magda descobriu-se de repente ao lado de Jaelle, que fizera uma pausa, esbaforida, depois de uma dança rápida e agitada.

— Acho que Camilla tinha razão — ela comentou, rindo. — Ha homens que acham irresistíveis cicatrizes numa mulher! Nunca fui tão popular!

— Eu meio que esperava que as amazonas não tivessem permissão para notar os homens... depois da maneira como Camilla me advertiu com tanto rigor a não olhar para eles!

Magda podia rir dessa lembrança agora.

— Ora, isso só acontece quando há trabalho a fazer, ou quando os homens são do tipo que podem considerar o olhar como uma espécie de... de convite — explicou Jaelle. — Já houve ocasiões em que trabalhei com homens e eles não me deram mais atenção do que a qualquer outro trabalhador. Aprendemos a não criar problemas... você também aprenderá, na Casa da Guilda... a fim de que uma amazona possa viajar sozinha com um bando de uma dúzia de homens e ser aceita como um deles. Mas também sei como me comportar quando quero que me aceitem como uma mulher... no festival do solstício do inverno, por exemplo! Ou no solstício do verão, quando os bailes... em Thendara, por exemplo... prolongam-se durante toda a noite e espalham-se pelos jardins. E conhece o provérbio antigo: "O que é feito sob as quatro luas não precisa ser lembrado depois que elas se põem." Da minha parte, é verdade, nunca tive a menor atração por esperar até quarenta dias depois, a fim de descobrir se teria uma criança na primavera...

Ela parou de falar por um instante e depois acrescentou, gentilmente:

— Desculpe... é como falar com Rohana. Esqueço às vezes que ela foi condicionada à polidez das mulheres. Não tive a intenção de chocá-la, irmã.

Magda, é claro, não ficara absolutamente chocada com as palavras; mas compreendeu que não conhecia Jaelle como pensava, naquele ânimo impetuoso. E ela própria fora criada no respeito aos tabus sexuais rigorosos das mulheres das montanhas, o que a deixara atordoada durante o treinamento em outro mundo e a lançara mais e mais para a companhia de Peter; ele respeitava os tabus, partilhava-os até certo ponto. Jaelle acrescentou:

— De qualquer forma, ninguém se importa muito com o que acontece nesses festivais; até mesmo dom Gabriel fechará os olhos a qualquer coisa que ocorra nas galerias e cantos escuros ou quando os fogos arderem baixos... Geralmente os velhos vão para a cama cedo e deixam os jovens fazerem o que bem quiserem.

Ela inclinou-se para Magda e sussurrou, os olhos faiscando de malícia:

— Há um ditado de que você nunca domina uma língua por completo até aprender a fazer amor nela! Eu vi Darrill olhando para você... tenho certeza de que ele ficaria feliz em ensiná-la!

Magda sentiu as faces arderem e Jaelle apertou seu ombro de leve.

— Eu não deveria zombar de você, irmã, mas algum dia conhecerá também os nossos gracejos. Mas aqui está Piedro, que veio finalmente dançar com você.

Em vez disso, ele pegou Magda pelo cotovelo e disse:

— Preciso conversar com você por um instante.

Peter levou-a para a mesa do bufê, serviu-se do vinho na enorme tigela de cristal lapidado e indagou baixinho:

— O que Darrill lhe disse?

— Apenas que me reconheceu e perguntou se dom Gabriel sabia quem eu era.

— Ele me perguntou a mesma coisa. Respondi que Dama Roha-na sabia quem eu era e por isso tinha certeza de que dom Gabriel também sabia.

Peter hesitou, prestes a encher o copo de Magda outra vez.

— Não, obrigada, já bebi o suficiente — ela respondeu, mordendo um pedaço de bolo. — Estou até me sentindo um pouco tonta.

— Eu a vi dançando com Darrill — murmurou Peter, quase com ciúme. — E parecia estar se divertindo muito.

— E estou mesmo. Você não está? Nunca tive a oportunidade antes de fazer uma coisa assim. E como senti falta!

— Nunca me ocorreu que você poderia gostar. Tenho ido aos festivais do solstício do verão em Thendara nos últimos três anos; se tivesse me ocorrido, poderia levá-la. Mas... — Ele hesitou. — ... nos

festivais públicos... não os particulares, em casas, como este, onde tudo é muito decoroso... mas nos bailes públicos, em que todas as pessoas se misturam, a festa se torna às vezes um pouco desenfreada. Dança-se até de madrugada, os casais vão para os cantos escuros dos jardins e tudo mais. Não me passou pela cabeça que você gostaria de ir.

Magda experimentou subitamente um violento ressentimento; ele achava que pessoalmente podia ir, mesmo que a festa se tornasse um pouco... desenfreada. Mas decidira, sem consultá-la, que esse tipo de divertimento não era apropriado para ela!

— Poderia deixar que eu mesma decidisse — comentou Magda, secamente.

Ele levantou a mão para tocar outra vez em sua nuca, um contato sugestivo, despertando recordações que ela tentava esquecer. E Peter sussurrou:

— Fiquei com ciúme, querida.

Magda sentiu uma ira repentina, quase que completamente irracional. Como ele ousava tomar uma decisão por ela? Sentia-se livre para arrumar uma namorada fortuita naqueles festivais... um privilégio que achava justificado negar a ela, como se fosse seu pai ou guardião?

Peter ainda se achava inclinado para ela, acariciando seu pescoço; Magda podia sentir o calor de sua respiração. Ele estava um pouco embriagado; não muito. Como ela própria, fora ensinado a tomar o maior cuidado com o álcool ou drogas que alteravam a mente, conhecia e respeitava seus limites com a maior cautela. Era um bom agente, pensou Magda, um agente talentoso; ela sentiu a antiga afeição envolvê-la, e por isso não se afastou quando Peter passou o braço em torno de sua cintura e levou-a para a sombra das cortinas. Ele inclinou a cabeça e murmurou para ela. Magda ficou rígida em seus braços e disse bruscamente:

— Fale casta', esqueceu onde estamos?

Ele beijou-a nos lábios e disse com veemência:

— É bom estar vivo! É a noite do solstício do inverno... e eu tinha certeza de que ia morrer... tinha certeza de que não havia esperança de resgate. Oh, Magda, Magda...

Sua voz definhou e ele tornou a beijá-la, com força, machucando-a.

— E estou vivo, você está aqui, estamos juntos de novo!

A princípio ela não protestou, pensando que era apenas um ímpeto de gratidão, a consciência da vida em vez da morte; mas o abraço de Peter foi se tornando cada vez mais exigente, mais pessoal.

— Tem alguma idéia do quanto eu quero você, preciso de você, tenho sentido sua falta?

Gentilmente, Magda tentou pôr algum espaço entre seu corpo e as carícias prementes; mas uma voz fria e racional dizia no fundo de sua mente: Agora que está livre dele, quer sinceramente começar de novo toda aquela angústia? O excitamento do festival, uns poucos drinques, o clima geral de licenciosidade e as regras puritanas relaxadas para variar, o fato de que ele ficara sozinho por um longo tempo e queria uma mulher... isso era tudo o que havia. Ela não se deixaria iludir a pensar que havia algo mais. De forma gentil, mas inexorável, ela removeu as mãos de Peter.

— Desculpe, Peter.

— Mag, Mag, preciso tanto de você... Não sabe que pertencemos um ao outro?

— Sinto muito, sinceramente — murmurou Magda, suspirando.
— Até há pouco, eu também pensava assim. Mas agora não me sinto mais culpada em relação a você. Agora apenas lamento não poder dar o que você quer.

— Há mais alguém? Aquele Darrill...

— Não, Peter, não é nada disso. Não seja tolo. Não vejo Darrill desde que tinha nove anos! Nunca houvera qualquer outro. Até, agora, ela teria jurado que nunca poderia haver.

— Mag, você sabe que não pode haver mais ninguém, não para qualquer de nós, não neste mundo.

Isso era verdade em parte, ela pensou; haviam partilhado a infância darkovana, o isolamento de seus iguais, o que os impedia de encontrar companhias satisfatórias em outro lugar; eram atraídos pelo conhecimento de serem os únicos disponíveis um para o outro.

Agora, Magda ressentia-se contra isso; e ressentia-se ainda mais pela maneira como ele considerava um fato consumado.

— Não, Peter... ao que quer que você esteja me pedindo... não.

— Quero você — ele insistiu, como se estivesse sentindo uma angústia profunda. — Quero você para sempre. Quero casar de novo com você. E quero agora. Magda, Magda, venha comigo! Nossos quartos são contíguos, é como se fosse o destino...

— Sabe que não estou livre para casar agora, Peter.

— Ah, isso! Essa brincadeira de amazona em que você está metida...

— Não é uma brincadeira.

A própria suavidade com que Magda falou acentuava a firmeza de suas palavras. Ele perguntou, amargurado:

— Cortou sua feminilidade junto com os cabelos?

— Não, acho que não. Mas não creio que feminilidade signifique que devo ir para a cama com você só porque se sente solitário... Ela ia usar uma palavra mais rude. — ...e quer uma mulher.

Peter tocou-a de leve, com a maior intensidade, e ela detestou seu próprio excitamento. E ele disse, em triunfo:

— Você também me quer! Sabe que me quer!

— Se eu quero — protestou Magda, numa fúria súbita -, isso é só da minha conta e não da sua, a decisão de fazer uma coisa ou outra me pertence exclusivamente! Por Deus, Peter, por que você não é capaz de compreender? Quer apenas que eu seja boazinha com você?

— Eu me contentaria com isso — ele respondeu, tentando retê-la. Magda se desvencilhou.

— Mas eu não, e isso é o ponto final! Largue-me, Peter! Jaelle está nos observando!

Ela recuou; apenas uns poucos centímetros, mas com tanta determinação que era como se estivesse numa das luas. Vendo o rubor irado de orgulho ofendido nas faces de Peter, ela quase se sentiu arrependida; mas nada mais gentil faria com que ele acreditasse. Peter engoliu em seco e virou-se; ela observou-o se encaminhar para Jaelle, viu a moça estender a mão, sem nada da

timidez que exibira no início daquela noite. Magda não podia ouvir o que diziam, enquanto se afastavam juntos, de mãos dadas.

Ela acompanhou-os dando a volta pelo salão de baile, com uma certa tristeza. Estava realmente livre de Peter agora. E de repente, com sua nova dimensão de percepção, compreendeu o que acabara de fazer.

Sentira-o ao deixarem Sain Scarp. Talvez fosse apenas química, talvez fosse algo mais; mas fora algo imediato e inequívoco. A fraqueza e o colapso de Jaelle poderiam orientar a reação de Peter para a gentileza protetora, um cavalheirismo recatado.

Mas estivera ali, durante todo o tempo, por trás da gentileza e da atitude protetora impessoal. Ela tornara a ver quando Jaelle se agarrara a Peter no delírio. E agora, quase humilhada, entendia por que Peter a procurara naquela noite; e não fora porque a achasse irresistível.

Antes de mais nada, Peter era um agente terráqueo; e conhecia as regras. Uma delas, a principal, era a seguinte: nunca, mas nunca mesmo, tenha um envolvimento sério e profundo com uma nativa em qualquer planeta no qual esteja servindo. As ligações fortuitas eram justificadas, se não mesmo sancionadas (cada espaçoporto do Império tinha uma zona do meretrício), mas qualquer coisa mais séria era proibida.

E o que quer que houvesse entre Peter e Jaelle era bastante real, muito sério. Peter efetuara uma última e desesperada tentativa de se proteger contra esse envolvimento, que podia ser desastroso para as regras pelas quais ele vivia. Magda era segura, Magda era uma das suas. E, no entanto... não de todo.

Ele é como eu; sua sexualidade tinha de ser de alguma forma darkovana, assim como a minha. Ele não reage a outras mulheres. Mas eu me encontro bastante próxima e por isso ele pode se contentar comigo. Como eu me contentei com ele. Por algum tempo.

Se Magda o aceitasse naquela noite, ele poderia resistir a seu desejo intenso e perigoso por Jaelle. Mas Magda o repelira, com um golpe para seu orgulho masculino; e Peter seguira direto para Jaelle, a fim de curar a ferida.

Agora, com um repentino temor, Magda descobriu-se preocupada com os dois. Peter podia arriscar sua carreira por Jaelle. E Jaelle... o que ela arriscaria? Não era nenhuma garota dos bares do es-paçoporto, mas uma mulher do Comyn e, se Magda era capaz de julgar, estava profundamente apaixonada.

Irritada, Magda tentou remover todo o assunto de sua mente. Não era da sua conta. Jaelle não era nenhuma criança; tinha apenas um ou dois anos a menos do que a própria Magda e sabia se defender, a julgar pela maneira bastante sofisticada como falara antes. Quanto ao risco para a carreira de Peter, Jaelle não estava livre para casar.

Mas enquanto ficava parada ali, observando alguns homens dançando com tochas, numa antiga dança-da-espada, Magda se descobriu a especular para que lugar das sombras Peter e Jaelle teriam ido...

De certa forma, a noite perdera todo o seu sabor. Por volta de meia-noite, dom Gabriel, Rohana e Dama Alida, com a maioria das pessoas mais velhas, desejaram boa-noite e se retiraram, convidando os mais jovens a permanecerem no salão e se divertirem, até a hora que quisessem.

Darrill tornou a procurar Magda e instou-a a acompanhá-lo a uma das longas galerias, dizendo que havia ali alguns murais antigos e extraordinários. Pela maneira como ele a tocava e falava, Magda tinha certeza de que o rapaz não tinha mais interesse por murais do que ela. Apresentou alguma desculpa de muito tato e se perguntou, depois que ele se afastou, por que não aceitara o desafio. Peter e Jaelle haviam desaparecido havia bastante tempo, sem voltar; ela se perguntou que galeria os dois estariam explorando. Pelo que Jaelle dissera, Magda sabia que não era muito repreensível partilhar beijos — ou até mais, se ela assim desejasse — na noite do solstício do inverno.

Mais cedo ou mais tarde, agora que estou livre de Peter, preciso descobrir como reajo a outros homens...

E depois, furiosa consigo mesma, ela pensou: Antes de complicar minha vida com outro homem, quero saber mais a

respeito de mim mesma! Quero saber o que sou para mim, nem sempre ter de me ver através dos olhos de um homem!

Um estranho se aproximou e convidou-a para dançar; ela alegou extrema fadiga, deixou o Grande Salão e subiu para o quarto que partilhava com Jaelle. A moça ainda não voltara. Magda tirou seu lindo vestido, aprontou-se para dormir e deitou. Esperava permanecer acordada, preocupando-se com Peter e Jaelle; em vez disso, mergulhou no mesmo instante num sono profundo.

Despertou horas depois para ver Jaelle parada na porta, descalça, o rosto afogueado, os cabelos curtos desgrenhados. Os olhos brilhavam intensamente. Ela atravessou o quarto e foi sentar na cama de Magda.

— Não esperava que você voltasse tão cedo — comentou Magda, jovialmente.

Ela sentiu o bafo forte de Jaelle e compreendeu que a moça es-tivera bebendo; não se encontrava sóbria agora.

— Não fique zangada comigo, irmã. Eu não queria que isso acontecesse... sei como se sente.

— Zangada? — Magda sentou na cama e abraçou Jaelle. — Querida... — A palavra que ela usou foi brenda. — ...não tenho o direito de ficar zangada. Você acha...

Ela fez uma pausa, compreendendo subitamente o que Jaelle pensava.

— Acha que estou com ciúme? Jaelle soltou uma risadinha nervosa.

— Esse tipo de coisa é mais fácil no solstício do verão, quando há jardins disponíveis. Passamos a maior parte da noite numa das galerias.

Os dentes de Jaelle batiam, Magda não podia saber se de frio ou excitação nervoso. E ela continuou:

— Eu... eu deveria ter ido com ele, como me pediu. — Ela olhou para a porta de ligação com o quarto de Peter. — Mas... mas queria ter certeza... não gosto de decidir as coisas às pressas... - Uma pausa, e ela acrescentou, fitando Magda, num apelo: — E eu não queria... pisar na batinha de seu vestido.

Incongruentemente, Magda percebeu que ainda fazia anotações mentais sobre o curioso idioma. Abraçou a moça trêmula com força e murmurou:

— Jaelle, qualquer coisa que aconteceu, entre Peter Haldane e mim foi há muito tempo. — E quando ela falou, soube que era a pura verdade. — Você o ama, brenda?

— Não sei... não tenho certeza... nunca me senti assim antes. Magda descobriu-se a especular se Jaelle era virgem. Pelos gracejos irreverentes e os comentários sofisticados, pensara que não; mas uma mulher experiente podia se mostrar tão indecisa? Como se Jaelle captasse o pensamento diretamente de sua mente — e a esta altura Magda se encontrava quase disposta a acreditar nisso -, ela murmurou, baixando os olhos:

— É um absurdo, não é mesmo? Já estive perto muitas vezes. Antes de prestar o juramento, quando Kindra percebeu que eu gostava... de rir e flertar com os homens, ela me disse que antes de qualquer compromisso sério deveria tomar um amante, me testar dessa maneira; disse que algum dia poderia me parecer difícil ser obrigada por lei a nunca casar. Mas, por qualquer motivo, nunca houve ninguém em quem eu pudesse... pudesse confiar tanto assim.

Outra pausa, e ela acrescentou, defensiva:

— Por isso, nunca houve mais do que risos e tolices. Também jamais deixei qualquer homem magoado por meus gracejos ou com o coração esaldado. Mas agora... — Ela falava e parecia desesperada. — ...não tenho mais riso. Acho que sinto mais medo agora, quando... quando o amo, quando o quero, do que no tempo em que era menina e o mero pensamento de me entregar a qualquer homem parecia assustador, uma porta aberta para a servidão ou escravidão... Não me conheço mais!

A voz era trêmula, Jaelle se encontrava à beira das lágrimas.

— Não sei o que quero! Oh, Margali, Margali... o que vou fazer, irmã?

Magda sentiu-se angustiada, impotente. O que posso dizer a ela? Compreendia que para Jaelle, criada entre mulheres unidas por juramento, parecia completamente natural recorrer a outra em busca de conforto ou conselho. Estou obrigada a tratar toda e

qualquer mulher como minha mãe, irmã, filha... mas sempre vivi por leis diferentes... Deus me ajude, não sei o que dizer a ela! Se uma de suas amigas na Zona Terráquea — Bethany, por exemplo — a procurasse com um problema assim, Magda poderia repeli-la com um gracejo fortuito ou mesmo grosseiro. Mas não podia fazer isso com Jaelle.

O que Rohana diria a ela? Finalmente, numa voz tão trêmula quanto a de Jaelle, ela murmurou:

— Querida, não posso aconselhá-la. Não sei se alguém poderia. Deve fazer o que julgar certo. — E depois, para sua surpresa, ela se descobriu sussurrando as palavras do juramento das Amazonas Livres: — Juro que não me entregarei a qualquer homem a não ser no momento em que escolher e por minha livre e espontânea vontade...

Houve um momento de silêncio, e depois Jaelle murmurou, como se falasse para si mesma:

— No momento em que eu escolher...

Ela sorriu, apertando os braços com que enlaçava Magda; e Magda compreendeu que, por instinto, de alguma forma, acertara com precisão na coisa certa a dizer. Sentiu os lábios de Jaelle se comprimirem contra sua face por un instante; e depois, sem dizer mais nada, Jaelle apertou sua mão e se encaminhou silenciosa para a porta de ligação com o outro quarto, atravessando-a e fechando-a no mesmo instante. Ela não voltou.

Capítulo Quatorze

Dia após dia a neve caiu, despejando-se dos céus cinzentos, como se esquecesse de parar. Depois de dez dias do solstício do inverno, Magda foi despertada por Jaelle, sentada em sua cama.

— Acorde, irmã! O sol está brilhando!

Magda correu para a janela. O céu se encontrava povoado por nuvens baixas e densas, através das quais se despejavam raios de sol caprichosos; no pátio, lá embaixo, homens encapotados, com pás compridas, abriam caminhos na neve; e cavalos, a respiração fumegando no frio, eram trazidos para os hóspedes de partida.

Magda vestiu apressada seus trajes de viagem, não de todo lamentando a partida iminente. Cada dia a mais de permanência representava outra possibilidade de revelar quem eles eram.

Jaelle começou a se vestir também, lentamente. Desde o solstício do inverno que ela passava as noites com Peter, embora tomasse o cuidado de não ser encontrada ali de manhã pelos criados de dom Gabriel. Quando Magda zombara gentilmente pelo que parecia hipocrisia, ela respondera:

— Não dou um sekal pelo que dom Gabriel possa pensar a meu respeito; ele não é meu guardião e não devo explicação de meus atos a homem algum. E me importo ainda menos com o que os criados pensem de mim. Os criados sabem, é claro; sempre sabem dessas coisas. Mas se ninguém me vir ali, então não haverá ninguém para informar a dom Gabriel. E embora provavelmente ele também saiba... não é tolo e já deve ter percebido como olhamos um para o outro... se os criados lhe dissessem expressamente, ele seria obrigado a pedir a Rohana para me repreender por envergonhar as mulheres do Comyn ao partilhar a cama de um plebeu. E pela paz de espírito do marido, Rohana ficaria no dever de me censurar, apesar de termos concordado, quando eu tinha dezesseis anos, que ela não era minha guardiã e não mais controlava a minha consciência. E ela tentaria não me ofender, porque sabe que sou uma mulher adulta e decido meus próprios atos, eu tentaria não ser grosseira, porque a amo. E depois que nos forçássemos a dizer

todas essas coisas, ainda assim eu continuaria a dormir com Peter, sempre que quisesse; por isso, parece-me mais sensato não provocar tudo isso.

O raciocínio parecia muito complicado para Magda, mas ela tinha de reconhecer que provavelmente poupava muitos problemas a todos. Era até possível que dom Gabriel, se o assunto fosse levado expressamente à sua atenção, pudesse se sentir compelido a chamar Peter pessoalmente para dar explicações. Pelo juramento das Amazonas, Jaelle declarou sua independência de qualquer guardião, mas Magda ouvira-a comentar que alguns homens ainda se recusavam a reconhecer a Carta das Amazonas Livres.

Peter juntou-se a elas no corredor; pegou a mão de Jaelle ao descerem pelo corredor e Magda, observando-os, refletiu que a viagem de volta a Thendara, apenas os três, provavelmente seria bastante constrangedora, sob muitos aspectos. Ela não se ressentia nem um momento sequer pela felicidade de Jaelle — e ninguém que os visse juntos podia duvidar que eram felizes — mas, seria constrangedor de qualquer forma, e Magda não suportaria mais situações assim.

A família imediata de Ardais, com um punhado de hóspedes e alguns servidores mais graduados da propriedade, geralmente fazia suas refeições numa pequena sala, longe do Grande Salão. Ouviram uma explosão de risos no momento em que entraram. Dom Kyril estava contando uma história engraçada, um dos passatempos mais comuns do solstício do inverno, quando todo o trabalho exterior cessava.

— ...E todos tinham de levar uma pequena tocha para degelar o que ele disse, antes que se fizesse ouvir. Esse homem ganhou muito dinheiro reunindo todas as falas congeladas num carrinho de mão e devolvendo-as a seus donos. Só que ele não foi cuidadoso como deveria, e quando veio o degelo da primavera e todas as palavras degelaram, houve uma tremenda confusão. O condutor de mulas degelou o que gritava para sua parelha e descobriu que tinha as palavras de uma velha falando com seus passarinhos; e a jovem mãe repreendendo as crianças pequenas recebeu as palavras do condutor de mulas e as crianças choraram durante a metade do dia;

e a jovem esposa dizendo ao marido que concebera o seu primeiro filho tinha o que a Amazona Livre declarara ao homem que...

Ele parou de falar e virou-se vermelho, enquanto Jaelle ria.

— Minhas desculpas, prima! Jaelle disse secamente:

— Parente, já ouvi todas as piadas que existem sobre as Amazonas Livres antes de completar quinze anos; e a maioria ouvi na Casa da Guilda, de minhas irmãs. Poderia partilhá-las com você, mas a maioria chocaria a sua delicada sensibilidade masculina. — Foi a vez de os outros rirem. — Termine a sua história, parente; essa eu não tinha ouvido.

Kyril tentou retomar de onde parará.

— A dama aristocrática recebendo seus convidados tinha a conversa dos homens na taverna mais sórdida da aldeia, enquanto a Guardiã instruindo sua noiva mais jovem descobriu-se a ouvir o que o habitante da Cidade Seca disse a seu amante predileto...

— Já chega — interveio dom Gabriel, lançando um olhar para Dama Al ida. — Parece-me que essa é uma história para os alojamentos dos soldados, filho, não para a mesa do desjejum de sua mãe.

Ele levantou os olhos para saudar os recém-chegados, franzindo as sobrancelhas, inquisitivo, ao ver as mulheres em trajes de amazonas.

— Com sua permissão, Tio — disse Jaelle -, partiremos para Thendara hoje; é uma longa jornada nesta estação e minha irmã tem deveres a cumprir na Casa da Guilda.

— É impossível! — protestou Lorde Gabriel. — Esta é a única pausa na neve, minha menina; amanhã, a esta hora, estará nevando mais forte do que nunca. A tempestade vai se prolongar pelo menos por mais dez dias; só os hóspedes que residem a poucas horas de viagem partirão hoje. Seria melhor que permanecessem no mínimo até o degelo da primavera.

— É mais do que gentil, Lorde Ardais — disse Peter -, mas não podemos abusar de sua hospitalidade.

— Não conseguiriam viajar por mais de um dia antes que a neve voltasse a bloqueá-los — garantiu dom Gabriel. — Parece-me

absurdo passar o resto da nevasca numa tenda ou abrigo de viajantes, quando poderiam ficar aqui com todo o conforto.

Magda e Peter sabiam que ele tinha razão. O tempo nas Hellers naquela estação era proverbial; do solstício do inverno ao degelo da primavera, apenas os loucos ou os desesperados se arriscavam a mais de uma hora de viagem de suas lareiras.

À tarde o dia tornou a escurecer e na manhã seguinte as janelas se encontravam completamente brancas, o vento uivando pelas torres de Ardais como um pássaro-espírito atacando sua presa. E ao desjejum dom Gabriel declarou, triunfante:

— Estão vendo? É melhor ficarem até o degelo da primavera, todos vocês!

Depois, Dama Alida chamou Magda para um lado e disse:

— Devemos providenciar o seu teste hoje, mestra; não deve ser protelado por mais tempo.

Magda foi dominada por um pânico tão intenso que sentiu que devia ser perceptível para a Ieronis. Assim que pôde escapar, ela foi procurar Dama Rohana, encontrando-a em sua sala de estar particular, a trabalhar nas contas da propriedade. Antes, isso poderia surpreender Magda; agora ela sabia que cada fio no comando de Ardais era manipulado pelas mãos esguias de seis dedos de Dama Rohana.

— Perdoe-me por incomodá-la, minha Dama, mas podemos falar a sós por um instante?

Rohana gesticulou para que ela entrasse e dispensou a dama de companhia sem a qual, ao que parecia, não podia dar mais que meia dúzia de passos.

— Claro; isto pode esperar até o degelo da primavera, se for necessário. O que a preocupa, criança?

Magda sentiu que estava sendo presunçosa; procurava uma dama do Comyn para se queixar de uma dama de sua própria casta! Ela disse, hesitante:

— Dama Alida está determinada a me testar por laran e receio que possa haver problemas para todos se ela explorar minha mente.

Rohana assumiu uma expressão séria. A culpa é minha; eu deveria ter mandado os terráqueos embora.

— Ficamos ambas surpresas ao descobri-la em contato quando trabalhávamos com a matriz. Foi treinada nesses poderes entre sua gente?

Magda sacudiu a cabeça.

— Entre nós, Dama, não há muitos que sequer acreditem que esses poderes existam. Os que acreditam ou alegam que são capazes de usá-los passam a ser considerados ignorantes, supersticiosos, crédulos.

— Já ouvi falar sobre isso.

Rohana sabia que fora um dos motivos de Lorill Hastur para proibir a confraternização excessiva com os terráqueos. Eles não acreditam nesses poderes; depois de se convencerem, ficariam ansiosos em saber de tudo a respeito e explorá-los.

— Com ou sem acreditar, criança, parece que você possui esse tipo de laran. Como é possível?

— Não sei, Dama. Durante toda a minha vida pude usar pressentimentos, mas sempre pensei que se tratava apenas de um talento para considerar coisas subliminares... um pouco abaixo dos níveis conscientes de percepção. E houve ocasiões em que meus sonhos eram... não absurdos, mas me diziam coisas que eu não sabia conscientemente; por isso, aprendi a lhes dar atenção.

Rohana apoiou o queixo nas mãos, com uma expressão pensativa. Aquilo significava que teriam de reavaliar a maior parte do que haviam aprendido sobre os terráqueos.

— Lorill está convencido de que terráqueos e darkovanos são raças diferentes de seres e que os terráqueos são inferiores; e usa a falta de laran como prova.

— Minha Dama, eu não deveria também lhe dizer isso, fora da Zona Terráquea, mas Lorde Hastur se engana. Não se trata de uma convicção, mas de um fato que pode ser provado: terráqueos e darkovanos são da mesma raça. Sabemos, além de qualquer dúvida, que Darkover foi povoado por terráqueos há muito tempo, por uma das que chamamos de Naves Perdidas. Numa era anterior às naves estelares mais velozes do que a luz que temos agora, houve naves que partiram da Terra... não era um Império naquele tempo... algumas se perderam e nunca mais houve notícias de seu paradeiro.

Há provas pelas línguas darkovanas de que este planeta foi povoado pelos passageiros de uma nave cujo nome eu poderia lhe dar, assim como os nomes de todos a bordo. É bem provável que vocês tenham perdido esse conhecimento há muitos séculos, Dama... possivelmente para evitar que os sobreviventes ansiassem demais por seu mundo perdido... mas vocês são realmente terráqueos.

— Então os dons psíquicos... vocês também os possuem?

— Dizem que houve um tempo em que eram mais comuns do que agora, quando se tornaram muito raros. Houve uma época de nossa história em que as pessoas costumavam simulá-los com máquinas e artifícios hábeis, a tal ponto que caíram em descrédito e seu uso foi considerado charlatanismo. Mas parece haver indícios de que no passado eram bastante conhecidos.

Rohana balançou a cabeça.

— Houve também um tempo na história do Comyn em que fazíamos uma reprodução seletiva, a fim de fixar esses dons em nossa herança racial; foi um período de terrível tirania e sua recordação não nos orgulha. Provocou sua própria queda, e nós do Comyn ainda sofremos as conseqüências; não apenas na desconfiança que as pessoas comuns têm de nós, mas também em nossa fertilidade, reduzida pela endogamia; e os dons se encontram vinculados a algumas características recessivas perigosas. Mas são poderosos e podem se tornar perigosos quando usados da maneira errada. O que me leva a você, criança. Normalmente os dons psíquicos despertam na adolescência; quando afloram mais tarde, costumam ocorrer perturbações e convulsões perigosas. Já sentiu sensações estranhas, vertigens inexplicáveis sem causas físicas, qualquer impressão de se encontrar fora de seu corpo e incapaz de voltar, qualquer perturbação emocional incontrolável?

— Não, nunca experimentei nada assim.

Depois, Magda recordou o momento de perspectiva alterada durante a cura, mas passara depressa, por si mesmo. Rohana fez diversas perguntas sobre seus sonhos e "pressentimentos" e finalmente disse, quando Magda se sentia esvaziada pelo interrogatório:

— Parece-me que seus talentos são mínimos e que soube compensá-los muito bem. Se desejasse, provavelmente poderia aprender a usar o laran com facilidade e seria interessante avaliar o uso que uma terráquea faria desse treinamento. Eu gostaria de ensiná-la, mas parece-me que criaria mais problemas do que vale a pena. Você tem outros compromissos e eu já fui contra a vontade de Lorill mais do que é sensato. — Uma pausa, e ela acrescentou, quase ansiosa: — Mas se você pedisse esse treinamento, eu não poderia recusá-lo a qualquer pessoa com laran; e, por lei, nascimento e ascendência não podem ser alegados como pretexto para a recusa.

— Acho que já tenho problemas suficientes sem isso! — declarou Magda, com firmeza.

Rohana tocou em seu pulso de leve, aquele contato ligeiro que Magda começava a adivinhar ser peculiar aos telepatas entre os seus.

— Que assim seja, cara criança. Mas se algum dia tiver dificuldades com seu laran, deve prometer que virá me procurar.

Ela olhou atentamente para Magda por um momento, antes de acrescentar:

— Se Lorill está enganado... se puder ser provado que é um erro o que ele acredita a respeito de sua gente... não preciso lhe dizer o que isso representará para o seu mundo e o meu.

Para Magda, com sua sensibilidade aguçada, a força do que ela sempre chamara de "pressentimento" aumentando suas percepções, pareceu naquele instante que absorvia a própria imagem na mente de Rohana: uma enorme porta barricada, lentamente se abrindo entre dois mundos isolados, dois povos; abrindo-se para oferecer uma vista brilhante e ensolarada. Magda pensou: Devemos ser um só povo, não dois... Eu faria qualquer coisa por isso...

E Rohana disse, lentamente, mais como se pensasse em voz alta do que falasse, embora Magda soubesse que devia partilhar os pensamentos daquela mulher:

— Não lhe parece, Margali, que há algum desígnio nisso? Que entre todos os terráqueos em nosso mundo fosse seu amigo, que pode ser tão facilmente tomado por meu filho, que acabasse sendo

capturado por Rumai di Scarp? Eu própria, num rápido olhar, ainda posso me enganar, preciso olhar para os dedos e mãos a fim de me certificar, até que um deles fale. Não lhe parece fantástico que entre todas as amazonas de Darkover você fosse cair justamente nas mãos de Jaelle e que as duas fossem assim testadas e se tornassem irmãs de juramento?

Magda sentia-se inquieta.

— Apenas coincidência, Dama.

— Uma coincidência, talvez. Duas, é possível. Mas tantas, como as contas de um colar? Não, minha amiga, isso é mais do que coincidência; ou se é coincidência, então coincidência é apenas outra palavra para um desígnio por qualquer que seja a força que molda o destino do homem.

Ela sorriu e pareceu voltar ao mundo prático quando acrescentou:

— Agora devo lhe perguntar uma coisa, criança. Terá cuidado com o que disser a seus amigos e superiores na Zona Terráquea, pelo menos até que eu tenha uma oportunidade de falar com Lorill?

— Claro que sim.

Magda sorriu ao pensar na cara de Montray se algum dia tentasse lhe contar a operação com a pedra-matriz que curara os ferimentos de Jaelle em poucos minutos, ou que Dama Rohana lhe dissesse que ela também possuía laran. Se algum dia o assunto fosse levantado entre darkovanos e terráqueos, ela preferia que fosse outro quem fizesse isso... e que houvesse uma audiência mais receptiva do que Russell Montray! Rohana levantou-se e disse:

— Vá agora, Margali. Preciso pensar a respeito e decidir o que devo fazer.

Magda hesitou por um instante.

— Mas o que direi a Dama Alida?

— Não se preocupe com ela. Direi a Alida que eu mesma testei você. — O sorriso de Rohana era irônico. — Não percebe que era isso o que eu estava fazendo?

A nevasca prolongou-se por mais dez dias — quase exatamente como dom Gabriel previra — e, quando o tempo finalmente limpou, as estradas e desfiladeiros nas montanhas se

encontravam tão cobertos de neve que os três hóspedes em Ardais foram persuadidos com a maior facilidade a permanecerem por mais alguns dias. Magda, no entanto, começara a se preparar mentalmente para a partida e o que haveria pela frente. Não podia retornar à sua vida antiga na Zona Terráquea, saindo apenas disfarçada; sabia que o disfarce se tornara o seu eu mais autêntico. Mas o que podia fazer em vez disso... ela também não sabia.

Descobriu-se a pensar com freqüência no que Rohana lhe falara a respeito de um desígnio na sucessão de coincidências que as reunira; até mesmo no padrão peculiar que atraía Peter e Jaelle para se tornarem amantes. Se o Império desejava permanecer indefinidamente em Darkover, mais cedo ou mais tarde haveria — como em todos os planetas habitados por grupos diferentes de humanos — envolvimento, romances, ligações e eventualmente casamentos, até mesmo crianças pertencendo aos dois mundos. E alguém tinha de ser o primeiro.

Claro que um dia Darkover seria um planeta do Império. Era inevitável. O Império não conquistava; mas depois que o planeta contatado conhecia as dimensões do Império Galático e o que podia representar a integração, os dirigentes sempre pediam para se tornarem associados. Quando isso acontecesse, terráqueos e darkovanos seriam todos cidadãos do Império, e essas ligações e romances não preocupariam ninguém, a não ser as duas pessoas envolvidas e talvez suas famílias. Mas agora só causariam complicações.

Magda esperava que a partida não fosse protelada por muito mais tempo. Jaelle e Peter começavam a ser um pouco menos cuidadosos, e Magda se perguntava qual poderia ser o fim de tudo aquilo. Muitas vezes, vendo-os juntos, ela sentiu o pequeno e indefinível arrepio de "pressentimento"... ou precognição. Mais cedo ou mais tarde, aquilo significava perigo... Mas como podia falar com Jaelle, adverti-la, sem que a moça mais jovem pensasse que era ciúme ou ressentimento contra a felicidade que encontrara com o amante? Era menos possível ainda advertir Peter. Por isso, ela se limitava a observá-los, com crescente inquietação e ansiedade.

Na expectativa da partida iminente, ela começou a arrumar suas coisas; Jaelle encontrou-a ocupada nessa atividade e sugeriu que a maioria de suas roupas de viagem precisava de reparos e poderiam aproveitar o dia para consertá-las. Magda ficou surpresa ao descobrir que Jaelle era uma competente costureira, pois pensara ser uma arte muito feminina para uma amazona. A própria Magda, acostumada aos sintéticos baratos e facilmente substituíveis da Zona Terráquea, nunca dominara a arte; mais do que isso, aprendera a desdenhá-la como um meio inútil de passar o tempo para mulheres que não tinham qualquer trabalho útil a realizar. Fez esse comentário para Jaelle, que riu.

— E é assim mesmo, na maior parte do tempo! Ontem à noite, quando Rohana nos convidou para nos juntarmos às suas mulheres no trabalho de bordado para as almofadas das cadeiras do salão, pensei que ia enlouquecer! Adoro bordar, mas não sei como Rohana pode suportar isso! Eu ficaria louca se sentasse ali, noite após noite, cercada por aquelas idiotas costurando e bordando... ponto, ponto, ponto, intriga, intriga, intriga! Rohana dirige toda a propriedade de Ardais e o faz melhor do que dom Gabriel seria capaz, senta no Conselho e faz sugestões para Hastur, mas fica com aquelas mulheres e conversa com elas como se nunca surgisse em sua cabeça nenhum pensamento mais sério do que bordar a próxima almofada com um peixe-de-chuva ou uma flor-de-estrela! Como se fizesse diferença para o traseiro de alguém como uma almofada está bordada, desde que seja bastante estofada!

Mas mesmo enquanto falava, ela fazia pontos pequenos e perfeitos nos dedos rasgados de sua luva. Magda, observando-a, refletiu que era conveniente aprender uma arte desse tipo num mundo como Darkover, em que roupas quentes e duráveis eram uma necessidade da vida. Ela comentou, pesarosa, olhando para o trabalho malfeito que fizera em sua túnica rasgada:

— Sou ainda menos eficiente com uma agulha do que com uma espada!

Jaelle riu.

— Minha habilidade com uma adaga é acidental. Já falei que não sou uma guerreira, mas quando comecei entre as amazonas,

durante um ou dois anos, costumava trabalhar ao lado de Kindra. Ela era minha mãe-de-adoção e foi uma guerreira mercenária. E quando havia paz nos Domínios ela aceitava contratos para escoltar viajantes através das Colinas Kilghard e das Hellers, protegendo-os contra bandidos, homens-gatos e qualquer outro perigo. Trabalhei com ela durante algum tempo, mas não gostava da atividade e pouco a pouco fui descobrindo minha verdadeira habilidade.

— E qual é, Jaelle?

Magda recordou que Rohana dissera que as amazonas trabalhavam em qualquer ofício honesto, mas tinha curiosidade em saber qual deles Jaelle escolhera.

— Sou uma organizadora de viagens. Pessoas que tencionam viajar pelas colinas me consultam. Posso informar com precisão quantos animais de carga precisarão para os suprimentos de quantos homens e durante quanto tempo, onde alugá-los ou comprá-los, os equipamentos que devem adquirir... ou posso providenciar tudo para eles, recebendo uma comissão. Posso também aconselhá-los sobre quanto dos diferentes tipos de alimentos devem comprar para manter os homens saudáveis, oferecer guias e guardas, indicar os melhores caminhos, determinar quanto tempo durará a viagem naquela época do ano, os desfiladeiros que podem estar fechados ou os rios cheios, qualquer outra coisa que queiram saber. Não é um negócio para enriquecer a pessoa, mas dá para ganhar a vida muito bem. Algumas pessoas desejam apenas uma ou duas horas de conselhos, e eu lhes dou por uma taxa determinada; outras entregam todos os preparativos da viagem aos meus cuidados e providencio tudo, da compra de selas de carga à escolha das refeições e equipamentos que podem usar no solstício do inverno nos passos mais altos.

— Gostaria que me explicasse uma coisa — murmurou Magda, hesitante. — Pelo que vi em Thendara... há muitos homens dispostos a entregarem essa responsabilidade a uma mulher?

— Mais do que você imagina. Rafaella, que iniciou o negócio, me contou que durante um ou dois anos seus serviços se limitavam quase que exclusivamente a proporcionar escolta a damas cujos parentes não dispunham de tempo para acompanhá-las e não

confiavam em estranhos. Guardas amazonas para mulheres eram muito procuradas, porque os homens sabiam que as mulheres chegariam sem serem estupradas. Mas à medida que se tornou conhecido que as caravanas organizadas por nós podiam seguir por caminhos mais rápidos e chegavam a seu destino sem que a forragem acabasse ou sem que os viajantes tivessem de viver de mingau em pó durante os últimos quatro ou cinco dias, as damas começaram a insistir para que também cuidássemos das viagens de negócios de seus maridos. Assim, as coisas foram crescendo e hoje temos tanto serviço quanto somos capazes de realizar.

— Ainda assim, parece um negócio estranho para uma mulher... aqui. Acostumei-me a pensar que a vida de uma mulher em Darkover era sempre limitada. Oh, que droga!

Ela parou de falar, chupando o dedo que espetara com um ponto descuidado. Jaelle riu e disse:

— Não se incomode com isso. Entregue a uma das costureiras de Rohana. Elas ficarão contentes por terem alguma coisa para fazer... e sentirão o maior prazer por pensarem que há uma coisa, qualquer coisa, que podem fazer melhor do que uma Amazona Livre.

Jaelle, pensou Magda, era um enigma; devotada às suas irmãs na Guilda das Amazonas Livres... e, no entanto, podia ser tão desdenhosa com as outras mulheres!

— Acha mesmo que todas as mulheres seriam mais felizes como amazonas, Jaelle?

Jaelle ajeitou a luva remendada junto da outra e começou a retirar pequenas coisas do fundo de seu alforje. Respondeu sem levantar os olhos:

— Não, não acho. Já pensei assim, quando era mais jovem. E sinceramente aguardo ansiosa pelo dia no nosso mundo em que todas as mulheres terão as liberdades que nós da Guilda conquistamos e proclamamos para nós mesmas; o dia em que isso acontecerá por lei e não por revolta e renúncia. Mas sei agora que há muitas mulheres que não poderiam ser felizes levando o meu tipo de vida.

Ela sentou no banco da janela, as pernas cruzadas, os cabelos curtos desgrehados; parecia uma adolescente. Tinha um pedaço de

fita na mão e distraidamente o enrolava no pulso enquanto falava:

— As mulheres de Rohana... elas não pensam em outra coisa que não no casamento, ficam chocadas e perturbadas com a idéia de qualquer outra vida. Parece horrível para elas a perspectiva de serem contratadas, como acontece com os homens, a realizar qualquer trabalho para o qual tenham força e habilidade, em vez de servirem por algum tempo como damas de companhia numa das Grandes Casas e depois voltarem para casa, como Lanilla fará ao final do inverno, para um casamento arrumado pelas famílias. Perguntei como era seu marido, ela disse que não sabia e indagou: "Isso tem alguma importância?" Era suficiente para ela ter sua própria casa e um marido. Alguma vez pensou em casar, Margali?

Magda lembrou-a suavemente:

— Eu já fui casada.

— Mas apenas por algum tempo...

— Não sabia quando casei que seria apenas por algum tempo — comentou Magda, com uma pontada da angústia antiga; haviam feito tantos planos de permanência!

— Se tivesse uma criança, continuaria com ele? Acha que poderia ser um vínculo entre vocês?

— Minha mãe achava que sim. Acompanhou meu pai para quatro mundos diferentes, depois vieram para cá e eu nasci. Ela parecia estar sempre contente.

— Contente apenas em cuidar de um lar para ele? É assim que se vive no Império?

— Ela era música. Tocava vários instrumentos e compunha muitas canções. Traduziu muitas das canções das montanhas para a língua padronizada do Império e compôs música para alguns poemas escritos em casta. Mas meu pai sempre foi o centro de sua vida; depois que ele morreu, minha mãe pareceu ter perdido toda a alegria de viver e poucas vezes voltou a se dedicar a sua música. Não sobreviveu por muito tempo.

— Rohana casou com dom Gabriel depois de tê-lo visto apenas duas vezes — comentou Jaelle, pensativa. — Para mim, isso parecia terrível, ser entregue a um homem que mal se conhecia, deitar com ele, gerar seus filhos. Não me parecia melhor do que a escravidão

ou estupro legalizados. Mas quando conversei sobre isso com Rohana, ela riu e disse que qualquer homem e mulher, com saúde e boa vontade, podem conviver em harmonia e proporcionar uma vida boa um ao outro. Disse que se considerava afortunada por ter um marido decente, gentil e ansioso em agradá-la; não um bêbado, jogador ou amante de homens, como acontece com tantos em Ardais. Para mim, isso me pareceu como um homem que recebe uma bordoadada e se regozija por não ter sido açoitado também...

Ela continuava a enrolar e desenrolar a fita no pulso, distraída.

— E agora ele é de fato o centro da vida de Rohana. Não consigo entender, embora descubra que o aprecio mais e mais, à medida que me torno mais velha. Mas há também ocasiões em que tenho a impressão de que Rohana desfruta de tanta liberdade quanto qualquer de nós, que faz o que quer e renunciou a muito pouco...

Jaelle deu um laço na fita enrolada num dos pulsos e passou a ponta solta pelo outro braço.

— Você queria uma criança, Margali? Por que não teve? Não é estéril, não é mesmo, bredda?

— Eu não queria uma criança imediatamente. Sempre viajávamos juntos e não queria que nada nos separasse.

Fora uma briga acirrada; Magda desviou os olhos de Jaelle, relutante mesmo agora em reviver aquele momento angustiante. Jaelle inclinou-se para tocar de leve em sua mão.

— Não tive a intenção de bisbilhotar. Magda sacudiu a cabeça.

— Depois, quando concordamos em nos separar, fiquei contente por não haver criança para me lembrar sempre...

Mas teríamos nos separado se houvesse uma criança? O contato da mão de Jaelle aumentou subitamente a percepção e Magda descobriu-se a pensar: Ela está grávida? Pensa que está, quer ficar? Mas tudo o que sentia do contato das pontas dos dedos de Jaelle era... solidão, medo. Pensei que Jaelle era muito feliz.

Magda sabia que por aquele contato podia usar sua percepção extra-sensorial despertada — o que Rohana chamara de laran — para descobrir se Jaelle estava grávida. O pensamento subitamente assustou-a. Não queria se intrometer assim, usar aquela nova

habilidade para bisbilhotar. Largou a mão de Jaelle como se os dedos es-guios a queimassem e descobriu sua mão presa na fita que a outra estivera enrolando e desenrolando em torno dos pulsos. Colhida de surpresa, Magda perguntou:

— O que está fazendo com isso?

Jaelle baixou os olhos, com um choque repentino. Soltou as mãos e jogou a fita para o outro lado do quarto, com uma expressão de horror e aversão. Como se tivesse encontrado, pensou Magda, uma serpente enrolada nos pulsos!

— Jaelle! Qual é o problema, irmã?

O termo afetuoso aflorou prontamente à sua língua agora; mas o momento de vulnerabilidade de Jaelle tornara a desaparecer, por trás de uma barreira de irreverência.

— Hábitos antigos! Um filhote que você não doma quase antes mesmo de abrir os olhos ainda estará molhando o chão quando for um cachorro velho. Eu tinha esse hábito desde que era pequena. Kindra me disse que não passava de um hábito nervoso e que haveria de superá-lo. Só que isso não aconteceu.

Magda sabia que era mais do que isso, mas também sabia que não podia fazer perguntas; e sabia com aquele indefinível conhecimento interior em que começava a confiar. Em vez disso, perguntou algo que sabia ser mais seguro:

— Você está grávida, Jaelle?

Os olhos verdes de Jaelle fixaram-se nos seus, apenas por um instante, depois se desviaram. E ela respondeu, parecendo quase desolada:

— Não sei. Ainda é muito cedo para dizer. — Ela se levantou, tornando a erguer suas defesas. — Vamos procurar uma das tolas mulheres de Rohana e perguntar se ela pode consertar seus trajes, deixando-a feliz com o pensamento de que é superior a uma Amazona Livre!

Observando Jaelle reunir as suas roupas de viagem rasgadas, Magda pensou: Ela é tão jovem e vulnerável! Se Peter partir seu coração, acho que terei vontade de matá-lo!

O que aconteceria com Jaelle? E, também — se aquele envolvimento era sério e duradouro, como Magda começava a

desconfiar -, o que aconteceria com Peter? Seria realmente capaz de sacrificar sua carreira por uma mulher? E ainda por uma mulher que não era livre, pelo juramento, para casar?

Era fácil falar da inevitabilidade de ligações, relações amorosas e até mesmo casamentos entre representantes de povos separados em mundos do Império. Antes, Magda considerara-os como estatísticas inevitáveis. Mas era diferente — completamente diferente — quando se conhecia as pessoas envolvidas e se imaginava o que significavam em termos puramente humanos e pessoais. Nenhuma estatística podia fornecer sequer uma indicação sobre isso.

E culpa minha também? Recusando Peter, acarretei isso para os dois?

Capítulo Quinze

O inverno foi se arrastando; a neve era profunda em Ardais. Para Jaelle, era um interlúdio precioso, um tempo separado de qualquer outra coisa em sua vida, antes ou depois. Pela primeira vez, desde os treze anos, vivia cercada por mulheres comuns; usava roupas de mulher, partilhava a vida da casa, passava os dias em companhia de mulheres que não viviam pelos termos de renúncia e liberdade do juramento das amazonas.

Esperimentara aquela vida — mas por pouco tempo e com relutância — quando tinha quinze anos. Rohana insistira em que ela precisava conhecer a vida a que pretendia renunciar, antes de tornar essa renúncia irrevogável.

Mas eu era muito jovem, não podia perceber as coisas com clareza.

E agora é tarde demais. Nem todos os ferreiros nas forjas de Zandru são capazes de consertar um ovo quebrado ou pôr um pinto chocado de volta na casca. Não posso ser e nunca serei uma delas, não agora.

E acho que não quero ser. Mas não tenho certeza, não agora...

E havia o terráqueo, seu amante...

Como qualquer outra moça envolvida na primeira ligação amorosa mais séria, parecia-lhe que ele preenchia todo o céu. A Casa da Guilda e a vida ali pareciam muito distantes. Jaelle sabia que era apenas um interlúdio, que devia acabar, mas tentava viver totalmente no presente, sem lembrar o passado nem pensar no futuro, apenas saboreando cada momento à medida que passava.

Mas havia ocasiões em que despertava à noite, nos braços do amante, e compreendia que não mais sabia o que estava fazendo, quem era ou o que os dois enfrentariam dali por diante. Nenhuma das mil incertezas podia ser respondida em palavras ou sequer formulada; por isso, ela se voltava para Peter, em desespero, comprimindo-se contra ele, reclamando a única coisa de que podia ter certeza, a única certeza que partilhavam. Deixara de ser cautelosa. Não mais se preocupava em esconder o que havia entre

os dois. Sabia que mais cedo ou mais tarde aquilo precipitaria uma crise, mas sentia de alguma forma indefinível que até mesmo isso seria um alívio da terrível incerteza.

E de repente, uma noite, ela despertou e ouviu em torno das torres o suave gotejar da chuva e o escorrer da neve derretendo, e compreendeu que o degelo da primavera começara. Agora a realidade voltaria a se intrometer no isolamento encantado, e ela não podia sequer adivinhar se restaria alguma coisa. Não ousava nem mesmo chorar, com medo de acordá-lo. Sabia que Peter teria apenas um conforto a oferecer, e agora até isso não representava qualquer conforto, diante do conhecimento do inevitável.

Quando prestei o juramento das amazonas, acreditava que era impossível para qualquer homem me escravizar. Mas aqui estou, presa por correntes que eu mesma fabriquei! O que posso fazer? Oh, Deusa misericordiosa, o que farei?

Quando o sol surgiu, vermelho e gotejando por trás do nevoeiro, ela já realizara um grande esforço para se acalmar e poder discutir a partida iminente com serenidade.

— Preciso cortar os cabelos; ficaram compridos demais aqui. Peter passou as mãos pelas mechas sedosas, bastante longas agora para alcançarem seus ombros.

— Precisa mesmo? Estão lindos assim.

— Nada no juramento me obriga a cortá-los — admitiu Jaelle.
— É apenas um costume, não mais do que isso; para mostrar, quando trabalhamos com homens, que não procuramos seduzi-los com encantos femininos.

Ele abraçou-a e apertou-a.

— Devemos então nos separar, minha preciosa? Sei que você tem o compromisso de não casar, mas... não há qualquer possibilidade, absolutamente nenhuma, de que você possa permanecer comigo? Não suportaria deixá-la partir. Quer mesmo me deixar tão cedo?

Jaelle respondeu, o coração disparado:

— Posso ficar com você por algum tempo como companheira livre, se assim desejar.

— Jaelle, minha querida, acha que tem de perguntar se eu quero?

Ele apertou-a com tanta força que doeu, mas Jaelle quase gostou da dor. E pensou: Cheguei a esse ponto?

— Não corte os cabelos — suplicou Peter, acariciando as mechas na nuca.

Ela sorriu e suspirou.

— Não cortarei.

Ele não sabia e Jaelle não lhe diria que as Amazonas Livres que resolviam permanecer por algum tempo com um companheiro livre não cortavam os cabelos; pelo costume, os cabelos eram um sinal de compromisso com a solidão.

Ela se vestiu e ficou pronta antes de Peter. Como faziam questão de descer separados, Jaelle encaminhou-se para a pequena sala em que o desjejum era servido. O sol, passando com um brilho intenso pelas janelas de arcadas de pedra, poderia lhe proporcionar prazer em qualquer outra ocasião, depois de tantos dias escuros. Agora, significava apenas o fim de um interlúdio que nunca mais poderia voltar. Talvez permanecesse com Peter, mas nunca mais em isolamento tão completo, em tanta absorção mútua; o mundo exterior se intrometeria, com outro trabalho, outros compromissos, e ela lamentava o final da breve lua-de-mel.

Uma mão em seu pulso deteve-a; a um olhar rápido, ela pensou que fosse Peter, apressando-se em seu encaço, mas o sorriso desapareceu quando constatou que a mão tinha seis dedos, ao mesmo tempo que reconhecia a voz do primo Kyril. Tão parecidos, tão diferentes...

— Sozinha, chiya? Brigou com seu amante plebeu? Eu daria um substituto razoável para consolá-la, não é mesmo? Ou se virou para ele em arrependimento por me recusar, quando éramos mais jovens?

Jaelle tirou a mão de seu braço como teria removido um inseto repulsivo.

— Primo, todos partiremos muito em breve. Por Rohana, vamos tentar permanecer amigos, durante esse breve período. Lamento por todas as nossas brigas quando não éramos muito mais

que crianças; não me atormente ao recordá-las agora que estamos crescidos.

Kyril envolveu-a, num escárnio de abraço de parente, e encostou o rosto no dela.

— Nada está mais distante de minha mente do que brigar com você agora, Jaelle.

Chocada e furiosa, ela se desvencilhou dos braços de Kyril e disse, quase suplicante:

— Não é uma atitude digna de sua parte, Kyril. Sou sua parenta e hóspede de sua mãe. Não me obrigue a ser grosseira com você!

— E acha que o seu comportamento é digno, quando envergonha toda a nossa família com esse bastardo que veio do nada?

Jaelle fez um esforço para manter o controle.

— Se ele é de fato um bastardo, então a vergonha está no mau comportamento de seus pais, a culpa não é sua. Você nasceu Comyn e legítimo, embora não por virtude sua. E quanto ao meu comportamento... pela última vez, Kyril, não devo a você ou a qualquer homem vivo nenhuma explicação por meus atos!

Ele agarrou-a pelos braços, os dedos se comprimindo cruelmente contra a carne macia. Através do contato, o laran destreinado de Jaelle — que não era capaz de controlar, mas aflorava involuntariamente sob uma emoção profunda — deixou-a consciente da frustração, ira e desejo do primo. Ele a queria, brutalmente, sexualmente, e com uma espécie de hostilidade intensa, de homem para mulher, que ela jamais conhecera desde... incrédula, Jaelle identificou como o que sentira às vezes, sem compreender, entre o pai e suas mulheres. Deixou-a fisicamente nauseada; ela empurrou Kyril, sem tentar disfarçar sua repulsa. E sua voz tremia quando disse:

— Kyril, não quero machucá-lo sob o teto de sua mãe, onde sou uma hóspede. Mas já descobriu, desde que tínhamos quinze anos, que nenhuma Amazona Livre, treinada em autodefesa, pode ser... pode ser estuprada. Não torne a pôr as mãos em mim, Kyril... ou terei de provar a você outra vez, como fiz naquela ocasião.

E Jaelle percebeu, em vergonha e raiva, que estava chorando.

Quando tínhamos quinze anos, Kyril provavelmente não tencionava causar qualquer mal real; era um jogo em que se empenhava, um jogo de orgulho adolescente: alguns beijos e carícias, apenas para provar a si mesmo que era um homem e meu superior. Mas eu não quis participar do jogo e feri seu orgulho mais do que ele podia suportar. Converti-o num inimigo, ele ainda é meu inimigo.

— Sua cadela miserável! — gritou Kyril, o rosto horrendo, ainda mais aterrador porque parecia uma caricatura cruel do rosto de seu amante. — Que direito tem de bancar a rameira com o estrangeiro e depois repelir meu contato como alguma dama casta? Que direito tem de me recusar o que dá a ele de graça?

— Você ousa falar em direitos? — As lágrimas de Jaelle foram substituídas por uma raiva intensa. — Direitos? Eu escolho meus amantes, Kyril... e que direito então você tem de se queixar porque não o escolhi? Não o queria quando era um menino arrogante de quinze anos atormentando a protegida de sua mãe e não o quero agora, quando cresceu para se tornar um...

Ela fez uma pausa, reprimindo a grosseira obscenidade que aflorou à sua língua.

— ...um filho indigno de sua mãe!

Jaelle virou as costas e correu para a sala do desjejum, sabendo que Kyril nunca se atreveria a fazer aquele tipo de cena na presença de dom Gabriel. Ela não gostava muito do marido de Rohana, mas sabia que era um homem íntegro e não admitia ofensas a uma mulher e hóspede à sua mesa.

Mas Kyril foi em seu encalço, agarrou-a por trás, cravando os dedos nas equimoses que já fizera, provocando uma dor tão grande que Jaelle gritou.

— Como ousa falar de minha mãe e seu respeito por ela? Não a impediu de se comportar como uma rameira sob seu teto! Meu pai sabe como você envergonhou nossa família ao se exhibir na cama do estrangeiro? Se ele não sabe, menina, então prometo que saberá agora mesmo e depois seu precioso amante terá de dar explicações a Lorde Ardais pela maneira como tratou sua parenta!

— Não sou uma pupila de Lorde Ardais; sou uma Amazona Livre e por lei sou dona de minhas ações!

Jaelle sentiu outra vez, com a assustadora percepção do laran, que o primo experimentava prazer — um prazer ativo, sexual — na dor que infligia com as mãos em seus braços, em seus soluços incontroláveis. Ela fez o maior esforço para recuperar o controle. Não alimentaria aquela coisa doentia em Kyril que encontrava prazer no seu sofrimento. E disse, respirando com dificuldade, mas a voz calma e firme:

— O que Piedro lhe fez, Kyril, para que queira magoá-lo desse jeito? Por que está fazendo isso? Pensei que era amigo dele!

— Isso nada tem a ver com Piedro — respondeu Kyril, também com a respiração ofegante. — Ele é um homem; mas vocês, suas cadelas amazonas que se julgam livres, pensando que podem se fingir de damas castas e exigir que as tratemos assim, depois bancando as rameiras quando isso lhes agrada, exibindo seus amantes... Zandru me açoite com escorpiões, mas eu lhe ensinarei que não pode tratar os homens assim!

Jaelle virou-lhe as costas, desvencilhando-se de suas mãos, e entrou apressada na sala do desjejum. Tremia tanto que teve de se apoiar por um momento na porta. O coração estava disparado e as equimoses nos braços, onde Kyril a agarrara, doíam e latejavam. Magda já se encontrava ali; Jaelle foi sentar ao seu lado, alisando nervosamente os cabelos. Percebendo no mesmo instante que havia alguma coisa errada com a amiga, Magda estendeu a mão por baixo da mesa e pegou a de Jaelle.

— O que aconteceu, Jaelle? — ela sussurrou. — Você estava chorando...

Jaelle apertou a mão da amiga, mas não podia controlar a voz o suficiente para responder. Todos os homens nos odeiam assim? Será mesmo verdade que todos os homens nos odeiam tanto? Kyril entrou na sala e disse, lançando um olhar de desafio para Jaelle:

— Pai...

— Mais tarde, meu filho — interveio Rohana. — Seu pai está muito ocupado agora.

E, de fato, dom Gabriel parecia furioso e transtornado, olhando para o administrador que cuidava de sua propriedade.

— Não, homem, não permitirei de jeito nenhum!

— Lorde Ardais, um ladrão é um ladrão, não importa se rouba moedas de cobre ou nozes.

— Pela misericórdia de Avarra, homem! — exclamou dom Gabriel, na maior irritação. — Tenta me dizer a sério que devo enforcar um homem que rouba algumas nozes para alimentar os filhos, a fim de que possam crescer e se tornar meus servos leais?

— Se eles roubam nozes numa estação, dom Gabriel, roubarão as próprias árvores em outra!

— Então marque as árvores reservadas para a derrubada e avise que qualquer homem que tocar numa árvore marcada receberá uma boa surra; e feche os olhos quando eles se servirem da lenha caída! Se a levarem para fazer fogo em suas casas, não estará lá para alimentar um incêndio na floresta em outro ano! O último incêndio nos custou meio ano de lucros em resina! Mas não quero mais saber de enforcamentos, está me entendendo? Ou você é quem vai se descobrir enforcado ao lado dos homens!

O homem resmungou:

— Será a mesma coisa que pintar um cartaz na beira de suas florestas, Lorde Ardais: Abertas a todos os ladrões nas Hellers, venham e se sirvam/

— Não seja tolo, Jeremy! Nenhum homem pode possuir uma floresta! Meus antepassados exploram a floresta há séculos. Como eram hábeis na fabricação de resina e tinta, negociando com as Cidades Secas por enxofre para fazer o papel-de-livro, conseguimos enriquecer com florestas que não plantamos. Mas fiquei rico com a ajuda dos homens que vivem ali, eles têm o direito de se alimentar com os frutos das árvores e aquecer suas pobres casas com lenha das árvores. Os Deuses detestam um homem ganancioso; e quando eu me tornar tão ganancioso a ponto de pensar que possuo as próprias árvores, os frutos das árvores e até os homens que vivem entre as árvores, então será apenas uma questão de tempo antes que esses homens tomem a lei em suas mãos e me ensinem o limite legítimo da ambição de um homem!

— Sei disso, dom Gabriel, mas...

Jaelle olhou para dom Gabriel e estremeceu ligeiramente; o rosto dele estava sombrio de ira, as mãos tremiam. Lembrava-a, de forma tênue, mas assustadora, o que vira em Kyril. Ele gritou para o homem:

— Não diga mais nada! Se quer trabalhar para um bandido e enriquecer, vá perguntar a Rumai di Scarp se ele precisa de um coridom!

— É isso mesmo, Gabriel — murmurou Rohana, inclinando-se para tocar no braço do marido. — Mas acalme-se. Ninguém está discutindo com você; creio que estamos todos de acordo com você nesse ponto. — Ela olhou para o administrador. — Você também não está, Jeremy?

— Claro que estou, minha Dama! Jaelle pensou: Por que Rohana sempre se empenha tanto em apaziguá-lo? Se ele gritasse assim à minha mesa, eu lhe daria grito por grito... e também golpe por golpe!

Magda viu Peter ocupar seu lugar — ele entrara enquanto dom Gabriel falava — e, quando seus olhos se encontraram, ela compreendeu o que ele pensava. Era uma oportunidade concedida a poucos terráqueos, sentar à mesa com um dos lordes do Comyn e ouvi-lo enunciar suas decisões. Ela sabia que Peter fazia anotações mentais para apresentar um relatório em Thendara; à sua maneira, ela fazia a mesma coisa. Mas algum dia apresentaria esse relatório?

O administrador passara a tratar da questão da marcação das árvores para a derrubada quando o degelo se expandisse um pouco mais e da escassez de machados e serras nos últimos anos. Gabriel virou-se para Peter.

— Você tem vivido em Thendara; o que sabe sobre os terranan?

Peter ficou paralisado, viu Dama Rohana levantar os olhos vigilantes para o marido, mas a pergunta era obviamente inocente e ele respondeu:

— Tanto quanto qualquer outro homem nas ruas sabe.

— Pode confirmar um rumor para mim? Quando eles estiveram aqui nas Hellers, perto de Aldaran, ouvi dizer que negociavam com

metal de outro mundo; e que os metais do outro mundo eram mais fortes do que nossas ligas nativas, tinham um gume mais durável. Isso é verdade, ou é como as histórias de homens com asas no lugar das mãos e caldeirões para respirar na cabeça?

— Nunca vi homens com asas em vez de mãos ou caldeirões no lugar da cabeça — disse Peter, falando a verdade -, mas quando criança vivi em Caer Donn e conheci o metal do outro mundo. É bom e sólido, pode ser trocado por barras para forjar; e as ferramentas prontas são provavelmente melhores do que qualquer coisa que seus homens possam fabricar.

— Rohana, você integra o Conselho — disse Lorde Ardais, em tom de lamento. — Pode me explicar por que o idiota do Lorill proibiu esse comércio?

Rohana declarou apaziguadoramente que tinha certeza de que a proibição ao comércio era apenas temporária, de que Lorde Hastur só queria que o Conselho analisasse as conseqüências de Darkover se tornar dependente de recursos que não eram naturais do planeta. Kyril interrompeu-a:

— Posso falar agora? Tenho uma queixa séria a fazer, sobre a violação da hospitalidade... e da decência! Esse homem que veio do nada, esse homem insignificante, abusou de nossa hospitalidade...

Rohana interveio bruscamente:

— Kyril, não permitirei que seu pai se preocupe com essas bagatelas! Se você tem alguma coisa a dizer, então pode...

— Eu não falava com você, mãe! — exclamou Kyril, fitando-a furioso. — Deixe meu pai falar por si mesmo; estou cansado de ouvir você reduzi-lo a nada em sua própria casa! Pai, é você quem manda nesta casa ou é minha mãe?

Dom Gabriel olhou para os dois, o rosto vermelho com uma raiva que fez Jaelle estremecer.

— Ouvirei o que você tem a dizer, meu filho, mas não tolerarei qualquer insolência com sua mãe!

E Kyril continuou, projetando o queixo para a frente:

— Minha mãe também falhou em seu dever, já que se mostrou impotente... ou pouco disposta... a manter a ordem e a decência sob este teto! Ou não sabe que Jaelle foi seduzida por esse plebeu que

diz se chamar Piedro e que ela tem partilhado sua cama desde a noite do solstício do inverno?

Jaelle ficou escutando, cerrando as mãos, com uma mistura de raiva e aflição. Sentiu a mão de Magda envolver gentilmente a sua e sentiu a mistura de medo e pavor na amiga, enquanto dom Gabriel virava o rosto vermelho de raiva em sua direção, os olhos contraídos, a boca contorcida.

— Isso é verdade? O que tem a dizer a respeito, Jaelle? Ela abriu a boca, com uma fúria incontável.

— Tio, não sou sua pupila...

Rohana interveio, em voz baixa, quase agoniada:

— Jaelle, por favor...

O medo desesperado na voz de Rohana conseguiu de alguma forma penetrar na mente de Jaelle; e ela acrescentou, mais gentilmente do que tencionara a princípio:

— Tudo o que posso dizer é que lamento muito se o ofendi, senhor. Não faria isso voluntariamente.

Jaelle mordeu o lábio e baixou os olhos para o prato à sua frente, as mãos tremendo enquanto passava manteiga no pão, fazendo um grande esforço para se controlar e não dizer mais nada. O olhar rápido e agradecido de Rohana era recompensa suficiente, mas não podia acalmar dom Gabriel agora.

— É verdade? — ele berrou. — Fez um escândalo aqui, em minha casa, com suas relações amorosas?

Jaelle engoliu em seco e levantou os olhos para enfrentar o tio.

— Não haverá escândalo, Tio, a menos que você o faça! Gabriel virou-se para Rohana, levantando-se.

— O que aconteceu, minha Dama? Sabia disso e não falou nada? Permitiu que essa jovem desavergonhada bancasse a rameira, quando se encontrava sob os seus cuidados? O que tem a dizer, minha Dama? Responda! Responda, Rohana!

Rohana estava pálida como um cadáver e murmurou:

— Jaelle não é mais uma criança, Gabriel. Prestou o juramento das amazonas e por lei nem você nem eu temos mais responsabilidade alguma por qualquer coisa que ela fizer, sob este

teto ou qualquer outro. Eu lhe peço para se acalmar, sentar e terminar seu desjejum.

— Não me cite essa lei sórdida! — Ele estava agora quase incoerente, o rosto tão congestionado na fúria que Magda pensou que poderia sofrer um derrame. — Jaelle é uma mulher do Comyn! Eu proibi a você que lhe permitisse juntar-se a essas fêmeas escandalosas, e veja agora o que aconteceu! Uma mulher de nosso clã, seduzida e traída...

E Gabriel levantou a mão, como se fosse agredir Rohana. Horrorizada, Jaelle levantou-se.

— Tio! Rohana não é culpada de qualquer coisa que eu tenha feito! Se vai gritar e se comportar como um louco, pelo menos grite comigo! Sou uma mulher adulta e competente por lei para cuidar de meus próprios problemas!

— Lei, lei, não venha me falar sobre lei! — berrou Gabriel, fora de si. — Nenhuma mulher viva está capacitada a cuidar de seus próprios problemas, não importa o que você... a lei...

Ele fez um esforço para falar, como se a raiva tivesse inchado sua garganta e a fechado por completo, balbuciou umas poucas palavras ininteligíveis, cerrou os punhos, cambaleou e caiu em cima da mesa, quebrando louça e derrubando um bule de cobre com alguma bebida escaldante, que derramou sobre a mesa, encharcando a toalha. Bateu a cabeça com força, teve uma convulsão violenta e tombou no chão, o corpo arqueado para trás, os calcanhares batendo no chão, em espasmos sucessivos.

Kyril, imóvel no choque, por um instante, correu para levantá-lo, mas Rohana chegou primeiro, aninhando a cabeça do marido inconsciente em seus joelhos.

— Deixe-o ficar assim até acabar o ataque — ela disse, em voz baixa e furiosa. — Você já fez o suficiente por uma manhã. Vá chamar o valete de seu pai para ajudar a levá-lo para a cama. Está contente, Kyril? Entende agora por que supliquei que não o provocasse ou perturbasse? Acredita sinceramente... — Ela levantou os olhos cinza, literalmente ardendo com raiva, para o filho. — ...que alguma coisa... qualquer coisa acontece sob este teto sem que eu saiba ou permita?

Jaelle sentia um aperto na garganta, obstruindo a fala. Já testemunhara ataques epilépticos antes, mas nunca vira dom Gabriel sofrer algum. Agora, olhando para Rohana, ajoelhada e segurando a cabeça do marido, ela compreendeu exatamente por que Rohana consumira tanto de sua vida — tolamente, como uma escrava, pensara com freqüência — mantendo dom Gabriel tranqüilo e contente, evitando sua raiva e acalmando suas irritações. O fardo de Rohana era muito mais pesado do que ela imaginara.

Eu seria capaz de fazer tanto por qualquer homem, por mais que o amasse? E Rohana foi dada a ele por sua família, mal sabendo o nome do homem com quem casava. Apesar disso, durante todos esses anos ela conseguiu dar um jeito para que poucas pessoas fora da família soubessem da doença de Gabriel. Deve ter percebido os sinais de advertência e tentou evitar qualquer problema...

— Sinto muito, mãe — balbuciou Kyril. — Achei que ele devia saber.

Rohana lançou um olhar de desprezo total ao filho.

— Pensou mesmo, meu filho? Não suporta pensar em qualquer mulher que não lhe obedeça como se fosse um Deus! E agora pensou que a tinha à sua mercê! Como você é mesquinho, Kyril! Para salvar seu orgulho ferido e vingar-se de Jaelle, espicou seu pai a um acesso; e agora ele passará vários dias doente. — Ela fez um gesto brusco, dispensando as desculpas de Kyril, sem querer escutá-las. — Vá chamar o valete de seu pai e ajude-o a levá-lo para a cama. Chega de conversa! Insultou nossos hóspedes e tão cedo não o perderei por isso!

Ele saiu, furioso. Jaelle foi para o lado de Rohana.

— Lamento muito, Rohana... eu não sabia... Rohana suspirou e sorriu para ela.

— Claro que não, criança; pensava que estava lidando com um homem racional. Falou mais gentilmente do que eu poderia esperar e não disse nada que não fosse verdade. E sei que Kyril a provocou.

Os olhos de Rohana fixaram-se por um momento nos braços de Jaelle, como se visse as equimoses doloridas. Jaelle pensou: Ela realmente lê minha mente?

Rohana levantou-se depois que Kyril ajudou a carregar o homem inconsciente para o quarto. Parecia cansada e consumida.

— Sei que vocês três... — Seu olhar incluiu também Magda e Peter. — ...planejavam partir hoje. Podem adiar por mais um dia? Hoje preciso permanecer aqui e me certificar de que Gabriel se recupera como deve; amanhã estarei pronta para acompanhá-los a Thendara.

— Vai conosco? — indagou Jaelle. — Por quê? Rohana olhou para Magda e disse:

— Porque fiz uma descoberta muito importante e preciso conversar imediatamente com Lorill Hastur. Ele mantém um conceito equivocado que, se não for corrigido, poderá ter as conseqüências mais graves para os nossos dois mundos. Assim, se aceitarem minha companhia na viagem para Thendara, amanhã de manhã estarei pronta para acompanhá-los.

Capítulo Dezesseis

Chovia quando alcançaram o abrigo de viajantes ao pôr-do-sol; enquanto desmontavam, Rohana comentou:

— Eu esperava chegar a Thendara hoje, mas não me agrada viajar durante metade da noite. Será então amanhã, com certeza.

— Ficarei contente em voltar — murmurou Magda.

Mas depois ela começou a especular. O que a aguardava em Thendara? Mesmo aquela pausa por uma noite era bem-vinda.

Enquanto ela desencilhava seu cavalo, Darrill, filho de Darnak, aproximou-se por trás e tirou a pesada sela de suas mãos. Magda sorriu e entregou-a, e ficou parada ao seu lado enquanto ele dava forragem aos cavalos. Darrill esperou até que a maioria dos guardas de Rohana se afastasse — Dama Rohana, como esposa de Lorde Ardais, não podia viajar sem uma escolta considerável -, depois perguntou em voz baixa:

— Ficaré satisfeita por voltar ao seu mundo, Margali? Ela respondeu, perturbada:

— Não tenho mais certeza se ainda é o meu mundo, Darrill. Prestei o juramento das Amazonas Livres.

— Mas sem dúvida... Piedro me contou que foi apenas um disfarce, uma maneira de permitir que você viajasse em segurança.

— Piedro não sabe nada a respeito — protestou Magda, com uma irritação inesperada.

— Acho que não entendo.

— Eu mesma não tenho certeza se entendo. É verdade que prestei o juramento como um meio para alcançar um fim, sem estar realmente consciente do que significava. Mais tarde, porém, optei por honrá-lo de minha livre e espontânea vontade e assim farei, o que quer que aconteça.

Ele balançou a cabeça, lentamente.

— Posso entender isso. Mas o que dirão os terráqueos?

Esse é o problema, pensou Magda. Passarei o resto de minha vida como uma fugitiva da justiça do Império?

— Tentarei obter uma licença para cumprir minhas obrigações na Casa da Guilda. E, depois disso, creio que poderei trabalhar com mais eficiência para o Império. Poderia realizar muitas coisas que uma mulher comum não é capaz de fazer aqui.

— Quando a encontrei na noite do solstício do inverno, Margali, fiquei muito impressionado com sua coragem e espírito. Parecia-me que nenhuma mulher de nosso povo poderia ser assim e pensei que devia ser apenas porque você era uma estrangeira, uma terráquea. Agora, há ocasiões em que a acho mais parecida com uma mulher de nosso povo. É diferente de todas as outras mulheres que já conheci antes.

Ele fitou Magda nos olhos e por um momento ela pensou que a beijaria. Depois, Darrill engoliu em seco, recuperou o controle e virou-se um pouco de lado para acrescentar:

— Perdoe-me; devo acabar de cuidar dos cavalos.

Enquanto ele se ocupava no trabalho, Magda descobriu-se a pensar: Se eu não tomar cuidado, ele vai se apaixonar por mim. E isso é uma complicação que não posso permitir agora. Devo tomar o maior cuidado. O pensamento deixou-a pesarosa. Descobri no solstício do inverno que preciso encontrar novos meios de me relacionar com o meu mundo; mas antes de complicar minha vida com outro homem, devo descobrir mais a respeito de mim mesma!

Podia ser lisonjeiro ter o jovem Darrill apaixonado por ela, mas seria cruel testar sua nova percepção dos homens pela conquista do interesse do rapaz e talvez de seu coração, quando não estava livre, não podia assumir qualquer compromisso permanente ou sério com ninguém. Jaelle defendera seus flertes com a alegação de que jamais deixara qualquer homem magoado ou com o coração esquálido. Devo ter também o maior cuidado para evitar que isso aconteça, pensou Magda.

Dentro do abrigo, que era um dos maiores, os guardas e Peter acenderam sua fogueira num lado; Rohana, com suas damas, Magda e Jaelle ficaram no outro. Como sempre, Rohana mandou o aviso de que Peter viesse partilhar a refeição das mulheres. Depois que acabaram, ela fitou-o e a Jaelle, juntos, de mãos dadas, nas sombras, e comentou para Magda:

— Por uma questão de humanidade, acho que devemos deixá-los a sós por alguns minutos. — Ela alteou um pouco a voz para acrescentar: — Vamos, minhas damas, está na hora de visitar os guardas na outra fogueira e verificar se estão satisfeitos com suas rações e seu conforto.

A criada pessoal de Rohana, uma velha gorda e sentimental, olhou para trás, com um sorriso encorajador para Jaelle, enquanto se encaminhavam para a outra fogueira. Jaelle corou, mas no instante seguinte esqueceu a mulher quando Peter puxou-a para seus braços e deu-lhe um beijo longo e ardente. Ela arriou agradecida em seus braços, abençoando Rohana por aquele instante que proporcionava aos dois; não seriam mais que uns poucos minutos, mas ela poderia se tranqüilizar enquanto durasse... Peter finalmente soltou-a.

— Estou tonto de tanto querê-la! Pelo menos não será por muito mais tempo, pois chegaremos a Thendara amanhã. Ainda me ama, Jaelle?

Ela fitou-o, rindo.

— Pode duvidar?

— Mas você me evita.

— Evitá-lo? Claro que não, querido! — Ela soltou uma risadinha. — Mas nem pense que eu poderia deitar com você na presença de meia dúzia de guardas e de todas as servidoras de Rohana!

Peter desviou os olhos, contrafeito com tanta franqueza.

— Não foi isso o que eu quis dizer... mas podíamos passar mais tempo juntos na estrada, com você cavalgando ao meu lado. Durante toda a viagem você me tratou como alguém que poderia ter conhecido num baile público, não como seu amante.

Ele usou a palavra na inflexão que tomava o significado mais próximo de "marido prometido" e Jaelle sorriu, apertando sua mão.

— Você é meu amado e em breve estaremos juntos tanto quanto quiser — sussurrou ela. — Mas sou uma amazona, Pedro. Não lhe falei quase nada sobre nossas leis e costumes, mas uma das coisas que aprendemos é que só há uma maneira em que as mulheres podem viajar com os homens sem causar problemas e

discórdias. E pelo comportamento como seres humanos, não como criaturas sexuais, mulheres cuja maior função na vida é atrair os homens para protegê-las e cuidá-las.

— Ora, não tenho a menor dúvida de que Dama Rohana e seus guardas...

— Rohana é a esposa de seu lorde, um encargo sagrado que devem salvaguardar com suas próprias vidas. E suas damas estão protegidas por ela... por seu carisma especial. Mas eu sou uma amazona e renunciei à minha posição privilegiada como Comynara. E estou trabalhando com eles, pois organizei a viagem. Por isso, não devo me apresentar como uma mulher que está... está livre para ser desejada. Não pode compreender? Se eu passasse muito tempo com você, me mostrasse como sua amante...

Ela também usou a palavra na inflexão especial que significava "esposa prometida" e Peter apertou sua mão.

— ...então me apresentaria aos homens como uma mulher. E começariam a pensar em mim como uma mulher, não demoraria muito para que competissem em pequenas coisas por meu favor e atenção, procurariam se exhibir para mim como homens, logo haveria discórdia e ressentimentos entre todos. Por isso, devo parecer como uma trabalhadora como eles. Devem se sentir à vontade comigo, sem controlar o que dizem para os ouvidos de uma mulher ou se sentirem na obrigação de só me dar os trabalhos mais leves.

Não havia o menor tom de censura em suas palavras, mas Peter recordou que poucos dias antes ela franzira o rosto porque a ajudara, sem que fosse pedido, com uma carga pesada.

— Está tentando me dizer que não há trabalho além de suas forças?

— Não há mesmo.

— Não é assim que eu penso! — protestou Peter, indignado, contemplando a jovem esguia. — E o que você faz, orgulhosa amazona, quando se depara com alguma coisa além de suas forças?

Jaelle sorriu.

— Exatamente o que você faz entre os homens quando encontra algo muito pesado para levantar ou uma tarefa que exige quatro mãos. Imagino que não é um homem excepcionalmente

forte; quando uma tarefa exige mais força do que tem nos braços, suponho que diz simplesmente a outro homem: "Venha até aqui e me ajude a levantar isto, antes que eu me arrebente todo tentando sozinho!" Pois é exatamente o que eu faço. Se deixar patente que não me esquivo a qualquer trabalho ao meu alcance, então eles me ajudarão, como ajudariam outro homem, quando uma tarefa for pesada demais, não com o pensamento de que uma mulher deve ser resguardada.

— Espero que nem sempre tencione me tratar assim!

Jaelle riu e levantou a mão para tocar no rosto de Peter, afetuosamente.

— Quando estivermos a sós, amado, serei tão frágil e exigente que às vezes pensará que sou Dama Rohana em pessoa, que por lei não tem permissão para viajar sequer um dia sem sua criada pessoal, dama de companhia e meia dúzia de guardas! Mas não deve esperar que eu me comporte de uma maneira diferente do que sou, amor! — Ela se ergueu na ponta dos pés, puxou a cabeça de Peter para baixo e beijou-o rapidamente. — Já chega por enquanto. Rohana e suas mulheres estão voltando e amanhã chegaremos a Thendara.

— E amanhã de noite... — murmurou Peter, sorrindo.

Jaelle comprimiu-se contra ele por um instante, sem a menor relutância em fazê-lo saber que partilhava sua ansiedade. Depois, suspirando, eles se separaram, enquanto Rohana e suas damas retornavam à fogueira.

Entraram em Thendara pouco depois de meio-dia. Ao passarem pelos portões, Rohana disse:

— O que vocês farão agora? Jaelle, sei que deve ir para a Casa da Guilda, com Margali.

Magda sentiu um calafrio de medo. É agora. Não há mais protelações. Oh, Deus, como estou apavorada!

Com toda certeza, ainda em minha vida, Darkover será parte do Império e não fará a menor diferença. O prazo habitual desde o primeiro contato até a filiação é de cerca de cinqüenta anos, e já passou quase a metade desse tempo. Mas será tarde demais para

me ser útil de alguma forma? Devo ser exilada de um mundo para outro?

Ao pensar assim, Magda não podia imaginar que o caso de Darkover seria único na história do Império e que não apenas sua vida, mas também muitas outras vidas passariam antes que Darkover e o Império se reconcilhassem. Naquele justo momento a pequena explosão de precognição tornou a gelar seu sangue e ela se aconchegou no casaco forrado de pele, o presente de solstício do inverno de Rohana.

— Mas isso é uma idiotice! — exclamou Peter, olhando para trás, a fim de se certificar de que os guardas e as mulheres de Rohana não poderiam escutar. — Não pode fazer isso, Magda. De um jeito ou de outro, precisamos dissuadi-la desse absurdo de passar meio ano na Casa da Guilda. Tenho certeza de que acharia interessante, mas não podemos perder nossa única perita residente. Volte comigo para o QG agora e deixe as pessoas pensarem em alguma saída.

— Não está entendendo, Peter! — respondeu Magda, exasperada. — Prestei um juramento e vou cumpri-lo. Depois, tentarei endireitar tudo com as autoridades do Império; mas mesmo assim devo atender às minhas obrigações.

— Oh, isso! — O tom de Peter era desdenhoso. — Sabe tão bem quanto eu que um juramento arrancado sob pressão não é válido!

Jaelle fitou-o em choque e consternação; e Magda, com sua nova e terrível sensibilidade aos pensamentos, compreendeu que Peter acabara de chocar Jaelle profundamente. Um juramento é sagrado. Que tipo de homem pode ignorar isso? E se ele não tinha percepção do que o juramento significava para Magda, como poderia saber o que representava para Jaelle?

Ele poderá algum dia saber que é a própria essência da minha existência?, pensou Jaelle, desolada.

Foi apenas um momento, e depois seu amor passou a formular desculpas para Peter; em breve, muito em breve ele compreenderia. Ela sorriu jovialmente para Peter e disse a Magda:

— Teremos de ensiná-lo a saber das coisas, não é mesmo, irmã? Rohana interveio, sentindo a tensão:

— O melhor para os três é serem meus hóspedes no Castelo Comyn esta noite. Há espaço na ala de Ardais para uma dúzia de convidados ou mais; e você, Pedro, pode enviar um aviso a seu superior terráqueo de que amanhã todos nos reuniremos com Lorill Hastur. Creio que eles estão ansiosos em saber como este caso terminou.

Todos concordaram, e uma hora depois se encontravam instalados nos confortáveis aposentos da ala de Ardais. Magda sentia-se cansada da longa viagem e deitou para um cochilo, mas sabia que o sono era apenas outro meio de evitar, por algum tempo, os conflitos insuportáveis. Amanhã, a qualquer custo, teria de enfrentá-los.

Peter parou por um instante na porta do quarto que as mulheres partilhavam e disse, magoado:

— Você está me evitando de novo, Jaelle!

— Nada disso, meu amor. Dentro de um ou dois dias vamos nos declarar companheiros livres, na presença de testemunhas. — Ela ergueu-se na ponta dos pés para beijá-lo com uma paixão que dissipou qualquer dúvida. — Mas neste momento sou hóspede de Rohana no Castelo Comyn e por sua reputação devo respeitar, sob este teto, leis e regras de comportamento que não são as minhas. Mas eu o amo. E quero que prometa que nunca duvidará disso, Pedro.

— Prometo. — Depois, surpreso, ele inclinou-se para limpar as lágrimas dos olhos de Jaelle. — Meu amor, minha querida, por que está chorando?

— Eu... eu não sei — ela balbuciou, pois não havia nada que pudesse dizer, embora soubesse que estava se esquivando a ele. — Embora eu seja uma Amazona Livre, Pedro, você deve às vezes deixar que me comporte como uma mulher, e nem sempre racional...

Depois que ele se retirou e Magda mergulhou num sono de exaustão, Jaelle pôs-se a andar pela ala de Ardais, irrequieta. O lugar se encontrava deserto naquela época do ano; Rohana e seus hóspedes pareciam pairar nos corredores e aposentos vazios como

umas poucas vagens numa árvore despojada pela tempestade. Rohana finalmente procurou-a.

— Venha sentar um pouco comigo, Jaelle. Talvez passe um longo tempo antes que possamos ficar juntas assim outra vez. Na época do Conselho não disponho de muito tempo para desfrutar sua companhia e pode haver muitos anos antes que você possa me visitar de novo em Ardais.

Elas sentaram ao lado do fogo que fora aceso no quarto de Rohana. Pouco falaram durante algum tempo, mas Jaelle acabou saindo de sua cadeira e foi sentar no tapete, ao lado da parenta. Pousou a cabeça por um instante no colo de Rohana; hesitante, Rohana afagou os cabelos macios. Quando menina, Jaelle nunca permitira carícias, e Rohana aprendera rapidamente a não oferecê-las; naquele momento, porém, Jaelle parecia pedi-las.

— Não contei, mas provavelmente você já adivinhou — murmurou Jaelle finalmente. — Piedro me pediu para permanecer em Thendara como sua companheira livre e consenti.

Rohana contemplou-a com uma tristeza distante. Ela o ama muito; e sei que não posso realmente compreender. A própria Rohana fora dada em casamento muito jovem, casara obedientemente com o homem escolhido por sua família, sem nenhuma contestação, jamais fora envolvida por aquele tipo de paixão. E ela perguntou, com uma ternura hesitante:

— Alguma vez se arrependeu de seu juramento, Jaelle?

— Nunca antes disso, em nenhum momento. — E, depois de uma pausa, Jaelle acrescentou, forçando as palavras a saírem: — Mesmo assim, acho que você estava certa, anos atrás, quando disse que eu era muito jovem para essa opção.

Isso apertou o coração de Rohana, quase com uma dor física. Deusa misericordiosa, eu lhe dei a liberdade, a liberdade que me fora negada. Estava tão errada assim? Por um momento o tempo saiu de foco, passado e presente se fundiram, parecia a Rohana que era outra vez o último dia da longa visita de Jaelle ao Castelo Ardais, aos quinze anos. Rohana sabia que Jaelle não se sentira feliz ali: detestava Kyril e não tinha muita afeição pelo filho mais jovem e pela filha de Rohana; considerava Gabriel um tirano mesquinho;

irritara-se pela necessidade de usar saias até mesmo para montar; e no último dia de sua visita procurara Rohana e lhe dissera, em tom de desafio, que prestaria o juramento das amazonas no próprio dia em que estivesse legalmente livre para fazê-lo.

Rohana previra isso, mas ainda assim ficara consternada pela situação. Sentira que Jaelle ainda não tinha noção do que estava renunciando e dissera:

— Tenha certeza, Jaelle, certeza absoluta. Não é apenas uma brincadeira, é toda a sua vida. Não a desperdice desse jeito! — E depois ela suplicara: — Jaelle, não quer me dar três anos, mais tempo, como deu a Kindra, para provar que minha vida não é menos feliz que a dela?

Ela compreendeu que Jaelle também estava lembrando (Ou será que seu laran despertando partilhava os pensamentos?) quando a jovem murmurou:

— Três anos pareciam uma vida inteira naquele momento, muito mais do que eu suportaria esperar. E... perdoe-me, Rohana... você queria provar que sua vida era feliz; e, no entanto, eu sabia que não era feliz. Por isso, parecia-me... hipocrisia.

Rohana baixou a cabeça. Não, ela não era feliz na ocasião, mas pensara que ocultara de Jaelle com todo o cuidado. Sentia-se oprimida então, sufocada pela vida que levava, depois do breve gosto de liberdade. Era bastante assediada pelos filhos adolescentes e por Valentine aos três anos, que se encontrava na idade mais ativa e perturbadora. E naquele tempo se encontrava grávida de novo, com uma quarta criança que não queria; esse fora o preço que pagara pelo perdão final de Gabriel. E embora não quisesse a criança, Rohana era mulher demais para gerá-la durante quase um ano e depois vê-la morrer sem angústia. Quando a criança nascera morta, lamentara tão amargamente como se a desejasse. Mas durante aquele ano carregara a criança em raiva e rebeldia desesperada, sentindo que talvez pagara um preço alto demais pela boa vontade de Gabriel e paz em sua casa. Agora, antes que Jaelle se tornasse uma mulher completa, ela baixou a cabeça e murmurou, quase inaudível;

— Você tinha razão; eu não era feliz naquela ocasião. Sinto-me agora mais culpada do que nunca pelo fato de que, por causa de minha infelicidade, você se precipitou em prestar o juramento das amazonas.

Jaelle encostou o rosto na mão de Rohana.

— Não se culpe; acho que não faria a menor diferença. Até mesmo Kindra dizia que eu era teimosa e voluntariosa; ela também me exortou a esperar um pouco. — Talvez... — Jaelle sorriu por um instante. — ...eu seja também a filha de meu pai, embora não me agrade pensar assim.

Nunca antes Jaelle se referira ao pai na presença de Rohana. Ela tinha uma noção do quanto custara a Jaelle dizer aquilo. Ficou em silêncio e só depois de um longo tempo é que perguntou:

— Então vai ficar com seu amante terráqueo?

— Eu... acho que sim. Mas ela não tem certeza.

— É justo com qualquer homem, Jaelle, dar tão pouco de si quanto uma companheira livre oferece?

— Dou o que ele quer de mim, Rohana! Os terráqueos não fazem com que as mulheres sejam escravas de sua vontade!

— Mesmo assim.. , não fique zangada comigo. Jaeile.. , parece-me que uma companheira livre dá pouco mais que uma prostituta.

Ela usou a palavra grosseira grezalis, sabendo que em seus lábios decorosos deixaria Jaelle ainda mais, chocada. E, depois de uma pausa, acrescentou:

— Parece-me que não há casamento se você não assumir compromisso com o homem para sempre, para todos os tempos, bons e maus, na felicidade ou sofrimento. Sabe que, quando eu casei, Gabriel não passava de um fardo que tinha de suportar, porque nascera Comyn e as leis de minha casta exigiam que me casasse dentro do clã e gerasse filhas para ele com laran.

— E acha que pode me chamar de rameira? Quando foi vendida como escrava pelo orgulho de posição de sua família e eu opto por me entregar livremente ao homem que amo e desejo?

Rohana estendeu a mão para detê-la.

— Jaelle, Jaelle querida, não a chamei de rameira ou qualquer coisa parecida! Disse apenas: era assim que meu casamento parecia no início, um fardo pesado com que tinha de arcar, por minha família. Mas agora Gabriel é o próprio centro do mundo que construímos juntos. Uma companheira livre diz a seu amante, por causa dessa tempestade de desejo: Permanecerei com você enquanto isso convier a meu prazer; mas se perdermos nossa felicidade eu o deixarei, sacrificando a felicidade que já tivemos e os bons tempos que poderíamos desfrutar no futuro, só por causa da infelicidade de um ano ou dois. Não há obrigação de permanecer juntos e trabalhar para fazer com que os tempos ruins voltem a ser bons.

— Como pode fazer isso? Não vive com o pesar constante pelos anos de infelicidade que teve de partilhar, sem nenhuma possibilidade de escapar?

— Não é bem assim. Levamos um longo tempo para superar a infelicidade, mas forjamos um vínculo que durará até a morte. — Uma pausa, e ela acrescentou, sorrindo: — E além disso, se houver alguma coisa além.

— Fala isso bravamente, mas acho... oh, Rohana, não quero deixá-la zangada!

— A verdade não pode me deixar zangada, Jaelle. Lembre-se apenas, querida, de que é a sua verdade, não necessariamente a minha verdade.

— Pois então eu acho que você diz que nunca teve arrependimentos porque é muito tarde para isso. Acho que apenas não queria renunciar a seu poder e posição como esposa do lorde do Domínio de Ardais.

— Talvez um casamento seja uma teia de muitos fios pequenos — comentou Rohana, sem se sentir ofendida. — Gabriel é apenas uma parte de minha vida, mas não uma parte a que eu renunciaria de bom grado agora. Não o amava quando casamos, mas partiria meu coração em mil fragmentos se me separasse dele agora.

Jaelle, recordando a expressão de Rohana ao se ajoelhar ao lado do marido inconsciente, compreendeu vagamente que isso era verdade; mas parecia-lhe que era apenas escravidão a um ideal,

nada como a paixão irresistível que a dominara, quase contra a vontade, arrastando-a para a vida de Peter. E ela disse, a voz trêmula:

— Não é isso o que chamo amor!

— Não, querida, acho que não — murmurou Rohana, pegando as mãos frias de Jaelle -, mas é real e tem perdurado.

— Então acha que o amor... o amor como o conheço... nada significa? Parece-me que pensa que o casamento pode ser celebrado por duas pessoas quaisquer, independentemente do que sintam uma pela outra, como se... — Pela primeira vez, em doze anos, Jaelle pronunciou o nome da mãe. — ...como se Melora e Jalak... como se minha mãe, mesmo no estupro e cativo, pudesse ter construído uma felicidade duradoura.

— Mesmo assim, sob algumas circunstâncias, querida. Mas eu consenti em meu casamento, com o apoio e bênção de minha família; Melora foi arrancada pela força de todos os seus parentes. Mas mesmo assim, se Jalak e Melora tivessem escolhido um ao outro, se ela fugisse com ele por sua própria vontade, ou, mesmo depois, se ele a amasse e respeitasse por si mesma, não a tratasse como um peão de seu orgulho maligno, uma lembrança de seu ódio aos homens dos Domínios... mesmo assim talvez ela pudesse encontrar alguma paz... talvez não a felicidade, mas o contentamento.

— Mesmo em correntes?

— Mesmo assim, querida. Se Melora amasse Jalak e desejasse agradá-lo, saberia que as correntes não passavam de um jogo em que ele se empenhava por seu orgulho diante de todos os homens e as usaria para participar do jogo com ele, de bom grado... Se suas amazonas formassem um exército e marchassem para libertar as mulheres das Cidades Secas de suas correntes, Jaelle, não tenho a menor dúvida de que algumas as aclamariam como salvadoras, mas outras suplicariam que voltassem para casa e não se intrometessem em suas vidas. Nunca usaria correntes para agradar seu amante, Jaelle?

— Ele nunca pediria.

Mas Jaelle baixou os olhos, recordando sua distração com a fita; o jogo de fantasia que fazia quando menina nas Cidades Secas. E depois, furiosa com a recordação, ela indagou:

— Nunca teve pena de minha mãe?

— Só os Deuses sabem quanto. Arrisquei-me à ira de Hastur e estive perto de destruir a felicidade que encontrara com Gabriel para salvá-la antes que desse um filho a Jalak; e para libertar você, porque ela disse que a mataria antes de vê-la acorrentada na Grande Casa de Jalak. Não se lembra disso?

Os olhos de Rohana começavam a faiscar com um princípio de ira. Jaelle pegou sua mão e beijou-a. Rohana acrescentou, suavemente:

— Muitas mulheres usam as correntes, Jaelle, como eu uso as catenas.

Ela estendeu o braço, mostrando a pulseira cerimonial de casamento; havia outra igual no braço de Gabriel.

— Um símbolo de alguma coisa que ficaria para sempre em meu coração, mesmo que eu me recusasse, como você se recusará, Jaelle, a usar o símbolo exterior.

— O juramento das amazonas não me proíbe o casamento di catenas. Nunca pensei que poderia querê-lo. — Jaelle baixou a cabeça para o colo de Rohana, os ombros se sacudindo na violência dos soluços. — E não quero, Rohana! Não quero!

Rohana pensou: Então por que está chorando tanto? Mas ela não disse isso, compreendendo, através da sensação da cabeça da moça em seus joelhos, a sua profunda desolação. Limitou-se a afagar os cabelos macios de Jaelle, ternamente. E finalmente perguntou:

— Está grávida, querida?

— Não... não! Ele me poupou isso.

— E quer realmente ser poupada, minha preciosa?

Jaelle não pôde responder; era incapaz de falar naquele momento.

— Ficaré com ele na alegria e na tristeza, Jaelle? — indagou Rohana, gentilmente.

Jaelle levantou o rosto vermelho, com uma angústia evidente.

— Sinto agora que ficaria, mas como posso ter certeza? Como posso saber que ele me amará nos tempos ruins que surgem para todos? Como posso sequer saber o que eu farei na ocasião? E, no entanto... parece que mesmo assim vale a pena. Nunca amou ninguém, Rohana? Nunca desejou renunciar a tudo... a tudo mesmo... seu modo de vida, sua honra, porque não podia... não podia se separar de...

Ela tornou a baixar a cabeça para os joelhos de Rohana e chorou desesperadamente. O coração de Rohana se confrangia por ela e por um ferimento há muito curado que as palavras de Jaelle haviam reaberto. É verdade, houve um momento em que eu renunciaria a tudo; minhas crianças, a vida que construí para mim, Gabriel... mas o preço a pagar pareceu alto demais. E Rohana murmurou, vacilante:

— Não há nada neste mundo que não seja comprado por um preço. Até mesmo com Kindra; ela nunca se arrependeu de seu juramento, mas lamentou até o dia de sua morte pelas crianças que abandonou. Parece-me que esse é o único defeito no juramento das amazonas; vocês se resguardam dos riscos que todas as mulheres assumem voluntariamente. Talvez aconteça apenas que cada mulher deve escolher os riscos que suportará.

Jaelle escutou, e as palavras calaram fundo em seu coração. Prestei o juramento das amazonas muito jovem; a maioria das mulheres faz as renúncias em desespero, sabendo que são privações reais. Para mim, parecia apenas que renunciava à escravidão e assumia a liberdade. Não chorei quando prestei o juramento. Nunca pude compreender por que tantas mulheres só prestavam o juramento com lágrimas...

— Você ama Piedro. Ficaré com ele?

— Eu... devo. Não posso deixá-lo agora.

— E gerará os filhos de Piedro, querida?

— Se ele... se ele quiser.

— Mas seu juramento determina que só os conceba se você quiser. Deve escolher, e talvez seja isso o que acho errado, que vocês reivindicuem o direito de escolher.

— Nunca pensarei assim! — protestou Jaelle. — Uma mulher que não é livre para escolher não passa de uma escrava!

— Mas até a liberdade de escolher nem sempre garante a felicidade — declarou Rohana, tornando a pegar as mãos frias de Jaelle e acariciando-as. — Já ouvi velhas amazonas lamentando a falta de crianças, quando era tarde demais para mudarem de idéia. E eu...

Rohana engoliu em seco, pois nunca antes dissera aquilo para qualquer pessoa, nem para Gabriel, Melora ou Kindra, que por muito tempo partilhara seus pensamentos mais íntimos.

— Eu não queria crianças, Jaelle. E cada vez que me descobria grávida chorava e tinha um acesso de raiva. Você chora porque não vai gerar uma criança, mas eu chorava mais quando sabia que ia. Houve uma ocasião em que joguei uma tigela de prata na cara de Gabriel e acertei, gritei que gostaria de tê-lo matado, que nunca mais poderia fazer aquilo comigo. Detestava ficar grávida, detestava ter crianças pequenas ao meu redor para me perturbar, acho que temia o parto mais do que você temeu a espada que lhe fez este ferimento.

Com dedos leves, Rohana roçou a cicatriz ainda vermelha no rosto de Jaelle.

— Se fosse livre para escolher, nunca teria gerado uma criança. E, no entanto, agora que as crianças estão crescidas e compreendo que são uma parte de Gabriel e de mim que sobreviverá depois que morreremos... agora, quando seria tarde demais para mudar de idéia, descubro que estou contente porque as leis da minha casta me obrigaram a gerá-las, e depois de todos esses anos esqueci... ou perdoei... toda a infelicidade.

Jaelle disse, a voz rouca, sem querer demonstrar o quanto ficara comovida:

— Acho, mais uma vez, que você sabe que é tarde demais para arrependimentos, e por isso diz a si mesma que não lamenta coisa alguma.

— Não falei que não tinha arrependimentos, Jaelle, apenas que tudo neste mundo tem seu preço, até mesmo a serenidade que encontrei depois de tantos anos de sofrimento.

— Acredita sinceramente que pagou um preço? Pensei que tinha acabado de me dizer que tinha tudo o que uma mulher podia desejar!

Rohana baixou os olhos. Engoliu em seco e por um momento recordou o dia, anos antes, em que contemplara os olhos cinza de Kindra e conhecera o preço que pagaria. Não podia fitar Jaelle; não queria chorar.

— Tudo menos a liberdade, Jaelle. Acho que seria um preço muito alto. Mas não tenho certeza. — Sua voz tremia. — Nada neste mundo é certo, a não ser a morte e a neve do próximo inverno. Talvez eu não queira ter certeza. O preço que paguei é a minha liberdade. Você tem sua liberdade, está obrigada por juramento a assumi-la, mesmo agora, quando não mais a quer. Mas a que preço, Jaelle?

Capítulo Dezesseete

Magda despertou ao crepúsculo para deparar com Jaelle sentada ao pé de sua cama. Ela parecia pálida, como se tivesse chorado, mas estava calma, quando falou:

— Irmã, sei que prestou o juramento contra a vontade; de certa forma, eu o arranquei de você. Normalmente isso não importaria; mas é uma terráquea e prestou o juramento sem o conhecimento do que realmente acarretava. Quer pedir a liberação do juramento, Mar-gali? Se quiser, falarei por você perante as mães-da-Guilda.

Magda sabia que isso resolveria alguns dos seus conflitos interiores mais profundos; mais até, ficaria livre do medo de retaliação terráquea, não dirigida apenas contra ela, mas também contra as mulheres que a ajudaram a abandonar as lealdades originais. Considerou a proposta por um momento, mas depois foi dominada pela repulsa. Voltar à sua vida na Zona Terráquea, ao mundo restrito e árido que conhecia ali, limitado pelo pouco trabalho de importância que uma mulher podia realizar? Compreendia agora que, apesar das lágrimas e do terror quando prestara o juramento, ainda parecia uma grande decisão em sua vida; e mais, uma decisão genuína. Aqui está um caminho que posso seguir. É isso o que quero, qualquer que seja o preço que deva pagar.

Não fui obrigada a abandonar Peter à morte. Jaelle salvou-me de pagar esse preço. Mas cedo ou mais tarde, porém, eu sabia que haveria um dia de ajuste de contas; e agora o enfrentarei, não importa o que possa acontecer. E ela usou a expressão formal das amazonas:

— Mãe-de-juramento, já lhe disse: escolhi por minha livre e espontânea vontade honrar o juramento e assim farei, até que a morte me leve ou o mundo acabe.

— Mesmo que isso acarrete problemas para você com seu povo, Margali?

Magda respondeu o que dissera a Darrill durante a viagem:

— Não tenho certeza se ainda é meu povo. — Sua voz não era muito firme. — Renunciei à fidelidade... com família, clã, guardião ou suserano.

Jaelle pegou suas mãos; subitamente ela inclinou-se para a frente e beijou-a, como fizera quando aceitara seu juramento.

— Fidelidade por fidelidade, minha irmã. Estamos juradas. Mas acho que você deve enfrentar o fato... nós devemos enfrentar juntas... de que pode criar graves problemas.

— Sei disso. — Magda não pôde evitar um pequeno estremecimento. — Se não fosse por Dama Rohana, creio que Peter insistiria em me levar para o QG terráqueo, mesmo que tivesse de usar a força, sob ordem de prisão.

— Uma bela recompensa pela lealdade que você teve com ele! — exclamou Jaelle, furiosa. — Se não fosse por você, ele estaria morto em Sain Scarp agora!

Magda sentiu-se compelida a defender a posição de Peter.

— Ele é um agente terráqueo. Creio que para ele a lealdade ao Império transcende qualquer lealdade a pessoas.

— Isso não é certo — murmurou Jaelle, perturbada.

Magda pensou: Não é uma posição que algum darkovano possa compreender; sob muitos aspectos, Peter se encontra numa situação pior do que a minha. E um darkovano em tantas coisas, nunca poderá viver em paz dentro do Império; mas nunca será livre para renunciar às próprias coisas que o impedem de sentir Darkover como um lar... e ficará sempre dividido, um exilado...

— Você me disse uma vez, Jaelle, que as Amazonas Livres têm permissão para aceitar qualquer trabalho legítimo. Se as autoridades terráqueas me concedessem uma licença para cumprir minhas obrigações de treinamento na Casa da Guilda, depois eu poderia continuar o trabalho que venho realizando para os terráqueos?

— Ou seja, nos espionar?

— Não, claro que não! — A simples idéia era repulsiva. — Construir uma ponte entre nossos mundos, ajudar meu povo a compreender melhor todos os pequenos detalhes de sua sociedade, língua, leis, costumes... mesmo que não fizesse mais nada além do meu trabalho antigo, evitar que nossos intérpretes cometam ofensas

involuntárias contra os costumes de vocês; e acho que poderia fazer mais do que isso, muito mais.

— Não violaria o juramento. Por nossa Carta, você pode aceitar qualquer trabalho legítimo, em qualquer lugar. Isso significa que como uma amazona jurada pode trabalhar para os terráqueos... — Jaelle fez uma pausa, como se tivesse avistado uma luz ofuscante, depois acrescentou, quase num sussurro: — E eu também posso.

— Como se poderia arrumar isso, Jaelle?

— Como você quiser. Pelas leis de nossa Carta, deve pagar uma parte de seus ganhos à Guilda. Renunciamos à família e ao lar, mas isso significa que contamos sempre com a proteção de família e lar. Sempre que estiver doente, grávida, incapaz de trabalhar ou numa cidade estranha, sempre pode recorrer à Casa da Guilda ou às amazonas que encontrar ali, encontrando uma casa em que será cuidada. Seus dízimos mantêm as Casas da Guilda e sempre terá irmãs e amigas ali, o direito legítimo de usá-las. Não precisa nunca viver numa Casa da Guilda, a não ser que assim queira, embora se isso acontecer terá de ajudar na manutenção, revezando-se na arrumação, trabalhando na horta ou em qualquer outra coisa necessária. Mas é o nosso verdadeiro lar, para onde vamos como as outras pessoas vão para as casas de suas famílias.

Magda não conhecera a vida familiar desde a morte do pai; ela e Peter nunca haviam tentado a sério formar um lar próprio. A perspectiva de ter um lar de verdade, um lar darkovano, para onde pudesse ir não como uma estranha ou hóspede, mas como um direito, proporcionou-lhe uma sensação de segurança que havia anos não conhecia.

— Podemos ir para lá na velhice, quando não temos mais condição de trabalho, ou ali criar nossas crianças — acrescentou Jaelle.

— Quer dizer que geram crianças?

— Se assim quisermos. — A lembrança das palavras de Rohana causou uma tristeza fugaz no rosto de Jaelle. — Pensava que fazíamos os votos de Guardiã? Nossas filhas podem ser criadas na Casa da Guilda até crescerem, quando então decidirão por si mesmas se querem ingressar na Guilda ou casar. Nossos filhos são

geralmente entregues aos pais depois de desmamados, mas se ele não quiser ou você julgá-lo incapaz para criar o menino, até mesmo se não souber direito quem é o pai... então pode providenciar para que ele seja criado como achar melhor; mas nenhum menino com mais de cinco anos pode viver na Casa da Guilda.

Jaelle estava pensando em voz alta; voltou ao presente subitamente e disse:

— Aprenderá tudo isso durante o seu treinamento na Casa da Guilda, irmã.

Seria possível que ela pudesse partilhar seus dois mundos? Parecia quase bom demais para ser verdade. Magda disse, hesitante:

— Sabe que Lorill Hastur proibiu o contato entre a Zona Terráquea e seu povo. É fácil desafiá-lo nas Hellers, Jaelle; e aqui em Thendara?

— Tem razão, essa é uma das maiores dificuldades. Mas Rohana assumiu o compromisso de falar com Lorill. Seu coração também habita os dois mundos e creio que é maior que qualquer deles. E creio que chegou o momento de o povo de Darkover, não apenas os lordes do Comyn, conhecer alguma coisa sobre os terráqueos e o que podem fazer por nosso mundo. Ouviu Gabriel falar sobre a proibição ao comércio imposta por Lorill. A vontade de Hastur não é a voz de Deus, nem mesmo para o Comyn! Vamos descobrir o que alguns dos outros pensam. Irá comigo agora para a Casa da Guilda, irmã, veremos o que podemos fazer para resolver o problema, antes de nos encontrarmos amanhã com Lorde Hastur... e com os seus terráqueos. Saberemos então qual é a situação.

Magda hesitou por um momento. Depois, sabendo que aquele era o seu instante de opção, ela balançou a cabeça.

— Está certo.

Na manhã seguinte, Dama Rohana sentou ao lado de Lorill Hastur na pequena câmara do Conselho, aguardando a chegada do coordenador terráqueo. Peter Haldane sentou em frente, parecendo ao mesmo tempo apreensivo e irritado. Rohana não podia ler seus pensamentos, mas também não precisava. Magda e Jaelle haviam desaparecido naquela manhã, e ela tinha certeza de que se

encontravam refugiadas na Casa da Guilda de Thendara. Mas deixaram uma mensagem, informando que compareceriam à presença de Hastur no Conselho. Rohana não tinha o dever de explicar nada, já que elas haviam preferido não fazê-lo. Hastur inclinou-se e perguntou, em voz baixa:

— Esse é o homem que foi capturado por Sain Scarp? Ele é mesmo idêntico a Kyril? A semelhança é extraordinária; estamos lidando aqui com a Lei de Cherillys?

Rohana soltou uma risada.

— Não me lembrava da Lei de Cherillys desde que era uma monitora psíquica na Torre Dalereuth, com você, Melora e Leonie. Mas não é isso; o terráqueo tem apenas cinco dedos em cada mão.

— Ainda assim, a semelhança é incrível e serve para reforçar o que você disse a respeito de uma única raça, embora pareça fantástico demais acreditar que o nosso povo pudesse ter vindo de outra estrela ou que nos permitimos esquecer essa herança. E você me contou que a mulher tem laran. Posso perguntar como descobriu isso? Dei ordens para que nenhum terráqueo jamais testemunhasse uma operação com a pedra-matriz.

— Jaelle estava morrendo e sua irmã jurada tinha o direito de permanecer ao seu lado. Só posso imaginar... — Rohana franziu o rosto, procurando analisar a questão. — Alida possui o Dom Ardais; é uma telepata catalisadora, e o contato com ela pode ter despertado o laran latente na mulher. Mas, se não existisse, Alida não poderia despertá-lo. O homem... Haldane... também se achava presente e não deu o menor sinal de estar consciente do que ocorria. Mas qualquer que seja o motivo, a mulher tem laran e devemos revisar algumas de nossas noções preconcebidas sobre os terráqueos.

Ela falou "nossas" noções preconcebidas, mas queria realmente dizer "suas"; Hastur sabia disso e amarrou a cara.

— Lá está o emissário terráqueo e seu intérprete — ele anunciou. Rohana já encontrara Montray antes e não ficara impressionada; perguntou-se se absorvera alguma coisa do desdém de Magda por aquele homem. Agora ele estava acompanhado por um jovem que falava casta tão bem quanto Peter ou Magda; ou

seja, tão bem quanto qualquer darkovano. Apresentou-se como Wade Montray, o filho do coordenador, e falou polidamente com os dois, enquanto o pai se encaminhava para Peter, com uma expressão furiosa.

— Então aí está você, Haldane! Tem alguma idéia de quantos problemas causou? E onde está Lorne? Ela deveria se encontrar aqui! E mais do que isso, vocês dois deveriam ter se apresentado ao QG para receberem ordens ontem à noite.

— Não fui informado de que havia alguma acusação contra nós — respondeu Peter, um tanto bruscamente. — E não me parece apropriado ofender Dama Rohana quando ela nos convidou a permanecer aqui como hóspedes. Tenho certeza de que Magda vai aparecer no momento conveniente.

Ele virou-se de repente para a porta, soltando um suspiro de alívio.

— Na verdade, ela está aqui. E a jovem que a acompanha foi fundamental para salvar minha vida, Montray; portanto, trate-a polidamente!

— Uma jovem bonita — comentou Montray. Peter ficou erigado outra vez.

— Há quanto tempo vive em Darkover, Montray... dez anos? Se ainda não aprendeu que não é apropriado fazer comentários sobre a aparência de uma mulher, sugiro que solicite sua transferência o mais depressa possível, ou nunca deixe a Zona Terráquea!

Magda entrara na sala com Jaelle e mais três mulheres, indo sentar no quarto lado da câmara. Hastur indagou bruscamente:

— O que é isso, Jaelle? Não lhe dei autoridade para convidar qualquer forasteira para esta reunião!

— Não a pedi, meu Lorde. — Jaelle falou respeitosamente, mas sem o medo que a maioria das pessoas de fora exibia diante de um lorde do Comyn. — Pareceu-me, Lorde Hastur, que nossa Guilda se acha profundamente envolvida nos problemas em discussão esta manhã e por isso pedi a estas representantes que viessem enunciar nossa posição, em sua presença e dos terráqueos.

— O que ela disse? — indagou Montray.

O filho começou a repetir as palavras, enquanto Jaelle continuava:

— Meu Lorde, minha Dama e respeitados representantes de outro mundo, desejo apresentar mestra Millea n'ha Camilla, mãe-da-Guilda da Casa de Thendara. — Millea era alta e corpulenta, vestida convencionalmente e tão feminina quanto a própria Rohana. — Mestra Lauria n'Andréa, a chefe do Conselho Independente de Mulheres Artífices, e Domna Fiona n'ha Gorsali, Juíza do Tribunal Municipal de Arbitramento.

Rohana pensou, com admiração: Oh, Jaelle, você é muito mais esperta do que eu jamais imaginei! As mulheres sentadas com a maior distinção no outro lado da sala não eram amazonas comuns; eram três das mais poderosas mulheres na cidade de Thendara. A Guilda das Mulheres Artífices lutara com sucesso pelo direito de ser reconhecida como uma das organizações oficiais da cidade; Domna Fiona era a primeira mulher a ser designada juíza na história de Thendara. Hastur não podia descartá-las como insignificantes.

— Vão nos conceder o direito de ouvir suas deliberações, nobres? — indagou Jaelle.

Hastur parecia um pouco aborrecido, mas nada podia abalar sua longa disciplina em diplomacia. Levantou-se e fez uma reverência polida para as três mulheres.

— Não lhes darei as boas-vindas a este Conselho porque não foram convidadas, mas isto não é um conclave secreto para maquirar tiranias; não se pode negar a nenhum cidadão interessado o direito de ouvir e, por sua vez, ser ouvido.

Montray disse, depois que o filho traduziu:

— Agradecemos a oportunidade de sermos ouvidos por quaisquer cidadãos de Thendara. Sejam bem-vindas, damas.

Hastur dirigiu-se a Montray:

— Quando estive pela última vez em nossa presença, concedemos permissão para que sua empregada, Magdalen Lorne... — Mag-da, sentada entre as amazonas, notou que ele não hesitou nem tropeçou ao pronunciar seu nome terráqueo. — ...se aventurasse pelas colinas e negociasse o resgate de seu empregado, Haldane, mantido cativo em Sain Scarp. Pelo que sei agora, a mulher

Lorne encontrou um bando de Amazonas Livres, sob o comando de Jaelle n'ha Melora, e foi obrigada, de acordo com os costumes delas e as leis de sua Carta, a prestar um juramento de fidelidade à Guilda. É um relato acurado da situação?

A mãe-da-Guilda Millea disse:

— Segundo as informações que recebemos de nossas irmãs, essa é a verdade.

— Não estou entendendo direito a situação — disse Hastur. — Parece-me que se trata de um problema para acordo particular entre as partes envolvidas, ou pelo menos para os tribunais de arbitramento.

Montray escutava com uma expressão irritada; disse alguma coisa e o filho sacudiu a cabeça, recusando-se a traduzir. Hastur virou-se para Magda.

— Srta. Lorne, trouxe estas mulheres aqui para que possa solicitar, na presença de todos os envolvidos, a liberação de seu juramento?

A voz de Magda soou baixa, mas firme:

— Não, Lorde Hastur. Estou disposta a respeitar o juramento que prestei e cumpri-lo até a morte. Mas não tenho certeza se as autoridades terráqueas me permitirão fazer isso. Podem alegar que meu juramento não é válido, ou que eu não tinha o direito de prestá-lo por causa de minhas lealdades anteriores.

Montray tornou a falar e o jovem intérprete murmurou:

— Foi o que eu disse.

Rohana, observando, compreendeu que Magda tramara uma manobra excepcionalmente hábil. Em particular, o embaixador terráqueo poderia declarar que não acreditava na validade de um juramento darkovano. Mas se dissesse isso na presença de Hastur e das três mães-da-Guilda de Thendara, destruiria a credibilidade de cada terráqueo em Darkover por muitas décadas. E se ele não soubesse disso — a julgar por sua expressão, não percebera antes -, estava descobrindo em termos expressos do eficiente e jovem intérprete e de Peter Haldane. Pelo ar de frustração na cara de Montray, Rohana podia afirmar, mesmo sem necessidade de laran, que ele consignava todos, Magda em particular, a qualquer que fosse

o equivalente terráqueo para o mais frio dos infernos de Zandru. Domna Fiona disse:

— O nobre hóspede da Terra parece encontrar alguma dificuldade para aceitar a decisão; podemos ouvir o que ele tem a dizer, com permissão de Lorde Hastur?

Montray explicou, esperando que o filho traduzisse:

— A dificuldade é a seguinte: a Srta. Lorne é extremamente valiosa para nós. É a única mulher capacitada a atuar como uma perita em línguas darkovanas e nos aconselhar sobre os costumes das mulheres e as leis que regem o convívio social em Darkover. Parece que não podemos, no momento, dispensá-la para qualquer outro trabalho, por mais valioso que possa ser e por mais que respeitemos aquelas que a acolheriam.

Rohana sabia muito bem que as frases polidas haviam sido acrescentadas pelo intérprete e desconfiou que o discurso original de Montray fora muito mais enfático e muito menos cortês. Mas não entendia o suficiente da língua terráquea para ter certeza.

— Se essa é a única dificuldade, pode ser facilmente resolvida — declarou domna Fiona. Pela voz e alguma coisa no corpo estreito, sob as túnicas judiciais, Rohana desconfiou que a mulher era uma emmasca; mas as túnicas eram muito volumosas para se ter certeza. — Se o seu problema é a carência de peritas adequadas nos costumes e linguagem das mulheres, então creio que podemos oferecer ajuda. Irmã...

Ela virou-se para Jaelle, que se levantou, nervosa, seus olhos se encontrando com os de Peter, no outro lado da sala, por um instante. E Jaelle disse:

— Transmita ao embaixador terráqueo que, se for conveniente para seu povo, eu me ofereço para tomar o lugar de minha irmã e trabalhar para vocês. Falo o casta e o cahuenga fluentemente, sei ler e escrever nessas línguas e também na linguagem das Cidades Secas. Creio que posso ajudá-los nas lacunas existentes em seu conhecimento dos costumes de Thendara. E creio que há outras de minhas irmãs que estariam dispostas a fazer a mesma coisa, nos limites de suas necessidades. Pelo que sabemos... — Seus olhos tornaram a se encontrar por um instante com os de Peter. — ...os

terráqueos têm encontrado dificuldades para contratar trabalhadores, a não ser para os trabalhos braçais mais simples, procurando-os sem sucesso.

— Isso seria ótimo — disse Montray, fazendo uma reverência polida para Jaelle. — Mas soubemos que era a vontade de Hastur que o povo de Thendara não nos prestasse esse tipo de ajuda.

A amazona Lauria, chefe da Guilda das Mulheres Artífices, interveio:

— Lorde Hastur fala pelo Comyn, por seus seguidores jurados e por aqueles que devem fidelidade aos Domínios. Mas a vontade ou o capricho de Hastur ainda não é a lei nesta terra. Com todo respeito, Lorde Hastur... — E ela fez uma reverência profunda para o lorde do Comyn. — ...não aceitamos o direito do Comyn de dar ordens às mulheres livres de Thendara sobre o trabalho legítimo que possam aceitar ou que relações manterão com os homens do Império das estrelas... ou com suas mulheres. Pela vontade de Hastur, as únicas mulheres que têm permissão para conhecer os homens do Império são as que se encontram nos bares e bordéis nas proximidades do espaçoporto. Não achamos que isso proporcione uma imagem apropriada de nosso mundo aos terranan. Por isso, viemos até aqui hoje para lhes oferecer nossos serviços legítimos em campos mais apropriados para uma comunicação significativa entre nossos dois mundos: como mapeadoras, guias, intérpretes ou qualquer outro trabalho condizente para o qual os terráqueos desejem contratar trabalhadoras e peritas darkovanas. Em troca, sabendo que vocês do Império têm muito a nos ensinar, solicitamos que um grupo de nossas jovens seja aceito como aprendizes em seus serviços médicos e outros setores científicos de seu conhecimento, que poderão nos ensinar. Considera a proposta satisfatória, representante da Terra?

Claro que era satisfatória, pensou Magda, observando o rosto de Montray; era o que eles esperavam desde o início, o que lhes fora negado em Darkover com tanta obstinação. Ela jamais compreendera — e não se perdoava por sua insensibilidade — que as mulheres de Darkover ressentiam-se por serem julgadas, pelos terráqueos, apenas através das mulheres que seus homens

conheciam nos bares e bordéis. Ela própria, com seu conhecimento de tantas mulheres respeitáveis quanto podia encontrar nos mercados e lugares públicos de Thendara, fora um pouco mais fundo... mas não muito.

Claro que não era a cooperação total. Não havia muitas Amazonas Livres e raramente se encontravam em posições de poder, como domna Fiona. (Era também a primeira vez que ela ouvia falar dos Tribunais de Arbitramento. Quanta coisa tenho para aprender, ela pensou, e como vou me divertir aprendendo!)

E depois voltaria a trabalhar para os terráqueos, seria uma das primeiras pessoas a ir e vir entre os dois mundos, ajudando-os a descobrirem um caminho para se encontrarem. Dois mundos: e ela pertenceria a ambos! Olhou para Dama Rohana, que lhe sorriu. Outra vez Magda teve a imagem de uma enorme porta se escancarando, para os dois lados, uma porta aberta entre dois mundos isolados...

Jaelle observava Lorill Hastur. Ele não parecia muito satisfeito, mas capitulou com toda a gentileza de que era capaz. O fato é que as Amazonas Livres não são bastante importantes — ou assim pensa Hastur — para que ele possa, com um mínimo de dignidade, se preocupar com o que fizermos. Mas para onde nós formos, outras pessoas seguirão, por seus próprios motivos. Ela fitou Peter no outro lado da sala e sorriu; teve a sensação de que seu coração parava quando ele retribuiu ao sorriso.

Encontrei uma maneira honrada que nos permitirá ficar juntos no mundo de Peter!

Montray respondia às palavras gentis de Hastur com um pequeno discurso sobre amizade e fraternidade, usando com o maior cuidado todas as inflexões erradas, enquanto o filho Wade as endireitava meticulosamente.

Como Montray ficará sem a minha ajuda para escrever seus discursos? Magda compreendeu, com uma intensa alegria, que não se importava absolutamente. Tinha coisas mais interessantes a fazer. Depois que tudo estava resolvido, e Hastur, Dama Rohana e Montray — o filho ao lado, para impedi-lo de cometer equívocos por demais ofensivos — trocavam cortesias, Peter, Jaelle e Magda reuniram-se

por um momento na porta da câmara do Conselho. Peter conhecia muito bem os costumes dos Domínios para tocar em Jaelle em público, mas seu olhar rápido para ela foi como um abraço. Mas ele falou para Magda, em tom de gracejo:

— Então conseguiu o que queria, Mag, fez com que todos nós parecêssemos tolos... realizando aquilo de que nenhum homem jamais foi capaz! Sente tanto desprezo assim por todos nós?

— Desprezo? Não, não é isso. — Mas Magda não pôde evitar um olhar rápido para Montray, que Peter percebeu. — Mas ele, pelo menos, não tem se saído muito bem em Darkover até agora.

— Todos sabiam que era você quem fazia o trabalho de verdade no gabinete do coordenador, Magda — comentou Peter. — Acontece apenas que, nas circunstâncias, você não podia ter o título também. Talvez algum dia possa assumir o cargo.

Ela sorriu sem amargura.

— Não, obrigada. Por que você não tenta conquistá-lo, Peter? — Ela sentiu o estranho arrepio do pressentimento correr por sua espinha. — Daria um bom coordenador... ou o primeiro Legado, algum dia. Tenho coisa melhor para fazer.

— Você já fez milagres — murmurou Peter, segurando as mãos de Magda, afetuosamente.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não fui eu. Foi Jaelle... e as mães-da-Guilda. Ele sussurrou para Jaelle:

— Você é maravilhosa! Nunca pensei que pudesse conseguir!

— Creio que não acredita que as mulheres possam fazer muitas coisas, Piedro, apesar do que Margali fez por nós dois. Mas talvez aprenda algum dia. Cheguei a pensar que as mulheres entre seu povo eram mais livres do que no meu. Agora sei que não há realmente muita diferença entre a Terra e Darkover. Minha mãe-de-adoção me disse uma vez que era melhor usar correntes do que acreditar que se é livre e se oprimir com correntes invisíveis.

Ela fez uma pausa e sorriu para Peter, um sorriso luminoso.

— Mas há sempre esperança, e aguardo o dia em que seremos parte do Império das estrelas, em que não haverá mais estrangeiros e alienígenas, em que todos os povos serão... serão...

Ela hesitou, procurando pela palavra apropriada, e Peter sugeriu:

— Em que todos os homens serão irmãos?

Jaelle sorriu, fitou Magda nos olhos e acrescentou:

— E irmãs.

— Mas a política pode esperar — disse Peter. — Você e eu temos outras coisas em que pensar hoje. Magda, quer nos acompanhar quando nos declararmos perante testemunhas?

— Não posso — ela respondeu, olhando para as mães-da-Guilda.

— Não deveria deixar a Casa da Guilda por meio ano, depois de prestar juramento.

Subitamente, ela estendeu as mãos e acrescentou:

— Oh, Peter, deseje-me sorte! E não guarde ressentimentos contra mim!

Ele deu-lhe um abraço rápido, quase fraternal, beijando-a no rosto.

— Claro que lhe desejo toda sorte, Mag... e parece que vai mesmo precisar com aquelas megeras! Mas é o que você quer; sendo assim, seja feliz, querida.

— Jaelle... — murmurou Magda.

Jaelle abraçou Magda, apertando-a com força. E Magda acrescentou, num sussurro:

— Seja feliz você também.

— Irei visitá-la, Margali. A Casa de Thendara é meu lar também.

— Mas deve prometer que não a lançará contra mim, Magda!
— interveio Peter, — Terei de enfrentar todas essas mães-por-lei?

Jaellie riu.

— Ninguém pode me lançar contra você. Mas deve aprender um dia a não falar assim de minhas mães e irmãs!

Ela é adulta, pensou Magda. Sempre pensei nela como uma menina, Mas não é, É uma mulher. E não sente mais uma paixão cega. Conhece Peter como ele é, E o ama assim mesmo.

Ele nunca compreenderia que podia haver lealdades — certamente não lealdades entre mulheres — que fossem mais

profundas do que o amor. Mas faria o melhor de que era capaz pelo mundo que todos amavam, e seu melhor seria de fato extraordinário. E por isso, se não por nada mais, Magda sabia que sempre o amaria um pouco.

A mãe-da-Guilda Millea virou-se e fez um sinal para que Magda se aproximasse. Magda tornou a beijar Jaelle e disse:

— Sejam bons um com o outro.

E depois, lentamente, sem olhar para trás, ela atravessou a sala para se juntar às três mulheres.

Jaelle, observando-a partir, teve a impressão de captar em sua mente a imagem de uma enorme porta se abrindo para um mundo ensolarado e um futuro luminoso.

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido

